

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

Eliane Pereira Machado Soares

AS PALATAIS LATERAL E NASAL NO FALAR PARAENSE: UMA  
ANÁLISE VARIACIONISTA E FONOLÓGICA

FORTALEZA

2008

Eliane Pereira Machado Soares

AS PALATAIS LATERAL E NASAL NO FALAR PARAENSE: UMA  
ANÁLISE VARIACIONISTA E FONOLÓGICA

FORTALEZA

2008

Eliane Pereira Machado Soares

AS PALATAIS LATERAL E NASAL NO FALAR PARAENSE: UMA  
ANÁLISE VARIACIONISTA E FONOLÓGICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da  
Universidade Federal do Ceará, como requisito  
parcial para a obtenção do grau de Doutor em  
Linguística.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria do Socorro Silva de  
Aragão

Fortaleza

2008

*"Lecturis saludem"*

Ficha Catalográfica elaborada por  
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593  
tregina@ufc.br  
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

S653c

Soares, Eliane Pereira Machado.

Comportamento das palatais lateral e nasal no falar paraense  
[manuscrito] : uma análise variacionista e fonológica / por Eliane  
Pereira Machado Soares. – 2008.

183f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Tese(Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de  
Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística,  
Fortaleza(CE),03/11/2008.

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Socorro Silva de Aragão.

Inclui bibliografia.

1- LÍNGUA PORTUGUESA – PORTUGUÊS FALADO – PARÁ.2-LÍNGUA  
PORTUGUESA – REGIONALISMOS – PARÁ.3- LÍNGUA PORTUGUESA –  
FONOLOGIA.4- LÍNGUA PORTUGUESA – ASPECTOS SOCIAIS – PARÁ.  
5- LÍNGUA PORTUGUESA – VARIAÇÃO. I-Aragão, Maria do Socorro Silva de,  
orientador.II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em  
Linguística.III- Título.

CDD(22<sup>a</sup> ed.) 469.79815

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

Esta tese foi submetida ao programa de Pós-Graduação em Lingüística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Doutor em Lingüística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Ciências Humanas da referida Universidade.

Autorizo, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese por processos de fotocopiadoras e eletrônicos.

Eliane Pereira Machado Soares

Banca Examinadora

Profa. Dra Maria do Socorro da Silva de Aragão  
Orientadora - Presidente

Profa. Dra. Ivone Tavares de Lucena (UFPB)  
Primeira Examinadora

Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho (UECE)  
Segundo Examinador

Profa. Dra. Maria Elias Soares (UFC)  
Terceira Examinadora

Profa. Dra. Emilia Maria Peixoto Farias  
Quarta Examinadora

**Dedico este trabalho a minha Mãe, que não pôde me dar bonecas, mas me deu livros, meus primeiros, únicos e maravilhosos brinquedos...**

## AGRADECIMENTOS

Talvez não exista trabalho mais solitário e, ao mesmo tempo, tão coletivo quanto uma tese. Quero, assim, agradecer a todas as pessoas pela imensa contribuição que deram à realização deste trabalho:

À Profa. Maria do Socorro Silva de Aragão, minha Orientadora, pelo exemplo de verdadeira alegria, dedicação, generosidade e profissionalismo;

Ao CNPq e a todos do Programa de Pós-Graduação em Linguística, especialmente às Professoras Bernadete Biasi, Mônica Magalhães, Márcia Nogueira, Maria Elias Soares, Márluce Coan, pelo acolhimento;

A minha família, minha mãe Ezita, meu pai Jair, meu marido Joseni, meus filhos, João Gabriel e Carla, meus irmãos Francisco e Jerry, por darem sentido a minha vida;

Aos meus amigos, Ediene Pena, Josete Marinho, Júlio César Dinoah, Bosco Figueiredo, Hebe Macedo, Roberto Aragão, Alcides Lima, Marilúcia Oliveira, Abdelhak Razky, Ideval Velasco, Aluísa Alves, Céliane Costa, Adriana Feitosa, Kelcilene e Waltersar, Diana Fortier, Kátia Cilene David, Márcia e Jacirom de Assis, por tornarem a caminhada mais fácil e mais divertida;

Aos meus colegas e amigos do Curso de Letras do Campus Universitário de Marabá.

A Deus, por tudo.

Meu muito obrigada.

“Em mim a planta renasce e floresce, sementeia e sobrevive.  
Sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra”

(Cora Coralina)

**O “social” da língua existe no falar, assim como tudo que a língua é.**

**Eugenio Coseriu**

## RESUMO

Neste trabalho, realizamos uma pesquisa sobre as variantes das consoantes palatais lateral e nasal, em seis cidades do Estado do Pará, a saber, Altamira, Belém, Bragança, Marabá, Soure, Santarém, cada uma delas localizada em uma mesorregião do estado. O corpus é constituído de fala espontânea, obtida em forma de narrativa de experiência pessoal junto a 24 informantes nascidos nessas cidades, totalizando 144 informantes, selecionados de acordo com os pressupostos teóricos da Sociolingüística Quantitativa. O tratamento dos dados leva em conta, além das variáveis sociais, variáveis lingüísticas consideradas condicionantes do fenômeno de variação em estudo, cuja análise estatística é feita pelo uso do pacote de programas VARBRUL (98), em rodadas ternárias, conforme a quantidade de variantes identificadas para cada variável lingüística. Além desta análise, propomos uma interpretação dos processos fonológicos envolvidos nas realizações fonéticas a partir dos pressupostos teóricos da Geometria de Traços. Os resultados obtidos demonstram que os fenômenos variáveis associados às palatais lateral e nasal nos falares estudados são condicionados tanto por fatores lingüísticos quanto sociais, e que podem ser interpretados à luz de uma teoria fonológica, no caso a Fonologia de Geometria de Traços. Por essa teoria, verificamos que os fenômenos relacionados às variantes desses segmentos podem ser compreendidos como resultantes de ligamento e desligamento de traços fonéticos, caracterizando diferentes variantes fonéticas, cujos usos, por sua vez, estão condicionados pelos valores que lhes são atribuídos em consequência de fatores sociais, como sexo, faixa etária, escolaridade e origem dos falantes.

Palavras-chave: Palatais lateral e nasal; Sociolingüística; Variação lingüística; Geometria de Traços.

## **ABSTRACT**

In this work we do a research about the variations of the lateral and nasal palatal consonants, in six cities of the state of Pará, as follows, Altamira, Belém, Bragança, Marabá, Soure, Santarém, each one of them located in a mesoregion of the state. The corpus of the research is constituted of spontaneous speech, obtained in form of narrative of personal experience among 24 informants born in these cities, totalizing 144 informants, selected using the theoretical dispositions of the Quantitative Sociolinguistic. The treating of the data takes into account, besides the social variables, linguistic variables considered as conditionings of the variation phenomenon in study, which statistic analysis is done using the package program VARBRUL (98) in ternary rounds, according the amount of identified variants for each linguistic variation. Besides this analysis, we propose an interpretation of the phonological process involved in the phonetical realization based on the theoretical conditionings of the Features Geometry. The results obtained show that the variable phenomenon associated to the nasal and lateral palatal speeches studied, are conditioned by linguistic as well as social factors, and that can be interpreted in the light of a phonological theory, in the case the Phonology of Features Geometry. In this theory, we can see that the phenomenon related to the variants of these segments can be understood as resultants of connected and disconnected of features, characterizing different phonetical variations, which uses, therefore, are conditioned by the values that are attributed in consequence of social factors, such as sex, age, school education and origin of the speakers.

Key Words: nasal and lateral palatals; sociolinguistics; linguistic variations; Features Geometry.

## LISTA DE SÍMBOLOS FONÉTICOS

- / / - representação de fonemas
- [ ] - representação fonética
- [a] - vogal baixa central
- [ə] - vogal média-baixa central
- [ẽ] - vogal média-baixa nasalizada
- [ɛ] - vogal média anterior aberta
- [e] - vogal média anterior fechada
- [i] - vogal alta anterior
- [o] - vogal média posterior fechada
- [ɔ] - vogal média posterior aberta
- [u] - vogal posterior fechada
- [w] - semivogal posterior
- [j] - semivogal anterior
- [b] - oclusiva bilabial sonora
- [p] - oclusiva bilabial surda
- [t] - oclusiva dental surda
- [dʒ] - africada alveopalatal sonora
- [tʃ] - africada alveolar surda
- [f] - fricativa labiodental surda
- [g] - oclusiva velar sonora
- [k] - oclusiva velar surda
- [ʒ] - fricativa alveopalatal sonora
- [ʃ] - fricativa alveopalatal surda
- [z] - fricativa alveolar sonora
- [s] - fricativa alveolar surda
- [l] - lateral alveolar sonora
- [ʎ] - lateral palatal sonora
- [n] - nasal alveolar sonora
- [ɲ] - nasal palatal sonora
- [m] - nasal bilabial sonora
- [h] - fricativa glotal surda
- [r] - tepe alveolar sonoro

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                |     |
|--------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 01 - ESCALA DE SOÂNCIA E CONSTRIÇÃO SEGUNDO CLEMENTS (1989).....        | 37  |
| QUADRO 01 - ESCALA DE SONORIDADE.....                                          | 37  |
| QUADRO 02 - SISTEMA CONSONÂNTICO DO LATIM CLÁSSICO .....                       | 50  |
| QUADRO 03 - SISTEMA CONSONÂNTICO DO PORTUGUÊS ATUAL.....                       | 50  |
| QUADRO 04 - PROCESSOS FONOLÓGICOS PARA /k/.....                                | 60  |
| QUADRO 05 - PROCESSOS FONOLÓGICOS PARA /p/ .....                               | 60  |
| QUADRO 06 - TRAÇOS DE /k/ E /p/ DE ACORDO COM CRISTÓFARO-SILVA (2001).....     | 61  |
| QUADRO 07 - TRAÇOS DE /k/ E /p/ DE ACORDO COM CAGLIARI (1997).....             | 62  |
| QUADRO 08 - TRAÇOS FONOLÓGICOS DE /k/ E /p/ DE ACORDO COM CAGLIARI (1997)..... | 62  |
| QUADRO 09 - TRAÇOS FONOLÓGICOS DE /k/ E /p/.....                               | 63  |
| QUADRO 10 - TRAÇOS DE VOGAIS DE ACORDO COM CAGLIARI (1997).....                | 64  |
| FIGURA 02 - REPRESENTAÇÃO DAS ZONAS DE ARTICULAÇÃO DA LÍNGUA...                | 69  |
| FIGURA 03 - REPRESENTAÇÃO DAS ZONAS DE ARTICULAÇÃO DA BOCA.....                | 70  |
| QUADRO 11 - MESORREGIÕES DO ESTADO DO PARÁ.....                                | 73  |
| QUADRO 12 - PLANO DA AMOSTRA POR CIDADE.....                                   | 77  |
| QUADRO 13 - PLANO GERAL DA AMOSTRA.....                                        | 78  |
| QUADRO 14 - VARIANTES FONÉTICAS DE /k/.....                                    | 80  |
| QUADRO 15 - VARIANTES FONÉTICAS DE /p/.....                                    | 81  |
| QUADRO 16 - TOTAL DE VARIANTES DE /k/.....                                     | 87  |
| GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /k/.....                             | 88  |
| GRÁFICO 02 - DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /k/ POR SEXO.....                   | 98  |
| QUADRO 17 - TOTAL DE VARIANTES DE p/.....                                      | 107 |

|                                                                              |     |
|------------------------------------------------------------------------------|-----|
| GRÁFICO 03 - DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /k/ POR FAIXA ETÁRIA.....         | 101 |
| GRÁFICO 04 - DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /k/ POR ANOS DE ESCOLARIDADE..... | 103 |
| GRÁFICO 05 - DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /k/ POR IDADE.....                | 106 |
| GRÁFICO 06 - DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE/ ɲ/ .....                         | 107 |
| GRÁFICO 07 - DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE/ ɲ/ POR SEXO.....                 | 118 |
| GRÁFICO 08 - DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE/ ɲ/ POR FAIXA ETÁRIA.....         | 119 |
| GRÁFICO 09 - DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE/ ɲ/ POR ANOS DE ESCOLARIDADE..... | 121 |
| GRÁFICO 10 - DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE/ ɲ/ POR CIDADE.....               | 124 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                     |     |
|-----------------------------------------------------|-----|
| TABELA 01 - TONICIDADE DA SÍLABA.....               | 88  |
| TABELA 02 - CLASSE MORFOLÓGICA.....                 | 89  |
| TABELA 03 - EXTENSÃO DO VOCÁBULO.....               | 91  |
| TABELA 04 - CONTEXTO SEGUINTE VOGAL/DITONGO.....    | 92  |
| TABELA 05 - ALTURA DO SEGMENTO ANTECEDENTE.....     | 93  |
| TABELA 06 - ALTURA DO SEGMENTO SUBSEQÜENTE.....     | 94  |
| TABELA 07 - ANTERIORIDADE DA VOGAL ANTECEDENTE..... | 95  |
| TABELA 08 - ANTERIORIDADE VOGAL SUBSEQÜENTE.....    | 96  |
| TABELA 09 - SEXO.....                               | 97  |
| TABELA 10 - FAIXA ETÁRIA.....                       | 99  |
| TABELA 11 - ANOS DE ESCOLARIDADE.....               | 102 |
| TABELA 12 - ORIGEM GEOGRÁFICA.....                  | 104 |
| TABELA 13 - TONICIDADE.....                         | 108 |
| TABELA 14 - CLASSE MORFOLÓGICA.....                 | 109 |
| TABELA 15 – EXTENSÃO DO VOCÁBULO.....               | 110 |
| TABELA 16 - ALTURA DO SEGMENTO ANTECEDENTE.....     | 111 |
| TABELA 17 - ALTURA DO SEGMENTO SUBSEQÜENTE.....     | 112 |
| TABELA 18 - ANTERIORIDADE DA VOGAL ANTECEDENTE..... | 113 |
| TABELA 19 - ANTERIORIDADE DA VOGAL SUBSEQÜENTE..... | 114 |
| TABELA 20 - ESTRUTURA SILÁBICA.....                 | 115 |
| TABELA 21 - SEXO.....                               | 116 |
| TABELA 22 - FAIXA ETÁRIA.....                       | 119 |
| TABELA 23 - ANOS DE ESCOLARIDADE.....               | 121 |
| TABELA 24 - ORIGEM GEOGRÁFICA.....                  | 122 |

## SUMÁRIO

|                                                                             |           |
|-----------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                      | <b>13</b> |
| <br><b>1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....</b>                     | <b>16</b> |
| 1.1 DIALETOLOGIA.....                                                       | 16        |
| 1.2 SOCIOLINGÜÍSTICA.....                                                   | 24        |
| 1.3 FONÉTICA.....                                                           | 29        |
| 1.4 FONOLOGIA.....                                                          | 32        |
| 1.4.1 Fonologia não-linear: breve incursão.....                             | 34        |
| 1.4.1.1 Da Fonologia clássica à Auto-segmental.....                         | 34        |
| 1.4.1.2 A Fonologia de Geometria de Traços.....                             | 36        |
| <br><b>2 ASPECTOS FONETICO-FONOLÓGICOS DA LATERAL E NASAL PALATAIS.....</b> | <b>44</b> |
| 2.1 SONS PALATAIS, PALATALIZADOS E DESPALATALIZAÇÃO: VISÃO GERAL.....       | 44        |
| 2.2 OS FONEMAS PALATAIS LATERAL E NASAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....        | 50        |
| 2.3 /k/ E /p/ PELA GEOMETRIA DE TRAÇOS.....                                 | 61        |
| 2.3.1 /k/ e /p/ como segmentos complexos.....                               | 64        |
| <br><b>3 METODOLOGIA.....</b>                                               | <b>73</b> |
| 3.1 UNIVERSO DA PESQUISA.....                                               | 73        |
| 3.2 BREVE HISTÓRICO DO PROJETO <i>ALIPA</i> .....                           | 74        |
| 3.2.1 O <i>ALIPA</i> .....                                                  | 75        |
| 3.3. AMOSTRA DE NOSSA PESQUISA.....                                         | 76        |
| 3.4 LOCALIDADES DE PESQUISA.....                                            | 76        |
| 3.5 INFORMANTES.....                                                        | 76        |
| 3.6 QUESTÕES E HIPÓTESES.....                                               | 79        |
| 3.7 TRANSCRIÇÃO E CODIFICAÇÃO DE DADOS.....                                 | 80        |
| 3.7.1 Variantes identificadas.....                                          | 80        |
| 3.7.2 Codificação das variáveis.....                                        | 81        |
| 3.7.3 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS.....                                           | 82        |
| 3.7.4 VARIÁVEIS SOCIAIS.....                                                | 84        |
| <br><b>4 ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA.....</b>                                  | <b>86</b> |
| 4.1 ANÁLISE DE /k/.....                                                     | 86        |

|                                                                                    |            |
|------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 4.1.1 Análise das variáveis lingüísticas.....                                      | 88         |
| 4.1.1.1 Tonicidade.....                                                            | 88         |
| 4.1.1.2 Classe morfológica.....                                                    | 89         |
| 4.1.1.3 Extensão do vocábulo.....                                                  | 90         |
| 4.1.1.4 Contexto seguinte vogal/ditongo.....                                       | 92         |
| 4.1.1.5 Altura do segmento antecedente.....                                        | 93         |
| 4.1.1.6 Altura do segmento subsequente.....                                        | 94         |
| 4.1.1.7 Anterioridade da vogal antecedente.....                                    | 95         |
| 4.1.1.8 Anterioridade da vogal subsequente.....                                    | 96         |
| 4.1.2 Análise das variáveis sociais.....                                           | 97         |
| 4.1.2.1 Sexo.....                                                                  | 97         |
| 4.1.2.2 Faixa etária.....                                                          | 99         |
| 4.1.2.3 Anos de escolaridade.....                                                  | 101        |
| 4.1.2.4 Origem geográfica.....                                                     | 103        |
| 4.2 ANÁLISE DE /p/ .....                                                           | 106        |
| 4.2.1 Análise das variáveis lingüísticas.....                                      | 108        |
| 4.2.1.1 Tonicidade.....                                                            | 108        |
| 4.2.1.2 Classe morfológica.....                                                    | 109        |
| 4.2.1.3 Extensão do vocábulo.....                                                  | 110        |
| 4.2.1.4 Altura do segmento antecedente.....                                        | 111        |
| 4.2.1.5 Altura do segmento subsequente.....                                        | 112        |
| 4.2.1.6 Anterioridade da vogal antecedente.....                                    | 113        |
| 4.2.1.7 Anterioridade da vogal subsequente.....                                    | 114        |
| 4.2.1.8 Estrutura da palavra.....                                                  | 115        |
| 4.2.2 Análise das variáveis sociais.....                                           | 116        |
| 4.2.2.1 Sexo.....                                                                  | 116        |
| 4.2.2.2 Faixa etária.....                                                          | 118        |
| 4.2.2.3 Anos de escolaridade.....                                                  | 120        |
| 4.2.2.4 Origem geográfica.....                                                     | 122        |
| <b>5 ANÁLISE DOS PROCESSOS FONOLÓGICOS.....</b>                                    | <b>126</b> |
| 5.1 ALOFONES DE /k/ E /p/: REPRESENTAÇÕES GEOMÉTRICAS E PROCESSOS FONOLÓGICOS..... | 126        |
| 5.2 REPRESENTAÇÕES SUBJACENTES E REPRESENTAÇÕES DE SUPERFÍCIE.....                 | 127        |
| 5.3 CARACTERIZAÇÃO DOS ALOFONES: PROCESSOS E REPRESENTAÇÕES DE SUPERFÍCIE.....     | 134        |

|                                                                              |     |
|------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 5.3.1 Realizações palatais [ʎ] e [ɲ].....                                    | 135 |
| 5.3.2 Realizações palatalizadas [lʲ] e [nʲ].....                             | 141 |
| 5.3.3 Realizações despalatalizadas [nj] [lj], [l], [j] e [ø].....            | 146 |
| 5.3.3.1 Despalatalização e inserção de glide frontal [lj] e [nj].....        | 146 |
| 5.3.3.2 Despalatalização sem inserção de glide frontal: [l].....             | 150 |
| 5.3.3.3 Despalatalização com semivocalização e zero fonético: [j] e [ø]..... | 152 |

## **CONCLUSÃO**

## **REFERENCIAS**

## **ANEXOS**

## INTRODUÇÃO

A emergência de atlas lingüísticos nas diversas regiões do país, seja como projetos coletivos ou individuais, tem-se dado mais sistematicamente nos últimos anos. Isto corresponde ao desejo de se cobrirem os mais diferentes fenômenos de variação a que está sujeita a língua portuguesa, que, sabe-se, são condicionados tanto por fatores de ordem lingüística quanto por fatores de ordem social e geográfica, o que é bastante justificável dada a imensidão territorial de nosso país e as diferenças sociais resultantes de aspectos políticos e econômicos.

Diante disto, os estudos sobre os aspectos lingüísticos dos falares regionais, como o que estamos propondo, poderão dar uma contribuição relevante para o avanço da pesquisa lingüística no Brasil ao se somarem a outros já feitos, e em andamento, sobre a ampla gama de variação fonética, morfossintática e semântico-lexical presente no português brasileiro.

De modo particular, nosso trabalho insere-se na proposta de pesquisa do Atlas Geo-Sociolingüístico do Estado do Pará e, enquanto tal, pretende ser mais uma contribuição aos estudos sobre variação e mudança lingüísticas, consoante esforços semelhantes empreendidos por diversos pesquisadores dos aspectos sociodialetais de nossa língua por todo o território nacional.

Em nossa pesquisa, temos como objeto de estudo o comportamento de duas variáveis lingüísticas, os sons lateral palatal e nasal palatal. As realizações destas mesmas consoantes foram anteriormente estudadas por mim, na dissertação de mestrado *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-Pa* (2002), sob a orientação do Prof. Dr. Abdelhak Razky (UFPA). A partir de um corpus coletado de 42 informantes da zona urbana daquela cidade, este estudo confirmou aquilo que a história desses fonemas no português brasileiro revela: a instabilidade a que estão sujeitos nos mais diversos falares, como se pode constatar em diferentes estudos já realizados em nosso território.

Nesses outros estudos, em sua maior parte sobre a lateral palatal, verifica-se que essas consoantes além de manterem o traço fonético da palatalização também sofrem despalatalização, de forma que boa parte desses estudos demonstra que as variantes palatais polarizam com a variante totalmente despalatalizada, sendo essas variações atribuídas tanto a diferenças diastráticas quanto diatópicas. Entretanto, ainda que sejam contribuições importantes, inclusive quanto à orientação que dão ao nosso trabalho, esses estudos

restringem-se ao falar de uma mesma localidade e limitam-se a descrever e analisar a alternância entre a forma palatal e a forma semivocalizada.

Partindo da hipótese de que as formas variantes se comportam de modo diferenciado de cidade para cidade, no âmbito do falar paraense, devido a condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos e que a variação vai além da oposição palatal x semivocalizada, nossa pesquisa utiliza o *corpus* constituído da fala urbana registrada pela equipe do Atlas Geo-Sociolingüístico do Estado do Pará. As amostras foram obtidas por meio de narrativas de experiência pessoal, em nosso trabalho, restritas a 06 cidades, consideradas importantes centros políticos e econômicos da mesorregião na qual se localizam.

A constituição das realizações da lateral palatal e nasal palatal como nosso objeto de estudo pautou-se por problemas em torno de questões que tratam das realizações fonéticas da lateral e nasal palatais no falar urbano paraense; das possíveis correlações entre as variantes desses fonemas e fatores lingüísticos, dialetais e sociolingüísticos, bem como dos processos fonológicos relacionados aos fenômenos de variação fonética.

A partir dessas questões, propusemos em nosso trabalho descrever e analisar o comportamento variável da lateral palatal e nasal palatal no falar urbano paraense e fornecer-lhes as formalizações dos processos fonológicos envolvidos. Para tanto, temos como pressupostos teórico-metodológicos a Dialectologia e a Sociolingüística Quantitativa, pelas quais tratamos as variantes fonéticas, e a Fonologia de Geometria de Traços cujos pressupostos nos orientam quanto à interpretação dos processos fonológicos das realizações identificadas em nossa amostra.

Com nosso estudo, pretendemos contribuir para uma visão mais ampla da descrição das formas variantes, principalmente, se pudermos constatar que, na fala paraense, tendo em vista fatores sociais e regionais, há a tendência maior à manutenção das variantes palatais em todos os estratos sociais em algumas cidades enquanto em outras há a tendência às formas alternantes despalatalizadas suscetíveis à influência de fatores sociais. Mais ainda, poderemos verificar se, apesar de essas consoantes partilharem semelhanças no sistema fonológico da língua portuguesa, em termos de produtividade, combinação e distribuição, os fatores sociais desempenham maior influência para a realização de variantes fonéticas da lateral palatal do que para as da nasal palatal na fala de cada cidade.

O trabalho é composto de 5 capítulos. No capítulo 1, encontra-se a revisão da literatura na qual apresentamos o percurso e os pressupostos teóricos e metodológicos dos

quatro campos de estudo que orientam nossa descrição e análise, a saber, a Dialectologia, a Sociolingüística, a Fonética e a Fonologia, esta última na perspectiva da Geometria de Traços.

No capítulo 2, apresentamos diversos estudos que tratam de aspectos relacionados à realização desses segmentos no PB sob diferentes abordagens. No capítulo 3, detalhamos a metodologia utilizada neste trabalho, tendo por base aqueles campos mencionados no capítulo 1. Também detalhamos os procedimentos relacionados à composição da amostra utilizada em nossa pesquisa, apontamos as localidades pesquisadas, o quadro de informantes e a identificação das variantes.

No capítulo 4, encontra-se a análise das variantes identificadas no *corpus*, levando em conta os índices estatísticos oferecidos pelo pacote de programas de regras variáveis *VARBRUL*, pelo qual relacionamos as variáveis lingüísticas aos fatores lingüísticos e sociais tomados como parâmetro da variação. Sendo assim, a análise proposta leva em conta fatores lingüísticos e sociodialetais que condicionam as realizações, a partir de índices quantitativos que permitem identificar matematicamente a atuação de tais fatores.

No capítulo 5, apresentamos a análise dos segmentos e dos processos fonológicos relacionados às realizações, para os quais fornecemos formalizações, conforme proposto pela Geometria de Traços. Essa teoria se caracteriza por estabelecer relação entre os aspectos acústico-articulatórios dos segmentos e a teoria desenvolvida. Noutras palavras, devido à preocupação de fornecer descrições não-arbitrárias, os princípios que norteiam a teoria são intimamente relacionados à anatomia do trato vocal e aos aspectos acústicos dos sons, o que permite explicações mais naturais para os processos fonológicos em geral, pela perspectiva de ligamento e desligamento de nós, servindo assim de motivação para escolha do modelo. Ao final, apresentamos a conclusão acerca dos resultados obtidos ao longo do nosso estudo.

Enfim, pretendemos com nosso trabalho contribuir particularmente para a identificação das variantes fonéticas dos segmentos enfocados e, com isto, dar mais uma contribuição para o registro de aspectos variacionistas do falar regional, e, conseqüentemente, aos estudos sobre o português brasileiro.

## 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Este trabalho, devido à natureza do fenômeno enfocado e aos objetivos estabelecidos, orienta-se pelo suporte teórico-metodológico fornecido por quatro grandes campos de estudos da linguagem: de um lado, a Dialetoлогия e a Sociolingüística Quantitativa, e, de outro, a Fonética e a Fonologia, particularmente, na perspectiva da Geometria de Traços, que em nossos estudos se complementam a fim de subsidiar nossa descrição e análise.

Como argumentam Guy e Bisol (1991), muitas vezes, as explicações para a variação exigem a importação de um construto teórico de outras áreas; os dados variacionistas, por sua vez, podem confirmar ou não postulados propostos por tais áreas. Assim, “qualquer explicação aumenta na proporção da extensão dos fatos de que ela possa dar conta. Por conseguinte, qualquer construto teórico confirmado por dados de variação terá mais valor do que aquele que não o for.” (p.127).

Consoante essa idéia, apresentamos este capítulo com uma breve visão histórica da Lingüística<sup>1</sup> e, depois, mais especificamente tratamos das abordagens acima mencionadas, pretendendo assim oferecer um suporte para a compreensão mais ampla do fenômeno de variação fonética que se constitui nosso objeto de estudo.

### 1.1 DIALETOLOGIA

Uma ampla revisão nos estudos lingüísticos mostra que a preocupação científica com os diferentes usos de uma mesma língua pelos seus falantes é bastante recente. Embora a diversidade lingüística sempre tenha sido perceptível até mesmo para os não especialistas nos estudos da linguagem, esses diferentes usos por muito tempo não foram reconhecidos como algo legítimo e inerente às línguas.

Isto se deve à concepção de linguagem que permeou os estudos lingüísticos desde seus primórdios entre os gregos antigos, os primeiros, na cultura ocidental, a buscar explicações para o funcionamento das línguas. Deve-se a eles a identificação de língua com a

---

<sup>1</sup> Esta nossa breve síntese remete a obras de referência tais como Arnould & Lancelot, 1992, Câmara Jr. 1975; Kristeva, 1969; Leroy, 1976; Iordan, 1982; Robins, 1983; Weedwood, 2002; Ilari, 1992.

forma escrita, literária, tida como ideal, sendo consideradas corrupções todas aquelas manifestações fora dos padrões de correção estabelecidos.

O estudo das variações de usos de uma mesma língua, falada por indivíduos de um mesmo grupo ou por grupos de origem social ou geográfica diferentes, terá lugar somente no final do século XIX. Coseriu (1982) aponta como precursores dessa nova metodologia lingüística estudiosos como Leibniz, Johannes Schmidt (*Teoria das Ondas*), Hugo Schuchardt, G.I Ascoli e L. Gauchat. A culminância dessas investigações se dará com a elaboração de Atlas lingüísticos.

Os primeiros deles foram europeus, particularmente, os dos falares alemães e franceses, dando início aos estudos de línguas segundo a metodologia da Geografia Lingüística. As essas primeiras investidas, voltadas somente para aspectos fonéticos e numa perspectiva neogramática, seguiu-se, em termos de importância e abrangência, o *Atlas Lingüístico da França*, de Jules Gilliéron e Edmond Edmont, cuja primeira publicação foi feita por volta de 1910. Atribui-se ao ALF o estabelecimento da Dialetologia como campo próprio de estudo da diversidade lingüística, pois a ele se seguiram diversas pesquisas dos falares regionais franceses, culminando muitas vezes em Atlas cada vez mais consistentes sobre as características lingüísticas do francês falado, o que influenciou pesquisas semelhantes em todo o mundo, quer em forma de monografias quer em forma de Atlas.

Coube, portanto, à Dialetologia instaurar o estudo das línguas faladas, dos dialetos, diferenciando-se em teoria e em métodos, dos estudos até então feitos. Sobre a independência teórica da Dialetologia, Alvar (1999, p. 8) faz a seguinte consideração:

entretanto, a dialetologia veio criar, ou ao menos consolidar uma lingüística autônoma, tanto pelo meios seguidos para a coleção e elaboração de materiais (metodologia) como pela multiplicidade e variedade dos fins pretendidos (teleologia). Os métodos do comparatismo permitiram sua construção; depois dela nos é possível ascender mais, e terão que tentar-se novos empreendimentos. Nela a dialetologia contribui com o sentido tradicional da ciência da linguagem; logo se faz independente, cria novos métodos e se inicia uma autonomia cujos frutos ainda estamos colhendo.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> “Sin embargo, la dialectología vino a crear – o al menos consolidar – una Lingüística autónoma, tanto por los medios seguidos para la recolección y elaboración de materiales (metodología) como por la multiplicidad y variedad de los fines perseguidos (teleología). Los métodos del comparatismo han permitido su construcción; después de ella nos es posible ascender más, y habrán de intentarse nuevas empresas. En ella dialectología colabora con el sentido tradicional de la ciencia del lenguaje; luego se independiza, crea nuevos métodos y emprende una autonomía cuyos frutos estamos aún cosechando”.

Apesar desses avanços ou paralelamente a eles, o desenvolvimento da Lingüística na primeira metade do século XX foi marcado por dois movimentos teóricos revolucionários que viriam a ofuscar tais estudos: o primeiro deles, caracterizado por uma visão de língua como fenômeno abstrato, homogêneo; com isso foi inaugurada a concepção estruturalista de estudo da linguagem humana, como desenvolvimento posterior às idéias de Ferdinand de Saussure dadas a conhecer em seu “Curso de Lingüística Geral”, de 1916. A sua principal tese, a dicotomia *língua* e *fala*, teve conseqüências importantes para o desenvolvimento de teorias sobre a heterogeneidade lingüística, muito embora tenha dado uma orientação fundamental para novas descobertas sobre o funcionamento das línguas. O segundo movimento foi orientado por uma concepção de língua como fenômeno lógico regido por regras universais, é o gerativismo de Noam Chomsky, que se instaura a partir de 1950<sup>3</sup>.

Destarte o impacto dessas duas vertentes teóricas nos estudos lingüísticos durante todo o século XX, o estudo da variação e mudança lingüísticas ocupou um espaço relevante nas suas últimas décadas. Isso se deve historicamente ao empenho dos estudiosos de dois grandes campos, o da Dialetoлогия e o da Sociolingüística. A primeira, como vimos, de tradição mais antiga, funda-se no final do século XIX como uma expansão das pesquisas empreendidas pelos estudiosos neogramáticos.

A tradição dialetológica traça seus estudos a partir da distinção básica entre os conceitos de *língua* e *dialeto*, entretanto a definição de *língua*, *dialetos* e de *falares* envolve certa complexidade, pois os diferentes estudiosos nem sempre estão de acordo quanto à conceituação e abrangência desses termos, de forma que ora os dão por sinônimos ora até mesmo os opõem. Por vezes, *falar* se relaciona às variedades locais da língua, num espaço geográfico e social restrito, enquanto *dialeto* é dado como forma alternante da língua utilizada em uma região mais abrangente, delimitado por critérios da Dialetoлогия e da Geografia Lingüística.

Dentre as diferentes definições, *língua* pode ser entendida como uma abstração, um sistema, ou seja, “uma língua é um sistema de sinais acústicos orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade.” (FERREIRA E CARDOSO, 1994, p.11).

---

<sup>3</sup> Deve-se ressaltar, entretanto, que, recentemente, “cada vez mais, dados que refletem “variação” começam a ser analisados como fatos lingüísticos pelos gerativistas.” (RAMOS, 1999, p. 91). Como essa autora afirma, aceita-se a variação como fenômeno do indivíduo, a partir da noção de “gramáticas em competição”, o que garante a coerência interna do modelo. Ramos relaciona ainda três inovações na gramática gerativa: aceitação de evidências de natureza quantitativa; restrição a dados introspectivos; rejeição à opcionalidade. Entendemos que tais inovações podem ser relacionadas às contribuições da Teoria da Variação à compreensão da mudança lingüística na última década.

À *dialeto* corresponde a noção de “subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a própria língua”<sup>4</sup>, uma vez que se reconhece numa mesma língua diferenças lingüísticas - fonéticas, léxicas, semânticas - relacionadas às diferenças de espaço geográfico (diatópicas), de estratos sociais e culturais (diastráticas) e de estilos (diferenças diafásicas) – que, no seu conjunto, caracterizam a fala, ou dialeto, dos indivíduos de um mesma região ou de um mesmo nível sócio-cultural.

Alvar (1999, p. 13) define *dialeto* como “Um sistema de signos arrancados de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta limitação geográfica, mas sem uma forte diferença frente a outros de origem comum.”<sup>5</sup> Nessa perspectiva, secundariamente, *dialetos* também podem ser entendidos como aquelas formas que, simultâneas a outras, não alcançam a categoria de *língua*, que, segundo esse mesmo autor, “é um sistema lingüístico caracterizado por sua forte diferenciação, por possuir um alto grau de nivelamento, por ser veículo de uma importante tradição literária e, em ocasiões, por ter-se imposto a sistemas lingüísticos de mesma origem.” (p. 12)<sup>6</sup>.

Para Nascentes (1953, p.17), “Falar é um conjunto de meios de expressão empregado por um grupo, no interior de um grupo lingüístico.” Em Ducrot e Todorov (1978, p.35) encontramos a seguinte explicação: “Dialeto é um falar regional no interior de uma nação, onde domina outro falar”. Para Câmara Jr., *dialetos* são:

Línguas de pequenas regiões, através de um território lingüístico dado, que se distinguem umas das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúnem todas numa língua comum. Os dialetos são a rigor conjunto de falares que concordam entre si por certos traços essenciais. (1986, p. 115).

Do ponto de vista puramente lingüístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidências de traços lingüísticos fundamentais. (1986, p. 95).

Algumas definições de falar, conforme Dubois et al. (1998, ps. 265-266) as apresentam, fazem distinção entre o **falar social** e o **regional**: *Falar* é um sistema de signos e regras combinatórias delimitado por um espaço geográfico estreito, isto é, a um ponto dado, no qual o status social dos falantes é indeterminado. Aqui se nota uma definição que busca

---

<sup>4</sup> *ibid.* p.12.

<sup>5</sup> “um sistema de signos desgajado de uma língua común, viva o desaparecida; normalmente, con una concreta limitación geográfica, pero sin una fuerte diferenciación frente a otros de origem común”.

<sup>6</sup> “un sistema lingüístico caracterizado por su fuerte diferenciación, por poseer un um alto grado de nivelación, por ser vehículo de una importante tradición literária y, en ocasiones, por haberse impuesto a sistemas lingüísticos del mismo origen”.

caracterizar o falar regional. Noutra definição, o *falar* é a utilização da língua, numa de suas formas, por um grupo social. Nessa forma da língua há regras que lhes são específicas, mas também partilha de traços lingüísticos que são comuns aos demais falares da língua. São exemplos, os falares rural, culto e o popular.

Para o termo *dialeto*, Dubois et al.<sup>7</sup> distinguem entre *dialeto regional* e *dialeto social*. O *dialeto social* é usado por um grupo social, apresentando certas características Lingüísticas que caracterizam um dado grupo social. O *dialeto regional*, por sua vez, caracteriza uma dada região geográfica. Essas distinções remetem à distinção entre falar social e regional.

Ferreira e Cardoso<sup>8</sup> (1994, p.16) utilizando os mesmos critérios apontados por Dubois et al.<sup>9</sup> (1998) definem *dialeto* “como feixe de isoglossas, ou seja, um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade lingüística em confronto com outras”. Esta definição remete à variedade de língua delimitada no espaço geográfico, tratando-se de diferenças diatópicas, entretanto dentro dessa variedade são perceptíveis diferenças diastráticas (socioculturais) e diafásicas (de estilo), além das diageracionais (de geração), que atingem aspectos fonéticos, sintáticos e lexicais.

As definições acima, dentre as várias que poderíamos elencar, levam em conta que os dialetos têm origem comum e com isto apontam para um aspecto que parece ser o ponto de convergência no qual nosso trabalho se apóia: o que aqui entendemos como falar regional se insere num sistema de língua mais amplo do qual se diferencia por aspectos lingüísticos mais particulares, mas não se distanciando o suficiente para ser classificado como um sistema à parte, na verdade talvez seja possível dizer até que as semelhanças são muito mais frequentes do que possíveis diferenças.

Muitas vezes vemos o termo *falar* seguido do adjetivo “popular”, segundo Dubois et al.<sup>10</sup>, em dialetologia, o adjetivo popular relaciona-se ao uso de uma variedade da língua, associada às origens sociais modestas do falante, ou ainda à escolha feita por uma variedade que busca parecer franca, espontânea e sem afetação. Em ambas as definições, está claro que a linguagem popular não está incluída na fala das camadas cultas da população nem faz parte de situações de formalidade, porém não se caracteriza por um falar técnico ou, por outro lado, notadamente grosseiro e trivial.

---

<sup>7</sup> *Ibid.* p. 184.

<sup>8</sup> *Op. cit.*

<sup>9</sup> *Op. cit.*

<sup>10</sup> *Op. cit.* p. 476.

Câmara Jr.<sup>11</sup> (1986, p.115) nos oferece uma complementação importante a esse respeito, afirmando que os falares se caracterizam, dentro de uma língua comum, por pertencer à *língua cotidiana oral* de forma que a língua escrita numa determinada localidade, em que vigora, nasce da *língua comum*, apresentando características do falar local. *Língua comum* é caracterizada como aquela que abrange todos os falares na base um sistema de oposições lingüísticas fundamentais, comuns a toda uma nação, superpondo-se à língua cotidiana, distinguindo-se desta pela constância e nitidez nos aspectos fônicos, gramaticais e maior riqueza vocabular.<sup>12</sup>

O estudo das falas regionais tem sido mais comumente objeto da investigação dialetológica, de forma que a distinção entre falar rural e urbano tem sido usualmente feita nesse campo, correspondendo à distinção geográfica entre zona rural e zona urbana. Admite-se como pressuposto que às diferenças geográficas relacionam-se diferenças lingüísticas, em vista disso, inúmeros trabalhos dialetológicos têm sido feitos, dos quais os Atlas lingüísticos são os maiores exemplos, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico.

No que tange ao desenvolvimento dos estudos da Dialetologia no Brasil, Cardoso (1999) e Aragão (2005) reconhecem três fases. A primeira fase inicia em 1826, com a publicação do trabalho do Visconde da Pedra Branca *Les différences que le dialect brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal* e se estende até 1920 com a publicação de *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral. Esse período é marcado pela publicação de obras sobretudo voltadas para o léxico, como glossários, dicionários e vocabulários.

A segunda fase começa com a publicação de Amaral e vai até 1952 com o Decreto 30.6343. A obra de Amaral é considerada fundadora, por se preocupar em estudar a fala brasileira de modo sistemático e por propor rigor metodológico aos estudos dialetais. É desse período uma obra também fundamental *O linguajar carioca em 1922*, de Antenor Nascentes, na qual ele não só apresenta estudos sobre o dialeto carioca, como também propõe uma divisão dos falares brasileiros em dois grandes grupos, o do Norte e o do Sul, que envolvem seis subfalares<sup>13</sup>. Uma outra importante obra, pioneira da época, é *A Língua do Nordeste* (1934) de Mário Marroquim, que trata dos falares de Alagoas e Pernambuco, mas outras obras

---

<sup>11</sup> *Op. cit.*

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 158.

<sup>13</sup> Norte: abrange os subdialetos amazônico e o nordestino; Sul: compreende os subdialetos baiano; fluminense, mineiro, sulino e fluminense. Segundo Cardoso (1996), a divisão proposta por Nascentes leva em conta não somente a continuidade territorial, como também aspectos lingüísticos, sendo reafirmada em trabalhos recentes que “mostram que há uma identidade lingüística entre as áreas consideradas.” (p. 185).

foram publicadas abrangendo aspectos variados sobre a língua portuguesa no Brasil e os falares regionais.

A terceira fase se inicia com a legislação que determinou a elaboração do *Atlas Lingüístico do Brasil*, indo até 1963, com o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, de Nelson Rossi, quando tem início a Dialectologia atual. Este terceiro momento resultou dos esforços de estudiosos importantes como Antenor Nascentes, Celso Cunha, Serafim da Silva Neto e Nelson Rossi. Deve-se a eles o estabelecimento da metodologia da Geografia Lingüística que veio a culminar com a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*.

Numa perspectiva mais ampla, ao longo do seu desenvolvimento, a Dialectologia vem sofrendo influência de outros campos relacionados. Conforme Chambers e Trudgill (1980), a Lingüística moderna influenciou a metodologia empregada pela Dialectologia que passou a estudar as variedades lingüísticas não mais de modo isolado, mas como parte de um sistema<sup>14</sup>.

Também, inicialmente, a Dialectologia tratava da variação apenas no aspecto diatópico, ou seja, preocupava-se em identificar e registrar a variação tendo como parâmetro o eixo espacial para as ocorrências dos fenômenos lingüísticos variáveis, muitos dos quais segundo o método da Geografia Lingüística que, segundo Mouton (1999, p. 63), “como a Dialectologia, estuda a variação da língua, mas a estuda em um espaço, e a reflete sobre mapas. (...) Na realidade a Geografia Lingüística não se considera uma ciência em si, mas um método dialectológico (...)”.<sup>15</sup>

Essa metodologia fundamentou a elaboração de vários atlas lingüísticos por todo o mundo, entretanto, o aprimoramento do método geosociolingüístico fez surgir uma preocupação crescente em se averiguar outras variáveis intervenientes no processo de variação, usualmente consideradas nos estudos da Sociolingüística.

De fato, a metodologia quantitativa apropriada ao tratamento de diferentes variáveis condicionantes da variação lingüística, permite uma melhor compreensão da variação e da mudança em curso em *tempo aparente*, de modo que os estudos sociolingüísticos têm fornecido inúmeras contribuições para a compreensão do fenômeno de variação e mudança lingüísticas. Estudos que levam em conta tanto a variável diatópica quanto a variável diastrática são encontrados em muitos Atlas regionais.

---

<sup>14</sup> In more recent times linguistics has had a certain amount of influence on dialectology. Modern linguistic thinking, for example, indicated that it was a drawback of traditional dialectology that it tended to treat linguistics forms in isolation rather than as parts of systems or structures. (p. 88).

<sup>15</sup> “como la Dialectologia, estudia la variacion de la lengua, pero la estudia em el espacio, y la refleja sobre mapas. (...) En realidad, la Geografía Lingüística no se considera una ciencia en si, sino un método dialectológico (...).

Há atualmente 8 Atlas publicados em todo o Brasil: Atlas Prévio dos Falares Baianos - APEB (1963); Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais - EALMG (1977); Atlas lingüístico da Paraíba (1984); Atlas Lingüístico de Sergipe (1987); Atlas Lingüístico do Paraná (1994); Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil -ALERS (2002); Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará -ALISPA (2004); Atlas Lingüístico de Sergipe II (2005), Atlas Lingüístico do Amazonas (2004).

Outros Atlas encontram-se em fase de conclusão ou em elaboração, ou ainda somente aguardando publicação, são eles o Atlas Lingüístico do Ceará; Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Rio de Janeiro; Atlas Lingüístico do Rio de Janeiro; Atlas Lingüístico de São Paulo; Atlas Lingüístico do Acre; Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul; Atlas Lingüístico de Mato Grosso; Atlas Lingüístico do Maranhão; Atlas Lingüístico do Espírito Santo; Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte; Atlas Lingüístico do Piauí.

Dentre todos estes trabalhos, o mais ambicioso certamente é o Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), cuja organização e direção deve-se ao Comitê Nacional, formado por estudiosos brasileiros com vasta experiência em elaboração de Atlas lingüísticos regionais e estaduais. As pesquisas, rigorosamente orientadas por critérios da Geolingüística, abrangem uma rede de pontos formada por 250 localidades em todo o território brasileiro, nos quais estão sendo aplicados 3 questionários com questões voltadas para aspectos fonético-fonológicos (QFF), semântico-lexicais (QSL) e morfossintáticos (QSM), com o objetivo primeiro de “Descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolingüística .” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001: vii)

Nosso trabalho, em particular, vincula-se ao *Atlas Geo-Sociolingüístico do Estado do Pará* que vem sendo elaborado, desde 1997, sob a orientação do Prof. Dr. Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará. Neste projeto, encontram-se estudos realizados em diferentes regiões do estado, com o objetivo de identificar, mapear e analisar a variação e mudança lingüísticas a partir das abordagens dialetológica e sociolingüística.

A contribuição deste projeto logo deverá ser reconhecida, pois já se tem uma grande quantidade de dados lingüísticos coletados e estudados à disposição dos estudiosos da linguagem, uma vez que estão sendo transformados em arquivos sonoros digitalizados<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> A equipe do Atlas lançou em CD-Rom o *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará* (ALiSPA) (2003).

Além disso, vários trabalhos sobre variação lingüística, utilizando-se desse corpus, já foram feitos ou estão em andamento. Nosso trabalho também pretende somar-se a esses estudos.

## 1.2 SOCIOLINGÜÍSTICA

Tendo em vista admitirmos a correlação entre os fenômenos lingüísticos e os fatores de ordem extralingüística que remetem a aspectos socioculturais, também recorreremos ao suporte teórico-metodológico da Teoria Variacionista. Como deixamos entrever, a constatação do fenômeno da variação nos sistemas lingüísticos permeia muitas reflexões lingüísticas antes e ao longo do século XX. Elas ganham especial relevância com os trabalhos pioneiros de William Labov (1963, 1966), pois é a partir de suas análises que a Sociolingüística atingirá finalmente o *status* de campo próprio do estudo da diversidade da língua<sup>17</sup>.

Deve-se, sobretudo, a Labov o método de estudo das línguas cujo pressuposto é o papel do condicionamento social associado ao lingüístico: a idéia de variação livre nas línguas, como se admitia na tradição estruturalista, passou a ser fortemente contestada pelos trabalhos variacionistas dentro da perspectiva laboviana. Milroy (1987) lembra que, embora Labov não tenha sido o primeiro estudioso a sentir a necessidade de um tratamento mais preciso aos fenômenos da fala urbana, deve-se a ele a implementação de uma metodologia quantitativa ao estudo da variação lingüística.

Nas palavras de Milroy:

De fato, Labov não foi de forma nenhuma o primeiro dialetólogo urbano a sentir a necessidade de se fazer uma descrição representativa do discurso urbano.(...) No entanto, os métodos de amostragem de Labov são importantes na medida em que fazem parte de um programa maior de princípios para o estudo quantitativo da variação da linguagem, que foi projetado para dar conta de problemas teóricos importantes dentro da Lingüística.<sup>18</sup> (MILROY, 1987, p.19).

---

<sup>17</sup> Entretanto, Luchesi (2004, p. 165) aponta os trabalhos de Gauchat (1905), sobre a comunidade francófona suíça de Charmey, como o “protótipo” da abordagem sociolingüística da mudança, conforme o próprio Labov (1972) menciona.

<sup>18</sup> “In fact, Labov was by no means the first urban dialectologist to be sensitive to need to give a representative account of urban speech. (...) However, Labov’s sampling methods are important and distinctive in they were part of larger, principled programme for the quantitative study of language variation, which itself was designed to address important theoretical problems in linguistics.”

De fato, conforme demonstram Calvet (2002), Elia (1987) e Alkmin (2001), o estudo da língua numa perspectiva social foi antecipado por alguns estudiosos tanto na Europa como nos Estados Unidos. Na Europa, o grande precursor foi Antoine Meillet cujos trabalhos associam a abordagem externa com a abordagem interna da língua, insistindo no caráter social desta. Para ele “(...) toda mudança social se traduzirá por uma mudança das condições sociais nas quais se desenvolve a linguagem” (apud ELIA, 1987), ligando assim a estrutura lingüística à estrutura social. Outros estudiosos como M. Cohen, B. Malinowsky, J. Fishman, E. Sapir produziram importantes trabalhos que também podem ser considerados precursores de uma concepção social de linguagem.

Entretanto, a Sociolingüística, tal como entendemos hoje, começou de fato a se firmar a partir de 1964, quando 25 pesquisadores se reuniram em uma conferência na UCLA para discutir sobre a sociolingüística e definir seu objeto de estudo. Das discussões feitas, chegou-se à conclusão que a variação ou diversidade lingüística é correlacionada às diferenças sociais. Dentre os estudiosos presentes nesse evento encontrava-se William Labov, a quem se atribui o surgimento da Teoria da Variação ou Sociolingüística Quantitativa.

As pesquisas de Labov são de fato pioneiras por que inauguraram um estudo da língua que correlaciona diferenças lingüísticas a diferenças sociais de modo sistemático, pela aplicação de um rigoroso método de pesquisa apropriado ao trabalho com grandes quantidades de dados. Os trabalhos considerados fundadores são “The Social Motivation of a Sound Change” (1963), “The Social Stratification of English in New York City (1966) e “Language in the Inner City” (1972).

Em seu trabalho de 1963, realizado na comunidade de Martha's Vineyard, Labov mostrou que a variação no núcleo dos ditongos (ay) e (aw) estava associada a aspectos sociais característicos daquela ilha, com isso demonstrou que as variáveis lingüísticas podem indicar valores sociais que só podem ser compreendidos no contexto de fala nos quais foram produzidas. Em seus trabalhos realizados na cidade de Nova York, Labov ampliou o objetivo de seus estudos, ao relacionar a variação lingüística a condicionantes sociais tais como estilo, sexo, etnia, idade e classe social.

A Teoria da Variação postulada por Labov parte do princípio de que a língua é um fenômeno social e, como tal, sujeita a variações que refletem as diferenças sociais. Noutras palavras, a instabilidade dos sistemas lingüísticos relaciona-se à instabilidade do grupo social que os utiliza. Mais ainda, nas palavras de Labov: “A distinção da estratificação social nas

línguas parece variar de acordo com o grau de mobilidade existente na sociedade como um todo”.<sup>19</sup> (Labov, 2003, p. 239).

Entretanto, tal concepção não se confunde com outras disciplinas que buscam relacionar linguagem e sociedade, tais como a Sociologia da Linguagem e a Etnografia da Fala. Labov restringe o campo da Sociolinguística aos fatos da língua, isto é, à fonologia, morfologia e sintaxe no contexto social da comunidade de fala (FIGUEROA, 1994). Milroy<sup>20</sup> atribui a Labov outra importante contribuição de caráter mais geral do que o propriamente lingüístico:

A contribuição principal dos métodos de Labov estava no fato de que, ao reconhecer explicitamente tais padrões, seus métodos forneceram meios para a descrição da linguagem de *todos* os falantes de um dialeto, sem forçar o investigador a afirmar (ou a sugerir) que a linguagem de um grupo particular poderia ser considerada, de alguma forma, mais ‘genuína’ do que a linguagem dos demais grupos.”<sup>21</sup> (1997, p. 86).

Na perspectiva da Sociolinguística, as variações lingüísticas não são fenômenos gerados pelo acaso, nem uma escolha consciente dos falantes, ao contrário, tais fenômenos se devem a condicionamentos que funcionam como restrições ou regras identificáveis por uma metodologia de pesquisa que leve em conta a natureza reguladora dos usos lingüísticos.

É, portanto, dentro dessa concepção que se busca explicar a ocorrência de determinado fenômeno lingüístico variável, dito variável dependente, correlacionando-o a fatores lingüísticos e extralingüísticos, ou variáveis independentes, que ocorrem com uma determinada frequência na fala de um grupo social. Assim, é possível caracterizar, pela frequência da aplicação de uma regra variável, as tendências de uso dos falantes conforme se achem inseridos nos diversos segmentos desse grupo, ao compará-los entre si.

Os parâmetros de variação de ordem lingüística ou interna, normalmente considerados, dizem respeito às variáveis lingüísticas do tipo fonológicas, morfossintáticas e semânticas e discursivas. Significa dizer que numa análise variacionista considera-se que o contexto lingüístico imediato no qual ocorre a variante é relevante para a ocorrência de um fenômeno de variação, cumpre verificar-se assim a influência que esses contextos têm para tal

---

<sup>19</sup> “The sharpness of the social stratification of languages seems to vary with the degree of social mobility which exists in society as a whole.” (Labov, 2003, p. 239)

<sup>20</sup> *Op. cit.*

<sup>21</sup> “The major contribution of Labov’s methods was that in explicitly recognizing such patterns they provided a means of describing the language of *all* speakers of a dialect, without forcing the investigator to argue (or imply) that the language of one particular group was in some sense more ‘genuine’ than that of others”.

ocorrência, conforme o contexto considerado pelo sociolinguísta num dado trabalho, tendo em vista o que a amostra analisada permite observar.

De igual maneira, as variáveis de ordem extralingüística são aquelas que dizem respeito ao contexto social imediato do falante, consideradas pertinentes à variação. As variáveis mais comuns são as de classe social, de sexo, de escolaridade e faixa etária, que são os níveis de estratificação social mais abrangente nas sociedades modernas, geradoras de diferenças sociais e lingüísticas.

Em trabalhos variacionistas, os parâmetros sociais mais comumente encontrados são faixa etária, sexo, classe social e escolaridade, considerados por Labov (1972a) como possibilidades de expressão do falante, de acordo com as situações, a partir das quais se define certo estilo de fala. Noutras palavras, os diferentes usos lingüísticos, em diferentes situações, são condicionados por fatores externos à língua. De fato, as mais diversas pesquisas sociolinguísticas já feitas têm demonstrado a maior ou menor influência destes fatores para as escolhas lingüísticas dos falantes nos diferentes níveis de descrição lingüística.

Em sociedades estratificadas socialmente, indivíduos provindos de estratos sociais diferentes têm comportamentos e hábitos sociais diferenciados devido às formas de acesso aos bens culturais disponíveis numa dada sociedade. Chambers<sup>22</sup> (1995, apud MOLLICA, 2004, p. 30) aponta a classe social como um dos fatores mais importantes para a variação lingüística, “é o aspecto mais marcado linguisticamente nas sociedades intensamente industrializadas e a estratificação social pode ser observada com base em indicadores ocupacionais, educacionais e econômicos.” Se considerarmos a sociedade brasileira, o agravamento e a complexidade das questões sociais ainda existentes em nosso país, poderemos entender a relevância desse fator para a diferenciação no comportamento social, incluindo o lingüístico, dos indivíduos de classe sociais diferentes.

Em decorrência da existência e do cruzamento de todas essas variáveis, sente-se a importância de uma metodologia que leva em conta que as línguas, devido a sua natureza social e a instabilidade que isso causa ao seu funcionamento, possuem regras de uso categóricas ou variáveis. São regras categóricas se há apenas uma regra para o uso de certo elemento da língua para todos os falantes, e variáveis quando há mais de uma regra e conseqüentemente mais de um uso para um mesmo elemento da língua, quer seja pelo mesmo falante ou por falantes diferentes.

---

<sup>22</sup> CHAMBERS, J.K. **Sociolinguistic Theory**. Basil Blackwell, 1995.

As regras variáveis são a própria razão de ser da Sociolinguística, pois essas regras mostram que a heterogeneidade lingüística não é aleatória, mas sistematizável nos sistemas lingüísticos<sup>23</sup>; noutras palavras, as condições internas (lingüísticas) e externas (extralingüísticas) favorecem ou desfavorecem os diferentes usos lingüísticos de um mesmo elemento da língua, pois funcionam como regra a partir de sua freqüência de aplicação. Um conjunto de condições da mesma ordem constitui os fatores ou as categorias que, do ponto de vista quantitativo, indicam as tendências a que estão sujeitos determinados fenômenos variáveis; isto é, a Sociolinguística busca relacionar as variantes lingüísticas aos parâmetros sociais e aos contextos lingüísticos nos quais as variantes têm maiores possibilidades ou probabilidades matemáticas de ocorrência.

Diante da intrincada correlação de fatores, quer no nível lingüístico ou extralingüístico, que concorrem para a ocorrência de uma variante, a sociolinguística tem buscado dar maior clareza a suas análises utilizando de diferentes modelos matemáticos ao longo dos anos, tais como o modelo aditivo de Labov<sup>24</sup> (1969), o multiplicativo de H. Cerdegren e D. Sankoff<sup>25</sup> (1974) e o logístico de D. Rosseau e D. Sankoff<sup>26</sup> (1978), conforme citados por Naro (1996). Esse último modelo associa pesos relativos ou índices de probabilidades de ocorrência aos diversos subfatores de cada variável independente; o cruzamento dessas variáveis garante a compreensão influência relativa exercida por cada uma delas para a ocorrência da variável dependente.

Essa forma de tratamento estatístico de fenômenos variáveis, para os quais concorrem fatores cruzados, é a base de programas computacionais tais como o pacote de programas *VARBRUL* (1988), que serve para calcular os pesos relativos de cada variável independente e para o levantamento estatístico de cada grupo de variáveis analisado. Em síntese, ele fornece os resultados quantitativos relacionados à ocorrência de um fator, assim como a tabulação cruzada de duas variáveis independentes. A análise da regra variável pode ser binária, ternária ou n-ária, conforme a quantidade e a forma como o pesquisador opõe as variantes, a partir de cadeias codificadas que indicam as variáveis dependentes e grupos de

---

<sup>23</sup> Weinreich, Labov e Herzog (1968) denominaram de modo mais específico de “heterogeneidade ordenada”.

<sup>24</sup> LABOV, W. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. **Language**, 1969. 45: p. 716-52.

<sup>25</sup> CERDEGREN & SANKOFF D. Variables Rules: performance as a statistical. reflection of competence. **Language**, 1974. 50: p. 333.55.

<sup>26</sup> ROSSEAU, P. & SANKOFF D. Advances in variable rule methodology. In: CERDEGREN & SANKOFF D. (orgs.) **Linguistic variacion: models and methods**. New York: Academic Press, 1978. P.57-69.

fatores ou variáveis independentes - lingüísticas e extralingüísticas - que são os parâmetros da variação em estudo.<sup>27</sup>

Nas últimas décadas, muitos dos inúmeros trabalhos científicos sobre língua produzidos no Brasil têm orientação sociolingüística, devido ao imenso interesse despertado pela língua falada. Esta se constitui em principal foco de pesquisa de alguns importantes projetos em diferentes regiões do país, tais como o Projeto NURC (Norma Urbana Culta); VARSUL (Variação Lingüística na Região Sul); VARLINE (Variação Lingüística no Nordeste); VALPB (Variação Lingüística na Paraíba); Projeto CENSO DE VARIAÇÃO LINGUISTICA NO RIO DE JANEIRO.

### 1.3 FONÉTICA

O estudo dos sons utilizados pelo homem para produzir a linguagem falada pode ser feito sob a ótica de duas disciplinas: a Fonética e a Fonologia. Apesar de ambas se ocuparem do fenômeno da linguagem no seu caráter vocal, os conceitos e os procedimentos de análise diferem o suficiente para estas disciplinas se colocarem como estudos autônomos. Entretanto, os conhecimentos produzidos por cada uma contribuem entre si para esclarecer aspectos relevantes ao funcionamento da linguagem humana. Na prática, essa distinção é atribuída ao advento da Lingüística no início do século XX, que propiciou a separação entre Fonética e Fonologia, no I Congresso Internacional de Haia, em 1928, quando então foi propugnada por R. Jakobson e N. Trubetzkoy.

Na verdade, tal separação reflete a dicotomia saussuriana entre *língua* e *fala*, de modo que a Fonética estuda os sons do ponto de vista da fala, do fenômeno físico em si mesmo, e a fonologia os estuda do ponto de vista da língua, da organização, das relações internas.<sup>28</sup>

Entretanto, tais preocupações não são recentes. De fato, os estudos de natureza fonético-fonológica remontam aos antigos hindus e gregos, mas serão realmente desenvolvidos a partir do século XIX, devido o interesse em se descrever as línguas do ponto

---

<sup>27</sup> cf. Scherre, 1992, 1996; Naro, 1996; Sankoff, 1988; Pintzuk, 1988; Pinto & Fioretti, 1992.

<sup>28</sup> Na obra "Fonema e Fonologia" (1967), Jakobson discute o estatuto do fonema, como conceito básico da fonologia: "Designamos por esse termo as propriedades fônicas concorrentes que se usam numa língua dada para distinguir vocábulos de significação diversa. Na fala sons variados podem ser um mesmo e único fonema." (p.11).

de vista da fala, pois pode-se dizer que até então predominava o estudo do texto escrito, tomado como representante da fala, como atestam alguns estudiosos:

Na segunda metade do século XIX, os estudiosos compreendem que a língua oficial não representa o desenvolvimento espontâneo e popular, e que as chamadas línguas clássicas, em sua forma literária, não representavam um estado de “língua superior” às chamadas “línguas vulgares”. Começam, então, a estudar as falas populares e ocorre o interesse pelos dialetos, já que estes, segundo esta visão, na época, conservavam numerosos traços antigos que poderiam esclarecer a história da língua nacional. (SILVEIRA, 1986, p. 23).

Isso permite o gradativo abandono do texto escrito como forma exclusiva de estudo da língua, à medida que os neogramáticos interessam-se cada vez mais pela elaboração das leis fonéticas. Assim, tem lugar um estudo fonético cada vez mais especializado, com o avanço da fonética experimental, isto é, os estudos dos sons por meio de instrumentos, e da fonética acústica e articulatória. O que trará à tona a variabilidade lingüística, que se torna, portanto, um fato comprovado por meio de experimentação, pela mensuração dos sons. Como diz Silveira:

Os foneticistas tornam-se habilidosos em depreender e descrever os matizes articulatórios e acústicos. Com o resultado obtido de suas análises, realizadas com auxílio de instrumentos, afirmam a “infinita variabilidade” de realizações de um mesmo som, por um mesmo falante (...). (SILVEIRA, 1986, p. 23).

A questão da variabilidade dos sons também levanta outras questões como quais seriam os sons de fato pertinentes numa língua. Estavam então lançadas as bases fundamentais para as ciências dos sons da linguagem no campo da descrição e da interpretação, ou da fonética e da fonologia, levadas a cabo naquele congresso.

Desde então, entende-se que a Fonética dedica-se ao estudo dos sons da fala humana, considerando as diversas realizações: o modo como são produzidos e pronunciados pelos falantes de um grupo lingüístico qualquer; apresenta os métodos para descrição, classificação e transcrição dos sons da fala. Segundo Cagliari (2002, p. 17):

A Fonética preocupa-se principalmente com a descrição dos fatos físicos que caracterizam linguisticamente os sons da fala. Descreve os sons da fala, dizendo quais os mecanismos e processos de produção de fala estão envolvidos em um determinado segmento da cadeia sonora da fala.

Trata-se do estudo do meio fônico pelo qual se realiza uma língua, lida, pois, com o aspecto concreto da manifestação lingüística, de acordo com as possíveis realizações que os sons utilizados possam assumir ao serem produzidos pelos indivíduos dentro das possibilidades do aparelho fonador e conforme são transmitidos em ondas sonoras.

A preocupação é com as qualidades articulatórias resultantes dos movimentos dos órgãos fonadores (Fonética Articulatória), acústicas devidas às vibrações do ar pela transmissão do falante ao ouvinte (Fonética Acústica) e perceptivas dos sons (Fonética Auditiva) em si mesmos. A Fonética fornece para os sons uma classificação conforme as características/qualidades apresentadas, sem se preocupar com o papel deles como unidade que serve para veicular sentido numa língua. Não se trata, portanto, de um ramo da Lingüística, mas de uma ciência cujas descobertas fornecem dados para os estudos lingüísticos descritivos e/ou interpretativos, nesse caso, fonológicos, sobre o aspecto sonoro das línguas.

Há, no entanto, uma ressalva a ser feita: a fonética tem como ideal teórico descrever os sons o mais próximo possível do modo como são produzidos, classificá-los, e atribuir-lhes uma representação baseada no princípio da biunivocidade. Entretanto, como nunca um som é exatamente igual a si mesmo, ela leva em conta aqueles aspectos mais gerais que dão a um som uma identidade específica, seja qual for a variação que apresente. Por exemplo, uma consoante muda de característica conforme o som que vem depois, mas será sempre dada como a mesma consoante por manter um conjunto de semelhanças maior do que as diferenças possíveis de serem realizadas.

No entanto, se nem todas as diferenças são totalmente perceptíveis aos falantes de uma mesma língua, há aquelas realizações que, por razões históricas, sociais e culturais são identificadas como marcas de grupos sociais ou regionais, podendo, inclusive, serem estigmatizadas por indivíduos de grupos diferentes, mas falantes de um mesmo sistema fonológico. Ao falar das noções de sotaque e dialeto, Lyons (1987) chama a atenção para as reações que podem ocorrer às diferenças de pronúncia entre os membros de uma comunidade lingüística:

O que torna a noção de sotaque tão importante sociolinguisticamente, apesar de se sobrepor à de dialeto, é que os membros de uma comunidade lingüística reagem freqüentemente a diferenças de pronúncia fonêmica e subfonêmica da mesma maneira, como indicadores da proveniência regional ou social do falante. (...) A questão é que certas diferenças fonéticas entre sotaques podem ser estigmatizadas pela sociedade, da mesma forma como certas diferenças lexicais e gramaticais o são. (LYONS, 1987: 249).

Fatos como esses interessam particularmente à Dialectologia e à Sociolingüística que se ocupam do fenómeno lingüístico de um ponto vista dos usos da língua por indivíduos de regiões diferentes e/ou de diferentes estratos sociais.

#### 1.4 FONOLOGIA

Ao contrário da Fonética, a Fonologia tem outros objetivos e abordagem interpretativa dos fenómenos sonoros, constituindo-se em campo da Lingüística e um dos níveis de análise das línguas. Nas palavras de Cagliari (2002, p.18):

A Fonologia, por sua vez, faz uma interpretação dos resultados apresentados pela Fonética, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos que existem para descrevê-los. (...). A análise fonológica baseia-se no valor dos sons dentro de uma língua, isto é, na função lingüística que eles desempenham nos sistemas de sons das línguas.

Ao longo de seu desenvolvimento, a Fonologia vem apresentando diferentes abordagens, para a interpretação dos sistemas sonoros das línguas e dos processos fonológicos, que abrangem os chamados modelos lineares e os não-lineares<sup>29</sup>. Os modelos lineares, tradicionais são assim chamados porque seguiam “a linha do tempo, definindo fonemas ou matrizes de propriedades distintivas.” (CAGLIARI, 2002, p.118).

Nessa perspectiva, dois modelos são fundamentais: o primeiro deles, o modelo fonêmico, de base estruturalista, tem seu desenvolvimento marcado, por um lado, pelos

---

<sup>29</sup> Lineares: Modelo Fonêmico; Fonologia Gerativa Padrão; Fonologia Natural; Fonologia Gerativa Natural; modelos não-lineares: Fonologia CV; Fonologia de Dependência; Fonologia de Governo; Fonologia Auto-segmental; Fonologia Lexical; Fonologia Métrica; Fonologia Prosódica, Teoria da Otimização (Otimidade – TO). (Cf. Cristófar-Silva, (2001), Abaurre (1993), Cagliari (2002) Bisol (1992), Mori (2001).

estudos dos sistemas fonológicos das línguas indígenas americanas, a partir da noção de fonema e distribuição complementar, tendo à frente estudiosos como E. Sapir, L. Bloomfield entre outros; e, por outro, pela Fonologia de Praga, com as contribuições fundamentais de R. Jakobson com a noção de traços distintivos.

O segundo modelo é o chamado modelo clássico ou a Fonologia clássica ou ainda Fonologia Gerativa Padrão tratada por N. Chomsky e Halle, em *The Sound Pattern of English* (SPE), de 1968. A obra inaugurou os estudos voltados para os processos fonológicos das línguas, para os quais procuram formular regras, cujos desdobramentos podem ser apontados em teorias fonológicas atuais, ditas não lineares “porque suas unidades de trabalho vão além dos limites do fonema e das matrizes de propriedades. Além disto, os elementos paradigmáticos dessas unidades acabaram tendo uma organização própria, com uma hierarquia bem estabelecida.” (CAGLIARI, 2002, p.118).

Os processos fonológicos são, portanto, de grande interesse para a fonologia atual. Eles consistem em alterações fonéticas sofridas pelos sons de acordo com o contexto em que ocorrem, em função do qual adquirem características semelhantes ou diferentes dos sons que o cercam ou outras características em função do contexto prosódico. Dentre essas alterações identificadas nas línguas, encontram-se, conforme a sua natureza, fenômenos de assimilação, nasalização, harmonia vocálica, dissimilação, redução vocálica (enfraquecimento), degeminação, apagamento, retroflexão, palatalização, labialização, sândi, os quais se constituem muitas vezes fenômenos de variação lingüística mais ou menos perceptíveis aos falantes, conforme os aspectos sociodialetais envolvidos.

Um processo em particular interessa ao nosso trabalho, trata-se da assimilação, entendida como “qualquer processo em que um som adquire características ou traços dos sons que o rodeiam” (SOUZA E SANTOS, 2004, p. 48) com os quais partilham traços articulatorios comuns, podendo ser total ou parcial, de modo que o som é assimilado a partir do ponto ou do modo de articulação. Segundo Dubois et al.( 1998, p. 75),

Essa modificação pode corresponder a uma adaptação antecipada dos órgãos fonadores para a pronúncia de um fonema que se segue: é a assimilação regressiva (...). Pode corresponder, ao contrário, a um atraso no abandono da posição dos órgãos fonadores correspondente à pronúncia do fonema precedente: é a assimilação progressiva (...). A assimilação é dupla quando o fonema é modificado ao mesmo tempo pelo que o precede e pelo que o segue.

Entendemos que a variação das consoantes que se constituem objeto de nosso estudo resulta tanto da natureza desses segmentos quanto do ambiente intervocálico em que ocorrem. Em nossas análises qualitativas, interpretativas quanto aos aspectos lingüísticos envolvidos, especificamente fonológicos, valer-nos-emos do modelo fonológico da Geometria dos Traços, cujos pressupostos e contribuições serão tratados mais adiante.

#### 1.4.1 Fonologia não-linear: breve incursão

##### 1.4.1.1 Da Fonologia clássica à Auto-segmental

A Fonologia Gerativa Padrão (ou *SPE*) tem por foco o sistema de regras derivacionais pelas quais se relaciona a estrutura subjacente à estrutura de superfície. A contribuição fundamental da teoria pode ser caracterizada por levar em conta o traço fonológico como uma característica binária do fonema, compreendido como um conjunto de valores que se constitui sua matriz - sobre a qual as regras agem - de traços binários, não-ordenados, do tipo  $[\pm]$  cuja função é a de atribuir ao fonema um conjunto de categorias fonéticas que determinam suas propriedades físicas. Entende-se ainda que segmentos dos sistemas fonológicos das línguas se organizam em um conjunto de traços que serve para caracterizar os seus sons distintivos, formando *classes naturelles* de sons, esses, por sua vez, se caracterizam por ter comportamento semelhante, em consequência sons e regras que atuam em processos fonológicos podem ser expressos por meio de uma forte formalização.

Essa análise, dita hoje *clássica*, propõe regras de formulação que convertem estruturas subjacentes em estruturas de superfície e representam a capacidade do falante de fazer generalizações sobre dados da língua. A importância e o alcance da teoria foram fundamentais aos estudos fonológicos de línguas de todo o mundo, passando por diversas reformulações, e tendo sua continuidade garantida pela sucessão de modelos interpretativos que irão propor avanços teóricos, mas ainda numa perspectiva linear ou segmental do aspecto sonoro das línguas, o que significa certas limitações.

Como lembram Abaurre e Wetzels (1992) e Wetzels (1995), a *SPE* não apresenta formalismo para a representação e a manipulação de propriedades prosódicas, como altura (*pitch*) e duração, devido considerar a relação entre segmentos e traços como bijetiva (*bijection constraint*). Assim, cada especificação corresponde a um traço e segmento. Esta

concepção será superada pelos modelos não-lineares sucedâneos que colocarão a interpretação da sílaba, os aspectos prosódicos e as unidades superiores à sílaba como objetos de interesse da fonologia. Dentre eles, interessam diretamente ao nosso trabalho a Fonologia Auto-segmental e a Geometria de Traços.

A Fonologia Auto-segmental (GOLDSMITH, 1976; 1990) é uma visão que amplia os propósitos da fonologia gerativa em dois aspectos centrais: propugna-se que não há uma relação do tipo *um para um* (bijetiva) entre o fonema e a matriz de traços a ele associada e propõe-se uma hierarquia entre os traços distintivos. À noção de traços agrega-se a idéia de que estes são auto-segmentais, o que significa que cada traço ocupa um lugar próprio exclusivo, denominado ‘tier’, em relação aos demais traços do sistema, operando assim de forma própria. Nas palavras de Goldsmith (1985, p. 297-8):

O que distingue a fonologia autosegmental do tipo de fonologia do *Sound Pattern English* é, primeiro, o desenvolvimento de uma análise fonológica multilinear, segundo a qual diferentes traços podem ser colocados em níveis distintos, sendo os vários níveis organizados por “linhas de associação” e por uma Condição de Boa Formação; e segundo, a análise de fenômenos fonológicos não tanto em função de regras de alteração de traços, como acontecia, mas antes em termos de regras que suprimem e *reorganizam* os vários auto-segmentos, pelo reajuste das linhas de associação.(...) Isto é, abandonamos a assunção de que as representações fonológica e fonética subjacentes consistem numa única cadeia, ou concatenação de segmentos. No seu lugar consideramos a existência de formas subjacentes e de superfície que consistem em cadeias de segmentos paralelos, dispostos em dois ou mais níveis. Os traços estão distribuídos pelos vários níveis, de tal modo que nenhum traço aparece em mais do que um nível.

A análise primeiramente faz a segmentação mínima e exaustiva dos sons, concebidos como hierárquica e linearmente ordenados, mas não necessariamente binários, que são especificados por meio de colunas de traços articulatórios (‘tiers’), só depois os analisando como conjunto de traços. Com isto, pretende dar uma representação para os processos fonológicos que podem ocorrer numa dada língua, tais como a assimilação, dissimilação, epêntese, apagamento, harmonia vocálica, nasalização.

De fato, a não aceitação da relação bijetiva entre segmento e conjunto de traços tem conseqüências fundamentais para esse modelo que podem ser resumidas em três aspectos centrais: os traços que compõem um segmento podem se estender para além dele, ou seja, um traço pode envolver mais de um segmento; o apagamento de um traço não significa o

apagamento de todos os traços que compõem o segmento; os traços são hierarquicamente organizados o que permite analisá-los em “tiers”, o que quer dizer que os traços podem ser analisados tanto isoladamente como em conjunto.

Nessa perspectiva, as regras agem sobre os traços e não sobre a matriz. A proposta de representação consiste em diferentes linhas auto-segmentais, cada uma constituindo uma sequência independente de segmentos de acordo com um procedimento no qual a segmentação horizontal precede a vertical.

Pretende-se, com isso, representar formas e processos possíveis nas línguas humanas, a partir de princípios fornecidos por evidências lingüísticas e descrições estruturais. A busca pela superação de descrições arbitrárias confirma-se pela relação estabelecida entre os princípios que norteiam a teoria e a anatomia do trato vocal e os aspectos acústicos dos segmentos sonoros. Tais princípios são fundamentais à teoria e ao seu desdobramento na Geometria de Traços, sendo, pois, conveniente aqui apresentá-los mais detalhadamente.

#### 1.4.1.2 A fonologia de Geometria de Traços

A teoria postula que as representações subjacentes derivam as representações fonéticas, conforme *Princípios de boa-formação*; a estrutura subjacente, interna básica da sílaba tem representação em *onset* e rima, que são ocupados por unidades de tempo do tipo Consoante e Vogal, cuja organização na sílaba obedece a uma escala de sonoridade, definindo assim suas posições estruturais. Entende-se que as restrições de combinação e o número de segmentos na sílaba são definidos pelo *Princípio de Sonoridade* e *Condições de Licenciamento Silábico* em cada língua, da mesma forma a boa formação está sujeita ao *Princípio de Não Cruzamento de Linhas de Associação* e *Princípio do Contorno Obrigatório*.

Os *Princípios de boa formação* dizem respeito às condições de uma forma lingüística, sendo considerada bem formada se está em conformidade com as regras universais, que dizem respeito às limitações do aparelho fonador humano, particularizadas em uma língua a partir de evidências fornecidas pelas descrições estruturais. No aspecto estritamente fonológico e no âmbito da teoria, tais princípios estão sujeitos ao *Princípio de Sonoridade* segundo o qual os segmentos de uma língua se organizam em uma hierarquia de som que, por sua vez, definem as *Condições de licenciamento silábico* estabelecendo quais

segmentos sonoros podem ocupar as posições estruturais dos constituintes da sílaba (onset, rima, núcleo).

Clements (1989b, p.19) apresenta uma escala de sonoridade baseada em dois critérios, soância (relacionada aos graus de abertura) e constrição (relacionada aos traços de articulação): assim, para os segmentos, quanto menor for a soância maior a constrição (caso das obstruintes) e, inversamente, quanto maior a soância menor a constrição (caso das vogais), como mostra figura a seguir:

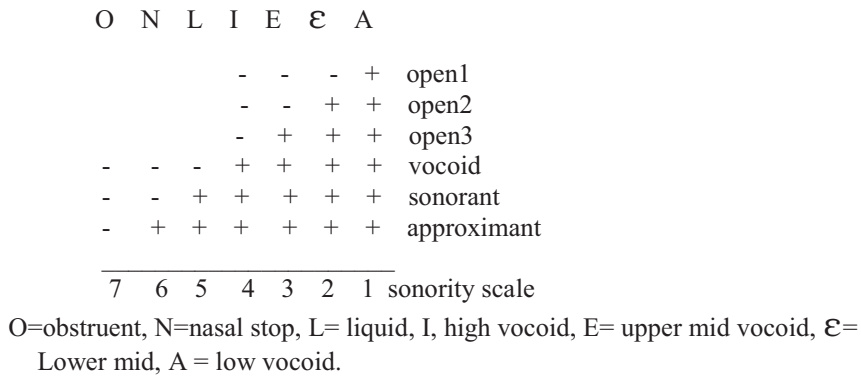


FIGURA 01: Escala de soância e constrição segundo Clements (1989)  
 Fonte: Clements (1989, p. 24)

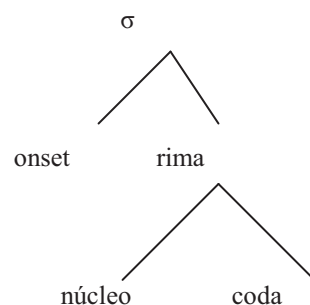
Essa mesma escala de sonoridade pode ser expressa de modo mais geral como no quadro abaixo (cf. Silva, 1997, p.42):

|             | [Vocóide] | [Aproximante] | [Soante] | Escala de Sonoridade |
|-------------|-----------|---------------|----------|----------------------|
| Obstruintes | -         | -             | -        | 0                    |
| Nasais      | -         | -             | +        | 1                    |
| Líquidas    | -         | +             | +        | 2                    |
| Vocóides    | +         | +             | +        | 3                    |

QUADRO 01: ESCALA DE SONORIDADE  
 FONTE: Silva (1997, p. 42)

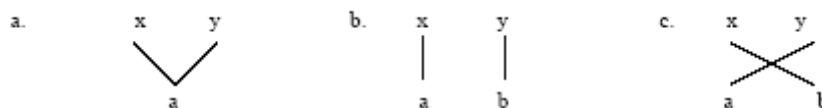
Indica-se deste modo que, num dos pólos, os sons com maior constrição e menor soância são as obstruintes e, no outro, os sons de menor constrição e maior soância são as vogais. Aceita-se, de acordo com esta escala, que C (consoantes) e V (vogais) são categorias, constituindo-se em unidades temporais (Clements e Keyser, 1983). Os constituintes silábicos são o Onset e a Rima: o Onset (ataque) associa-se à Consoante, precedendo a Rima, que se constitui de Núcleo, uma posição obrigatória, associada à Vogal seguida pela Coda, uma posição opcional, que se associa à Consoante. Portanto, o esqueleto (*skeleton*), a estrutura básica da sílaba tem a seguinte representação:

(01)



Tendo em vista que os auto-segmentos são ligados a suas unidades segmentais por linhas de associação, estabelece-se pelo *Princípio de não-cruzamento de linhas de associação* que linhas de associação, que ligam dois elementos aos seus *tiers*, não podem se cruzar.

(02)



Pelos esquemas representados em (a) e (b), temos a representação de boa formação, ao passo que em (c) temos uma seqüência mal formada. Esse princípio relaciona-se a fenômenos de assimilação em seqüências como (a) e (b) e está diretamente relacionado ao Princípio de Contorno Obrigatório (PCO ou, em inglês, OCP) pelo qual se proíbe segmentos

idênticos adjacentes num mesmo *tier*, evitando-se com isso seqüências mal formadas, o que em termos de processos fonológicos resulta, por exemplo, em dissimilação ou supressão.

Como desdobramento da teoria auto-segmental, a Geometria dos Traços (Clements, 1985, 1991; Clements e Hume, 1995) entende que os traços que constituem os segmentos sonoros têm uma organização geométrica: eles estão ligados direta ou indiretamente a um nó de raiz que corresponde à unidade temporal de um só segmento, Consoante (C) ou Vogal (V), que desencadeia uma estrutura hierárquica.

A representação leva em conta aquelas propriedades físicas que atuam tanto para caracterizar os segmentos, como classes naturais de sons, quanto os processos que podem envolvê-los, em qualquer língua, nesse caso, pelo desligamento e associação de linhas que ligam os auto-segmentos na estrutura arbórea na qual se acham hierarquicamente dispostos. Quer-se refletir, de modo mais simples e natural possível, somente os sons passíveis de realização pelo ser humano e os processos fonológicos nas línguas, dos quais Cagliari (1997, p. 20) aponta como os mais importantes a assimilação (espraçamento), desligamento, fissão, fusão, além de outros, tais como mencionamos anteriormente. Além disto, outras noções também fazem parte da abordagem geométrica, como mapeamento de contexto, domínio, gatilho, filtro etc<sup>30</sup>.

A análise postula que vogais e consoantes partilham dos mesmos traços, modo de articulação e propriedades laríngeas, ou seja, aqueles que definem classes maiores, não havendo traços n-ários e não-binários; sob esse ponto de vista, as categorias mais altas ou supralaríngeas são mais independentes do que as categorias mais baixas, laríngeas (o que permite distinguir diferentes tipos de processos fonológicos de assimilação e dissimilação, total ou parcial). A proposta relaciona-se, portanto, ao mecanismo de produção de sons. A representação dos sons (e dos processos), ao invés de matrizes de traços, é feita por meio de uma estrutura arbórea, ramificada: “Nessa abordagem, segmentos são representados em termos de configurações de nós hierarquicamente organizados cujos nós terminais são valores de traços e nós intermediários representam constituintes”<sup>31</sup>. (Clements e Hume<sup>32</sup>, 1995, p.249)

A estrutura a seguir é a representação geométrica genérica dos segmentos sonoros inicialmente proposta por Clements (1989a; 1991):

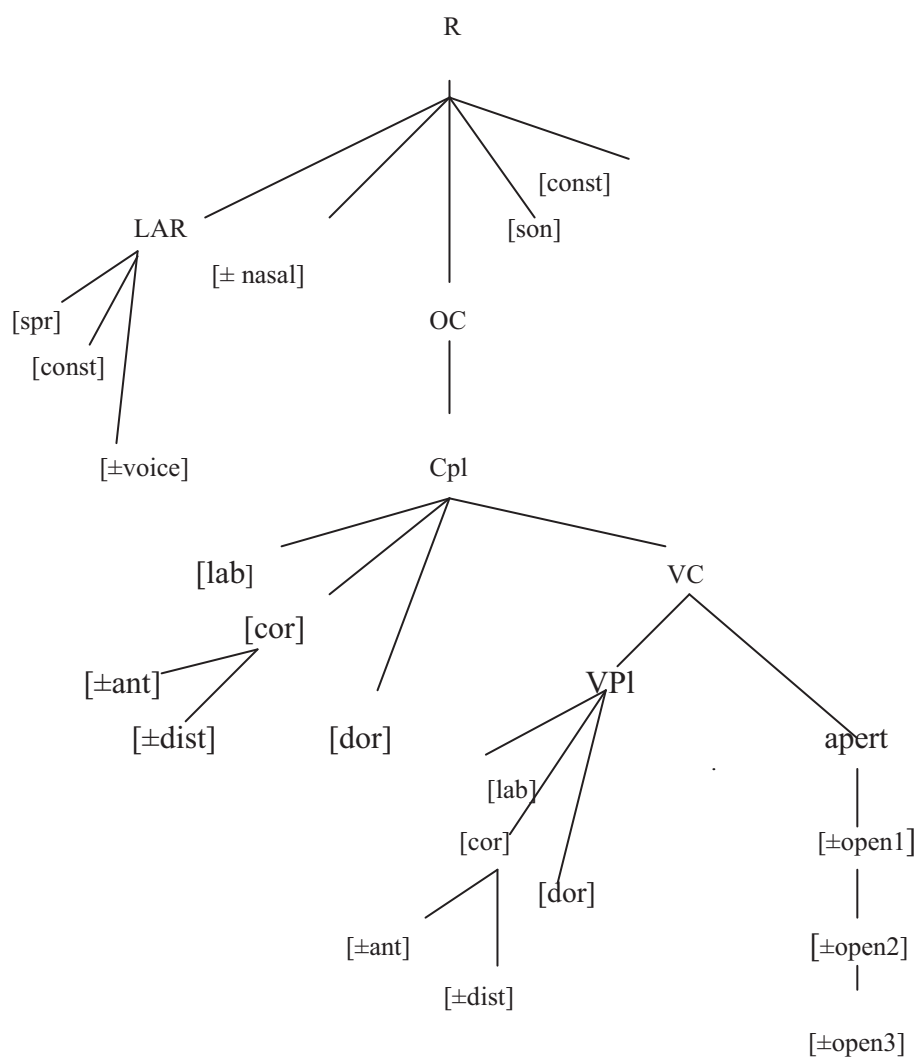
---

<sup>30</sup> Para detalhes acerca dos termos citados, consultar Calabrese (1996), Cagliari (1997), (Bisol) (2005).

<sup>31</sup> “In this approach, segments are represented in terms of hierarchically-organized node configurations whose terminal nodes are feature values, and whose intermediate nodes represent constituents (Clements e Hume, 1995: 249)

<sup>32</sup> *Op. Cit.*

(03)

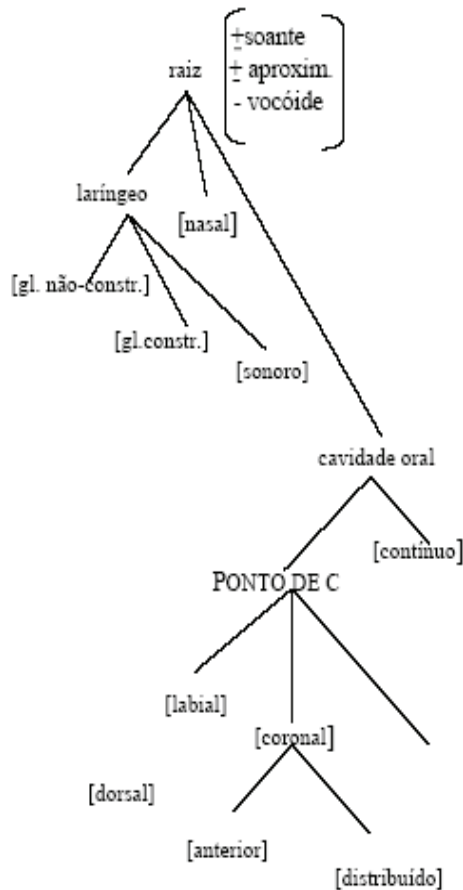


Já na figura seguinte, vemos Clements e Hume<sup>33</sup> apresentarem esse esquema adaptado a consoantes e vogais.

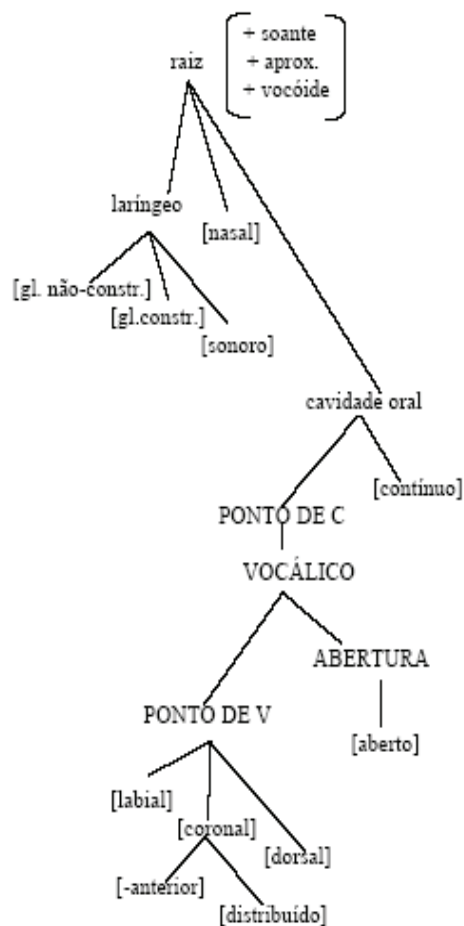
<sup>33</sup> *op. cit.* p. 292.

(04)

(01) Consoantes



(02) vogais



O esqueleto representa a linha do tempo no qual os segmentos sonoros da fala se sucedem. O elemento X na estrutura arbórea representa uma unidade abstrata de tempo. A ele se acha imediatamente associado o **Nó de Raiz (R)** que é propriamente o segmento fonético, sob esse nó estão os **Nós de Classe**, que são intermediários e dominam os **Nós Terminais** que são os próprios traços fonológicos indicado pelos colchetes.

Conforme a estrutura indica, e Clements e Hume (*op.cit.*) afirmam, as regras fonológicas são naturais quando se aplicam a traços individuais dominados pelo mesmo nó de classe, isto é, os traços funcionam de forma solidária, em dois processos principais: desligamento de uma linha de associação (apagamento) ou espraçamento de traços (assimilação total: se processa no nó de raiz, levando o nó para outra posição; assimilação parcial: quando ocorre nos demais).

A concepção hierárquica da organização de traços leva Clements e Hume<sup>34</sup> a proporem uma classificação para os tipos de segmentos possíveis nas línguas, são eles: os segmentos simples (*simple*), complexo (*complex*) e de contorno (*contour segment*), definidos da forma como se segue:

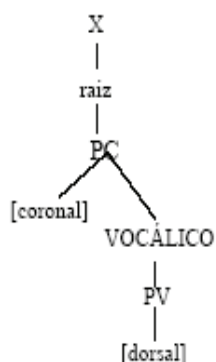
Segmentos simples: são caracterizados por associar-se a um nó de raiz, tendo, portanto, uma única unidade de tempo, e apresentando um traço de articulação oral. É o caso de vogais e consoantes simples.

(05)



Segmentos complexos: apresentam também um nó de raiz, como os segmentos simples, porém apresentam dois traços de articulação oral, como uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica. Exemplo disto em PB é a realização [ɾ] em final de sílaba, que ocorre em algumas pronúncias do Brasil.

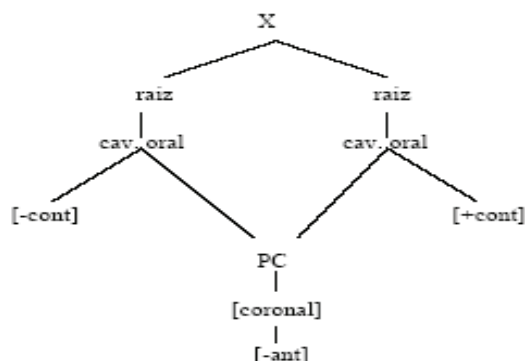
(06)



Segmentos de contorno: apresentam dois nós de raiz ligadas a uma mesma unidade de tempo, o que lhe confere diferentes traços. Exemplo disto são as realizações [tʃ] e [dʒ] diante de vogal anterior alta, como em grande parte dos dialetos brasileiros.

<sup>34</sup> *ibid.*

(07)



Consoantes geminadas e vogais longas apresentam duas unidades de tempo associadas a um nó de raiz.

(08)



Esses conceitos de segmentos, fundamentais à teoria, orientam a representação geométrica dos segmentos.

## COMENTÁRIOS FINAIS

Como discutimos na parte inicial deste capítulo, esta pesquisa se filia a quatro campos de estudos lingüísticos que nos permitem descrever e analisar os fenômenos relacionados às consoantes lateral e nasal palatais, em nossa amostra do português falado.

Essa busca de complementaridade é antes de tudo uma necessidade: deve-se tanto à natureza do objeto de pesquisa, a língua falada, quanto aos objetivos traçados: identificar as variantes fonéticas desses segmentos, considerando como parâmetros tanto fatores de ordem lingüística quanto extralingüística, incluindo nesses últimos a diferenciação resultante do espaço geográfico. Além disso, buscamos fornecer, às formas alternantes, formalizações que dêem conta dos processos fonológicos envolvidos nesses usos reais da língua. Os capítulos nos quais fazemos as análises de nossos dados refletem esse esforço.

## 2. ASPECTOS FONETICO-FONOLÓGICOS DA LATERAL E NASAL PALATAIS

Estudos com objetivos mais ou menos semelhantes ao nosso nos dão informações importantes a respeito da lateral e nasal palatais. São trabalhos de orientações diversas que levam em conta os aspectos históricos, fonéticos, fonológicos, dialetológicos e sociolingüísticos. Como veremos neste capítulo, essas são contribuições importantes, pois nos servem de aporte para a compreensão dos aspectos envolvidos nas formas variantes em nossa própria amostra.

### 2.1 SONS PALATAIS, PALATALIZAÇÃO E DESPALATALIZAÇÃO: VISÃO GERAL

Os estudos sobre os sons palatais em geral apontam para a diversidade dos processos envolvidos em suas realizações, devido tanto a fatores de ordem social quanto lingüística, no caso, a produção articulatória, o que torna sua caracterização um tanto diferenciada de autor para autor.

Crystal (1985, p. 192) afirma que o termo palatal “refere-se aos sons produzidos quando a parte anterior da língua entra em contato ou se aproxima do palato duro. Dubois et al. (1998, p. 448) definem sons palatais como aqueles que têm “sua articulação palatal situada no nível do palato duro, e é acusticamente compacto e agudo; a cavidade de ressonância bucal é muito compartimentada e mais importante na parte anterior que na posterior ao estrangulamento mais estreito”.

Segundo Cristófar-Silva (2001) o som palatal é produzido com a parte medial da língua contra a parte final do palato duro, como são os sons /ʎ/ e /ɲ/ em língua portuguesa. Em termos de realizações, essa autora faz algumas importantes distinções para se distinguir entre a consoante palatal e a palatalizada. No primeiro caso, sons palatais são aqueles produzidos com a obstrução da passagem do ar na região palatal pelo levantamento da parte média ou central da língua que quase toca o céu da boca, se o ar escapa lateralmente, enquanto a ponta da língua se encontra abaixada próxima aos dentes inferiores frontais, tem-se então a realização [ʎ]; se, ao invés deste gesto, levanta-se a ponta da língua em direção aos alvéolos ou aos dentes e, concomitantemente, a região central da língua é levantada em direção ao palato duro, então ocorre uma lateral palatalizada [ɭ].

De acordo com esta mesma autora, para a nasal palatal ocorre algo semelhante: para o segmento palatal [ɲ], há obstrução da passagem da corrente de ar quando a língua toca o céu da boca na região palatal; para a variante nasal palatalizada [ɲʲ] a ponta da língua toca os alvéolos. Em termos articulatórios, o som palatalizado se distingue do palatal por ser produzido mais à frente da cavidade bucal, ocorrendo o efeito auditivo de consoante seguida de vogal.

Com ligeira diferença, Cagliari (2002) afirma que o som palatal é produzido com a parte central da língua contra a parte central (mais alta) da abóbada palatina, indo até o final do palato duro. De forma mais concisa, Santos e Souza (2004) atribuem a esses sons a produção com o centro da língua contra o palato duro.

Em outros autores, os sons palatais aqui enfocados são também classificados como dorsopalatais (Barbosa, 1994), isto é, sons produzidos com a parte central (medial) da língua. Porém há autores, que distinguem *centro* de *dorso*, tendo esse como a parte mais próxima à raiz da língua.

Câmara Jr. (1977), numa abordagem estrutural do sistema consonantal do português, classifica as palatais nasal e lateral, quanto ao ponto de articulação, como sons posteriores (pósterio-linguais), enquanto suas similares não-palatais são tida como anteriores (ántero-linguais).

Em todas essas definições tem-se uma caracterização que leva em conta o traço palatal como articulação primária, o que faz desses sons unidades distintivas em língua portuguesa.

O traço palatal como articulação secundária, é denominado comumente de palatalização e se constitui objeto de interesse de diversos estudos em todo mundo<sup>35</sup>. A palatalização é definida por Dubois et al. como “o fenômeno particular de assimilação sofrido por certas vogais e consoantes em contato com um fonema palatal [no caso, as vogais anteriores]: a realização do fonema k no francês qui ou no português “quilo” é uma consoante pós-palatal sob a influência da vogal i.” (1998, p. 449).

Crystal (1985) oferece uma visão mais ampla de palatalização ao afirmar que se trata de qualquer movimento da língua em direção ao palato duro, mas sendo mais comum o seu uso para a articulação secundária; ele chama a atenção dizendo que no caso de [t] esta é mais notada “pois um glide palatal seria ouvido antes do início do som principal” (p. 193). Entende-se nesse caso, a palatalização como fenômeno de variação sincrônica numa dada

---

<sup>35</sup> No Brasil destacam-se os trabalhos de Bisol (1986); Bisol e Hora (1993); Hora (1990), Oliveira (2007); Mota (1995), Aragão (1996, 1997), dentre outros.

língua, como ocorre de modo mais perceptível com outros fonemas do português, como exemplificaremos mais adiante.

Na perspectiva diacrônica, a palatalização é, segundo Câmara Jr. (1986, p.186), uma mudança fonética que amplia a zona articulatória para a produção de uma consoante, em decorrência do desdobramento da parte média da língua em direção ao palato médio.<sup>36</sup>

Na língua portuguesa (CÂMARA JR, 1979; 1986<sup>37</sup>), a palatalização (ou, nos termos do autor, *molhamento*) foi responsável pelo surgimento de quatro consoantes não existentes no sistema fonológico latino, que passou a ter na ordem constrictiva uma chiante surda /ʃ/ e uma chiante sonora /ʒ/; uma nasal palatalizada (nasal palatal /ɲ/); uma líquida lateral palatalizada (lateral palatal /ʎ/). Essas duas particularmente resultaram da palatalização de grupos consonânticos latinos ou de uma consoante em contato com -y-, como veremos no próximo tópico. Como traço secundário, a palatalização é uma assimilação determinada por um fonema palatal assimilador -y-, em contato com a consoante que sofre a assimilação.

Sincronicamente, em nossa língua, a palatalização ocorre com consoantes como /k, g, l, t, d, n/ produzindo um efeito auditivo de consoante seguida de vogal /i/, constituindo-se foneticamente em uma articulação secundária, sendo, portanto, marginal às propriedades principais desses segmentos consonantais. No caso, é condicionada pelo contexto ou ambiente em que ocorrem tais segmentos (CRISTÓFARO-SILVA, 2001), como podemos observar em palavras como *quilo*, *guia*, *galinha*, *tinha*, *dia*, *ninho*.

De forma minuciosa, Cagliari (1974) fez um amplo estudo sobre a palatalização, no dialeto paulista, no qual afirma que os sons palatais são instáveis, não sendo fácil caracterizá-los, o que pôde ser percebido nas descrições de alguns dos autores revisados em seu trabalho<sup>38</sup>. Ele observou divergência e imprecisão em aspectos como: na definição da palatalização; nos critérios para pontos e modos de articulação de sons palatais; no uso de termos diferentes e interpretações diferentes para resultados idênticos; e no uso da palatografia como método experimental para a investigação.

Em seus próprios estudos palatográficos, Cagliari<sup>39</sup> distingue três realidades fonéticas, de modo que distingue consoantes não palatais, consoantes palatalizadas e consoantes palatais. As consoantes palatais são descritas da seguinte forma:

---

<sup>36</sup> Foram mantidos os termos e as notações dos autores para os fenômenos e representações das variantes lingüísticas.

<sup>37</sup> *Op. cit.*

<sup>38</sup> O autor cita Gleason (1969); Malmberg (1971); Ladefoged (1972); Delattre (1965); Heffner (1969), Catford (1968); Strakka (1965); entre outros.

<sup>39</sup> *Ibid.*

As consoantes palatais localizam-se na região palatal (prepalatal ou central), apresentam os maiores contatos línguo-palatais, exigem maior esforço articulatório (...). Apresentam uma duração maior, quer na retenção, quer na distensão. São, essencialmente, sons simples, não articulações duplas. O comportamento da língua é decisivo: sempre temos a ponta da língua abaixada atrás dos incisivos inferiores. Do ponto de vista auditivo, caracterizam-se pelo timbre “molhado”. (p.160).<sup>40</sup>

Segundo seu estudo, as realizações típicas das palatais no dialeto paulista são /k/ e /p/<sup>41</sup>. Como fenômeno secundário à produção de consoantes, a palatalização é descrita como a tendência de consoantes não palatais anteriores ou posteriores a se localizarem na parte central da abóbada palatina. A maior evidência dessa ocorrência se daria com as palatalizadas em sílaba tônica, como ocorre com [n] e [l] que passam a [n'], [l'] (palatalizadas). Para o autor, essas ocorrências representam um estágio intermediário, tendo uma disposição articulatória das consoantes não palatais, porém com articulação mais forte e enérgica, como o que ocorre para as consoantes palatais (p.80)<sup>42</sup>.

A distinção que ele faz entre consoantes palatalizadas, não-palatais e palatais é feita levando em conta cinco fatores: lugar de articulação, modo de articulação, comportamento da língua, energia articulatória e percepção, que são aspectos importantes para a distinção entre palatal e palatalizada. Quanto ao lugar de articulação, as palatalizadas têm uma pequena parte do contato em algumas regiões limítrofes com a região palatal e, portanto, maior contato com essa região. Seu modo de articulação tem um contato mais largo do que as não-palatalizadas. O contato línguo-palatal é o mesmo de uma não palatal, mas articulada com maior energia. O autor observa que esses contatos apresentam grande variação, nem sempre de fácil interpretação palatográfica, gerando uma variação fonética que pode ser percebida auditivamente, mas considerada irrelevante pelos falantes, em determinadas línguas, se estiverem em distribuição complementar.

---

<sup>40</sup> Sobre o aspecto do *molhamento*, é interessante observar o que diz Cavaliere (2005), ao propor uma classificação dos sons em língua portuguesa e, de modo particular, dessas consoantes. Esse autor observa que há controvérsia quanto ao modo de articulação de /p/, não podendo se afirmar ser este oclusivo, mas sim semi-oclusivo, pois apresenta oclusão na boca e liberação de ar pelas fossas nasais, porém faz a seguinte ressalva: “Ocorre que, no caso de /p/, a articulação implica um leve “arrastamento” da língua pelo palato duro. Esse modo de articulação peculiar, por sinal, também observável na pronúncia de /k/, confere à consoante /p/ um **traço progressivo**, no sentido de que a língua mantém-se em movimento durante todo o tempo gasto para sua prolatação. Semelhante movimento lingual se processa em projeção para frente, razão por que atinge o ponto articulatório típico da semivogal anterior /y/. Os textos tradicionais atestam nesse tipo de articulação as denominadas **consoantes molhadas** (fr. *mouillés*), em que ocorre um fenômeno de iotização (semivocalização) do som consonantal”. (p. 114). Nessa perspectiva, a semivocalização seria, portanto, uma consequência dessa articulação caracterizada pelo chamado *traço progressivo*

<sup>41</sup> Note-se que, para esse autor, a nasal palatal é ligada à série posterior, enquanto a lateral palatal à anterior.

<sup>42</sup> *Ibid.*

Cagliari<sup>43</sup> identifica em língua portuguesa, a par das consoantes palatais, a ocorrência de consoantes palatalizadas seguidas de [i] ou de [j], favorecidas pela articulação palatal, que exige maior esforço articulatório desses segmentos. Segundo o autor, as consoantes /n/ e /l/ são os sons que se palatalizam e despalatalizam mais facilmente, pois se incluem entre as consoantes de fraca articulação. O autor faz a seguinte observação:

Nas línguas onde há correlações de consoantes palatalizadas paralelamente às consoantes não-palatais, os falantes não têm dificuldades em perceber o timbre palatalizado, pois necessitam deles para distinguir palavras. Nas línguas onde isso não ocorre, os falantes não têm consciência dos casos de palatalização que realizam (p. 91).

A despalatalização, por sua vez, ocorre devido ao enfraquecimento do contato da língua com a área palatal, diminuindo assim a área de contato, que sofre encurtamento para frente ou para trás. Em vista disto, consoantes palatais ou palatalizadas regridem para a região anterior ou posterior da boca, ocorrendo o que se chama de “tendência ieisante” da língua, ou *lleiismo*, que é o que ocorre na passagem de /k/ a [j] e, semelhantemente, com /p/ que passa a [j], podendo ser este nasalizado.

(...) o enfraquecimento articulatório se produz ao longo da linha média da língua, originando um canal de constrição, em vez de oclusão. As bordas da língua, agora, continuam com sua pressão forte para os lados, comprimindo-se contra os dentes pré-molares e molares, na posição típica do iode. Observando-se alguns palatogramas das consoantes palatais, nota-se, às vezes, uma maior tendência a iode, pela diminuição da oclusão sobre a linha média. No ponto em que essa diminuição acabar com a oclusão sobre a linha média, gerando, portanto, um canal constritivo, estamos diante de um iode. (p.115)<sup>44</sup>.

Cagliari afirma ser a despalatalização uma etapa de evolução da palatal, a partir da qual se operam outras transformações, sendo a realização palatalizada, como um dos aspectos da despalatalização, uma realização intermediária na passagem da palatal para não-palatal. As etapas resultantes desse processo, apresentadas pelo autor, são: palatal, palatalizada com iode, palatalizada sem iode, despalatalizada com iode.

---

<sup>43</sup> *Ibid.*

<sup>44</sup> *Ib.*

Segundo sua interpretação, a passagem da palatal à palatalizada com iode tem a mesma facilidade da passagem da palatalizada com iode à palatal, no primeiro caso tem-se o aumento de energia e no segundo a diminuição:  $ly \rightarrow ly \rightarrow lh$  (i. e. [lj] despalatalizado para a [lj] palatalizado e este à palatal):  $lh \rightarrow lj$  (palatalizado)  $\rightarrow lj$  (palatal [lh] passa a [lj] palatalizado e este a [lj] despalatalizado). Observa-se que:

A passagem de palatal à palatalizada seguida de iode se justifica perfeitamente pelo fato das palatais, sendo mais longas do que as demais consoantes, terem uma distensão mais pronunciada, o que pode dar a entender a presença de iode, seguido imediatamente à distensão. O enfraquecimento articulatório não permitindo a palatal, faz com que gerações mais novas percebam na distensão da palatal um iode e comecem a realizar a palatal como uma consoante palatalizada (menos enérgica e firme) seguida de iode. (p.118)<sup>45</sup>.

De acordo com a descrição do autor, a lateral palatalizada, como variante de /l/ (lateral alveolar), é favorecida em alguns casos pela presença da vogal palatal ou *iode* em posição átona, do ponto de vista articulatório registra-se um avanço da língua na linha média do palato. Como variante de /k/ pode despalatalizar-se quando precedido de vogal palatal tônica.

O estudo de Cagliari, dentre os que revisamos, é o único que dá uma descrição experimental, palatográfica da palatalização, em particular como fenômeno do dialeto paulista, apontando aspectos referentes às consoantes /ʎ/ e /ɲ/. São informações importantes sobre o comportamento dessas consoantes que nos orientam quanto à identificação das variantes em nossa própria amostra, especialmente nos ajuda a distinguir a variante palatal da variante palatalizada, embora diverjamos de sua interpretação em alguns aspectos, como veremos no capítulo em que tratamos dos aspectos fonológicos.

Em vários outros estudos sobre as realizações desses segmentos, como veremos adiante, encontramos descrições baseadas em transcrições fonéticas, que identificam variante palatais, palatalizadas e despalatalizadas desses sons em todo o Brasil. As realizações despalatalizadas não têm valor fonológico, porém sabemos que as variantes que resultam desse enfraquecimento podem sofrer maior ou menor estigmatização social, conforme o valor social a elas atribuídos, pois se acham correlacionados a fatores sociais.

---

<sup>45</sup> Ib.

## 2.2 AS PALATAIS LATERAL E NASAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO<sup>46</sup>

Diacronicamente, sabe-se que os fonemas lateral palatal e nasal palatal não faziam parte dos sistemas fonológicos do latim clássico e vulgar. Segundo Câmara Jr. (1977), no latim clássico, as laterais aparecem como anteriores simples /l/ e geminadas /ll/, as nasais como labiais simples /m/ e geminadas /mm/ e anteriores simples /n/ e geminadas /nn/. Em relação ao sistema fonológico atual, essas consoantes aparecem como anteriores no sistema latino, e como posterior no português atual, como se demonstra nos quadros abaixo (Câmara Jr.<sup>47</sup>).

| Ponto de art. |            | Labiais |            | Anteriores |              | Posteriores |              |
|---------------|------------|---------|------------|------------|--------------|-------------|--------------|
| Modo de art.  |            | Simples | Gemin.     | Simples    | Gemin.       | Simples     | Gemin.       |
| Oclusivas     | Su.<br>So. | p<br>b  | -pp<br>-bb | t<br>d     | -tt-<br>-dd- | k<br>g      | -kk-<br>-gg- |
| Constritivas  | Su.        | f       | -ff-       | s          | -ss-         |             |              |
| Nasais        |            | m       | -mm-       | n          | -nn-         |             |              |
| Laterais      |            |         |            | l          | -ll-         |             |              |
| Vibrantes     |            |         |            | r          | -rr-         |             |              |

QUADRO 02: SISTEMA CONSONÂNTICO DO LATIM CLÁSSICO

Fonte: Câmara Jr, 1977

| Ponto de art. |            | Labiais |  | Anteriores |  | Posteriores |  |
|---------------|------------|---------|--|------------|--|-------------|--|
| Modo de art.  |            |         |  |            |  |             |  |
| Oclusivas     | Su.<br>So. | p<br>b  |  | t<br>d     |  | k<br>g      |  |
| Constritivas  | Su.<br>So. | f       |  | s<br>z     |  | ʃ<br>ʒ      |  |
| Nasais        |            | m       |  | n          |  | ɲ           |  |
| Laterais      |            | -       |  | l          |  | ʎ           |  |
| Vibrantes     |            | -       |  | r          |  | R           |  |

QUADRO 03: SISTEMA CONSONÂNTICO DO PORTUGUÊS ATUAL

Fonte: Câmara Jr, 1977.

<sup>46</sup> São relacionados estudos de orientações diversas: dialetológicos, fonético-fonológicos e variacionistas.

<sup>47</sup> *Op. cit.*

Os processos fonológicos envolvidos do latim ao português, segundo Ilari (1992), é o da simplificação das geminadas latinas -ll- e -nn- como em *caballu* > *cavalo*; *annu* > *ano*, ou da palatalização da nasal e da lateral anteriores, o que também ocorreu no espanhol e no italiano, já em francês existe apenas o /ɲ/.

Coutinho (1976, p.74) também observa que no português arcaico era comum a ocorrência de geminada no meio e fim da palavra (*ella*/ela, *castello*/castelo, *mall*; *tall*), nesse último caso, pretendia-se distinguir /l/ velar do alveolar; no meio da palavra; utilizavam-se essas geminadas em decorrência da influência do latim que assim as ortografava a fim de representar o prolongamento da fase de intensão das consoantes longas como ocorria na pronúncia, como explica Ilari<sup>48</sup> (1992, p. 82). À maneira do castelhano, segundo Coutinho<sup>49</sup>, empregava-se o -ll- geminado entre vogais para indicar som palatal molhado (*valam* = *valham*) inicialmente representado pela ortografia *li* (*filia* = *filha*).

Câmara Jr. (1980) atribui o fonema /ly/ molhado a mudanças articulatorias graduais condicionadas pela vogal -i-, nos segmentos fônicos latinos -lia, -lie, -lio que passaram para o português, -lha, -lhe, -lho. Inicialmente, -i- vocálico passou a assilábico, ou *iode* (y), ditongando-se com a vogal seguinte. Nessa fase, o -l- deve ter-se realizado levemente palatalizado, mas tendo valor dental, era ainda uma variação sincrônica, sem valor fonológico, pois esse -l-, levemente palatalizado diante de *iode*, não passava ainda de uma variante posicional. A fusão do *iode* na articulação do -l- ocorreu numa terceira fase, quando se estabeleceu a articulação “molhada” da consoante, com valor fonológico, portanto desaparecendo diante de -i silábico com valor fonológico, dando a [ʎ] o estatuto de fonema em oposição a [l].

Silveira (1988) mostra que nos grupos de consoantes intervocálicas do tipo -pl-, -cl-, -bl-, -gl-, -ly-, -gl-, -ly- passam a -lh- (*scop(u)lu*>escolho; *espec(u)lu*>espelho; *trib(u)lu*>trilho; *teg(u)la*>telha; *cing(u)la*>cilha; *filiu*> *filyu* >filho). Para a consoante -n-, em posição intervocálica desaparece (*arena*>*arẽa*>areia), dentre os três fenômenos fonéticos resultantes disto está o desaparecimento da consoante e o surgimento de um fonema de transição (*vinu*>*vão*>vinho). Nos grupos de consoantes -gn-, -ny-, a nasal passa a -nh-, como nas formas *lignu*>linho; *maniana*>*manyana*>manhã.

A palatalização da nasal e da lateral anteriores é descrita por Silva (1991) considerando-se que -ni- >-nh-; -li-, -lli-, -kl-, -gl-, -pl- > lh. A queda da nasal alveolar

---

<sup>48</sup> Op. cit.

<sup>49</sup> *Ibid.*

simples /n/ seria fenômeno característico das variantes hispanorromânicas<sup>50</sup> do noroeste peninsular, que é a variante galego-portuguesa, iniciada por volta do século X ou XI, e tem sua origem no galego e no português setentrional em contraste com a variante hispanorromânica centro-meridional. A queda da consoante /n/, dentre outros fenômenos resultou na formação de hiatos vocálicos nasais com vogais de alturas diferentes. Assim, a formação de hiato nasal constituído de vogal nasal anterior palatal, como em vocábulos como *vão*, *farão*, vai ser desfeita de modo que há a inserção da consoante nasal palatal /ɲ/, como demonstram as grafias sucessivas -ão, -ãoho, -inho; -ão, -ãoha, inha.

Embora se admita a realização da consoante nasal palatal já no século XIII, conforme atesta sua representação gráfica <nh> tomada de empréstimo do francês, Michäelis<sup>51</sup> (*apud* Hany, 1994, p. 35) afirma haver ainda oscilação entre ll, nn; ly, ny ou yn, e l-n simples, assim permanecendo até o século XIV; a distinção ortográfica por sua vez só vai ocorrer a partir do séc. XVI.

Obviamente, a introdução das consoantes resultantes dessas mudanças produziu uma nova configuração no sistema consonântico do português, no que se diferencia de outras línguas românicas<sup>52</sup>. No processo de evolução desses fonemas os aspectos articulatórios são determinantes, nota-se que a assimilação decorre do fenômeno de palatalização, que o é fator significativo para as mudanças envolvidas.

Foneticamente, as causas da despalatalização são atribuídas ao enfraquecimento do contato línguo-palatal, diminuindo área de contato, encurtando-o para frente ou para trás. Assim consoantes palatais ou palatalizadas regridem para a região anterior ou posterior, como historicamente ocorreu em *coelu kelu>celu>seu* (céu). Sincronicamente, é o que se chama de “tendência ieisante” da língua, que ocorre na passagem de /k/ e /p/ a [y] (Cagliari, 1974).

A despalatalização é apontada como uma etapa de evolução da palatal, a partir da qual se operam outras transformações. A realização palatalizada, um dos aspectos da

---

<sup>50</sup> SILVA (1991, p. 79) observa que “As palatalizações românicas (não só as portuguesas) resultam de complexa mudanças fonéticas, na maioria dos casos, condicionadas pelo contexto fônico: presença de vogal ou semivogal palatal /i/, /e/, seguindo consoantes oclusivas. Note-se que se designa pelo termo geral de palatalização fenômenos que tenham como característica fonética a posteriorização em direção ao palato de uma articulação anterior, dental, ou anteriorização em direção ao palato de uma realização posterior, velar. Então são consideradas palatalizações tanto as assibilações como as palatalizações das oclusivas dentais e velares.”

<sup>51</sup> MICHÄELIS VASCONCELOS, C. Lições de Filologia Portuguesa. Lisboa, **Revista de Portugal** [1946].

<sup>52</sup> Quanto às ocorrências das palatais lateral e nasal nos demais sistemas fonológicos oriundos do latim, sabe-se que no francês arcaico havia a realização [ɲ] que foi substituída, no francês moderno, pelo *glide* [j] como na forma *fille*, o fonema nasal palatal também ocorre no francês moderno como na forma *agneau*. No espanhol, à semelhança do português, há a ocorrência da lateral palatal como nas formas *llorar*, *calle*, bem como da nasal palatal. Em italiano registra-se a ocorrência de ambos os fonemas como nas formas *foglia*, *giugno* o mesmo não ocorrendo em romeno (Dubois, 1998; Ilari, 1992).

despalatalização, é uma realização intermediária na passagem da palatal para não-palatal. A realização despalatalizada nesse nível não é percebida pelos falantes, por não ter valor fonológico. Entretanto, as variantes que resultam desse enfraquecimento sofrem maior ou menor estigmatização social. As etapas resultantes desse processo apresentadas pelo autor citado são: palatal, palatalizada com *iode*, palatalizada sem *iode*, despalatalizada com *iode*.

Sincronicamente, estudos demonstram que esses sons sofrem despalatalização, sendo essas variações mais ou menos aceitas, de acordo com os grupos sociais que as utilizam; noutras palavras, além de fatores lingüísticos, fatores sociais condicionam esses diferentes usos que são identificados como padrão/não-padrão conforme os rótulos sociais aos quais se encontram relacionados.

Muitos desses estudos registram as várias ocorrências de fenômenos de variação associados aos fonemas palatais lateral e nasal, sobretudo aqueles relacionados ao primeiro, tanto no nível lingüístico quanto extralingüístico. As denominações variam e encontramos termos como despalatalização, desconsonantização, semivocalização, vocalização, iotização, iodização, ieísmo, lheísmo para designar fenômenos fonéticos variáveis dados ora como semelhantes ora como diferentes.

Estudiosos tradicionais como Amaral (1920), Nascentes (1953), Marroquim (1934), Melo (1981), Silva Neto (1986), apontam para a produtividade, no português brasileiro, do fenômeno de iotização ou despalatalização de /ɫ/, considerada característica dos falares crioulos registrados em Cabo Verde, Guiné, São Tomé, Ceilão (Sri Lanka), Dio, Goa e Ilha do Príncipe. Silva Neto (1986) fala da desconsonantização da palatal nasal no nordeste do Brasil, em algumas formas, lembrando que no Ceará, o diminutivo passa de -ão para -i perdendo a vogal final.

Melo (1981, pp. 58-59) reconhece a despalatalização, mas questiona a influência do tupi, como defendem outros, comparando esse processo ao ocorrido na pronúncia do fonema palatal lateral francês atual, e lembra a mesma transformação em três dialetos crioulos portugueses: *véi* (velho), (Cabo Verde), *fíya* (filha) (Guiné), *foya* (folha) (São Tomé). Para Melo, a semivocalização é fenômeno comum ao interior do Brasil, observando que haveria a de pronúncia de [l] por [ɫ] em Goiás, por influência nordestina, sendo mais restrita a certos lugares da Bahia. Já a palatal /ɲ/ é tida como ausente no Nordeste do país, ocorrendo neste contexto a nasalização de -i- tônico (arc.), do -ê-, -ô-, ou -u- tônicos, seguidos de -y-, ou um -i- semivogal nasalado.

Câmara Jr. (1977; 1986) atribui o fenômeno de iotização em língua portuguesa aos falares crioulos e identifica a ocorrência de neutralização do contraste entre /l/ e /ʎ/, assim como entre /n/ e /ɲ/, diante de [i], com realização apenas dos primeiros. Já Spina (1987) atribui esse processo à influência simultânea das línguas indígenas e africanas e, citando Mendonça (1936), afirma que a vocalização de /ʎ/ ocorria nos falares das populações luso-africanas das ilhas do Cabo Verde, São Tomé, Príncipe e Ano Bom, nas quais não se falava a língua tupi.

Cagliari (1974), ao realizar seu estudo palatográfico sobre o dialeto paulista, identifica as realizações [ʎ] e [ɲ] (“palatais “verdadeiras”), além das realizações [ly] para /ʎ/ e [ỹ] para /ɲ/. A partir da comparação com estudos de Rousselot<sup>53</sup> (1928, apud Cagliari, 1974) para o português, Cagliari atribui às gerações recentes a tendência de /ɲ/ para [y] e considera a realização [y] para /ʎ/ como típica de falantes brasileiros de classe social baixa e de pouca instrução, como os falantes de região rural. Ele ainda afirma que a variante palatalizada de /ʎ/ e /ɲ/ seria menos estigmatizada do que a variante despalatalizada por representar um estágio intermediário de pronúncia, entre duas formas polarizadas. As pronúncias são identificadas da seguinte forma: consoantes palatalizadas, nas quais se incluem [ɲ] e [l] palatalizados; consoantes palatais, das quais constam [ʎ] e [ɲ] “verdadeiros”; consoante não-palatal seguida de *i*od, em que se encontram [ny], [ly], consoante palatal seguida de *i*od, como [ʎy], [ɲy], consoante palatalizada seguida de iode [ny], [ly].

Penha (1972), em seus estudos dialetológicos na zona rural do Sul de Minas Gerais, registra a despalatalização de /ʎ/ para /l/ e /y/. Para /ɲ/, são identificadas as realizações [y] e [n].

Na descrição do inventário de fonemas do dialeto carioca, Pontes<sup>54</sup> (1973, apud Cagliari, 1974) elimina /ʎ/ e /ɲ/ do quadro dos fonemas palatais, descrevendo para o primeiro a realização lateral álveo-palatal [ly], enquanto o fonema /ɲ/ é descrito como nasal álveo-palatal [ỹ].

Caruso (1983), analisando os inquéritos preliminares de Rossi (1970), sobre o falar baiano, afirma que esses registravam, ao contrário do que se esperava, a baixa ocorrência das formas com iotização (9%) e a alta ocorrência do fenômeno de não-iotização de /ʎ/ (91%), em 5 localidades. Entretanto, novos levantamentos das ocorrências e das áreas dialetais mostraram a tendência para a iotização com 64,2% na região litorânea ocidental do

<sup>53</sup> Rousselot, A. P.J. **Principes de phonétique expérimentale**. 2 tomos, Didier, paris, 1924.

<sup>54</sup> PONTES, E. **Estrutura do verbo no português coloquial**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1972.

estado e 35,8% para as formas iotizadas mais concentradas no interior. A hipótese de Caruso à época é de que haveria um processo de reconstrução da palatal a partir do litoral, entrando por Salvador, rumo ao interior da Bahia, ainda sem serem identificados os condicionamentos motivadores do processo.

Numa perspectiva fonético-fonológica, Silveira (1986) também afirma que o fonema /ʎ/ é realizado por [ʎ], mas são encontradas outras bases articulatorias, tais como [y, yy, l, ly]: a variante [y] ocorre como variante combinatória, em posição intervocálica, mas com pausa entre as sílabas [mu yé]; para [yy], além da semivocalização, há propagação, sendo, portanto, variante combinatória de posição intervocálica, sem pausa entre sílabas [muyyé]; a realização alveolar /l/ por /ʎ/ como em [ˈɔlus] olhos, seria variante livre, bem como ainda a realização [ly] como em [ˈfilyu] filho. Silveira atribui o ieísmo brasileiro à norma regional, estando associado aos falares caipira. Ainda de acordo com a mesma autora, [ɲ] é a norma em todo o Brasil, podendo ocorrer com as variantes [ɲ, ny, n].

Mercer<sup>55</sup>, (1947 apud Silva, 1987) afirma que na cidade de Imperatriz (MA) foi registrada a ausência das palatais lateral e nasal na fala de informantes com menos de vinte anos, os quais realizam as variantes [l] e [n] apicais seguidos de [y].

Dois outros estudos, de Rodrigues (1974) e Oliveira (1983, *apud* Madureira, 1987), o primeiro sobre o falar de Piracicaba-SP e o segundo sobre o de Belo Horizonte - MG,, identificam a variação [ʎ] ~ [y] e mostram que a realização semivocalizada da lateral palatal está associada às classes baixas e ao “falar errado”. Especialmente Oliveira registra o uso esporádico da variante [y] por falantes de grupos mais favorecidos economicamente. O uso desta variante é feito mais por falantes de classes sociais mais baixas e no estilo informal, não sendo favorecida entre mulheres; já o uso de [l] por [ʎ] em falantes mais velhos no estilo formal é considerada uma variante com maior prestígio do que [y], mas em extinção.

Em Belo Horizonte (MG), Madureira (1987) também analisa a vocalização de /ʎ/, pelos parâmetros sociais. O estudo demonstra que a regra de vocalização, no conjunto geral dos dados, é mais favorecida no grupo sócio-econômico menos favorecido (1ª- 4ª série), entre homens, jovens e adultos e no estilo formal. O resultado para este último fator é relacionado pela autora à metodologia de coleta de dados, considerada inadequada. A relação entre esses parâmetros e a difusão lexical nos quatro blocos de itens lexicais mostra a gradação decrescente do favorecimento do grupo sócio-econômico menos favorecido e da faixa etária,

---

<sup>55</sup> MERCER, José Luiz. Notas sobre o falar de Imperatriz. **Construtura** - Revista de Linguística, Língua e Literatura. Curitiba: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná. Ano 2, n.4, p. 264, dez, 1947.

em cada bloco, o que leva a autora a concluir que a vocalização representa um processo de difusão lexical, que se processa no nível estrutural e não estrutural.

A abordagem dialetológica de Aguilera (1987) registra, na cidade de Londrina (PR), os seguintes fenômenos variáveis de /ɫ/: despalatalização por iotização; despalatalização por síncope ou por apócope, sem resquício de [j]; despalatalização por substituição; palatalização, por hiperurbanismo, na zona rural; palatalização seguida de rotacismo (*orvalho* > *orváliu* > *orváriu*). Para /ɲ/, a autora identifica a realização despalatalizada [j].

No Atlas Lingüístico do Paraná, as realizações fonéticas de /ɫ/ são retomadas por Aguilera (1988). A partir de sete vocábulos são identificadas as realizações [ɫ], [j] e [0], a primeira considerada a variante culta e a mais produtiva para a maioria dos vocábulos, e as duas últimas sendo mais freqüentes nas regiões predominantemente rurais do estado. O estudo revela que o uso dessas variantes está relacionado à universalidade (variante padrão) ou à especificidade do uso de termos (arcaicidade, variante não padrão).

Aragão (1997), a partir de 04 cartas fonéticas do Atlas Lingüístico da Paraíba, identifica a alta freqüência e a distribuição da despalatalização seguida de iodização de /ɫ/ e /ɲ/ na fala de informantes masculinos e femininos, de 25 municípios, na faixa etária de 30 a 75 anos. A distribuição dos processos de despalatalização para /ɫ/ são mais freqüentes nas faixas etárias de 51-60 (19,0%), 61-70 (25,4%), acima de 70 (24,4%) e menos freqüentes nas faixas de 30-40 (14%) e 41-50 (16,8%). Quanto aos níveis sócio-culturais considerados, a iotização da lateral palatal se distribui em 52,6% entre analfabetos, 27,6% entre falantes com primário incompleto e 19,8% entre falantes com primário completo. Os resultados semelhantes são descritos para iotização da nasal palatal, conforme a faixa etária e nível sócio-cultural, com a seguinte distribuição: 30 a 40 anos - 8,15%; 41 a 50 anos - 1,5%; 51 a 60 anos - 21,5%; 61 a 70 anos - 30,52%; acima de 70 anos - 21,21%. Em relação ao nível sócio-cultural, a iotização é mais freqüente entre analfabetos (45,0%), seguindo-se falantes com primário incompleto (37,3%) e com primário completo (17,36%).

A análise de Brandão (1996), em de 21 cartas de quatro Atlas lingüísticos brasileiros (ALPB, AFPB, ALSE, EALMG), descreve para o fonema /ɫ/, os fenômenos de manutenção da lateral palatal (35%); permuta por [lj] (2%); iotização com manutenção da vogal subsequente (38%); iotização com apagamento da vogal subsequente (15%); permuta por [l] (0%); síncope (10%). Para o fonema /ɲ/, registram-se os seguintes fenômenos: a manutenção de [ɲ] (22%); a iotização (48%), o cancelamento (30%), e uma única ocorrência de permuta

por [n]. O fenômeno de iotização, no caso da lateral palatal, parece motivado por fatores estruturais e por fatores de ordem geográfica, com a seguinte distribuição: a iotização ocorre na Bahia - 72%; Sergipe - 64%; Paraíba - 58%; Minas Gerais - 43%. O dialeto baiano é o que apresenta a maior tendência para a iotização, ao passo que o nordestino apresenta menor tendência. No âmbito extralingüístico, tanto no falar nordestino (representado pela Paraíba) quanto no falar baiano predomina a iotização (72% e 52%), com maior probabilidade no primeiro (.90).

Pontes (1996), a partir de dados coletados em duas comunidades rurais de no falar rural de Rosário do Avaí (PR), analisa a variação [ʎ] - [y]. Os dados foram reunidos em dois conjuntos de itens lexicais, um conjunto especial (CE), com traços do falar caipira, e outro conjunto geral (CG), com traços da pronúncia do português padrão. A análise sociolingüística revelou que a escolaridade é relevante nos dois conjuntos de itens lexicais, ao passo que a idade e o sexo são relevantes apenas para os itens de CG. Dentro do fator escolaridade, ambos os grupos apresentam a variante semivocalizada nos diferentes níveis de escolaridade, entretanto, os percentuais são mais altos para os falantes não escolarizados, ao contrário dos de maior escolaridade. A distância de usos se torna ainda maior nos itens do grupo CG. A conclusão do autor é que entre falantes do grupo CE, há menor consciência da estigmatização da variante [y], ao contrário dos falantes do grupo CG, confirmando que, no nível extralingüístico, as variantes ditas caipiras são mais usadas por falantes menos escolarizados, já os fatores idade e sexo são instáveis.

Os estudos de Silva e Moreira (1997) analisam o comportamento das palatais lateral e nasal na fala de 13 comunidades pesqueiras do Norte-Nordeste do Estado do Rio de Janeiro (Projeto APERJ), a partir de um *corpus* formado por entrevistas com 6 informantes masculinos, semi-alfabetizados e analfabetos, distribuídos nas faixas etárias de 18 - 35 (A), 36-55anos (B), 56 -70 (C). Os processos relacionados à variável /ɲ/ são a manutenção de [ɲ], com 59%, e a não concretização da nasal palatal, que atinge 41% dos dados. Este último distribuído nos processos de síncope com nasalização da vogal precedente (24%); síncope com nasalização da vogal precedente e cancelamento da vogal subsequente (11%); síncope sem nasalização da vogal precedente (3%); permuta por [n] (1%); permuta por iode (1%). A tendência ao cancelamento (64%), em alguns casos com a redução para [ĩ], predomina entre falantes mais velhos das regiões interiorana e litorânea.

Para /ʎ/, foram observados os fenômenos de manutenção (72%), permuta por [lj] (17%), permuta por [l] (5%), permuta por [j] (5%) e síncope (1%). A forma [lj] é a mais

produtiva entre falantes de comunidades litorâneas das três faixas etárias selecionadas (18-35; 36-55; 56-70), enquanto [j] ocorre mais na fala interiorana entre os falantes da última faixa.

A partir dos *corpora* do Atlas Lingüístico da Paraíba e do Projeto Dialetos Sociais do Ceará, Aragão (1997) identifica os seguintes fenômenos variáveis: para /ɲ/: apagamento quando antecedido de vogal fechada, em sílaba nasal [‘mɲa > m̃ia]; permanência em sílaba medial e final no falar do Ceará [kupesu], raramente no da Paraíba; iotização em sílaba medial e final [bãɲu > bã̃y], [apãɲadu > apã̃yadu]. Fenômenos semelhantes são relacionados a /ʎ/: permanência tanto em sílaba medial quanto final [‘miʎu], [mi’ʎɔra]; iotização em sílaba medial e final [‘fiʎu > fĩy], [trabaʎa’doh > trabaya’d̃o]. A autora ainda registra a baixa ocorrência tanto de dupla iotização [ʎ, ɲ > yy] quanto de despalatalização simples do /ʎ/ para /l/. Aragão atribui a Seraine (1985) a afirmação de que a despalatalização, a iotização e o apagamento desses fonemas no falar de Fortaleza relacionam-se ao aspecto diastrático, ocorrendo mesmo no falar de pessoas cultas. Essa mesma autora, em outro trabalho (1998), relaciona a iotização na Paraíba aos informantes analfabetos, de faixa etária mais alta e baixa renda econômica.

Para fins de comparação, Aguilera (1999) analisa as realizações de /ʎ/ em quatro Atlas Lingüísticos, de Minas Gerais (EALMG), Sergipe (ALSE), Bahia (AFPB) e Paraíba (ALPB), a partir de cartas correspondentes a nove itens lexicais (*arco-da-velha*, *cambalhota*, *orvalho*, *silhão*, *cilha*, *dor d’olhos*, *sarolha*, *borralho*) além das cartas únicas do ALPB correspondentes aos itens *olho d’água*, *olho de boi*, *doença-de-olhos*, *zanolho* e *braguilha*. No AFBP, de 24 ocorrências para *arco-da-velha* são registrados 58% de iotização, 9% de zero fonético e 33% de [ʎ], considerada pela autora como a norma padrão culta urbana. No EALMG de 39 registros para *cambalhota* 56% são de [ʎ] e 44 % de iotização, considerada própria da fala rural e inculta, conforme a autora. Para *orvalho* há 79 registros, sendo destes 87% de [ʎ] se 13 % para [y], enquanto no ALPB são encontradas 52% para a primeira e 48% para segunda. Para *silhão*, no AFBP são encontrados, de 23 registros, 52% da palatal contra 48% de síncope, já no ALSE de 3 registros 2 apresentam a manutenção da palatal. No AFBP, para *cilha* 60% apresentam a síncope e 10% iotização, enquanto nos demais Atlas registra-se somente a forma culta. No ALSE registram-se 75% de síncope e 25% de iotização. Para o item *dor-d’olhos*, registram-se os seguintes percentuais de iotização: no AFBP 74% de 69 registros; no ALPB, de 15, 73%, no ALSE, de 24, 83%. De 53 registros para *sarolha*, no AFBP, 25% são de manutenção da palatal, 60% de iotização e 15% de síncope. No ALSE 87% são iotizados. No AFBP e no ALSE encontram-se ainda, para *borralho*, 66% e 82%

respectivamente de iotização. Nas cartas exclusivas do ALPB a iotização para *braguilha* e *zanolho* é respectivamente de 80% e 81%; 32% para *doença-dos-olhos* e 51% para *olho d'água*. Ao analisar a distribuição diatópica e a frequência das realizações populares/rurais da lateral palatal, como considera as formas despalatalizadas, Aguilera revela que alguns itens lexicais regionais da Bahia, Sergipe, e Paraíba, próprios da linguagem rural e inculta, apresentam maiores índices de despalatalização (*braguilha*, *cilha*, *dor d'olhos*, *sarolha*, *zanolho*). Entretanto, outros itens não têm realizações uniformes, uma vez que alguns têm altos índices de iotização em alguns falares e em outros não.

Cristófar-Silva (2001) identifica três realizações relacionadas ao fonema /ʎ/: a realização lateral palatal [ʎ], a realização palatalizada [lj], a exemplo do que ocorre no termo [o'ljada] *olhada*, e a realização [y]. A variante [ʎ] tem ocorrência na fala de poucos falantes do português brasileiro, realizando em sua maioria a alveolar ou dental palatalizada [lj]. Para o fonema /ɲ/, a autora afirma que a maior ocorrência é do segmento vocálico nasalizado [ỹ̃]. Outra realização é a nasal alveolar palatalizada [ɲj], como ocorre na fala de Belém do Pará.

Soares (2002), a partir de um corpus constituído por 42 informantes da zona urbana da cidade de Marabá, Sudeste do Pará, analisa as realizações das palatais nasal e lateral. A análise levou em conta 5 grupos de fatores estruturais e 6 não-estruturais, totalizando 11 grupos de fatores. Os dados foram analisados de acordo com a metodologia quantitativa, sendo utilizado o pacote de Programas Varbrul. A partir disto, pode-se verificar que a análise que as realizações ([ʎj], [lj] e [j]; [ɲ], [ɲj] e [j]) são determinadas, em termos probabilísticos, tanto por condicionamentos estruturais quanto por condicionamentos sociais que concorrem simultaneamente para a variação desses fonemas.

Pelos fatores sociais, foi possível constatar a influência significativa que exercem para o fenômeno de variação. Verificou-se que as variantes são usadas por diferentes grupos sociais, porém há tendências claras de uso, de acordo com a estratificação social dos falantes e a aplicação da narrativa e do questionário, formas pelos quais os dados foram obtidos, de maneira que as variantes gozam de *status* social diferenciado.

A escolaridade exerce uma considerável influência sobre as ocorrências. A inserção dos falantes nos níveis mais altos de escolaridade (5ª-8ª séries e 2º-3º graus) revela que suas escolhas tendem para as variantes [lj]-[ʎj], [ɲj]-[ɲ], enquanto os falantes com pouca ou nenhuma escolaridade (0-3ª série) dão preferência ao uso da semivocalizada.

A faixa etária exerce influência da seguinte forma: entre os mais jovens (15-25 anos), há predominância do uso de [ʎj] e [lj] e de [ɲ]; entre falantes da faixa intermediária (26-45

anos ) há tendência ao uso de [lj] e [ɲj]; entre os falantes da terceira faixa (acima de 46 anos) há preferência pela semivocalizada.

A influência do fator renda indica que falantes de baixa renda dão maior preferência ao uso das variantes [lj]-[j] e [ɲj]-[j], enquanto os de renda média dão preferência para [ʎj]-[lj] e [ɲ]. A baixa quantidade de dados para [ɲ] (5%) em relação à quantidade das demais variantes da nasal palatal fez-nos supor que, embora as realizações [ɲj] e [j] sejam preferidas na renda baixa, elas não possuem o mesmo tipo de aceitação social.

A comparação entre os resultados do grupo de fatores sexo mostrou que não há grande diferença entre falantes homens e mulheres quanto ao uso das variantes, no entanto, constatamos que as mulheres tendem mais à conservação das variantes [ʎj]- [lj] e [ɲj], enquanto os homens dão maior preferência ao uso de [lj] e [j].

Constatou-se ainda que as preferências pelas variantes também se relacionam ao uso da narrativa e do questionário, para a obtenção dos dados. De fato, os dados mostram que narrativa atua de forma a desfavorecer o uso das formas [ʎj] e [ɲ], apresentando tendência favorecedora para [j], ao passo que questionário revela maior favorecimento ao uso de [ʎj] e [ɲ] e o não favorecimento ao uso de [lj] e [j].

O quadro a seguir sintetiza os fenômenos fonológicos identificados nos diferentes estudos aqui discutidos:

| Fenômenos para /ʎ/                      | Variantes                                                                                                       | Exemplos                               |
|-----------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|
| 1. Manutenção da palatal                | - lateral palatal [ʎ]<br>- lateral palatalizada [ʎʲ]                                                            | [ˈpaʎa] ‘palha’<br>[ˈpaʎʲa] ‘palha’    |
| 2. Despalatalização sem vocalização     | - lateral dental/alveolar [l]<br>- lateral dental/alveolar seguida de semivogal [lj]                            | [muˈlɛ] ‘mulher’<br>[muˈlje] ‘mulher’  |
| 3. Despalatalização com semivocalização | - Semivogal com propagação sem pausa entre sílaba [jj]<br>- semivogal sem propagação com pausa entre sílaba [j] | [muˈyyɛ] ‘mulher’<br>[mu.ˈyɛ] ‘mulher’ |
| 4. Despalatalização sem semivocalização | - zero fonético [ø]                                                                                             | [tea] ‘telha’                          |

QUADRO 04: PROCESSOS FONOLÓGICOS PARA /ʎ/

| Fenômenos para /ɲ/       | Variantes                                        | Exemplos            |
|--------------------------|--------------------------------------------------|---------------------|
| 1. Manutenção da palatal | - nasal palatal [ɲ]<br>- nasal palatalizada [ɲʲ] | [ˈbaɲa]<br>[ˈbãɲʲa] |

|                                         |                                                   |          |
|-----------------------------------------|---------------------------------------------------|----------|
| 2. Despalatalização semivocalização     | - nasal dental/alveolar seguida de semivogal [nj] | [ˈsõnju] |
| 3. Despalatalização com semivocalização | - semivogal [j] nasalizada ou não                 | [ˈsõju]  |
| 4. Despalatalização sem semivocalização | - zero fonético [ø]                               | [sẽˈɔra] |

QUADRO 05: PROCESSOS FONOLÓGICOS PARA /p/

A visão geral fornecida por todos esses estudos, como demonstrado nos quadros acima, permite-nos identificar os principais processos fonológicos que envolvem esses fonemas no português brasileiro.

### 2.3 /ɰ/ E /p/ PELA GEOMETRIA DE TRAÇOS

Como se disse anteriormente, a especificação dos traços distintivos dos sons, que definem os sistemas da língua, é um dos ganhos teóricos da fonologia gerativa linear, no que é seguida de perto pela fonologia não linear<sup>56</sup>. No caso particular dos sons palatais nasal e lateral, ainda na perspectiva linear da *SPE*, Cristófar-Silva (2001) apresenta a seguinte especificação para os segmentos palatais nasal e lateral, alguns dos quais são mantidos na Geometria de Traços, como sintetizamos no quadro seguinte

| Traços        | ɰ | ɰ̃ |
|---------------|---|----|
| Consonantal   | + | +  |
| Silábico      | - | -  |
| Soante        | + | +  |
| Contínuo      | - | +  |
| Solt. Retard. | - | -  |
| Nasal         | + | -  |
| Lateral       | - | +  |
| Anterior      | - | -  |
| Coronal       | + | +  |
| Alto          | + | +  |
| Recuado       | - | -  |
| Arredondado   | - | -  |
| Baixo         | - | -  |
| Vozeado       | + | +  |

<sup>56</sup> Lembrando, porém que a visão monolítica de fonema como feixe de traços é abandonada; assume-se que um processo fonológico pode operar tanto sobre um conjunto de traços quanto sobre apenas um traço da forma subjacente.

|       |   |   |
|-------|---|---|
| Tenso | + | + |
|-------|---|---|

QUADRO 06: TRAÇOS FONOLÓGICOS DE /ɰ/ E /p/  
DE ACORDO COM CRISTÓFARO-SILVA (2001)

Já Souza e Santos (2004), tendo por base proposta de Abaurre<sup>57</sup> (1992), atribuem à lateral palatal o traço vocálico e afirmam que as laterais são todas coronais. Isso parece corroborado por alguns estudos segundo os quais os sons laterais seriam sempre coronais entretanto não há concordância quanto a isto, conforme os autores apontados por Hall (1997). Para Clements e Hume (1995), o status do traço [lateral] não é de fácil configuração, devido poder ligar-se tanto ao nó [coronal] quanto ao nó de raiz.

De fato, a falta de consenso nesse ponto pode ser observada na especificação plena apresentada por Cagliari (1997) para as consoantes nasal e lateral palatais em português:

| Traços           | /p/ | /ɰ/ |
|------------------|-----|-----|
| Consonantal      | +   | +   |
| Sonorante/soante | +   | +   |
| Nasal            | +   | -   |
| Contínua         | -   | +   |
| Labial           | -   | -   |
| Coronal          | +   | -   |
| Anterior         | -   | -   |
| Distribuído      | +   | +   |
| Dorsal           | +   | -   |

QUADRO 07: TRAÇOS DE /p/ E /ɰ/; ADAPTADO DE CAGLIARI  
(1997: p.27)

Pela sub-especificação, isto é, levando em conta somente os traços do tipo [+] que entram nas regras fonológicas, o mesmo autor propõe a seguinte matriz:

| Traços           | ɰ | ɰ̥ |
|------------------|---|----|
| Consonantal      | + | +  |
| Sonorante/soante |   | +  |
| Nasal            | + |    |
| Coronal          | + |    |
| Dorsal           | + |    |

QUADRO 08: TRAÇOS DE /p/ E /ɰ̥/; ADAPTADO DE CAGLIARI  
(1997, p.28)

<sup>57</sup> Segundo anotações de curso “Fonologia”, na Unicamp, na data referida.

Em síntese, a partir das análises propostas<sup>58</sup>, pode-se chegar ao seguinte conjunto de traços para /k/, /p/:

FONOLÓGICOS DE /p/E

O  
vocálico no qual os  
realizam recebe os  
vocálicos:

| Segmentos<br>Nós/propriedades               | /k/    | /p/ |
|---------------------------------------------|--------|-----|
| <b>Nó Raiz</b>                              |        |     |
| Soante                                      | +      | +   |
| Aproximante                                 | +      | -   |
| Vocóide                                     | ±      | -   |
| Nasal                                       | -      | +   |
| <b>Nó Laríngeo</b>                          |        |     |
| Aberta                                      | -      | -   |
| Apertada                                    | -      | -   |
| Sonoro                                      | +      | +   |
| <b>Nó Cavidade Oral</b>                     |        |     |
| Contínuo                                    | -<br>+ | -   |
| <b>Nó Ponto de<br/>articulação de Cons.</b> |        |     |
| Labial                                      | -      | -   |
| Coronal                                     | +      | +   |
|                                             | -      |     |
| [anterior]                                  | -      | -   |
| [distribuído]                               | +      | +   |
| Dorsal                                      | -<br>+ | -   |
| <b>Nó Vocálico<sup>59</sup></b>             |        |     |
| <b>Nó Ponto de<br/>articulação de Vogal</b> |        |     |
| Labial                                      | -      | -   |
| Coronal                                     | +      | +   |
| [anterior]                                  | -      | -   |
| [distribuído]                               | +      | +   |
| <b>Nó de Abertura</b>                       |        |     |
| Aberto 1                                    | -      | -   |
| Aberto 2                                    | -      | -   |
| Aberto 3                                    | -      | -   |

QUADRO 09: TRAÇOS  
/k/.

ambiente  
alofones se  
seguintes traços

<sup>58</sup> Incluindo-se a de Silva para /k/ (1997, p.92).

<sup>59</sup> Admitindo-se serem esses segmentos complexos (articulação secundária), conforme se discute adiante.

|         | i | e | ɛ | a | æ | o | ɔ | u |
|---------|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Labial  | - | - | - | - | - | + | + | + |
| Coronal | + | + | + | - | - | - | - | - |
| Dorsal  | - | - | - | + | + | + | + | + |
| Aberto1 | - | - | - | + | + | - | - | - |
| Aberto2 | - | + | + | + | + | + | + | - |
| Aberto3 | - | - | + | + | - | - | + | - |

QUADRO 10: TRAÇOS FONOLÓGICOS DE VOGAIS, ADAPTADO DE CAGLIARI (1997:40)

### 2.3.1 /k/ E /p/ como segmentos complexos

De modo abrangente, Wetzels (1997) propõe uma análise desses segmentos em língua portuguesa como segmentos complexos: Por meio de argumentos que remetem à estrutura silábica, o autor defende que essas soantes são geminadas fonológicas. O primeiro dos argumentos remete à Restrição de Rima Máxima (RRM), segundo a qual a rima em PB só poder conter, no máximo, duas posições (VC), como núcleo e coda, excepcionalmente uma terceira posição pode ocorrer, sendo essa, obrigatoriamente, ocupada por /s/. Segundo a noção de sílaba pesada<sup>60</sup>, que se define por ser aquela rima com duas posições preenchidas, as sílabas que contêm vogais nasais ou ditongos não podem ser seguidas de uma líquida<sup>61</sup> e sílabas terminadas em líquidas não podem ser seguidas por uma consoante nasal na mesma sílaba.

Conforme aponta Wetzels<sup>62</sup>, em PB encontram-se dois tipos de nasalidade: a contrastiva e a alofônica. A contrastiva é a nasalidade obrigatória observada pela presença da consoante nasal em coda (*campo, pente*)<sup>63</sup>; a alofônica deve-se ao espreadimento da nasalidade de uma consoante nasal para um elemento vocálico precedente (c[ã]ma,)<sup>64</sup>, podendo ser explicada pela aplicação de regras variáveis lingüísticas e não lingüísticas. A partir de diversos dados do português, o autor chama a atenção para o fato de a nasalização alofônica, decorrente da presença de nasais palatais depois da vogal da sílaba anterior (ar[ã]nha), ocorrer

<sup>60</sup> Numa perspectiva mais tradicional, diz-se *silaba travada* em oposição à *silaba leve*.

<sup>61</sup> Chamadas de líquidas “tautossilábicas”.

<sup>62</sup> *Ibid.*

<sup>63</sup> O que torna o acento na sílaba pré-final obrigatório.

<sup>64</sup> A nasalização é mais sistemática nas vogais acentuadas.

independentemente da posição do acento primário, como se dá com a nasalização contrastiva, sendo, portanto, categórica (cf. ABAURRE e PAGOTTO, apud WETZELS<sup>65</sup>, 1997).

Esse comportamento diferenciado, dos dois tipos de nasalidade, leva o autor a afirmar que, em termos de representação lexical, nos casos de /ɲ/, a nasalidade se localiza na coda, como ocorre com *campo*, *pente*. Do ponto de vista fonológico, isto significa considerar as soantes palatais como geminadas lexicais /ɲɲ, ʎʎ/, o que conseqüentemente leva a sílaba precedente a tornar-se uma sílaba pesada. Pela RRM, essas soantes não poderiam ser precedidas por este tipo de sílaba.<sup>66</sup> Portanto, vê-se que /ɲ/ só pode ser precedida por uma vogal, isto é, por rima não ramificada, pois, a primeira mora da consoante palatal, que é duplamente articulada, já ocupa a coda da rima anterior, o que explica não ser admissível a ocorrência de sílaba pesada antes desses segmentos.

Isso também implica que a ocorrência de /ɲ/ entre as duas últimas vogais de uma palavra, que tenha pelo menos três sílabas, faz com que o acento não passe da sílaba pré-final, devido não a existência de palavras proparoxítonas com uma sílaba pesada pré-final, conforme \**ámeixa*, \**Geraldo* por comparação com *alc[ú]nha*, *faç[á]nha*, *cam[i]nho* etc.

Outro fato corrente em PB, que vem a confirmar tal hipótese, diz respeito a não ocorrência de /ɲ/ em início de palavra, a não ser aquelas de origem estrangeira, como *rhoque* (it. *gnhocchi*), pronunciadas como [jóki], isto demonstraria que a articulação complexa de /ɲ/ só é tolerada nos contextos em que essa articulação pode ser dividida entre duas sílabas, em posição intervocálica. O mesmo comportamento é identificado para /ʎ/: antes desta soante palatal são proibidas rimas ramificadas, inclusive nasais; sua ocorrência entre duas vogais finais faz o acento recair na sílaba pré-final; excetuando o ciclítico *lhe*, não há palavras iniciadas por /ʎ/, a não ser em empréstimo como *lhama* (esp. *llama*), muitas vezes pronunciadas como *ilhama*.

O terceiro argumento em favor da hipótese de soantes palatais como geminadas remete à silabificação das vogais altas diante de soantes palatais. As seqüências de vogal+vogal alta, em PB, formam ditongos decrescentes como em *teimar*, *reino* etc. Porém, estas mesmas seqüências são analisadas como bissilábicas, se depois delas ocorrerem dois tipos de segmentos: um grupo consonantal, que não pode funcionar como *onset* de sílaba complexa ou uma consoante no final de sílaba, como se vê em *Pau-lo*, *pa-ul*; *Jai-ro*, *Ja-ir*.

---

<sup>65</sup> *Ibid.*

<sup>66</sup> Para contrapor o comportamento de /ɲ/ ao de /m, n/, o autor dá exemplos como *alma*, *arma*, *abismo*; *baunilha* etc. que admitem ramificação da sílaba precedente.

Segundo demonstra Wetzels<sup>67</sup>, a RRM regula essa diferenciação silábica, que exclui uma sequência do tipo triposicional /aul/ e cria o hiato. A ocorrência de /ɲ/ em palavras como *ra-i-nha*, *mo-i-nho*, *fa-u-lha* etc. mostra a obrigatoriedade de sequências do tipo /Vi,u/<sup>68</sup> no contexto que precede a soante palatal. Enfim, o fato da não existência de ditongos antes de /ɲ/, associado ao fato das soantes palatais não permitirem o acento na antepenúltima sílaba, poderia ser justificado pela estrutura geminada desses segmentos que torna a sílaba pré-final uma sílaba pesada; por fim, e para concluir, a propriedade de “*stress-attracting*” das soantes palatais resultaria de sua natureza geminada e não da palatalidade.

Outros argumentos podem ser encontrados para justificar a defesa do comportamento dessas soantes como segmentos complexos em língua portuguesa. Por exemplo, nos estudos sobre aquisição dos sons palatais /ʃ/ e /ʒ/ (denominados palato-alveolares), Hernandorena (1994) reconhece as palatais nasal e lateral como segmentos complexos, pois apresentam mais de uma articulação no trato oral. Brescancini (2003) atribui a complexidade desses sons à coloração<sup>69</sup> vocálica por eles apresentada. Esta autora fornece uma confirmação quanto ao caráter híbrido dessas consoantes ao afirmar que as palatais /ɲ, ʎ, ʝ/<sup>70</sup>, envolvem basicamente uma constrição longa e ininterrupta de toda a parte laminal e pré-dorsal da língua, o que permite que elas sejam consideradas *vogais frontais* “consonantais”, pois elas mantêm o formato observado em [i].

A dupla articulação de /ʎ/ é também reconhecida por Couto (1997) quando toma por base a estrutura silábica das proparoxítonas em português. Segundo sua interpretação, que se assemelha a um dos argumentos apresentados por Wetzels<sup>71</sup> (1997), a não ocorrência de segmentos palatais [ʃ, ʒ, ʎ, ɲ]<sup>72</sup> em *onset* da última sílaba de proparoxítonos se deve ao fato de serem segmentos complexos, tornando pesada a sílaba antecedente dos vocábulos nos quais ocorrem, o que não acontece com a penúltima sílaba dos proparoxítonos que não pode ter rima ramificada conforme \*ábarco, \*hálisto.

Para Couto<sup>73</sup>, essa restrição se deve ao fato de esses segmentos não existirem no latim e historicamente resultarem da fusão de mais de um segmento<sup>74</sup> e/ou se comportarem

---

<sup>67</sup> *Ibid.*

<sup>68</sup> Vogal seguida de semivogal (i, u).

<sup>69</sup> A análise acústica de Silva (1999) mostra que a lateral palatal apresenta valores de F2 mais altos do que as outras líquidas; devido à palatalização este som adquire características semelhantes às de [i], daí seu caráter vocálico. A autora lembra que a maior duração da lateral palatal bem como da nasal palatal é encontrada no italiano, sendo semelhantes a geminadas.

<sup>70</sup> Bem como /c, ç/ conforme a notação utilizada.

<sup>71</sup> *Op. cit.*

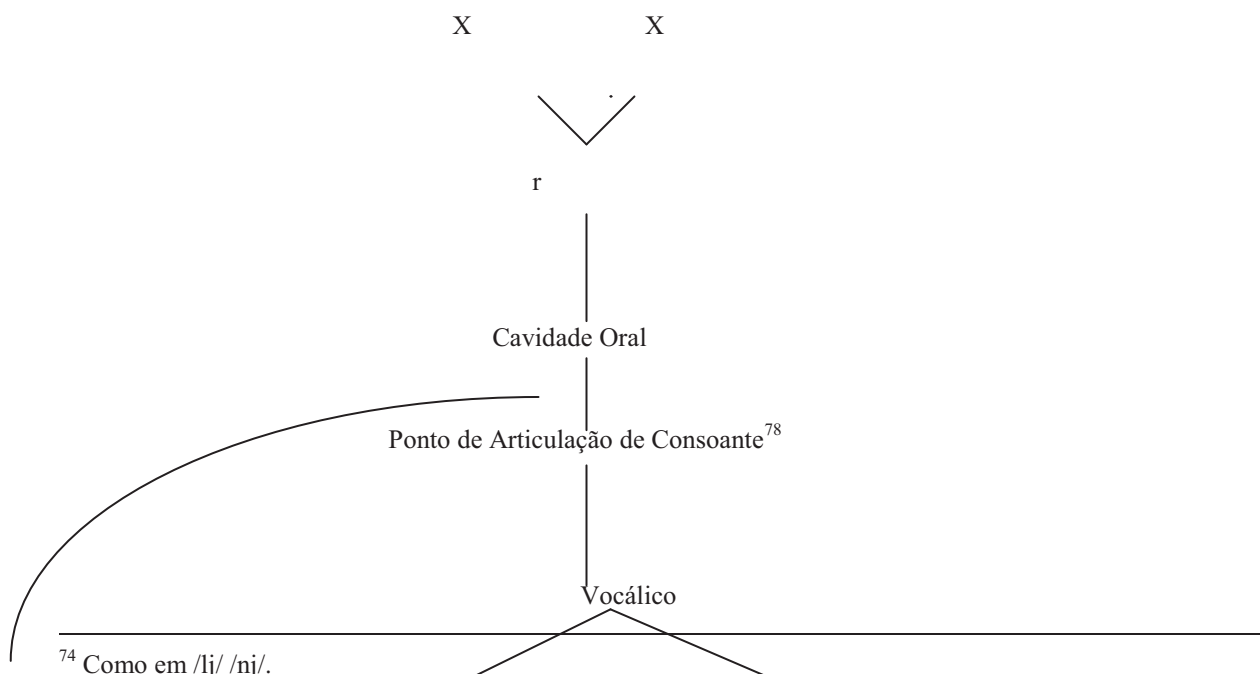
<sup>72</sup> Ele ainda aponta a vibrante múltipla /R/ e as semiconsoantes [w, j].

<sup>73</sup> *Op. cit.*

como segmentos complexos. Os usos (variáveis) de /j/ nos contextos de /k/ e /n/<sup>75</sup> justificariam a natureza híbrida destes segmentos e seu comportamento ambissilábico, por comparação com formas como *ceia*, na qual o segmento /j/ se bifurca e torna pesada a sílaba antecedente.<sup>76</sup>

Silva (1997, p. 60) considera a lateral palatal um “*segmento geminado*, uma vez que apresenta dois Tempos; e também um *segmento complexo*, por apresentar um traço que expressa uma articulação maior, relacionado ao Nó Ponto de Articulação da consoante, e uma articulação menor, expressa pelos traços do Nó Vocálico.” Citando Wetzels (1996, p.18), Silva (p.28) recorre à representação daquele autor para a soante palatal<sup>77</sup> /k/, como se pode ver na figura seguinte, que expressa uma consoante geminada (i.e, com duas moras no esqueleto) coronal com uma articulação secundária coronal, entendendo que articulação secundária equivale à articulação menor, conforme definida por Clements e Hume (1995).

(09)



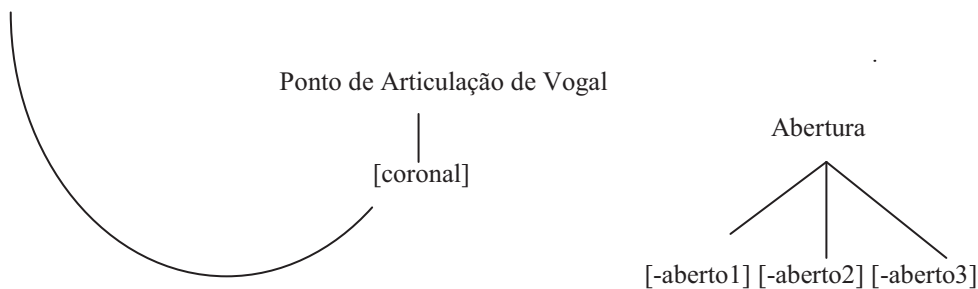
<sup>74</sup> Como em /lj/ /nj/.

<sup>75</sup> Em vocábulos como [ˈfiju] ‘filho’ e [bãja] ‘banha’ (esta última exemplo nosso a partir de nossa amostra).

<sup>76</sup> Oliveira (2007) chama a atenção para o uso do termo *complexo* que o autor faz: ao que parece ele o utiliza para expressar a formação complexa dessa consoante, no sentido histórico. Para ele, as palatais não são complexas, Oliveira sugere que talvez o autor quisesse afirmar com isto não se tratar de uma consoante simples mais uma articulação secundária.

<sup>77</sup> Os traços considerados óbvios são omitidos.

<sup>78</sup> A segunda articulação é representada pelo arco “*pointer*”, conforme nos informa Calabrese (1996), o *pointer* é utilizado por Sagey e Halle.



Retomando a distinção entre segmentos simples e complexos, lembramos que os primeiros são aqueles ligados a um nó de raiz, caracterizado por somente um traço e articulação oral; os segundos também apresentam um nó de raiz, porém são caracterizados por no mínimo dois diferentes traços de articulação oral, devido duas ou mais constrições simultâneas no trato oral.<sup>79</sup> No caso das palatais aqui estudadas, vimos que elas são consideradas segmentos complexos por alguns estudiosos.

Segundo Hernadorena (1997, p. 687), “é possível postular que a diferença existente entre as soantes alveolares [l] e [n] e suas contrapartes palatais [ʎ] e [ɲ] seja de natureza estrutural, no sentido de que as primeiras consistem em segmentos simples e as segundas, em segmentos complexos”. Como afirma a autora, essa distinção, de base fonética, tem função fonológica, pois sua oposição serve para distinguir pares mínimos em nossa língua, como se vê em mala/malha, sono/sonho. Tal oposição, como podemos verificar em nosso trabalho e em outros, pode se neutralizar em função do contexto lingüístico e social.

A dupla articulação desses segmentos deve-se, portanto, à existência de uma articulação primária e outra secundária. Para Clements (1989, p. 26), a articulação secundária é a menos constricta das duas articulações, e normalmente, envolve uma configuração com língua ou dos lábios, se articulados de forma independente, como aquela apropriada a um vocóide.<sup>80</sup> Tais articulações são caracterizadas por envolver a ocorrência simultânea de traço articulador consonantal primário ligado ao C-tier com um traço articulador secundário ligado ao V-tier.

Em Clements e Hume (1995), usam-se os termos articulação maior para *primária* e articulações menor para *secundária*, assumindo-se que as articulações secundárias envolvem os mesmos traços articulatorios similares às vogais. Estas considerações interessam-nos, pois

<sup>79</sup> Clements (1989, p. 22), a partir de ocorrência com vogais do Badaga, considera a existência de outras articulações complexas envolvendo três e até quatro articuladores, mas chama a atenção para a raridade dessas combinações.

<sup>80</sup> *Rounding* (ou *labialization*), *palatalization*, *pharyngealization* (*emphasis*) são dadas como as realizações típicas de articulações secundárias.

se relacionam diretamente ao fenômeno de variação fonética encontrada nas soantes palatais de nossa amostra.

Entretanto, apesar das muitas argumentações aqui apresentadas, é bem verdade que nem todos concordam que os sons /j, ʎ/ sejam segmentos complexos, embora a maioria, se não todos, concorde quanto a serem coronais. Em razão disso, a esta altura, consideremos a forma como Hall (1997) interpreta as palatais levando em conta os aspectos fonéticos que envolvem o traço coronal. Segundo este autor, sons coronais são aqueles produzidos com a parte da frente da língua, o que inclui segmentos produzidos na região denti-alveolar [t,d...]; por trás dos alvéolos [ʃ, ʒ...]; consoantes produzidas mais atrás, velares [k, g...] e uvulares [q, ɢ...] são dorsais, pois são produzidas com o dorso da língua.

Hall afirma haver controvérsias entre os lingüistas quanto ao que pode ser caracterizado como coronal: se os lingüistas concordam que coronais incluem sons produzidos a ponta (tip, apex) ou a lâmina (blade) da língua, há aqueles que atribuem coronal àqueles sons produzidos com a parte ântero-dorsal (antero-dorsum) da língua, isto é, a parte detrás da lâmina<sup>81</sup>. Observe-se a figura abaixo:

---

<sup>81</sup> Os segmentos coronais para Jakobson (1938/1962; 1949) e Fant e Halle (1952) são definidos acusticamente como sons graves e incluem os sons labiais e velares. Para Chomsky e Halle (1968) o traço grave corresponde ao traço articulatorio [coronal] o que caracteriza os sons dental, alveolar, retroflexo, palatoalveolar e alveopalatal. Para Halle e Stevens (1979), coronal é o som produzido com o levantamento da parte frontal da língua (ponta, lâmina/ântero-dorsal, centro), abrangendo os sons dental, alveolar, retroflexo, palatoalveolar, alveopalatal, palatal. Esses, entre outros estudiosos, são citados pelo autor. Para Hall (1997), sons coronais são produzidos em seis “sublugares”, sendo eles: interdental, dental, alveolar, retroflexo, palatoalveolar e alveopalatal.

## THE FEATURE [CORONAL]

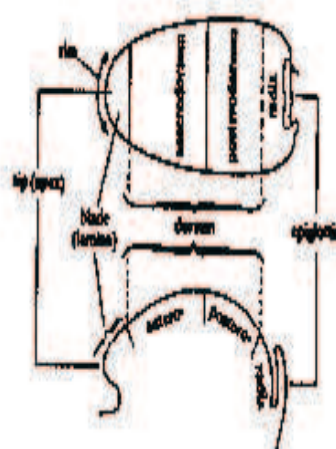


FIGURA 02: REPRESENTAÇÃO DAS ZONAS DE ARTICULAÇÃO DA LÍNGUA: VISTA SUPERIOR E LATERAL  
Fonte: Hall (1997:5)

Em função da caracterização fonética dada a este traço, Hall questiona a classificação dos sons alveopalatais e palatais como sons coronais. Primeiramente, com base nos estudos fonéticos de Recanses<sup>82</sup> (1990) por ele citado, o autor argumenta que os lugares de constricção e a parte da língua envolvidos na produção de palatais *stops*, nasais e laterais (não-contínuas) são mais à frente do que suas contrapartes fricativas (contínuas).

<sup>82</sup> RECANSES, D. The articulatory characteristics of palatal consonants. **Journal of Phonetics**. 1990. 18. 267.280.

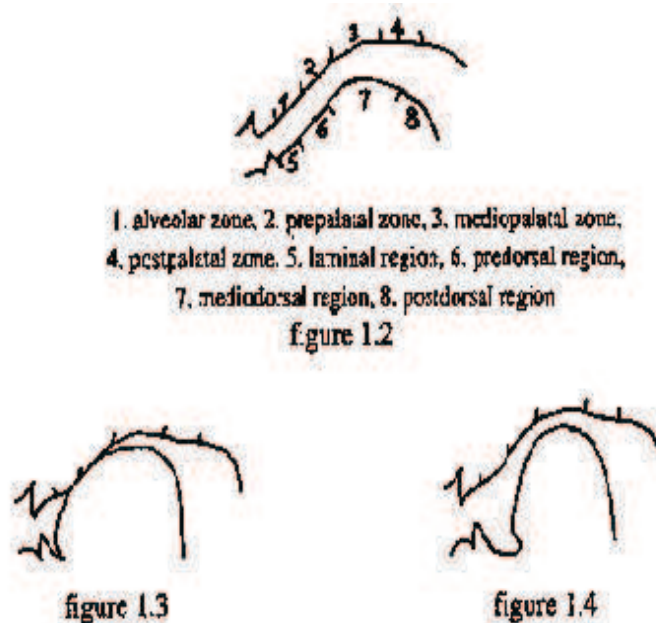


FIGURA 03: REPRESENTAÇÃO DAS ZONAS DE ARTICULAÇÃO DA BOCA:  
VISTA LATERAL DO CONTATO LÍNGUA -PALATAL  
Fonte: Hall (1997:11)

De acordo com caracterização mostrada nessas figuras, Hall<sup>83</sup> propõe uma reclassificação dos sons comumente considerados palatais, de maneira que [c, ʃ, ɲ, ʎ, ɕ, ʑ] são alveopalatais - produzidas com constrição nas regiões pós-alveolar e pré-palatal, sendo portanto mais pré-dorsais do que laminais - e os sons [ç, j] são palatais, de forma que os primeiros são coronais e os segundos não-coronais. Ele mostra ainda que, fonologicamente, os sons alveopalatais padronizam com dentais e alveolares.

Em consonância com Keating (1996), Hall defende que os sons alveopalatais ocorrem nas línguas como nasais e laterais, mas são confundidas com palatais, por ele chamadas de palatais “verdadeiras”. Baseado em estudos fonéticos de Recasens (1990), Keating<sup>84</sup> (1991) e Ladefoged & Maddieson<sup>85</sup> (1996), tendo em vista a distinção entre sons contínuos e não-contínuos, Hall conclui que “verdadeiras” palatais não-contínuas são sons não atestados nas línguas. Ele dá diversos exemplos em várias línguas de que os sons alveopalatais padronizam fonologicamente com coronais enquanto os palatais não padronizam, formando aquelas, portanto, classes naturais.

<sup>83</sup> *Op. cit.*

<sup>84</sup> KEATING, P. A. Coronal places of articulation. 29-48. In: **Paradis & Prunet**, 1991.

<sup>85</sup> LADEFOGED, P. & MADDIESON, I. **The sounds of the world's languages**. OXFORD, Blackwell, 1996.

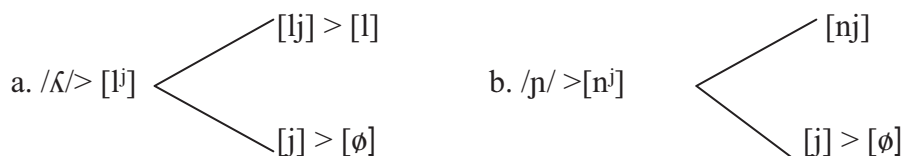
A caracterização dos traços dos sons alveopalatais (como [ɲ e ʎ]), considerando sua região de articulação na boca (pós-alveolar, entre a região palatoalveolar e palatal, com o levantamento da parte da frente do corpo da língua), traz uma forte argumentação que é resumida da seguinte forma: “alveopalatais são inerentemente palatalizadas”<sup>86</sup> e, uma vez, que sons palatalizados caracterizam-se pelo levantamento da parte da frente da língua, estes segmentos não podem ser, portanto, caracterizados com a articulação secundária da palatalização, pois já são palatalizados.

Isto quer dizer que para Hall, estes segmentos não são complexos. Hall propõe o traço [-back] (i.e., [-anterior], [+distribuído]) para palatalização. O termo “palatal” caracteriza as verdadeiras palatais (contínuas, como [ç, j]) e assim como as alveopalatais são inerentemente palatalizadas.

Neste trabalho, a contribuição teórica de Hall<sup>87</sup> quanto à caracterização fonética articulatória desses sons “palatais”, pode nos auxiliar na análise de algumas variantes encontradas em nossa amostra e, principalmente, ajudar-nos a justificar nossa proposta de representação subjacente para as palatais lateral e nasal.

Como registramos em nossa amostra, as realizações da lateral palatal são as seguintes [ʎ], [lʲ], [lj], [l], [j] e [ø], enquanto para a nasal palatal são [ɲ], [ɲʲ], [ɲ], [j], e [ø]. Nas páginas seguintes discutiremos realizações, as representações geométricas e os processos fonológicos envolvidos. As regras que atribuímos ao fenômeno admitem, por hipótese, que a despalatalização que atinge essas consoantes passa por etapas resultantes da aplicação de regras que levam em conta a geometria dos segmentos em questão e do contexto vocálico em que se encontram. Assim as etapas a que nos referimos, conforme os dados de nossa amostra, apresentam a seguinte gradação:

(10)



<sup>86</sup> “Alveopalatals are inherently palatalized.” (p.51). Mais ainda, Hall assinala que segmentos [ɲʲ] e [ʎʲ] ou, em outras palavras, palatais palatalizadas, são articulatoriamente impossíveis por dois motivos: primeiro eles não estabelecem contraste distintivo com formas [ɲ] e [ʎ] nas diversas línguas do mundo por ele estudadas, mesmo naquelas que possuem sons e seus equivalentes palatalizados; por outro lado, uma palatal palatalizada exigiria um consoante com dois nós vocálicos, o que seria impossível no modelo geométrico.

<sup>87</sup> *Op. cit.*

## COMENTÁRIOS FINAIS

Os estudos aqui revisados apontam para o fato de que as variantes despalatalizadas têm maior ou menor inserção social de acordo com os diferentes estratos, de modo que a semivocalização está geralmente associada aos falares menos prestigiados. Vimos ainda que esses sons estão sujeitos a processos fonológicos comuns aos sons palatais nas várias línguas do mundo, e não são, eles mesmos, de fácil caracterização em termos fonológicos: os autores divergem quanto aos traços que podem ser-lhes atribuídos. Em que pese a divergência e os limites que ela impõe, essas são contribuições fundamentais a qualquer estudo que busque descrever e analisar tais segmentos.

Sendo assim, as informações obtidas a partir dessa revisão orientam nossa própria pesquisa, tanto no que diz respeito à identificação das variantes e às variáveis sociais consideradas, quanto aos aspectos fonológicos, a fim de que possamos fornecer um quadro de variação e de processos, o mais abrangente possível, das realizações desses segmentos no falar paraense.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos pelos quais focalizamos as variantes fonéticas dos sons lateral palatal e nasal palatal em nossa amostra da fala paraense. Tais procedimentos englobam a coleta de dados, a composição da amostra, a identificação das variantes e o tratamento estatístico, cuja análise se efetivará nos capítulos seguintes.

#### 3.1 UNIVERSO DA PESQUISA

Nossa análise será feita a partir da composição de uma amostra que integra o *corpus* do ALIPA - *Atlas Lingüístico do Pará*<sup>88</sup>, que se orienta teórica e metodologicamente pelos pressupostos da Sociolingüística, da Dialetologia e da Geolingüística, tendo em vista identificar, analisar e mapear a variação lingüística, nos níveis fonético, morfossintático e lexical (Razky, 1998). Este projeto vem sendo desenvolvido desde 1997, sob a coordenação do Prof. Dr. Abdelhak Razky, vinculado ao Laboratório de Linguagem da Universidade Federal do Pará, com o objetivo maior de elaborar o *Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará*. A coleta de dados lingüísticos vem sendo realizada a partir de 57 pontos de inquérito, em 6 mesorregiões como se vê a seguir:

| Mesorregião            | N.º de Pontos | Pontos <sup>89</sup>                                                                                                                                                                                                                                   |
|------------------------|---------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Baixo Amazonas         | 4             | Faro, Oriximiná, <b>Santarém</b> , Porto de Moz                                                                                                                                                                                                        |
| Marajó                 | 5             | Melgaço, Anajás, Breves, Chaves, <b>Soure</b>                                                                                                                                                                                                          |
| Metropolitana de Belém | 7             | Castanhal, Benevides, <b>Belém</b> , Bujarú, Santa Izabel do Pará, Barcarena, Santo Antônio do Tauá                                                                                                                                                    |
| Nordeste Paraense      | 22            | Maracanã, Marapanim, Salinas, São Caetano, Vigia, Capanema, <b>Bragança</b> , Nova Timboteua, Primavera, Baião, Cametá, Abaetetuba, Igarapé Mirim, Oeiras do Pará, Acará, Concórdia, Mojú, Tomé Açu, Capitão Poço, Ourém, São Domingo do Capim, Viseu. |
| Sudoeste               | 6             | Itaituba, Jacareacanga, <b>Altamira</b> , Medicilândia, Pacajá, Senador José Porfírio                                                                                                                                                                  |
| Sudeste                | 13            | Tucuruí, Itupiranga, Dom Eliseu, Paragominas, São Félix do Xingu, Curionópolis, <b>Marabá</b> , São João do Araguaia, Redenção, São Geraldo, Xinguara, Santana de Araguaia, Conceição do Araguaia.                                                     |

QUADRO 11: MESORREGIÕES DO ESTADO DO PARÁ

FONTE: [www.ufpa.br/alispa](http://www.ufpa.br/alispa).

<sup>88</sup> Todas as informações aqui relatadas foram obtidas no endereço: [www.ufpa.br/alispa](http://www.ufpa.br/alispa).

<sup>89</sup> As cidades alvo desta pesquisa em particular estão em destaque.

A coleta abrange a zona urbana e a rural. A pesquisa urbana realizou-se em 10 cidades paraenses: Abaetetuba, Altamira, Belém, Bragança, Breves, Cametá, Conceição do Araguaia, Itaituba, Marabá e Santarém. A coleta de dados foi feita por meio da gravação em fitas cassetes de 42 narrativas de experiência pessoal, tendo como pressuposto a metodologia adequada a minimizar o efeito causado pela presença do entrevistador (Labov, 1972). A amostra é composta de 42 informantes por cidade obedecendo à seguinte estratificação social: Sexo: 21 homens e 21 mulheres; Renda: alta, renda média e renda baixa; Escolaridade: Sem escolaridade, 1º grau e 2º grau. Idade: 15-25; 26-49 e + de 50 anos.

A pesquisa dialetológica da zona rural envolve 50 pontos geográficos, constituídos pela amostra de 4 informantes com a seguinte estratificação: Sexo: 2 homens e 2 mulheres; Idade: dois informantes entre 18 - 30 anos; dois informantes entre 40 - 70 anos; Escolaridade - todos escolarizados até a 4ª série. Nestes pontos são aplicados dois questionários, um geral para todas as localidades e outro específico direcionado para aspectos ligados à região investigada. Atualmente, a coleta de dados urbanos foi concluída enquanto os da zona rural estão em fase de conclusão.

### **3.2 BREVE HISTÓRICO DO PROJETO**

Desde o início, o projeto *ALIPA* envolve um extenso grupo de trabalho marcado pelos cuidados com a formação específica na área de pesquisa, sendo constituído por alunos de graduação do curso de Letras, quer como voluntários quer como bolsistas, alunos de pós-graduação e professores da UFPA.

Em sua primeira fase (1996-99), a aplicação do projeto se limitou à pesquisa sociolinguística na capital do estado, Belém, período no qual a falta de condições financeiras para coleta de dados foi compensada pela motivação e a boa vontade dos pesquisadores envolvidos no projeto que, com apenas dois gravadores tradicionais, entrevistaram 42 informantes, fase na qual alguns trabalhos foram desenvolvidos tanto por bolsistas quanto por professores vinculados ao projeto<sup>90</sup>.

---

<sup>90</sup> Dos quais podemos citar: Rita do Socorro Cardoso Vasconcelos: *A concordância verbal no português falado em Belém*; José Ribamar Pinheiro Filho: *A redução dos ditongos orais no português falado em Belém*; Alessandra Rejane: *Glossário de Bragança*; Ana Cristina Silva Shaga: *Variação lexical em quatro localidades da região de Cametá*; Heloísa Silva do Nascimento: *Variação dos fonemas /l/ e /r/ no português falado em Belém*; Marta Carvalho Chavante Rêgo de Freitas: *As casas ou as casa: concordância nominal no português falado em Belém*. Muitos destes trabalhos foram apresentados em encontros científicos. Em nível de mestrado, foram realizadas dissertações como: *Variações das fricativas no português falado em Belém* (Rosana Carvalho

Em sua segunda fase, o projeto (1999-2000) passou a incluir a pesquisa geolingüística, de modo que teve sua perspectiva ampliada, com novos colaboradores e voluntários e a criação de novas coordenações de áreas específicas<sup>91</sup>. Neste período, os voluntários iniciaram a difícil tarefa de elaborar pesquisa histórico-social dos municípios envolvidos no projeto. Para a pesquisa lingüística nas zonas rurais, inicialmente foi elaborado um questionário dialetal a partir dos Atlas já publicados, estabelecendo-se um questionário lexical de 300 perguntas.

Em sua primeira versão, o questionário (piloto) foi aplicado em dois municípios, Castanhal e Barcarena, contando somente com os recursos próprios do coordenador e de três pesquisadores. Depois dessa experiência inicial, chegou-se à segunda versão do questionário com 257 perguntas lexicais. A metodologia do projeto levou em conta, para seleção dos pontos pesquisados, a importância histórica do ponto lingüístico e a densidade da população. Assim, foram selecionados 57 pontos de inquérito em relação com as seis mesorregiões que formam o Estado de Pará. Atualmente, o projeto continua contando com a colaboração de estudantes e professores, e há vários trabalhos de pesquisa já desenvolvidos ou em andamento vinculados ao projeto, tanto no nível de graduação quanto de pós-graduação, incluindo, neste caso, dissertações e teses.

### 3.2.1 O *ALIPA*

Parte integrante do *ALIPA*, o projeto *ALIPA* (Atlas Lingüístico Sonoro do Pará) constitui-se da coleta de dados feita através de um questionário de natureza fonético-fonológico contendo 159 perguntas, aplicadas a 4 informantes em cada uma das 10 cidades da pesquisa urbana, cujos informantes são estratificados por sexo, idade e escolaridade até a 4ª série. O CD-ROM foi lançado pela primeira vez em 2003 e teve reedição em 2006.

### 3.3 AMOSTRA DE NOSSA PESQUISA

---

Siqueira); *Variação das vogais médias pretônicas na cidade de Bragança* (Simone Negrão); *Variação das vogais nasais na cidade de Breves* (Orlando Cassique); *Variação sociolingüística na cidade de Altamira* (Raquel Lopes); *O apagamento de (r) em final de vocábulo em Itaituba* (Marilúcia Oliveira); *Socioterminologia: o léxico do Caranguejo em Bragança* (Alessandra Vasconcelos). Em 2007, foi defendida a tese de doutorado *A palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prévocálica no falar de Itaituba-Pa.*, de Marilúcia B. de Oliveira.

<sup>91</sup> Tendo à frente o Prof. Orlando Cassique, como coordenador da zona urbana, e as Professoras Raquel Lopes e Marilúcia Oliveira, como coordenadoras da zona rural.

A nossa amostra em particular se compõe da fala urbana coletada por meio de narrativas de experiência pessoal em 6 cidades de cada uma das mesorregiões do Estado do Pará, obedecendo aos critérios de estratificação social de sexo, escolaridade, renda e faixa etária<sup>92</sup>, com gravação com duração entre 40 e 60 minutos.

Para nossa análise, foram mantidas as variáveis sociais sexo, faixa etária, entretanto, para facilitar o trabalho com a composição de nossa amostra, retiramos da análise o fator renda<sup>93</sup>, e foi feito ajustamento na variável escolaridade, sendo considerada apenas em dois níveis: um que inclui informantes sem escolaridade e informantes com até o equivalente à antiga 8ª série do nível fundamental e outro que inclui informantes com nível médio completo e terceiro grau completo ou incompleto.

### 3.4 LOCALIDADES DE PESQUISA<sup>94</sup>

Foram analisados dados de fala coletada na área urbana de seis localidades, uma de cada uma das seis mesorregiões identificadas no Atlas Lingüístico do Pará, da seguinte forma:

- a) Região do Baixo Amazonas: Santarém.
- b) Região do Marajó: Soure.
- c) Região Metropolitana de Belém: Belém.
- d) Região Nordeste Paraense: Bragança.
- e) Região Sudoeste Paraense: Altamira.
- f) Região Sudeste Paraense: Marabá.

### 3.5 INFORMANTES

Foram selecionados 24 informantes em cada cidade, 1 para cada célula, totalizando 144 informantes, cuja estratificação social obedecem às variáveis de escolaridade, sexo e faixa etária, a partir das quais foram compostas as células sociais.

Em síntese, a amostra obedece ao seguinte plano:

---

<sup>92</sup> Ver quadros 12 e 13, que dão o demonstrativo da distribuição dos informantes (seção 2.5).

<sup>93</sup> A maior parte dos trabalhos revisados não estabelece esse parâmetro; por outro lado, não havia esse controle para todos os informantes.

<sup>94</sup> Mapas e históricos em anexo.

a) Escolaridade: 0 a 7ª série do ensino fundamental ; nível médio e terceiro/grau .

b) Sexo: Feminino; Masculino;

c) Faixa etária: 15-25; 26-45; + 46 anos.

e) Origem geográfica: Santarém, Soure, Belém; Bragança; Altamira; Marabá.

O quadro 12 fornece uma visão geral da composição da amostra por cidade.

| FAIXA ETÁRIA | SEXO         | ESCOLARIDADE |                 |
|--------------|--------------|--------------|-----------------|
|              |              | 0-7ª (12)    | 2º/3º grau (12) |
| 15-25 (8)    | MAS<br>(04)  | x            | x               |
|              |              | x            | x               |
|              | FEM.<br>(04) | x            | x               |
|              |              | x            | x               |
| 26-45 (8)    | MAS<br>(04)  | x            | x               |
|              |              | x            | x               |
|              | FEM.<br>(04) | x            | x               |
|              |              | x            | x               |
| +46 (8)      | MAS<br>(04)  | x            | x               |
|              |              | x            | x               |
|              | FEM.<br>(04) | x            | x               |
|              |              | x            | x               |

QUADRO 12: PLANO DA AMOSTRA POR CIDADE (informantes representados por x):

O quadro apresenta as seguintes informações:

I. 2 informante masculinos sem escolaridade ou com escolaridade até a 7ª série; com idade entre 15-25 anos; 2 informantes masculinos, com escolaridade com 2º grau completo ou terceiro incompleto, com idade entre 15-25 anos; 2 informantes femininos, sem escolaridade ou com no máximo 7ª série; com idade entre 15-25 anos; 2 informantes feminino, com escolaridade com 2º grau completo ou terceiro incompleto, com idade entre 15-25 anos.

II. 2 informantes masculinos, sem escolaridade ou com escolaridade até a 7ª série; com idade entre 26-45 anos; 2 informantes masculinos, com escolaridade com 2º grau completo ou terceiro incompleto, com idade entre 26-45 anos; 2 informantes femininos, sem escolaridade ou com no máximo 7ª série; com idade entre 26-45 anos;

2 informantes femininos, com escolaridade de 2º grau completo ou terceiro incompleto, com idade entre 26-45 anos.

III. 2 informantes masculinos, sem escolaridade ou com escolaridade até a 7ª série; com idade acima de 45 anos (46 anos em diante); 2 informantes masculinos, com escolaridade de 2º grau completo ou terceiro incompleto, com idade acima de 45 anos (46 anos em diante); 2 informantes femininos, sem escolaridade ou com no máximo 7ª série; com idade acima de 45 anos (46 anos em diante); 2 informantes femininos, com escolaridade de 2º grau completo ou terceiro incompleto, com idade acima de 45 anos (46 anos em diante).

O quadro 13 apresenta o total geral de informantes, considerando todas as cidades:

| FAIXA ETÁRIA | ORIGEM GEOGRÁFICA | SEXO |     |
|--------------|-------------------|------|-----|
|              |                   | FEM  | MAS |
| 15-25 (8)    | SA                | x    | x   |
|              | BR                | x    | x   |
|              | BE                | x    | x   |
|              | SO                | x    | x   |
|              | AL                | x    | x   |
|              | MA                | x    | x   |
|              | SA                | x    | x   |
|              | BR                | x    | x   |
|              | BE                | x    | x   |
|              | SO                | x    | x   |
|              | AL                | x    | x   |
|              | MA                | x    | x   |
| 26-45        | SA                | x    | x   |
|              | BR                | x    | x   |
|              | BE                | x    | x   |
|              | SO                | x    | x   |
|              | AL                | x    | x   |
|              | MA                | x    | x   |
|              | SA                | x    | x   |
|              | BR                | x    | x   |
|              | BE                | x    | x   |
|              | SO                | x    | x   |
|              | AL                | x    | x   |
|              | MA                | x    | x   |
| +46          | SA                | x    | x   |
|              | BR                | x    | x   |
|              | BE                | x    | x   |
|              | SO                | x    | x   |
|              | AL                | x    | x   |
|              | MA                | x    | x   |
|              | SA                | x    | x   |
|              | BR                | x    | x   |
|              | BE                | x    | x   |
|              | SO                | x    | x   |
|              | AL                | x    | x   |
|              | MA                | x    | x   |

QUADRO 13: PLANO GERAL DA AMOSTRA <sup>95</sup> (informantes representados por x)

<sup>95</sup> SA= Santarém; BR=Bragança; BE=Belém; SO=Soure; Al=Altamira; MA=Marabá.

### 3.6 QUESTÕES E HIPÓTESES

O estabelecimento de hipóteses, em nosso trabalho, foi precedido dos seguintes questionamentos: A lateral palatal e nasal palatal são realizadas por diferentes variantes fonéticas no falar urbano do estado do Pará? Quais são as realizações fonéticas dos fonemas palatais lateral e nasal no falar urbano paraense? Há correlação entre as variantes desses fonemas e fatores lingüísticos, dialetais e sociolingüísticos? Quais fatores lingüísticos e extralingüísticos determinam as escolhas das variantes fonéticas? As variantes são regionais ou sociais? Os processos envolvidos na realização dessas consoantes podem ser interpretados em termos fonológicos?

A busca por possíveis respostas levou-nos a propor as seguintes hipóteses:

1. A lateral palatal e a nasal palatal são realizadas por variantes palatais e por diferentes variantes despalatalizadas no falar paraense;
2. As variantes fonéticas sofrem a influência de fatores sociais, tais como sexo, escolaridade, faixa etária e origem geográfica dos falantes.
  - a. Falantes do sexo feminino tendem a manter as variantes palatais em comparação com os falantes masculinos.
  - b. Falantes com maior escolaridade tendem a manter as variantes palatais ao contrário dos com baixa escolaridade.
  - c. Falantes de menor faixa etária tendem a manter as variantes palatais ao contrário dos falantes de maior faixa etária.
  - d. Falantes das regiões Sudeste e Sudoeste do Pará tendem à despalatalização ao contrário das demais.
2. As variantes fonéticas estão condicionadas pelas ambiências fonética e morfológica nas quais ocorrem, tais como *segmento fonético antecedente e conseqüente*; *classe morfológica*; *altura do segmento fonético antecedente e conseqüente*; *anterioridade segmento fonético antecedente e conseqüente*; *tonicidade da sílaba*; *extensão do vocábulo*. Além desses, para lateral palatal o *contexto seguinte de vogal simples ou ditongo* condiciona a variação; para a nasal palatal, a parte da *estrutura da palavra* condiciona a variação.
  - a. Segmentos fonéticos vocálicos antecedentes favorecem a ocorrência de variantes produzidas na região mais à frente da boca.
  - b. Classes de maior frequência favorecem a despalatalização.
  - c. Segmentos fonéticos vocálicos altos favorecem a ocorrência das variantes mais altas.

- d. Ambientes tônicos favorecem ocorrência da variantes palatais.
  - e. Vocábulos de maior extensão favorecem a despalatalização.
  - f. O contexto de vogal simples é favorável à semivocalização, ao contrário do ditongo.
  - f. O sufixo derivacional favorece a ocorrência de variantes despalatalizadas.
3. Os processos fonológicos envolvidos na alternância dos segmentos podem ser interpretados pelo ligamento e desligamento de traços fonéticos.

### 3.7 TRANSCRIÇÃO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

O trabalho com os dados lingüísticos foi feito por meio de transcrição fonética, com o uso do IPA (sigla em inglês para *Alfabeto Fonético Internacional*), dos itens lexicais nos quais ocorreram as variáveis dependentes em estudo. A identificação das variantes foi feita por meio de discriminação auditiva, pela própria autora. A classificação das variantes leva em conta aspectos articulatórios. Os registros sonoros foram obtidos por meio de fitas cassetes, tendo de 40 a 60 minutos de gravação de fala espontânea, em forma de narrativas de experiência pessoal.

Depois de identificadas as variantes, procedemos à codificação das variáveis dependentes (variantes lingüísticas identificadas) e das variáveis sociais e lingüísticas consideradas como fatores condicionantes, a fim de dar o tratamento estatístico, para o qual utilizamos o pacote de programas VARBRUL para as realizações das rodadas.

#### 3.7.1 Variantes identificadas<sup>96</sup>

| Variantes de /ʎ /                            | Símbolo | Exemplos do corpus     |
|----------------------------------------------|---------|------------------------|
| Lateral palatal                              | [ʎ]     | [ba'raʎu] 'baralho'    |
| Lateral palatalizada                         | [ʎ̃]    | [mu'ʎ̃e] 'mulher'      |
| Lateral alveolar/dental seguida de semivogal | [lj]    | [tra'balju] 'trabalho' |
| Lateral alveolar/dental                      | [l]     | [mu'le] 'mulher'       |

<sup>96</sup> É bom ressaltar que as transcrições aqui convencionadas como [lj] e [nj] não representam um único segmento, e sim dois segmentos. Portanto, as representações adotadas são para efeito de economia e simplicidade.

|               |     |        |         |
|---------------|-----|--------|---------|
| Semivogal     | [j] | [fiju] | ‘filho’ |
| Zero fonético | [ø] | [tea]  | ‘telha’ |

QUADRO 14: VARIANTES FONÉTICAS DE /ʎ/

| Variantes de /ɲ/                           | Símbolo | Exemplo do corpus     |
|--------------------------------------------|---------|-----------------------|
| nasal palatal                              | [ɲ]     | [ka'ɾiɲus] ‘carinhos’ |
| nasal palatalizada                         | [ɲʲ]    | [vĩ nʲa] ‘vinha’      |
| Nasal alveolar/dental seguida de semivogal | [ɲj]    | [kõ'ɲjesi] ‘conheci’  |
| Semivogal (nasalizada)                     | [j]     | [mã'jã] ‘manhã’       |
| Zero fonético                              | [ø]     | [tẽw] ‘tenho’         |

QUADRO 15: VARIANTES FONÉTICAS DE /ɲ/

Dessas, foram consideradas para análise sociolingüística as seguintes variantes: para /ʎ/: **lateral palatalizada [ʎʲ]; lateral dental ou alveolar (despalatalizada) seguida de semivogal [ʎj]; semivogal [j]**, as quais totalizam 3.832. Para /ɲ/: **nasal palatalizada [ɲʲ]; nasal palatal [ɲ]; semivogal (nasalizada) [j]**, totalizando 4.958 ocorrências.

Após a transcrição, fizemos a codificação dos dados lingüísticos a fim de serem submetidos à análise quantitativa, de modo que as variáveis receberam os símbolos indicados entre parênteses no tópico seguinte.

### 3.7.2 Codificação das variáveis

Dentre as variantes identificadas para /ʎ/, foram excluídas palatal lateral [ʎ], a lateral dental/alveolar [l] e o zero fonético. Para /ɲ/ foram excluídas a nasal alveolar/ dental seguida de semivogal [ɲj] e zero fonético, devido à baixíssima ocorrência na amostra<sup>97</sup>. O tratamento estatístico, portanto, foi feita em rodadas do tipo ternárias, cujo nível de significância das variáveis é analisado a partir dos índices (.333). Assim mantivemos as seguintes variáveis:

Variáveis dependentes para /ʎ /

- [ʎʲ] (1): variante lateral palatalizada
- [ʎj] (2): variante lateral dental ou alveolar (despalatalizada) seguida de semivogal

<sup>97</sup> Os índices percentuais relacionados a elas eram de menos de 2% do total geral da amostra.

- [j] (3): variante semivogal (despalatalizada)

Variáveis dependentes para /ɲ/:

- [ɲ] (1): variante nasal palatalizada
- [ɲ] (2): variante nasal palatal.
- [j] (3): variante semivogal (nasalizada; despalatalizada)

### 3.7.3 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

Para a descrição estrutural foram relacionados os seguintes grupos de fatores:<sup>98</sup>

1. Tonicidade: por este fator, consideramos a influência da tonicidade da sílaba onde ocorre a variante:

- Átona pré-tônica (+): traba[lj]ador (trabalhador);
- Átona pós-tônica (–): o[lʲ]a (olha); ba[n]a (banha).
- Tônica oxítona (c): mu[lʲ]é (mulher); ga[n]ar (ganhar).
- Tônica paroxítona (k): traba[j]ava (trabalhava); di[nʲ]eiro.

2. Classe morfológica: procuramos observar a possível influência das três categorias gramaticais das palavras ocorridas na amostra; a ocorrência do pronome “lhe” foi excluída, pela baixa frequência e por ser invariante ocorrendo sempre como [li].

- Substantivo (s): fi[lj]o (filho); li[nʲ]a (linha)
- Adjetivo (j): me[ʎ]or (melhor); cari[n]oso.
- Verbo (v): mo[lj]ar (molhar); apa[j]a (apanhar).

Para /ɲ/, foi acrescentada a classe dos pronomes devido a sua ocorrência para esta variável:

- Pronome (o): ne[j]um (nenhum)

3. Extensão do vocábulo: buscamos verificar se o número de sílabas do vocábulo exerce alguma influência:

- Dissílabo (d): ve[j]a (velha); te[n]o (tenho).
- Trissílabo (t): ove[lj]a (ovelha); se[j]ora (senhora)

<sup>98</sup> Os itens lexicais, entre parênteses, ilustram a ocorrência, em nossa amostra. Números e letras entre parênteses indicam a codificação das variáveis para uso do programa estatístico.

- Polissílabo (p): avaca[ʌ]ndo (avacalhando); compa[nʲ]eirismo (companheirismo).
4. Contexto silábico posterior: este fator foi considerado somente para /ʌ/, por não ocorrer com frequência ditongos após o /n/; assim levamos em conta a formação da sílaba imediatamente posterior à ocorrência das variantes de /ʌ/, assim tem-se:
- Vogal simples (V) : traba[lju] (trabalho).
  - Ditongo (D): traba[lʲ oʷ] (trabalhou).
5. Altura do segmento vocálico antecedente: este grupo de fatores agrupa as vogais antecedentes de acordo com a altura, de modo que temos as seguintes vogais:
- Altas (a): br[iʌ]osa [ʲ]ido (brilhosa); esp[ɨj]u (espinho).
  - Médias altas (m): c[olj]er (v. colher); c[õŋ]ecido (conhecido).
  - Médias baixas (b): c[ɔlj]er (s. colher).
  - Baixa (i): atrap[aʌ]ar (atrapalhar); ba[j]a (banha).
6. Altura do segmento vocálico subsequente: do mesmo modo, agrupamos por altura as vogais imediatamente seguintes às variantes:
- Altas (e): traba[ʌi] (trabalhe); sozi[ɲu] (sozinho)
  - Médias altas (f): esco[ʌe]r (escolher); di[je]ro (dinheiro).
  - Médias baixas (g): me[lʲɔ]orar (melhorar); reco[jɛ]ci (reconhece)
  - Baixas (h): bri[lʲã]do (brilhando); ga[ɲa]r (ganhar).
7. Anterioridade da vogal antecedente: procuramos verificar se há alguma influência deste aspecto fonético para as ocorrências, sendo assim temos dois subfatores:
- Anterior (w): v[ɛlj]o (velho); j [ũj]u (junho).
  - Posterior (y): esc[olʲ]a (escolha); c[õŋʲ]ecimento (conhecimento)
8. Anterioridade da vogal subsequente: o mesmo critério foi adotado neste grupo para o contexto seguinte:
- Anterior (x): ve[ʌi]ce (velhice); s[ĩnʲ]o (senhor).
  - Posterior (z): me[lʲɔ]rar (melhorar); cami[ju] (caminho).

9. Vogal subsequente nasal/oral: este fator foi levado em conta somente para /ɫ/:

- Oral (<): traba[lʲ]ado (trabalhado)
- Nasal (>): traba[lʲ]ando (trabalhando)

10. Estrutura do vocábulo: devido a alta ocorrência do sufixo derivacional -inho, -inha/zinho, -zinha, procuramos verificar se essa parte da estrutura do vocábulo exerce alguma influência para as realizações das variantes de /ɲ/:

- Raiz (r): ba[nʲ]o (banho).
- Sufixo derivacional (n): agarradi[n]o.

#### 3.7.4 VARIÁVEIS SOCIAIS

A estratificação da amostra foi feita a partir de 4 grupos, levando em conta sua importância nas diversas pesquisas sociolinguísticas já realizadas em todo o Brasil. Assim temos a seguinte distribuição de informantes por cidade:

1. Sexo: 24 informantes masculinos e femininos.

Feminino (F): 12 mulheres.

Masculino (M) 12 homens.

2. Faixa etária:

15-25 (A): 8 informantes.

26-45 (B): 8 informantes.

+46 (C): 8 informantes.

3. Anos de escolaridade:

0-7 (0): 12 informantes.

+7 (9): 12 informantes.

4. Origem geográfica:

Santarém (N): 24 informantes.

Marabá (R): 24 informantes.

Belém (E): 24 informantes.

Bragança (G): 24 informantes.

Soure (Z): 24 informantes.

Altamira (L): 24 informantes.

## **COMENTÁRIOS FINAIS**

Como se pôde constatar neste capítulo, as pesquisas já realizadas, sobre as consoantes aqui enfocadas, nos orientam tanto na identificação das variantes de nossa própria amostra quanto nas nossas escolhas teóricas e metodológicas: o estabelecimento das hipóteses; os fatores lingüísticos e sociais considerados; o tratamento estatístico dado às variantes; as formalizações fornecidas aos processos fonológicos envolvidos na variação.

No próximo capítulo, no qual discutiremos a variação em relação aos parâmetros envolvidos, veremos que alguns grupos de fatores ou sofreram reorganização nos seus subgrupos ou foram excluídos por razões de funcionamento do Programa VARBRUL. A partir dos índices probabilísticos fornecidos pela análise quantitativa, é feita a análise dos usos das variantes em nossa amostra, fornecendo interpretação aos aspectos envolvidos, de acordo com os parâmetros que consideramos relevantes à variação em estudo.

## 4 ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA

Neste capítulo, nós analisamos as realizações da lateral e nasal palatais, de acordo com os parâmetros lingüísticos e sociais já apresentados no capítulo anterior. Como se poderá ver nas páginas seguintes, o uso de programa estatístico, numa análise multivariada, colabora imensamente para a compreensão da relação entre o fato lingüístico e o social, mostrando matematicamente como as dimensões analíticas tomadas como contexto concorrem para a aplicação ou não da regra variável.

Vale ressaltar, como Guy (1998, p. 41), que: “o trabalho quantitativo não é substituto, mas apenas um acessório para a análise lingüística. (...) Se estamos perguntando: “Qual seria a melhor generalização lingüística?” a resposta vem de nossa teoria lingüística, não de um programa estatístico.” Em nosso trabalho, tais generalizações partem de um conjunto de variáveis lingüísticas e sociais, a maioria já testada em estudos variacionistas, pelas quais procuramos estabelecer correlações com a variação identificada no falar em estudo.

Para alcançarmos tal propósito, tendo em vista o número de variantes, foram realizadas rodadas ternárias, a partir das quais analisamos a relação entre variáveis lingüísticas dependentes e parâmetros lingüísticos e sociais. Também realizamos rodadas binárias, opondo [ɲ]-[lj], [ɲ]-[j], [lj]-[j] para /ɲ/; e [nʲ]-[n], [nʲ]-[j], [n]-[j], com a finalidade exclusiva de dar indicações quanto à relevância dos grupos de fatores aqui controlados<sup>99</sup>, porém não fazendo parte de nossa análise.

Portanto, tendo como suporte a ferramenta computacional, procuramos atribuir generalizações adequadas o suficiente para dar conta deste fenômeno de variação lingüística.

### 4.1 ANÁLISE DE /ɲ/

As primeiras análises quantitativas fornecidas pelo Makecell<sup>100</sup> geraram arquivos muito acima de 1.000 células, ultrapassando a quantidade de células permitida pelo programa

---

<sup>99</sup> Essas informações podem ser úteis para futuro trabalhos interessados pelo tema.

<sup>100</sup> Lembrando que este **arquivo de células** dá conta dos percentuais de aplicação da regra para cada fator considerado no arquivo de condições; é sobre o arquivo de células que se realiza o algoritmo. Conforme a quantidade de variantes lingüísticas e os objetivos do pesquisador, esta análise poderá ser feita pelos programas

para rodadas do tipo ternária. A fim de contornar o problema, lançamo-nos sobre os resultados de cada grupo para avaliarmos os aspectos a serem considerados na reorganização dos dados, levando em conta aspectos lingüísticos e a atuação dos subfatores em termos percentuais<sup>101</sup>.

Esses aspectos estavam relacionados à tonicidade e aos subfatores de alguns grupos como *extensão do vocábulo* e *nasalidade da sílaba*, cujos valores mostraram-se muito próximos, senão idênticos. Os índices justificaram a amalgamação de oxítone e paroxítone, dissílabos e trissílabos e a exclusão do grupo *nasalidade da sílaba*. Ainda assim o arquivo de células ultrapassava o permitido, de modo que, observando os resultados para *contexto fonético antecedente* e *subseqüente*, verificamos que os subfatores relacionados ao fator relacionado à *altura* poderiam ser reagrupados considerando a oposição altos ([i, u]) x não-altos ([e, ε, o, ɔ, a]), o que então nos permitiu a criação do arquivo de células, a partir do qual realizamos as rodadas. O resultado geral para o total de frequência das variantes de /k/ na amostra pode ser conferido no quadro seguinte.

| Variante       | [lʲ]  | [lʲ]  | [j]  | Total |
|----------------|-------|-------|------|-------|
| Total          | 2.270 | 1.276 | 286  | 3.832 |
| Frequência N/% | 59    | 33    | 7    | 100   |
| Input          | .724  | .250  | .027 | -     |

QUADRO 16: TOTAL DE VARIANTES DE /k/

Os resultados apresentados mostram, em termos absolutos e relativos, que a variante palatalizada [lʲ] tem o maior número de realizações, e, portanto, de preferência em relação às demais variantes, sendo, inclusive, superior à soma dessas. A variante semivocalizada é a mais restrita, enquanto a lateral seguida de *glide* ocupa posição intermediária.

O gráfico abaixo mostra a posição predominante dessa variante em relação às demais.

---

VARB2000, para fenômenos binários (02 variantes), TVARB para ternários (03 variantes) ou MVARB para fenômenos com 04 ou 05 variantes.

<sup>101</sup> Este procedimento está de acordo com o dogma “Navalha de Occam”, básico ao método científico que consiste em minimizar o número de princípios explanatórios: identificar os fatores lingüísticos mais gerais; verificar similaridades quantitativas. (Guy, 1998, p. 39).

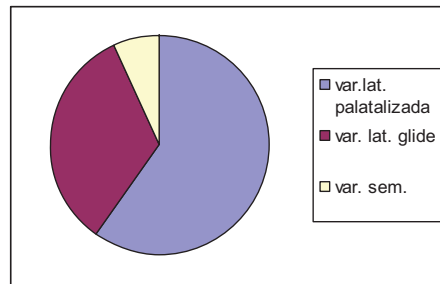


Gráfico 1: DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /k/.

As diferenças numéricas entre as variantes atestadas acima podem refletir diferenças relacionadas a fatores lingüísticos e sociais, como buscamos analisar nas páginas seguintes.

#### 4.1.1 Análise das variáveis lingüísticas

##### 4.1.1.1 Tonicidade

Com este fator, nós procuramos verificar a influência da tonicidade para a realização de cada variante, de acordo com a hipótese de que a realização palatal teria maior incidência em contexto tônico. Porém, em nossos dados, como explicamos anteriormente, a variante palatal não foi considerada para a análise quantitativa, de maneira que a hipótese se manteve para verificar os efeitos desse fator para a variante palatalizada e as não palatais.

| Tabela 1             |         |             |         |             |       |             |
|----------------------|---------|-------------|---------|-------------|-------|-------------|
| Tonicidade da sílaba |         |             |         |             |       |             |
|                      | [lʲ]    |             | [lj]    |             | [j]   |             |
|                      | N/%     | p.r.        | N/%     | p.r.        | N/%   | p.r.        |
| Tônica               | 1114/66 | .262        | 443/26  | <b>.370</b> | 135/8 | <b>.369</b> |
| Átona pós-tônica     | 1019/51 | .179        | 818/41  | <b>.358</b> | 149/8 | <b>.463</b> |
| Átona pré-tônica     | 137/89  | <b>.614</b> | 15/10   | .218        | 2/1   | .168        |
| Total                | 2270/59 | –           | 1276/33 | –           | 286/7 | –           |

Tabela 1: Tonicidade da sílaba

De acordo com os índices acima, verificamos que a variante palatalizada é altamente favorecida no contexto átono pré-tônico (.614), e não em contexto tônico (.262), como

supúnhamos por se tratar de uma realização mais aproximada da variante palatal. Ao contrário, vemos que no contexto tônico as variantes não palatais é que são favorecidas, e com pesos relativos muito próximos: (.370) para [lj] e (.369) para [j]; o outro ambiente favorável a essas realizações é o pós-tônico, respectivamente com (.358) e (.463) de índices.

O favorecimento de [lj] e [j] em contexto átono pós-tônico mostra que a sílaba átona favorece as variantes não-palatais, mais ainda a variante [j], como se vê nos índices acima, em parte confirmando o que esperávamos do efeito desse fator especialmente sobre essa última variante, nesse contexto. Porém, os pesos ainda nos mostram que ambas as variantes despalatalizadas são favorecidas tanto em contexto tônico quanto átono. Já a variante [lʲ], embora não seja favorecida em sílaba tônica, vê-se que nesse ambiente os pesos são mais altos (.262) do que os do ambiente átono pós-tônico (.179).

Ao que nos permite inferir os resultados, este ambiente pode não ser relevante para a realização da variante palatal.

Pareceu-nos que rodadas binárias poderiam dar alguma indicação a esse respeito, de modo que realizamos tais rodadas opondo primeiramente e [lʲ] a [j] e [lj] a [lj]. Nas duas primeiras rodadas, o fator tonicidade foi selecionado como relevante em primeiro lugar e mostrou que o contexto pré-tônico de fato é favorável a [lʲ] (.84) e muito próximo do neutro em contexto tônico (.52). Em relação à [lj]-[j] o fator foi descartado como insignificante.

#### 4.1.1.2. Classe Morfológica

De acordo com a tabela seguinte, podemos verificar que o adjetivo atua no sentido de favorecer a variante [lʲ] e, embora o substantivo e o verbo não a favoreçam, o primeiro apresenta pesos mais altos e mais próximos do favorecimento do que o segundo, indicando, com isso, que essas duas classes são as mais favoráveis à manutenção dessa variante.

| Tabela 2           |         |             |         |             |       |             |
|--------------------|---------|-------------|---------|-------------|-------|-------------|
| Classe morfológica |         |             |         |             |       |             |
|                    | [lʲ]    |             | [lj]    |             | [j]   |             |
|                    | N/%     | p.r.        | N/%     | p.r.        | N/%   | p.r.        |
| Sub.               | 964/52  | <b>.326</b> | 763/41  | <b>.357</b> | 129/7 | .317        |
| Adj.               | 341/70  | <b>.369</b> | 119/24  | .301        | 28/6  | .330        |
| Ver.               | 965/65  | .306        | 394/10  | <b>.343</b> | 129/9 | <b>.351</b> |
| Total              | 2270/59 | –           | 1276/33 | –           | 286/7 | –           |

TABELA 02: classe morfológica

Para a variante [lj], o favorecimento se dá entre substantivos (.357) seguido pelos verbos (.343); esses últimos favorecem também a variante [j] com pesos de (.351), enquanto o substantivo a desfavorece (.326) e o adjetivo apresenta índices bem próximos ao neutro (.330).

Se considerarmos atuação dos verbos em relação aos nomes (substantivos e adjetivos), podemos fazer as seguintes observações: (1) o verbo se comporta de modo semelhante ao substantivo sendo ambos favoráveis a [lj], no que diferem do adjetivo; (2) o verbo se comporta de modo diferente de substantivo e adjetivo, devido favorecer [j]; (3) o verbo se comporta desfavoravelmente para [lj], assemelhando-se a substantivo e diferindo de adjetivo. A partir disso, pode-se concluir que substantivos e verbos atuam no sentido de propiciar a despalatalização.

Levando em conta a atuação particular do verbo, observa-se que essa classe atua como propulsora das variantes não palatalizadas [lj] e [j], com índices mais altos para essa última variante (.351).

Note-se que as classes do verbo e do substantivo são as de maior frequência no corpus, o que pode indicar que o uso mais freqüente de palavras dessas classes propicia a despalatalização, ao contrário daquelas menos freqüentes, no caso, os adjetivos.

Isso está de acordo com a hipótese difusionista, pela qual os itens mais utilizados são aqueles que mais se prestam a processos assimilatórios, e também corrobora a hipótese de que categorias lexicais atuam como bloqueios ou propulsoras à variação (SOUZA, 1996).

A verificação da relevância desse grupo por rodadas binárias mostrou ser este grupo significativo em dois testes sendo sempre selecionado entre os dois primeiros grupos mais relevantes.

#### 4.1.1.3 Extensão do vocábulo

Este grupo de fatores sofreu amalgamação, de modo que juntamos vocábulos de três sílabas com vocábulos de mais de três sílabas, formando um único grupo com palavras de maior extensão, denominado *tri-polissílabos*, em oposição ao grupo de palavras de menor extensão denominado *dissílabos*.

Os resultados mostram que os vocábulos de maior extensão favorecem somente a variante [lj] (.341), enquanto que vocábulos dissílabos favorecem a realização [lj] (.342). Para

[j], vemos que ambos os tipos de vocábulos têm atuação quase insignificante, pois, são muito próximos da neutralidade com índices de (.334) e (.332), como se pode constatar na tabela seguinte.

| Tabela 3             |                   |             |         |             |       |             |
|----------------------|-------------------|-------------|---------|-------------|-------|-------------|
| Extensão do vocábulo |                   |             |         |             |       |             |
|                      | [l <sup>j</sup> ] |             | [lj]    |             | [j]   |             |
|                      | N/%               | p.r.        | N/%     | p.r.        | N/%   | p.r.        |
| Dissílabos           | 974/55            | .326        | 670/38  | <b>.342</b> | 127/7 | .332        |
| Tri/Polissílabos     | 1296/63           | <b>.341</b> | 606/29  | .325        | 159/8 | <b>.334</b> |
| Total                | 2270/59           | –           | 1276/33 | –           | 286/7 | –           |

Tabela 03: Extensão do vocábulo

Portanto, ao que nos indicam os resultados acima, a extensão do vocábulo polariza as variantes [l<sup>j</sup>] e [lj], aliás, com pesos muito próximos, e não muito altos em relação ao nível de significância<sup>102</sup>. Isso pode indicar que este grupo não seja relevante para a variação enfocada em nosso estudo. De fato, as rodadas binárias efetivadas não selecionaram uma única vez este grupo como significativo para essas realizações.

Por outro lado, é preciso dizer que pelo conhecimento que tínhamos do fenômeno analisado, nossa hipótese era de que quanto maior o vocábulo menos ele estaria sujeito à despalatalização, especialmente à semivocalização. Isto é em parte confirmado pelos resultados apresentados, pois, quanto maior a extensão, maior a tendência à variante palatalizada. Por outro lado, esses dados contrariam uma hipótese difusionista, pela qual a variação atinge mais comumente as formas com mais de duas sílabas (SOUZA, 1996).

Para os resultados acima, é possível aventarmos a hipótese de que o bloqueio se deve à combinação de dois aspectos relacionados à maior extensão e à estigmatização da variante [j], que pode ser dito da seguinte forma: formas de maior extensão despertam mais a atenção formas estigmatizadas também, assim vocábulos maiores bloquearão formas despalatalizadas, especialmente no que tange ao uso de [j].

<sup>102</sup> Que, como já dito, é de (.333).

#### 4.1.1.4 Contexto Seguinte Vogal/Ditongo

Por esta variável, pretendemos investigar que tipo de influência o contexto seguinte, de vogal simples ou ditongo, pode ter sobre as variantes. De acordo com nossa hipótese, a vogal seria mais favorável à semivocalização, enquanto o ditongo seria menos favorável, conforme percebemos no trato da amostra. De fato, é o que se pode observar na tabela 4:

| Tabela 4                        |         |             |         |             |       |             |
|---------------------------------|---------|-------------|---------|-------------|-------|-------------|
| Contexto Seguinte Vogal/Ditongo |         |             |         |             |       |             |
|                                 | [ɫ]     |             | [ɫj]    |             | [j]   |             |
|                                 | N/%     | p.r.        | N/%     | p.r.        | N/%   | p.r.        |
| Vogal                           | 2188/59 | <b>.351</b> | 1233/33 | .285        | 274/7 | <b>.364</b> |
| Ditongo                         | 82/60   | .313        | 43/31   | <b>.386</b> | 12/9  | .302        |
| Total                           | 2270/59 | –           | 1276/33 | –           | 286/7 | –           |

Tabela 04: Contexto seguinte vogal/ditongo

Os resultados registrados mostram que o contexto seguinte de *vogal* atua de duas maneiras: é favorável tanto à variante palatalizada (.351) quanto à semivocalizada (.364), para essa com maior índice de favorecimento; contrariamente, os pesos relativos do ditongo não favorecem essas mesmas variantes, mas favorecem a variante [ɫj] (.386). Isso pode ser resumido da seguinte forma: a influência do ditongo atua tanto no sentido de bloquear a semivocalização quanto a desfavorecer a manutenção da palatalizada, ao passo que a vogal é-lhes favorável.

Já o comportamento ambíguo da vogal simples sugere-nos duas possibilidades: primeiro, a assimilação tanto ou quanto a dissimilação concorre para a palatalização e semivocalização, respectivamente, o que pode estar relacionado à altura do segmento seguinte, em todos os contextos [e], isto é, por se tratar sempre de uma vogal coronal, traço compartilhado pelas variantes; segundo pode tratar-se de uma mera distribuição de ocorrências, o que indicaria a não relevância desse grupo para a variação.

Este aspecto foi de fato constatado por meio de testes binários: em todos eles este grupo foi excluído.

#### 4.1.1.5 Altura do Segmento Antecedente

Os resultados da tabela 5 demonstram que os segmentos não-altos, do contexto fonético antecedente às realizações, influenciam favoravelmente as ocorrências de [l<sup>j</sup>] e [j], ao passo que o contexto alto favorece [lj] como se pode observar a seguir:

| Tabela 5                         |                   |             |         |             |       |             |
|----------------------------------|-------------------|-------------|---------|-------------|-------|-------------|
| Altura do segmento antecedente   |                   |             |         |             |       |             |
|                                  | [l <sup>j</sup> ] |             | [lj]    |             | [j]   |             |
|                                  | N/%               | p.r.        | N/%     | p.r.        | N/%   | p.r.        |
| Vogais Altas [i, u]              | 621/48            | .285        | 569/44  | <b>.404</b> | 93/7  | .311        |
| Vogais não-altas [e, ε, o, ɔ, a] | 1649/65           | <b>.381</b> | 707/28  | .269        | 193/8 | <b>.350</b> |
| Total                            | 2270/59           | –           | 1276/33 | –           | 286/7 | –           |

Tabela 05: Altura do segmento antecedente

Esses resultados nos surpreendem em parte, pois esperávamos que a altura atuasse de modo semelhante, isto é, com índices mais próximos entre si, em termos de favorecimento, para todas as realizações, devido aos traços semelhantes entre o contexto que as circundam e as variáveis lingüísticas, no que tange, especificamente, ao traço alto, comum às variantes.

Entretanto, vemos que a única realização favorecida é a da variante não palatalizada [lj], confirmando somente em parte nossas hipóteses.

Assim, os pesos registrados na tabela 5 podem nos indicar que a *altura* atua de dois modos: (1) pela assimilação, o contexto de altas favorece a variante lateral alveolar seguida de glide, (2) pela dissimilação, uma vez que as variantes semivocalizada e palatalizada são desfavorecidas nesse mesmo contexto.

Nesse último caso, a variante [l<sup>j</sup>] é a que apresenta os índices mais baixos como se pode perceber pelos pesos mais baixos nesse contexto (.285) e mais altos no contexto de não-altas (.381). Considerando o comportamento dessa variante como um dos pólos da variação, e relacionando-a ao contexto antecedente, podemos dizer que a altura condiciona a realização palatalizada aos contextos de vogais não-altas. O que poderá servir de parâmetro de investigação em outros trabalhos.

Entretanto, em termos de rodadas binárias este grupo não foi selecionado dentre aqueles relevantes à variação.

#### 4.1.1.6 Altura do Segmento Subseqüente

Este grupo de fatores apresenta resultados semelhantes aos obtidos pelo grupo anteriormente comentado: para a variante [lj], mantém-se o favorecimento entre vogais altas, com (.392), notamos, ainda, que as vogais não-altas além de favorecerem a semivocalizada (.382) também favorecem a variante palatalizada [lʲ] com (.339), como se vê a seguir.

| Tabela 6                            |         |             |         |             |       |             |
|-------------------------------------|---------|-------------|---------|-------------|-------|-------------|
| Altura do segmento subsequente      |         |             |         |             |       |             |
|                                     | [lʲ]    |             | [lj]    |             | [j]   |             |
|                                     | N/%     | p.r.        | N/%     | p.r.        | N/%   | p.r.        |
| Vogais Altas<br>[i, u]              | 598/49  | .322        | 542/45  | <b>.392</b> | 77/6  | .286        |
| Vogais Não-altas<br>[e, ε, o, ɔ, a] | 1672/64 | <b>.339</b> | 734/28  | .278        | 209/8 | <b>.382</b> |
| Total                               | 2270/59 | –           | 1276/33 | –           | 286/7 | –           |

Tabela 06: Altura do segmento subsequente

Note-se que o comportamento desse contexto semelhante ao contexto antecedente permite-nos uma análise como à feita anteriormente: a altura dos segmentos contíguos atua pela assimilação e pela dissimilação: no primeiro caso, as vogais altas favorecem a realização da lateral alveolar seguida de glide, e, no segundo caso, o mesmo contexto desfavorece a variante palatalizada e a variante semivocalizada.

Também aqui verificamos que a variante semivocalizada é a realização mais bloqueada pela atuação da altura (.286) ao passo que é a mais implementada na contigüidade de vogais não-altas. Esses resultados reforçam a análise desse parâmetro feita antes em relação ao contexto antecedente: ao que os índices apontam, a semivocalização encontra ambiente extremamente favorável entre os segmentos não altos também em contexto subsequente. Ou dito de outra forma: a altura não atua de modo a favorecer a semivocalização da palatal lateral, embora atue de modo favorável para a despalatalização, como se constata pela variante [lj]. Trata-se, portanto, de um parâmetro a ser de fato levado em conta em relação aos processos de despalatalização dessa consoante.

Para sabermos da relevância desse fator, fizemos rodadas binárias e, ao contrário do que ocorreu com o grupo anterior, dentre as três rodadas realizadas, este grupo foi selecionado entre os três primeiros grupos mais relevantes à variação.

#### 4.1.1.7 Anterioridade da vogal antecedente

Em relação a este parâmetro, podemos verificar na tabela 7, que o contexto antecedente com segmentos anteriores [i, e, ε] favorece a realização [lj] com (.379), sendo muito próximo à neutralidade em relação a [lʲ], com (.334), e desfavorável a [j] com pesos (.288). Vê-se ainda que o contexto antecedente com vogais posteriores [u, o, ɔ, a] só atua favoravelmente para a variante semivocalizada (.382).

| Tabela 7                           |         |             |         |             |       |             |
|------------------------------------|---------|-------------|---------|-------------|-------|-------------|
| Anterioridade da vogal antecedente |         |             |         |             |       |             |
|                                    | [lʲ]    |             | [lj]    |             | [j]   |             |
|                                    | N/%     | p.r.        | N/%     | p.r.        | N/%   | p.r.        |
| Anterior<br>[i, e, ε]              | 864/56  | <b>.334</b> | 606/39  | <b>.379</b> | 84/5  | .288        |
| Posterior<br>[u, o, ɔ, a]          | 1406/62 | .329        | 670/29  | .290        | 202/9 | <b>.382</b> |
| Total                              | 2270/59 | –           | 1276/33 | –           | 286/7 | –           |

Tabela 07: Anterioridade da vogal antecedente

A atuação desses subfatores não deixou de nos surpreender, pois nossa hipótese era de que vogais anteriores pudessem condicionar as variantes de um modo mais aproximado, especialmente [lj] e [j], uma vez que, foneticamente, essas realizações são mais anteriores do que aquela. De fato, os resultados para a variante lateral+glide confirmam nossa compreensão de que esse segmento tenha uma articulação mais à frente.

Podemos aqui também perceber uma atuação do tipo assimilatória para [lʲ] e [lj] e dissimilatória para [j], como aventamos para os grupos analisados antes. Além disso, aqui, a variante [j] é a única atingida pelo efeito bloqueador da anterioridade da vogal, embora os índices para [lʲ] não sejam altos o suficiente para garantir um favorecimento mais consistente, o que nos permite dizer que o efeito desse traço para essa variante seja quase neutro.

Com isso, pode-se resumir o condicionamento aqui envolvido do seguinte modo: a anterioridade influencia a despallatalização da lateral palatal favorecendo a variante [lj], porém a realização semivocalizada está condicionada a contextos de vogais posteriores, como resultado de processos dissimilatórios.

As rodadas binárias para identificar a relevância do grupo em questão demonstraram que ele é significativo em duas das três rodadas realizadas.

#### 4.1.1.8 Anterioridade da vogal subsequente

Os resultados para esse grupo de fator são invertidos em relação aos registrados para o contexto antecedente para a variante semivocalizada e lateral+glide: [j] é favorecida com índices (.373); ao seu turno [lj] é favorecida com pesos bastante altos de (.385). O condicionamento favorável no mesmo ambiente só se mantém para a variantes [l<sup>j</sup>], com pesos (.342), como se pode verificar na tabela 8.

| Tabela 8                           |                   |             |         |             |       |             |
|------------------------------------|-------------------|-------------|---------|-------------|-------|-------------|
| Anterioridade da vogal subsequente |                   |             |         |             |       |             |
|                                    | [l <sup>j</sup> ] |             | [lj]    |             | [j]   |             |
|                                    | N/%               | p.r.        | N/%     | p.r.        | N/%   | p.r.        |
| Anterior<br>[i, e, ε]              | 359/66            | <b>.342</b> | 129/24  | .285        | 53/10 | <b>.373</b> |
| Posterior<br>[u, o, ɔ, a]          | 1911/58           | .321        | 1147/35 | <b>.385</b> | 233/7 | .294        |
| Total                              | 2270/59           | –           | 1276/33 | –           | 286/7 | –           |

Tabela 08: Anterioridade da vogal subsequente

Ao que se pode constatar pelos resultados registrados na tabela acima, nossa hipótese inicial é confirmada quanto à variante [j], mas não para as demais. Um aspecto em particular chama a nossa atenção: comparando-se esses resultados aos da tabela 7 - quanto ao mesmo traço em contexto antecedente - vemos que os pesos para o contexto subsequente invertem-se, o que nos surpreendeu, pois era de se esperar resultados semelhantes aos obtidos para o contexto antecedente.

Porém, esses resultados trazem uma informação importante: o favorecimento de [l<sup>j</sup>] em contexto anterior antecedente e subsequente - ainda que muito próximo de neutro, no primeiro caso, como se vê ao voltarmos à tabela 7 - demonstra que palatalização é altamente favorecida em ambientes de vogais anteriores, como foi constatado em vários estudos como os de Oliveira (2006).

Por outro lado, os resultados de nossa amostra revelam que a anterioridade dos segmentos também atua para a despalatalização da lateral palatal por um processo assimilatório, como se vê nos resultados para [j]. De fato, em nossa amostra vemos a atuação de uma mesma força em sentidos contrários: de um lado, para a manutenção do traço palatal e, de outro, para a despalatalização total.

Em termos de significância, as rodadas binárias realizadas para este grupo indicaram-no uma única vez dentre os grupos selecionados.

#### 4.1.2 Análise das variáveis sociais

##### 4.1.2.1 Sexo

A tabela 9 mostra resultados que indicam que as mulheres tendem a usar mais as variantes [l<sup>j</sup>] (.346) e [lj] (.374); os homens, por sua vez, dão preferência à [j] com pesos (.392). É o que se vê na tabela seguinte.

| Tabela 9 |                   |             |         |             |       |             |
|----------|-------------------|-------------|---------|-------------|-------|-------------|
| Sexo     |                   |             |         |             |       |             |
|          | [l <sup>j</sup> ] |             | [lj]    |             | [j]   |             |
|          | N/%               | p.r.        | N/%     | p.r.        | N/%   | p.r.        |
| Fem.     | 1164/57           | <b>.346</b> | 745/37  | <b>.374</b> | 128/6 | .279        |
| Masc.    | 1106/62           | .316        | 531/30  | .292        | 158/9 | <b>.392</b> |
| Total    | 2270/59           | –           | 1276/33 | –           | 286/7 | –           |

Tabela 09: Sexo

Note-se, por esses índices, que a variante de maior preferência entre as mulheres é a variante [lj], seguida de [l<sup>j</sup>], enquanto entre os homens a preferida é [j] seguida de [l<sup>j</sup>], não em termos de pesos favorecedores (.316), mas por comparação desses com os pesos de [lj] (.292).

A nosso ver, coloca-se um aspecto importante: a variante palatalizada parece ter prestígio intermediário entre as duas categorias sociais, no sentido de maior aproximação com [lj] do que com [j], a primeira preferida pelas mulheres e a segunda, pelos homens. De modo inverso, a variante semivocalizada é mais prestigiada pelos homens e a menos prestigiada pelas mulheres. Isso demonstra que a polaridade entre essas variantes se dá com [l<sup>j</sup>] de um lado e [j] de outro.

No tocante ao fator sexo, as primeiras pesquisas de Fischer (1958<sup>103</sup>, apud Paiva, 2004) já haviam demonstrado que as formas de maior prestígio ocorrem mais freqüentemente na fala de mulheres do que na fala de homens.

Muitos outros estudos corroboram esta primeira conclusão de Fischer no que tange a diversos fenômenos de variação, e demonstram que o conservadorismo feminino quanto aos

<sup>103</sup> FISCHER, J.L. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word**. 1958. 14: 47-56.

usos da língua está diretamente relacionado com o prestígio a eles associado, de maneira que uma forma inovadora aparece implementada na fala feminina conforme o valor social que lhe é atribuído.

Coulthard (1991, p. 25), mencionando estudos de Labov sobre a pronúncia do /r/, traz a seguinte conclusão:

Quando se analisam os dados relativos a diferenças entre falantes masculinos e femininos, os resultados mostraram claramente que, em todas as classes, as mulheres usaram (e também alegaram usar) maior porcentagem de forma de prestígio do que os homens, e que esse fato ocorreu particularmente no grupo da classe média inferior. O estudo deu a entender que as mulheres são mais sensíveis ao significado social da pronúncia do que os homens, portanto.<sup>104</sup>

É importante observar, como o faz Eckert (1997), que no estudo da variação não se deve levar em conta este fator meramente como categoria biológica em si mesma, mas como base da construção social que faz a diferenciação de papéis a partir de normas e expectativas para cada um dos sexos, atribuindo-lhes, pois, mais do que sexo, gênero. É o gênero que atribui normas de comportamento para homens e mulheres.<sup>105</sup>

De acordo com essa perspectiva, vejamos no gráfico como as tendências de uso na nossa amostra ocorrem em cada categoria.

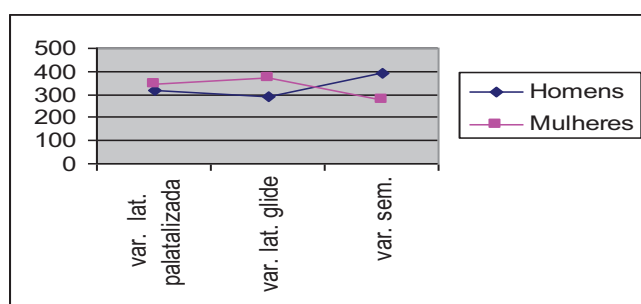


Gráfico 2: DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /ʁ/ POR SEXO

Vemos que a oposição entre homens e mulheres se dá entre a variante lateral+glide e a semivocalizada: as mulheres no sentido de implementar aquela variante e os homens, essa. Levando-se em conta todas essas observações, podemos atribuir o comportamento das variantes de nossa amostra ao prestígio a elas atribuído pelos informantes, conforme o

<sup>104</sup> Ib.

<sup>105</sup> “Like age, sex is biological category that serves as a fundamental basis for the differentiation of roles, norms, and expectations in all societies. Is these roles, norms, and expectations that constitute gender, the social construction of sex.” (p. 213).

sexo/gênero, o que significa dizer que a forma mais prestigiada é [lj], sendo essa uma variante do tipo inovadora, em comparação com as demais variantes da mesma variável lingüística.

Ao que nos indicam as rodadas binárias, este grupo é de grande importância para a variação em estudo, pois foi selecionado em todas elas como grupo significativo.

#### 4.1.2.2 Faixa Etária

Este grupo de fatores apresenta os seguintes resultados: a primeira faixa etária favorece as variantes [lj] (.335) e [j] (.378); a segunda favorece somente a [lj] (.401) e a terceira, a [lj] (.368), como se verifica abaixo:

| Tabela 10    |         |             |         |             |       |             |
|--------------|---------|-------------|---------|-------------|-------|-------------|
| Faixa etária |         |             |         |             |       |             |
|              | [lj]    |             | [lj]    |             | [j]   |             |
|              | N/%     | p.r.        | N/%     | p.r.        | N/%   | p.r.        |
| 15-25        | 673/63  | <b>.335</b> | 309/29  | .287        | 78/7  | <b>.378</b> |
| 26-45        | 814/55  | .295        | 580/39  | <b>.401</b> | 91/6  | .304        |
| +46          | 783/61  | <b>.368</b> | 387/30  | .316        | 117/9 | .316        |
| Total        | 2270/59 | -           | 1276/33 | -           | 286/7 | -           |

Tabela 10: Faixa etária

Os índices registrados acima são-nos surpreendentes e contrariam quase que totalmente as nossas hipóteses acerca dos usos das variantes em relação à idade dos falantes.

No caso da faixa etária de 15-25, vemos que há um leve favorecimento ao uso de [lj] (.335) e índices bastante altos para [j] (.378), quando supúnhamos que ocorreria o contrário. Como vários estudos têm demonstrado, a variante [j] é a menos utilizada e até evitada entre os mais jovens, especialmente das zonas urbanas, por ser avaliada negativamente devido estar normalmente associada a aspectos sociais pouco prestigiados, como origem rural, baixa escolaridade e classe social desfavorecida.

Tais aspectos são confirmados em estudos feitos por todo o Brasil, como os de Silveira (1986), que relaciona o uso de [j] à fala caipira; de Rodrigues (1987), que identifica esse uso no falar de classes baixas e no “falar errado”; de Aguilera (1988), que o identifica predominantemente na zona rural; e de Aragão (1996; 1997), que registra a alta frequência de [j] na fala de informantes acima de 30 anos; dentre outros estudos.

É importante lembrar que os estudos variacionistas, quanto à faixa etária, entendem que variação decorre dos diferentes estágios de aquisição da linguagem pelos indivíduos. É o que nos dizem Silva e Scherre:

A linguagem é adquirida em sua grande parte até aproximadamente 14 anos (puberdade) e, teoricamente, observando-se uma pessoa de 50 anos, por exemplo, teríamos um reflexo do que se falava há 36 anos atrás. Assim, as diferenças resultantes da comparação de diferentes faixas etárias poderiam indicar mudanças em processo de implementação no sistema. (Silva e Scherre, 1996, p. 35).

Em função disso, a abordagem do fenômeno de variação, neste aspecto, é dita em tempo aparente, comumente utilizado nesses estudos e inaugurado por Labov: se aceita como fato que os falantes de uma língua adquirem a língua na primeira fase de suas vidas, sofrendo poucas modificações depois disso.

É curioso, portanto, o registro desses resultados, que indicam a preferência dos mais jovens por [j], rivalizando com [lʲ], e do grupo mais velho por [lʲ], tendo em vista que muitos desses têm origem rural.

Estudos de Aragão (1997), no ALPB, demonstram que a semivocalização é freqüente nas faixas etárias mais altas, acima de 51 anos. Silva e Moreira (1997), a partir de dados do APERJ, atestam a maior incidência de [j] na fala de informantes mais velhos (acima de 56 anos, das três consideradas). Também é o que constata Soares (2002) no o falar de Marabá (PA) entre falantes acima de 46 anos.

Uma tentativa de explicação para os índices de nossa própria amostra leva-nos a dizer que a variante [lʲ] e [j] estão sendo implementadas na fala desses informantes do seguinte modo: a variante [j] é variante inovadora e [lʲ], variante conservadora, sendo também aquela a variante a de prestígio entre os jovens. No mais, o uso dessas variantes pela faixa mais jovem aponta para o caso de variação estável.

Vemos ainda que na fala dos mais velhos [lʲ] é a variante prestigiada, o que pode estar relacionado à origem geográfica dos falantes, como veremos adiante. Nessa perspectiva não é absurdo que os mais jovens busquem usar aquela forma que representa um “avanço” em comparação com o grupo etário de idade mais alta; é possível, também, que por essa razão eles tendam ao maior uso de [lʲ] ao invés de [lj] que é a preferência de uso na faixa etária

intermediária, e pode representar, em relação a essas duas outras, a variante realmente inovadora<sup>106</sup>.

Vejamos como isso é representado no gráfico seguinte.

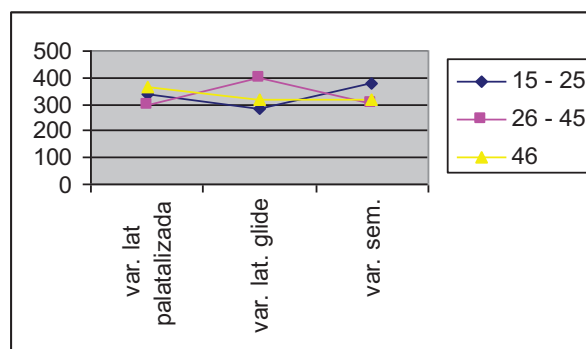


Gráfico 3: DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /k/ POR FAIXA ETÁRIA

Note-se que a variante palatalizada [lʲ] tem aceitação aproximada entre todos os falantes nas três faixas etárias, havendo sobreposição entre mais jovens e mais velhos, isso continua ocorrendo para a variante lateral +glide [lj], e finalmente essas duas categorias se distanciam em relação ao uso de [j]. O que se constata aqui é a forte resistência dos mais velhos à despalatalização, pois eles colocam as duas variantes despalatalizadas no mesmo patamar, ao contrário dos mais jovens das duas outras faixas.

Pelas rodadas binárias, este grupo foi selecionado em duas delas, demonstrando assim sua importância para essa variação.

#### 4.1.2.3 Anos de escolaridade

A escolaridade tem se mostrado de grande relevância para a variação. O ensino de língua normatizador e prescritivo prevê o uso correto das formas lingüísticas e estigmatiza as formas que se desviam dessas prescrições e por isso passam a ser consideradas não-padrão.

Sabe-se que a escola privilegia a escrita e a norma culta ou padrão, embora seja discutível o que a caracteriza ou o conhecimento que dela se tenha em termos de usos reais, mesmo na escola. O fato é que, em função do peso da tradição escolar faz com que

<sup>106</sup> É bom lembrar que Labov (1966) atenta para o fato de que os mais jovens, por comparação com os mais velhos, tenderem ao uso de variantes estigmatizadas quando estão sendo observados.

determinadas pronúncias, expressões e construções possam ser dadas como “erro”, “desvio”, “inadequação” e até mesmo serem consideradas “feias”. E isso pode ocorrer dentro do próprio grupo social ou da própria região de origem do falante, ou ainda de grupo para grupo e de região para região, o que torna a questão ainda mais complexa.

Levando em conta esses aspectos, consideremos os resultados da tabela 11:

| Tabela 11            |                   |             |         |             |        |             |
|----------------------|-------------------|-------------|---------|-------------|--------|-------------|
| Anos de escolaridade |                   |             |         |             |        |             |
|                      | [l <sup>j</sup> ] |             | [lj]    |             | [j]    |             |
|                      | N/%               | p.r.        | N/%     | p.r.        | N/%    | p.r.        |
| 0-8                  | 1222/67           | .213        | 727/36  | .291        | 231/12 | <b>.426</b> |
| +8                   | 1048/52           | <b>.463</b> | 549/30  | <b>.338</b> | 55/3   | .199        |
| Total                | 2270/59           | -           | 1276/33 | -           | 286/7  | -           |

Tabela 11: Anos de escolaridade

Como registrado acima, notamos que a menor escolaridade dos falantes os faz tender ao maior uso de [j] (.426), ao passo que a maior escolaridade os faz dar preferência a [l<sup>j</sup>] (.463) e [lj] (.338). Vê-se, assim, que há uma forte polarização entre [l<sup>j</sup>] e [j]: a primeira dessas variantes encontra-se associada ao maior tempo de exposição à escolarização e a segunda, ao de menor tempo. Já a variante [lj] tem leve favorecimento entre os mais escolarizados, depois de [l<sup>j</sup>], o que demonstra ser ela também associada à maior escolaridade, mas sem o mesmo prestígio associado ao uso de [l<sup>j</sup>].

Esses resultados confirmam estudos como os de Cagliari (1974), que relaciona a preferência por [j] à pouca instrução, à classe social mais baixa e à origem rural; Aragão (1997), que identifica no ALPB o uso de [j] preferencialmente na fala de analfabetos e com pouca escolaridade (primário completo/incompleto); Pontes (1996) a partir de um falar paranaense mostra que o uso de [j] está relacionado à menor escolaridade dos falantes, especialmente entre aqueles de origem caipira. Tais estudos demonstram, portanto, que a escolaridade é de fato interveniente na variação dessa variável.

Vejamos no gráfico seguinte a configuração do fenômeno em nossa amostra:

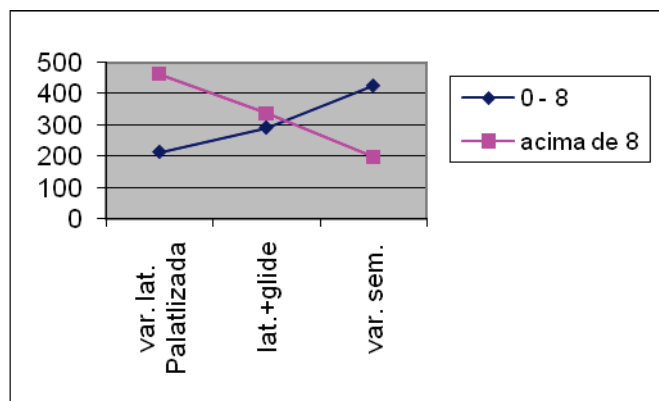


Gráfico 4: DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /ɣ/  
POR ANOS DE ESCOLARIDADE

Pela visualização acima, constata-se o peso da escolaridade para a realização do fenômeno, de maneira que a variante [ɣ<sup>i</sup>] ocupa o ponto mais da escala do nível de escolaridade ao passo que [ɣ] ocupa o mais baixo. A variante [ɣ<sup>j</sup>] fica em posição intermediária, pelo que se conclui que este fator não atua para sua realização, porém sendo vital para a oposição entre aquelas variantes.

Também a análise binária assim o atesta ao selecionar este fator dentre os grupos relevantes à variação, em duas rodadas binárias.

#### 4.2.1.4 Origem Geográfica

Em nosso trabalho, a questão da origem geográfica é fundamental, por ela podemos caracterizar o uso regional das variantes, considerando as principais cidades do estado, devido a sua especificidade histórica e geográfica, e o aspecto fonético aqui estudado.

Isso é possível, pois, como afirma Lyons (1981, p. 248):

[...] é porque sistemas lingüísticos fonologicamente idênticos podem se realizar diferentemente no meio fônico que faz sentido falar do mesmo dialeto de uma língua pronunciado com tal ou qual sotaque (...). Pois ‘sotaque’ compreende todo tipo de variação fonética, inclusive aquele subfonêmico no sentido de que nunca é considerado como base de contraste funcional (...).

De fato, em se tratando de ‘sotaque’, normalmente tais variações refletem aspectos associados à região de origem do falante, como podemos constatar na experiência diária.

É o que já havíamos observado quando manipulávamos nossos dados: o maior ou menor uso destas variantes está estreitamente correlacionado às regiões de origem dos falantes. Empiricamente, inclusive, essas diferenças são percebidas pelos falantes: a manutenção da “palatalidade” é dada como ‘fala de Belém’ e a não-manutenção como ‘fala do sul do Pará’, conforme se esteja na região que não seja a própria do falante, fato que nos motivou a pesquisa aqui realizada.

Vejamos, portanto, como tais diferenças se configuram nos resultados da tabela 12:

| Tabela 12         |         |             |         |             |       |             |
|-------------------|---------|-------------|---------|-------------|-------|-------------|
| Origem geográfica |         |             |         |             |       |             |
|                   | [lʲ]    |             | [lʲ]    |             | [j]   |             |
|                   | N/%     | p.r.        | N/%     | p.r.        | N/%   | p.r.        |
| Belém             | 425/74  | <b>.442</b> | 103/18  | .173        | 43/8  | .385        |
| Soure             | 593/59  | .329        | 372/37  | <b>.427</b> | 37/4  | .244        |
| Bragança          | 273/64  | <b>.424</b> | 142/33  | <b>.422</b> | 11/3  | .154        |
| Santarém          | 348/59  | <b>.363</b> | 231/39  | <b>.488</b> | 13/2  | .149        |
| Altamira          | 328/60  | .197        | 123/22  | .140        | 98/18 | <b>.663</b> |
| Marabá            | 303/44  | .162        | 305/44  | <b>.336</b> | 84/12 | <b>.502</b> |
| Total             | 2270/59 | –           | 1276/33 | –           | 286/7 | –           |

Tabela 12: Origem geográfica.

Os índices acima confirmam grande parte de nossas hipóteses a respeito deste grupo de fatores, mas, por outro lado, nos surpreendem. Esses resultados remetem a algumas considerações que levam em conta a proximidade geográfica de Belém - como centro irradiador, devido a sua importância histórica e política de capital paraense - o processo de colonização e desenvolvimento e atual situação socioeconômica dessas cidades.

Vemos que a variante palatalizada [lʲ], como prevíamos, é preferida em quatro das cidades estudadas: Belém (.442), Bragança (.424), Santarém (.363) e Soure (.329). Isto confirma o que pensávamos sobre o fenômeno, dadas as semelhanças partilhadas quanto ao processo histórico e a proximidade geográfica (Bragança - 222 km), Soure (a 4hs de barco); nesse último caso, a exceção de Santarém (1.384 km).

Do ponto de vista da fundação, essas cidades compartilham o fato de terem sido fundadas no mesmo período, isto é, século XVII, e colonizadas por portugueses, e por terem desenvolvimento socioeconômico semelhante. Pode-se então creditar a preservação do traço palatal da lateral à forte presença portuguesa no processo de estabelecimento social e cultural dessas cidades e à influência decorrente dela, bem como à irradiação exercida por Belém para

as demais cidades. Isso se mostra tão importante que o fato de Santarém ser mais distante capital não afeta a preservação desse traço lingüístico em particular.

Um aspecto nos números chama nossa atenção: vemos que Soure, apesar da proximidade e de relativo isolamento, dada sua condição de situar-se na Ilha do Marajó, tem os pesos mais baixos para [lj], quando esperávamos, justamente, pesos mais altos. Ao que nos parece, há aqui um fator interveniente, importante relacionado ao fato de ser, hoje, Soure, “a capital do Marajó”, como a chamam seus habitantes, um local altamente turístico, o que pode torná-la mais suscetível a outras influências, mais do que Bragança, que é próxima, e com histórico semelhante.

Esse aspecto parece se aplicar aos usos da variante [lj], não só em relação a Soure, mas a Bragança e Santarém. Estas duas cidades são, atualmente, locais turísticos, e têm em comum a migração nordestina, no caso de Bragança, facilitada pela proximidade do Maranhão, com o qual mantém relações comerciais via Rio Caeté. No caso de Santarém, registra-se a presença nordestina cuja chegada foi facilitada, a partir de 1970, pela rodovia Transamazônica, e, por demais migrantes, especialmente gaúchos,<sup>107</sup> pela rodovia Santarém-Cuiabá, além de se encontrar mais próxima do estado do Amazonas.<sup>108</sup>

Note-se que a cidade de Marabá, também, parece bastante influenciada pela presença de migrantes, especialmente nordestinos, desde sua fundação em 1913, o que também pode ser dito em relação à Altamira, fundada em 1911, além disso, ambas as cidades são bem distantes de Belém (Marabá-541 km; Altamira 830 km). Além dessas características, essas cidades têm desenvolvimento econômico marcado pelos intensos fluxos migratórios decorrentes de ciclos econômicos, especialmente ligados ao garimpo<sup>109</sup>.

É válido ressaltar que a análise de Brandão (1996), quanto aos usos variantes de /ʎ/, em quatro Atlas lingüísticos do Brasil (ALPB, AFPB, ALSE, EALMG), resalta que as áreas cobertas por esses Atlas (dialeto baiano e nordestino) apresentam tendência à *iotização* ou semivocalização.

Ao que nos parece, isso está expresso nas preferências dadas às variantes [lj] e [j], no caso de Marabá, e de [j] no caso de Altamira que marca mais ainda a diferenciação lingüística (com pesos relativos altíssimos (.663)) possivelmente pela distância a que se encontra das demais cidades e pela sua posição geográfica mais central no território paraense.

---

<sup>107</sup> Conforme informações dadas no CD-ROM do ALISPA Síntese em anexo.

<sup>108</sup> Uma possível influência pode ser objeto de interesse em futuros trabalhos sobre o falar dessa cidade.

<sup>109</sup> As informações mais gerais sobre todas as cidades encontram-se em anexo.

É curioso observar que essa mesma variante [j] é também preferida em Belém (.385) ao lado de [l̥]. Isso pode estar relacionado a outros fatores sociais, aqui não considerados, que, no caso dessa cidade, atuariam fortemente para polarizar essas variantes.

A representação das tendências pode ser vista no gráfico abaixo.

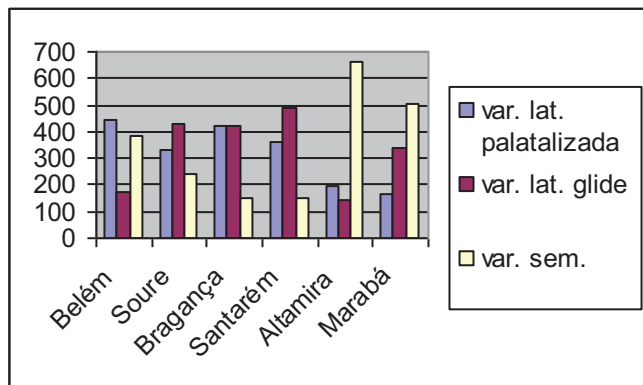


GRÁFICO 5: DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /k/ POR CIDADE

Pelo gráfico, vemos o avanço de [j] em Altamira e Marabá, seguida pela variante [l̥] em Soure, Bragança e Santarém, enquanto [l̥] se mantém em vantagem em Belém, o que demonstra a impulsão das duas primeiras formas despatalizadas, sendo de fato aquelas duas cidades as propulsoras da despatalização.

A importância desse grupo de fatores é, portanto, confirmada por esses resultados, o que foi atestado em todas as rodadas binárias, que o selecionaram dentre os grupos significativos à variação aqui enfocada.

## 4.2 ANÁLISE DE /p/

O primeiro arquivo gerado pelo Makecell forneceu um total de 1.297 células, que, como dissemos anteriormente, é superior ao permitido pelo programa de regra variável para rodadas ternárias. Fomos então levadas a tomar aquelas medidas de ordem metodológica que satisfizessem tanto às condições estatísticas quanto aos aspectos lingüísticos envolvidos.

Assim, o grupo *Tonicidade* sofreu amalgamações em dois subfatores: tônica paroxítona e tônica oxítona, respectivamente, 51 e 52% [n̥]; 7 e 5% [p]; 42 e 43% [j]. O

grupo *Classe morfológica* teve amalgamações dos subfatores substantivo (40% [n<sup>j</sup>]; 9% [n]; 52% [j]) e adjetivo (39% [n<sup>j</sup>]; 7% [n]; 55% [j]). No grupo *Extensão da sílaba*, vocábulos polissílabos e trissílabos foram amalgamados como polissílabos, cujos percentuais foram de 40 e 40% [n<sup>j</sup>]; 7 e 9/% [n]; 53 e 52/% [j], respectivamente.

Dois outros grupos ainda tiveram idêntico tratamento, porém o reagrupamento levou em conta o critério *Altura dos segmentos*, que é de fato o que se buscava testar, de modo que formamos dois subfatores: altas X não-altas, mantendo-se no primeiro, somente *altas* e amalgamando os demais subgrupos como um grupo *não altas*.

Feito isto um novo teste foi realizado com o Makecell, mas ainda tivemos um arquivo com 1.059 células. Novamente a observação dos índices permitiu-nos tomar a decisão de excluir o grupo *Extensão da sílaba* devido à proximidade percentual: 40 e 37% [n<sup>j</sup>]; 8 e 11% [n]; 52 e 52% [j], respectivamente para polissílabos e dissílabos.

Com isto foi possível fazermos a primeira rodada com o programa de regra variável Tvarb, a partir de arquivo com 969 células. Os resultados desta fase nos forneceram os resultados como se seguem:

| variante   | [n <sup>j</sup> ] | [n]  | [j]   | Total |
|------------|-------------------|------|-------|-------|
| Total      | 2.100             | 472  | 2.836 | 4.958 |
| Frequência | 42/%              | 10/% | 48/%  | 100   |
| input      | .399              | .108 | .493  | -     |

QUADRO 17: TOTAL DE VARIANTES DE /ɲ/

O gráfico 6 mostra a variante semivocalizada em competição com a variante semivocalizada.

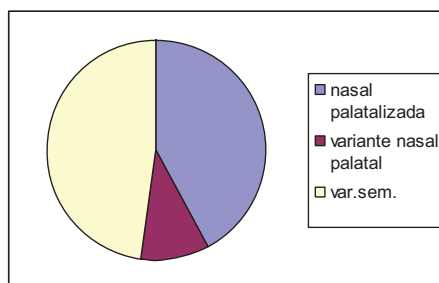


GRÁFICO 6: DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /ɲ/.

Nas páginas seguintes relacionamos as ocorrências lingüísticas aos parâmetros lingüísticos e sociais.

## 4.2.1 Análise das variáveis lingüísticas

### 4.2.2.1 Tonicidade

Este fator foi considerado para essa variável lingüística, pois, considerávamos que contextos tônicos pudessem atuar para a manutenção da variante palatal que, como vemos, ocorre em quantidade expressiva em nossos dados. Os resultados são mostrados na tabela seguinte.

| Tabela 13           |         |             |        |             |         |             |
|---------------------|---------|-------------|--------|-------------|---------|-------------|
| Variável tonicidade |         |             |        |             |         |             |
|                     | [nʲ]    |             | [ɲ]    |             | [j]     |             |
|                     | N/%     | p.r.        | N/%    | N/p.r.      | N/%     | p.r.        |
| Tônica              | 667/55  | <b>.383</b> | 98/8   | .304        | 441/37  | .313        |
| Pós-tônica          | 1261/36 | .284        | 346/10 | <b>.339</b> | 1864/54 | <b>.377</b> |
| Pré-tônica          | 172/61  | <b>.336</b> | 28/10  | <b>.354</b> | 81/29   | .309        |
| Total               | 2100/42 | –           | 472/10 | –           | 2836/48 | –           |

Tabela 13: tonicidade

Os pesos indicam que o contextoônico favorece a ocorrência da variante palatalizada [nʲ], o que confirma nossa hipótese para essa variante em particular. Levamos em conta que a manutenção do traço palatal - caracterizado pela maior energia articulatória - teria um ambienteônico mais favorável. Porém, o mesmo não pode ser aplicado à variante palatal [ɲ].

Como podemos constatar na tabela dada, a variante palatal [ɲ] é favorecida nos ambientes átonos considerados em nossa amostra, o pós-tônico (.339) e o pré-tônico, que, como se verifica, tem pesos mais altos (.354), esse contexto é também levemente favorável a [nʲ], com pesos (.336).

Já a variante despalatalizada [j] encontra no ambiente átono pós-tônico seu contexto de maior favorecimento, como esperávamos ocorrer para essa realização. Para isso, consideramos não somente o ambiente átono em si mesmo, mas dois outros aspectos correlacionados que poderiam atuar conjuntamente para essa variante: o contexto pós-tônico se dá em sílaba final de palavras e o sufixo derivacional (z)inha/inha.. Pelo visto, isso se encontra confirmado na tabela acima.

As três rodadas binárias que realizamos atestam a significância desse grupo, pelas quais foi selecionado como relevante em primeiro lugar em duas delas.

#### 4.2.1.2 Classe morfológica

A tabela 14 nos apresenta resultados demonstrando que as classes de maior frequência atuam no sentido da conservação das variantes com traço palatal, o que era por esperado para nossa amostra.

| Tabela 14          |         |             |        |             |         |             |
|--------------------|---------|-------------|--------|-------------|---------|-------------|
| Classe morfológica |         |             |        |             |         |             |
|                    | [nʲ]    |             | [p]    |             | [j]     |             |
|                    | N/%     | p.r.        | N/%    | p.r.        | N/%     | p.r.        |
| Nomes              | 898/42  | <b>.359</b> | 213/10 | <b>.377</b> | 1040/48 | .264        |
| Verbo              | 938/49  | <b>.364</b> | 188/10 | <b>.351</b> | 808/42  | .286        |
| Outras             | 264/30  | .269        | 71/8   | .266        | 538/62  | <b>.466</b> |
| Total              | 2100/42 | –           | 472/10 | –           | 2836/48 | –           |

Tabela 14: classe morfológica

Constatamos que a classe dos nomes (substantivo e adjetivos) favorece a variante palatal (.377) seguida pela variante palatalizada (.359); de igual modo, os verbos também favorecem essas realizações, porém para a variante palatalizada tem pesos mais altos (.364) e para a palatal, pesos mais baixos (.351). Ou seja, nomes e verbos rivalizam no sentido de fazer concorrer entre si essas duas variantes de maneira que nomes conservam a palatal e verbos implementam a palatalizada.

A classe de mais baixa frequência no corpus - aqui reunida sob o rótulo ‘outras’, referente a pronomes indefinidos (como *nenhum(a)*) e advérbios como *amanhã*, *pouquinho* - mostra-se favorável somente à variante [j], com pesos bastante altos, inclusive (.466).

Em conclusão, verificamos aqui certa diferença com o que se relacionou à variação da lateral palatal: as classes de maior frequência interferem na variação, de modo a bloquear a variante despatalalizada e a favorecer a manutenção das formas palatal e palatalizada; contrariamente, as classe de menor frequência pressionam no sentido de promover despatalização da nasal palatal.

Tendo em vista a significância, esta classe foi selecionada duas vezes em três rodadas binárias, em uma delas como a primeira mais relevante e noutra, como a segunda.

#### 4.2.1.3 Extensão do vocábulo

Esta variável testa a significância da extensão da palavra para as variantes, pois, propugnávamos que a maior extensão tenderia a provocar uma variação em favor de [j], pois, a perda de substância fônica em palavras de maior extensão é fato bastante comum às línguas. Além disto, tem-se constatado que as estruturas de maior dimensão são fortes candidatas à assimilação, como diz Souza (1992, p. 43): “Em termos de processamento lexical, palavras mais extensas parecem favorecer a assimilação”.

Entretanto, como podemos verificar na tabela abaixo, embora nossos dados não corroborem essa consideração, eles apontam para outros fatos.

| Tabela 15            |         |             |        |             |         |             |
|----------------------|---------|-------------|--------|-------------|---------|-------------|
| Extensão do vocábulo |         |             |        |             |         |             |
|                      | [nʲ]    |             | [ɲ]    |             | [j]     |             |
|                      | N/%     | p.r.        | N/%    | p.r.        | N/%     | p.r.        |
| Dissílabos           | 1031/42 | <b>.341</b> | 227/9  | .322        | 1156/48 | <b>.337</b> |
| Tri/polissílabos     | 1069/42 | .326        | 245/10 | <b>.345</b> | 1230/48 | .329        |
| Total                | 2100/42 | –           | 472/10 | –           | 2836/48 | –           |

Tabela 15: extensão do vocábulo

A tabela 15 mostra uma atuação dos vocábulos dissílabos aparentemente contraditória: ao mesmo tempo em que favorecem a variante palatalizada [nʲ] (.341) eles também condicionam favoravelmente a realização da semivocalizada [j] (.337). Os polissílabos, por sua vez, favorecem a manutenção da palatal [ɲ] (.345).

A preferência das variantes [nʲ] e [j], especialmente dessa última nos vocábulos de menor extensão, pode estar relacionada ao fato de se encontrarem em contexto átono e final de palavra, o que favorece em nossa língua uma pronúncia mais ‘frouxa’ e mesmo o apagamento de segmentos, como se constata em vários estudos variacionistas em língua portuguesa sobre fenômenos de apagamento em final átono de palavra.

Em suma, podemos concluir pelos resultados mostrados que, ao contrário do esperado, a maior extensão dos vocábulos, em nossa amostra, influencia a manutenção do traço palatal em oposição ao aos de menor extensão que atuam para a despalatalização.

Em termos binários, este fator foi excluído em todas as rodadas realizadas.

#### 4.2.1.4 Altura do segmento antecedente

Podemos observar, pela tabela 16, o comportamento das variantes em relação à altura: as vogais altas favorecem as variantes palatal (.355) e palatalizada (.346); as vogais não-altas condicionam o maior uso da variante semivocalizada (.370).

| Tabela 16                        |         |             |        |             |         |             |
|----------------------------------|---------|-------------|--------|-------------|---------|-------------|
| Altura do segmento antecedente   |         |             |        |             |         |             |
|                                  | [nʲ]    |             | [ɲ]    |             | [j]     |             |
|                                  | N/%     | p.r.        | N/%    | p.r.        | N/%     | p.r.        |
| Vogais Altas [i, u]              | 1095/33 | <b>.346</b> | 338/10 | <b>.355</b> | 1900/57 | .299        |
| Vogais Não-altas [e, ε, o, ɔ, a] | 1005/62 | .319        | 134/8  | .311        | 486/30  | <b>.370</b> |
| Total                            | 2100/42 | –           | 472/10 | –           | 2836/48 | –           |

Tabela 15: Altura do segmento antecedente

A atuação da altura para essas variantes não deixa de ser algo surpreendente: esperávamos que o contexto de vogais altas atuasse de modo a favorecer as realizações dos segmentos [nʲ] e [j], tendo em vista a similaridade articulatória. De igual modo o ambiente de não-altas teria maior favorecimento para a manutenção da variante [ɲ], que em nossa interpretação é realizada com a parte anterior da língua (lâmina) em direção ao palato duro, porém com a ponta da língua na parte de trás dos dentes inferiores.

Assim, era de se esperar um processo assimilatório em que altura das vogais tivessem, em termos probabilísticos, maior condicionamento para as ocorrências [nʲ] e [j], tendo em vista acomodação/facilitação articulatória, promovendo com isso a perda parcial ou total do traço palatal.

De fato, os pesos mostram que os segmentos altos no contexto considerado atuam para a realização de [nʲ] para a qual há, do ponto de vista fonético, o levantamento da parte anterior da língua em direção ao palato duro. Entretanto, o mesmo não ocorre para [j], o que indica ação dissimilatória desse contexto para essa realização.

Então, pelos resultados aqui obtidos, podemos sumarizar a atuação da altura das vogais em contexto antecedente dizendo que as vogais altas serão favoráveis à manutenção do traço palatal e ao bloqueio da semivocalização, e, contrariamente, vogais não-altas tenderão ao condicionamento favorável de realização semivocalizada, de maneira que as diferenças

entre contexto antecedente e variante são acentuadas, como já havíamos constatado no caso da variante [j] da lateral palatal.

A importância deste grupo para a variação foi atestada em rodadas binárias, sendo selecionado entre os três primeiros mais relevantes.

#### 4.2.1.5 Altura do segmento subsequente

Os índices registrados para este grupo de fatores contrariam parte de nossas hipóteses iniciais. Esperávamos que os segmentos altos, dada a similaridade quanto à altura, atuassem favoravelmente de modo mais equilibrado para a ocorrência das variantes [n<sup>j</sup>] e [j]. Porém, se isso se confirma para [j], notadamente pesos bastante altos (.412), o mesmo não se vê para [n<sup>j</sup>], que é condicionada a contextos não-altos (.435). Por outro lado, esse ambiente é favorável para [ɲ] (.344) e [j] como se verifica na tabela 17.

| Tabela 17                      |                   |             |        |             |         |             |
|--------------------------------|-------------------|-------------|--------|-------------|---------|-------------|
| Altura do segmento subsequente |                   |             |        |             |         |             |
|                                | [n <sup>j</sup> ] |             | [ɲ]    |             | [j]     |             |
|                                | N/%               | p.r.        | N/%    | p.r.        | N/%     | p.r.        |
| Altas [i, u]                   | 537/40            | .244        | 144/11 | <b>.344</b> | 655/49  | <b>.412</b> |
| Não-altas<br>[e, ε, o, ɔ, a]   | 1563/43           | <b>.435</b> | 328/9  | .308        | 1731/48 | .257        |
| Total                          | 2100/42           | –           | 472/10 | –           | 2836/48 | –           |

Tabela 17: Altura do segmento subsequente

Os resultados para a variante [n<sup>j</sup>] contradizem o que esperávamos para essa realização, que, como já dissemos, se caracteriza pelo levantamento da parte anterior da língua em direção ao palato duro, o que permitiria predizer uma atuação assimilatória do contexto em favor dessa ocorrência. Entretanto, não é o que ocorre em nossos dados.

Note-se que, inversamente ao que se verificou para o contexto antecedente, aqui se observa o parâmetro altura atuar em duas direções contrárias: ora favorece a manutenção do traço palatal ([n<sup>j</sup>], [ɲ]), ora favorece a perda desse mesmo traço ([j]). Noutras palavras, para a variante [j] concorre um processo assimilatório, enquanto que para [ɲ] e [n<sup>j</sup>], dissimilatório.

O que se conclui, portanto, é que esse fator, no geral, não fixa condicionamentos claros para a variação. A significância deste grupo não foi comprovada em rodadas binárias.

#### 4.2.1.6 Anterioridade da vogal antecedente

A atuação deste grupo não confirma completamente nossas expectativas quanto ao tipo de influência exercida sobre as variantes [nʲ] e [j], esperávamos, por hipótese, que a anterioridade dos segmentos favorecesse a maior ocorrência das variantes que, em nosso corpus, caracterizamos como formas articuladas mais à frente da boca. Consultemos os resultados a seguir:

| Tabela 18                          |         |             |        |             |         |             |
|------------------------------------|---------|-------------|--------|-------------|---------|-------------|
| Anterioridade da vogal antecedente |         |             |        |             |         |             |
|                                    | [nʲ]    |             | [ɲ]    |             | [j]     |             |
|                                    | N/%     | p.r.        | N/%    | p.r.        | N/%     | p.r.        |
| Anterior<br>[i, e, ε]              | 1372/37 | .259        | 376/10 | <b>.341</b> | 1981/53 | <b>.399</b> |
| Posterior<br>[u, o, ɔ, a]          | 728/59  | <b>.415</b> | 96/8   | .315        | 405/33  | .270        |
| Total                              | 2100/42 | –           | 472/10 | –           | 2836/48 | –           |

Tabela 18: anterioridade da vogal antecedente

Vemos que a variante palatalizada é favorecida em contexto de vogal posterior (.415) e a variante palatal em contexto de vogal anterior (.341), o que contraria nossa hipótese sobre esse aspecto em particular: como dissemos acima, esperávamos que o ambiente de vogais anteriores fosse favorável à [nʲ], e, ao contrário, [ɲ] estivesse condicionada ao ambiente de vogal posterior, dadas as similaridades fonéticas entre as variantes e esses ambientes.

Assim pelos índices, a única hipótese que se confirma é quanto à variante semivocalizada que, como supúnhamos, é favorecida depois de vogais anteriores (.399). O que se nota aqui é a atuação ambígua desse parâmetro: variante palatal e semivocalizada são ambas favorecidas em contexto de vogais anteriores. Talvez isso aponte para a não relevância desse fator para o condicionamento das variantes.

De fato, pelas rodadas binárias, este grupo não se mostrou significativo para a variação em questão, sendo excluído em todas elas.

#### 4.2.1.7 Anterioridade da vogal subsequente

A tabela 19 traz resultados um tanto diferentes daqueles obtidos para o contexto antecedente: verificamos aqui que o contexto subsequente de vogal anterior é favorável à

variante palatal (.348) e à palatalizada [nʲ] (.338), e o contexto de vogal posterior é favorável à variante semivocalizada [j] (.353), como demonstrado a seguir.

| Tabela 19                          |         |             |        |             |         |             |
|------------------------------------|---------|-------------|--------|-------------|---------|-------------|
| Anterioridade da vogal subsequente |         |             |        |             |         |             |
|                                    | [nʲ]    |             | [ɲ]    |             | [j]     |             |
|                                    | N/%     | p.r.        | N/%    | p.r.        | N/%     | p.r.        |
| Anterior<br>[i, e, ε]              | 424/57  | <b>.338</b> | 67/9   | <b>.348</b> | 255/34  | .314        |
| Posterior<br>[u, o, ɔ, a]          | 1676/0  | .328        | 405/10 | .319        | 2131/51 | <b>.353</b> |
| Total                              | 2100/42 | –           | 472/10 | –           | 2836/48 | –           |

Tabela 19: anterioridade da vogal subsequente

Como já dissemos para o grupo antes analisado, esperávamos resultados mais aproximados para as variantes em relação ao aspecto fonético do contexto de vogal anterior devido terem em comum o traço da anterioridade, especialmente em se tratando das variantes palatalizada e semivocalizada, para as quais era de se contar com pesos favorecedores. Não é o que se constata pelos índices numéricos.

Observamos que o contexto de vogais altas influencia tanto a palatal quanto a palatalizada; aqui também somos surpreendidos pelos resultados para [j] que indicam seu condicionamento ao contexto de vogal posterior subsequente.

Com isso, temos resultados que indicam um fenômeno do tipo dissimilatório, por um lado, e, por outro, dissimilatório: no primeiro caso, ao atuar em favor da manutenção do traço palatal, e no segundo, ao inibir a semivocalização.

Como já aconteceu em caso antes analisados, em relação a este parâmetro também não é possível distinguirmos claramente o seu modo de atuação sobre as tendências de usos.

Ao testarmos a relevância desse grupo para a variação, ele foi considerado em uma única vez nos testes binários.

#### 4.2.1.8 Estrutura da palavra

Os resultados apresentados abaixo contradizem parte de nossas hipóteses para a atuação deste grupo. Por elas, pretendíamos que a raiz fosse mais favorável à variante nasal palatal e o sufixo, às demais variantes. Entretanto, verificamos na tabela 20 que a raiz

favorece [nʲ] (.429) e o sufixo derivacional, [ɲ] (.343) e [j] (.408), como se pode examinar a seguir.

| Tabela 20            |         |             |        |             |         |             |
|----------------------|---------|-------------|--------|-------------|---------|-------------|
| Estrutura da palavra |         |             |        |             |         |             |
|                      | [nʲ]    |             | [ɲ]    |             | [j]     |             |
|                      | N/%     | p.r.        | N/%    | p.r.        | N/%     | p.r.        |
| Raiz                 | 1897/47 | <b>.429</b> | 382/9  | .310        | 1776/44 | .261        |
| Suf.derivacional     | 203/22  | .249        | 90/10  | <b>.343</b> | 610/88  | <b>.408</b> |
| Total                | 2100/42 | –           | 472/10 | –           | 2836/48 | –           |

Tabela 20: Estrutura da palavra

Os índices confirmam que, quanto à atuação do sufixo derivacional, essa parte da estrutura da palavra é altamente favorável à variante semivocalizada. Era o que prevíamos para esse contexto, em função de ser um ambiente átono final de palavra, o que o torna apropriado à supressão ou a pronúncias abrandadas, enfraquecidas, como já atestado em vários trabalhos variacionistas sobre diversas realizações fonéticas no português brasileiro.

De fato, essa observação mais uma vez aqui se confirma em relação ao uso de [j], mas o favorecimento dessa estrutura para a variante nasal palatal causa certo estranhamento. É possível, entretanto, relacionarmos esse favorecimento à estrutura silábica: os sufixos derivacionais são encontrados em vocábulos trissílabos e polissílabos que, como vimos anteriormente, não favorecem a perda do traço palatal.

Em suma, a partir de nossos dados, podemos ainda dizer que tanto a raiz quanto o sufixo condicionam as realizações [nʲ] e [ɲ], com as seguintes ressalvas: comparativamente, a raiz apresenta índices probabilísticos altos para aquela (.429) e mais baixos para essa (.343); enquanto, somente o sufixo favorece a variante [j] com pesos bastante altos (.408).

Os testes binários atestaram que este grupo é significativo para a variação estudada, em todas as rodadas realizadas.

## 4.2.2 Análise das variáveis sociais

### 4.2.2.1 Sexo

A tabela 21 apresenta muito claramente a polarização na fala de mulheres e homens quanto ao uso das variantes: elas preferem a variante [ɲ], com pesos (.362), e eles, a variante

[j], com pesos idênticos. Já a variante [n<sup>j</sup>] tem pesos neutros tanto para homens quanto mulheres.

Essa forte polarização chama a atenção, especialmente pela inibição da variante semivocalizada na fala da mulher, como se constata a seguir.

| Tabela 21 |                   |      |        |             |         |             |
|-----------|-------------------|------|--------|-------------|---------|-------------|
| Sexo      |                   |      |        |             |         |             |
|           | [n <sup>j</sup> ] |      | [p]    |             | [j]     |             |
|           | N/%               | p.r. | N/%    | p.r.        | N/%     | p.r.        |
| Fem.      | 1124/42           | .333 | 273/10 | <b>.362</b> | 1262/47 | .305        |
| Masc.     | 976/42            | .332 | 199/9  | .306        | 1124/49 | <b>.362</b> |
| Total     | 2100/42           | –    | 472/10 | –           | 2836/48 | –           |

Tabela 21: Sexo

A inibição de certos usos na fala feminina, e, contrariamente, a preferência desses mesmos usos entre homens têm demonstrado a suscetibilidade feminina às chamadas formas padrão da língua.

Tem-se atribuído a preferência das mulheres à pressão exercida pela sociedade que diferencia papéis masculino e feminino e impõe às mulheres um comportamento mais polido, mais educado incluindo-se nisto a linguagem. Isso pode ser observado de modo mais amplo na Análise da Conversação, pois, segundo Tannen<sup>110</sup> (1990) e Coulthard (1991) (apud Paiva, 2004, p. 35) “Enquanto os homens tendem a manifestar um estilo mais independente e uma postura que garanta seu prestígio, as mulheres orientam sua conversação de forma mais solidária, que busca o envolvimento do interlocutor”.

Isso explicaria, por exemplo, por que as mulheres tendem a evitar palavras de baixo calão ou gírias, o que significa “uma maior consciência feminina do status social das formas lingüísticas” (Paiva, 2004, p. 35).

Também por isso, a mulher se mostra mais receptiva, mais sensível à normatização lingüística promovida pela escola, sendo mais dependente neste aspecto. O conservadorismo feminino quanto aos usos da língua está diretamente relacionado com o prestígio a eles associado, de maneira que uma forma inovadora aparece implementada na fala feminina conforme o valor social que lhe é atribuído.

<sup>110</sup> TANNEN, D. You Just don't understand: women and men in conversation. New York: WILLIAM Morrow and Company Inc., 1990.

Por outro lado, os estudos de Milroy e Trudgill, também mencionados pela mesma autora, vieram a demonstrar que a fala feminina se relaciona com os tipos de contatos mantidos no grupo social, de forma que quanto maior sua inserção na comunidade mais sua fala se identificará com a masculina, uma vez que essa compartilha semelhanças com a fala da comunidade local, é o que se chama de *prestígio encoberto*, típica da fala masculina, podendo ser esta bem afastada da fala padrão.

Trudgill (1991, p. 78), comentando resultados de diversos estudos variacionistas, faz a seguinte afirmação:

Todos os pesquisadores chegaram à conclusão de que, mesmo levando em conta outras variáveis (...) as mulheres produzem de modo consistente formas lingüísticas mais próximas da linguagem padrão (norma padrão) ou mais prestigiosa que as dos homens, ou então que elas produzem com mais frequência formas desse tipo.

O que se observa é que a fala feminina poderá ser marcada ora pelo maior conservadorismo ora pela inovação, dependendo de suas relações sociais e das formas consideradas mais prestigiadas pelo grupo com o qual a mulher sente maior identificação.

Sobre o comportamento lingüístico cuidadoso da mulher, o próprio Labov (2001) faz a seguinte afirmação “Quanto às variantes lingüísticas estáveis, as mulheres apresentam uma taxa mais baixa de variantes estigmatizadas e uma taxa mais elevada de variantes de prestígio do que os homens.”<sup>111</sup> (2001, p. 266).

Levando em conta todas essas considerações, podemos atribuir à variante [ɲ] um maior prestígio, por estar relacionado ao uso considerado padrão, em oposição a [j].

Dentre os trabalhos analisados, o de Soares (2002), para Marabá (PA), fornece dados quanto aos usos da nasal palatal relacionando a preferência de variantes com traço palatal à fala feminina e a sua ausência à fala masculina.

Vejamos no gráfico seguinte como a variação se distribui entre homens e mulheres na amostra aqui enfocada:

---

<sup>111</sup> “For stable sociolinguistic variables, women show a lower rate of stigmatized variants and a higher rate of prestige variants than men.”

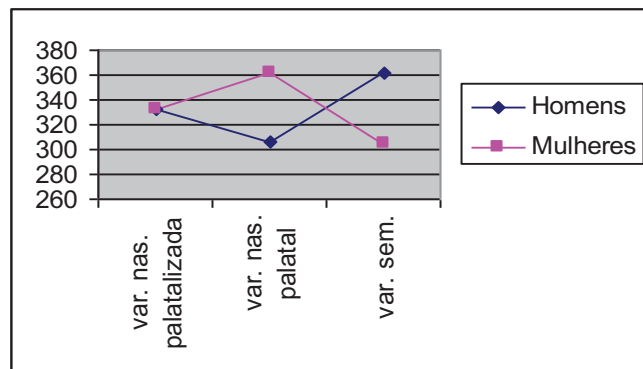


GRÁFICO 7: DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /ɲ/ POR SEXO

A representação gráfica mostra que homens e mulheres se assemelham quanto ao uso de [nʲ], em seguida se afastam de modo considerável quanto à preferência de [ɲ], em escala crescente para mulheres e decrescente para homens, e, inversamente, para [j] crescente para homens e decrescente para mulheres. Em resumo: a semivocalização é inibida na fala feminina e implementada na fala masculina. Noutras palavras, as mulheres atuam para a conservação do traço palatal, e os homens não, o que parece algo relevante para a análise em questão.

Realmente, a relevância desse grupo foi atestada em duas rodadas binárias, mas não dentre os primeiros mais significativos à variação.

#### 4.2.2.2 Faixa Etária

Como dissemos anteriormente para este mesmo grupo de fatores, em sociolinguística se aceita como fato que os falantes de uma língua adquirem a língua na primeira fase de suas vidas, sofrendo poucas modificações depois disto. Conseqüentemente, um estudo que queira identificar formas em variação ou em mudança poderá fazê-lo a partir da comparação entre a fala de indivíduos de gerações diferentes.

A partir dessa comparação diz-se que a variação é estável - se as variantes identificadas com as formas conservadoras ocorrem com freqüência na fala dos mais jovens - ou, ao contrário, levanta-se a hipótese de mudança em progresso - se a maior ocorrência de uma dada variante conservadora se mantém na fala dos mais velhos. Tais aspectos então podem ser observados a partir dos dados da tabela 22.

| Tabela 22    |         |             |        |             |         |             |
|--------------|---------|-------------|--------|-------------|---------|-------------|
| Faixa Etária |         |             |        |             |         |             |
|              | [nʲ]    |             | [ɲ]    |             | [j]     |             |
|              | N/%     | p.r.        | N/%    | p.r.        | N/%     | p.r.        |
| 15-25        | 579/39  | .295        | 161/11 | <b>.356</b> | 852/49  | <b>.348</b> |
| 26-25        | 776/45  | <b>.358</b> | 154/9  | .308        | 798/46  | <b>.334</b> |
| +46          | 745/42  | <b>.349</b> | 157/9  | <b>.336</b> | 736/50  | .316        |
| Total        | 2100/42 | –           | 472/10 |             | 2836/48 | –           |

Tabela 22: Faixa etária

Vemos que a faixa etária dos mais jovens implementa o uso tanto da variante palatal [ɲ] (.356) quanto da semivocalizada [j] (.348). Isto indica que as duas tendências rivalizam-se, podendo gozar do mesmo prestígio no falar em estudo. Tais resultados contrariam aqueles obtidos em outros estudos. A pesquisa de Aragão (1997) no ALPB registra a tendência para a semivocalização entre os falantes à medida que aumenta a faixa etária, portanto quanto mais alta, maior os percentuais de uso, que atinge o seu máximo a partir dos 70 anos.

Silva e Moreira (1997) também apontam índices com as mesmas características para o APERJ, a tendência a [j] é predominante entre os mais velhos tanto da região litorânea quanto interiorana. Soares (2002) também identifica tal tendência entre falantes mais velhos no falar de Marabá (Pa).

Os resultados obtidos em nossa amostra e registrados na tabela 22, nos surpreendem num aspecto: atribuíamos à variante [j] a preferência entre os jovens, dada sua alta frequência na amostra e, empiricamente, observarmos a sua distribuição regular em todos os falantes, pelo menos na região sudeste do Pará. Isso de fato se confirma, porém, constata-se aqui também esta surpreendente preferência por [ɲ], o que demonstra a vitalidade da variante palatal, bem como a estabilidade da variação, também conservada na fala da faixa etária mais alta. Notemos como isso se acha representado abaixo:

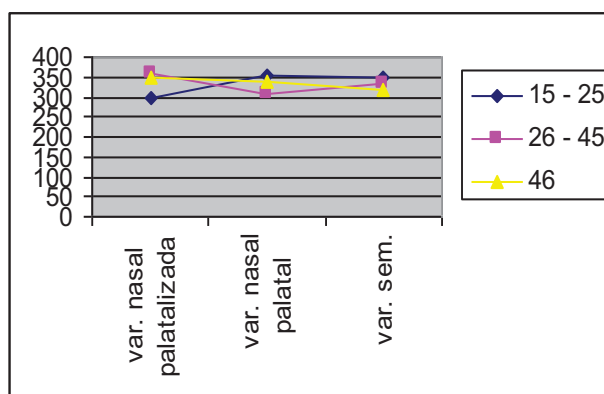


GRÁFICO 8: DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /ɲ/ POR FAIXA ETÁRIA

Vemos que, na amostra aqui estudada, as faixas etárias apresentam um comportamento muito próximo, do seguinte modo: a faixa etária mais alta demonstra o conservadorismo ao preferir o uso de [ɲ] a [j], mas admitindo a inovação em favor de [nʲ] (.349). Por sua vez, a segunda faixa etária se comporta de modo intermediário: de um lado, tende ao maior uso de [nʲ] (.358) e, de outro, atua de forma levemente favorável em relação a [j] (.334), assim se aproximando tanto da fala dos mais jovens quanto dos mais velhos. Os mais jovens se distanciam das demais faixas em relação ao uso de [nʲ]. Com isso, podemos concluir pela estabilidade da variação.

Em termos de significância, este grupo foi selecionado por duas vezes em três rodadas binárias.

#### 4.2.2.3 Anos de escolaridade

O peso da escolarização se faz sentir na proporção em que maior escolarização significa maior rejeição às formas não-padrão e, inversamente, menos escolarização maior aceitação dessas formas<sup>112</sup>: “nos fenômenos de mudanças constata-se que os falantes de maior escolarização tendem a privilegiar mudanças que implementam uma forma socialmente aceita e desfavorecem mudanças que se opõem ao padrão.” (Silva e Scherre, 1996, p. 343).

Ao que se constata, a escola atua como reguladora de usos, tanto no sentido da implementação quanto no da conservação das formas lingüísticas, tanto é assim que para Votre (2003) não há mudança lingüística se para isto não houver a atuação favorável e definitiva da escola.

Podemos então dizer que, de um modo geral, a escola favorece o uso das formas prestigiadas socialmente, consagradas pelo uso de certo grupo social e/ou de uma região, incluindo aqueles usos codificados pela gramática.

A tabela 23 registra resultados que apontam para a importância dessa variável social para o condicionamento da variação aqui enfocada:

---

<sup>112</sup> Isso pode ser constatado tanto nos casos de variação estável quanto de mudança lingüística.

| Tabela 23            |         |             |        |             |         |             |
|----------------------|---------|-------------|--------|-------------|---------|-------------|
| Anos de escolaridade |         |             |        |             |         |             |
|                      | [nʲ]    |             | [ɲ]    |             | [j]     |             |
|                      | N/%     | p.r.        | N/%    | p.r.        | N/%     | p.r.        |
| 0-8 anos             | 1119/47 | .294        | 238/10 | .319        | 1038/43 | <b>.387</b> |
| +8 anos              | 981/38  | <b>.373</b> | 234/9  | <b>.344</b> | 1348/53 | .283        |
| Total                | 2100/42 | –           | 472/10 | –           | 2836/48 | –           |

Tabela 23: Anos de escolaridade

Vemos que a maior escolaridade dos falantes leva-os a preferirem as variantes com o traço palatal, isto é, [nʲ], com pesos (.373), e [ɲ], com (.344), ao passo que a menor escolaridade os faz tenderem ao maior uso de [j] (.387).

Tendo em conta o papel regulador da escola quanto aos usos lingüísticos, podemos associar as variantes com o traço palatal às formas prestigiadas pela escola, ao contrário da variante semivocalizada.

É o que também podemos concluir a partir de alguns trabalhos sobre nasal palatal: a semivocalização associada à baixa escolaridade foi constatada por Aragão (1997) no ALPB, no qual é mais freqüente entre indivíduos analfabetos e falantes com primário incompleto e completo, nessa gradação.

De igual modo, Silva e Moreira (1997), a partir de dados do APERJ, atestam a semivocalização na fala de informantes masculinos semi-alfabetizados e analfabetos; assim como Soares (2002) que registra a preferência por essa variante na fala de indivíduos não escolarizados e com pouca escolaridade de Marabá (Pa).

Vemos no gráfico 9 a representação das tendências em nossa amostra.

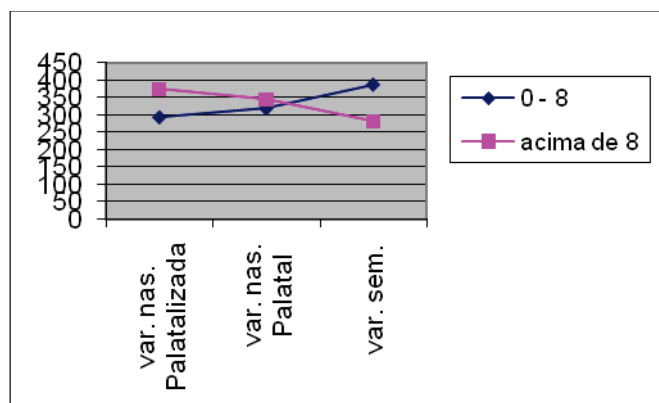


GRÁFICO 9: DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /ɲ/ POR ANOS DE ESCOLARIDADE

A configuração gráfica da variação mostra que as preferências de usos se distanciam inicialmente para [nʲ], há leve sobreposição de maior escolaridade em relação a [ɲ] e novamente se distanciam quanto a [j]. O que se conclui pela escala dada é que o traço palatal se garante pela maior escolaridade dos falantes, porém os de menor escolaridade são sensíveis a sua manutenção, o que é demonstrado pela variante palatalizada.

A importância deste fator foi confirmada pela realização de duas rodadas binárias, pelas quais este grupo foi selecionado.

#### 4.2.2.4 Origem geográfica

Como os resultados da tabela 24 nos mostram, o traço palatal se mantém preferencialmente na fala da capital, mas, também, na fala das cidades com histórico semelhante. Por outro lado não é uso preferencial nas regiões com histórico de colonização e migração diferente dessas cidades.

| Tabela 24         |         |             |        |             |         |             |
|-------------------|---------|-------------|--------|-------------|---------|-------------|
| Origem geográfica |         |             |        |             |         |             |
|                   | [nʲ]    |             | [ɲ]    |             | [j]     |             |
|                   | N/%     | p.r.        | N/%    | p.r.        | N/%     | p.r.        |
| Belém             | 529/64  | <b>.559</b> | 77/9   | .287        | 222/27  | .154        |
| Bragança          | 368/46  | <b>.382</b> | 84/11  | <b>.342</b> | 341/43  | .276        |
| Soure             | 680/54  | <b>.453</b> | 121/10 | .306        | 462/37  | .241        |
| Santarém          | 284/57  | <b>.337</b> | 118/24 | <b>.575</b> | 94/19   | .087        |
| Marabá            | 149/16  | .129        | 26/3   | .102        | 785/82  | <b>.769</b> |
| Altamira          | 90/15   | .105        | 46/7   | .252        | 482/78  | <b>.643</b> |
| Total             | 2100/42 | –           | 472/10 | –           | 2836/48 |             |

Tabela 24: Origem geográfica

Os pesos registrados na tabela 24 indicam que, na fala de Belém, a variante preferida é [nʲ] (.559), e, embora sem resultados favoráveis, a variante [ɲ] tem índices acima de [j], indicando, comparativamente, sua maior tendência de uso.

A cidade de Soure tem comportamento semelhante a Belém, com pesos (.453) para [nʲ]. Já Bragança e Santarém assemelham-se a essas duas cidades e entre si, até certo ponto: ambas dão preferência às duas variantes com traço palatal, porém, na primeira, a variante [nʲ] tem pesos mais altos (.382) do que [ɲ] (.342), enquanto a segunda tem pesos mais altos para [ɲ] (.575) e para [nʲ] (.337). Em todas essas cidades não há tendência favorável à

semivocalização, ao contrário de Marabá e Altamira, respectivamente com pesos (.769) e (.643) favoráveis à variante [j].

Os estudos de Brandão para os usos de /ɲ/ nos Atlas lingüísticos ALPB, AFBP, ALSE, EALMG atestam a semivocalização da nasal palatal nos falares baianos e nordestinos, de modo predominante.

Como já comentado na reflexão sobre a outra variável fonológica, a origem dos informantes é de grande importância para entendermos as tendências de uso encontradas em nossa amostra. Para isso, vamos reconsiderar aqui, um pouco mais, aspectos históricos e socioeconômicos relacionados ao sul e sudeste Paraense, considerados *regiões de fronteira* no estado do Pará, devido ao processo de colonização e desenvolvimento que se caracterizam por grande movimento migratório, a partir da última década do século XIX e intensificado durante o século XX.

As diversas atividades econômicas<sup>113</sup> favoreceram as migrações, movimentando indivíduos oriundos de diversas regiões, tanto ricas como pobres, especialmente nordestinos, que “lá ocupariam, geralmente, as funções de menos valor e prestígio social.” (Penalva, 2002: 51), em busca de melhores condições de sobrevivência. Isso faz com que o sudeste do Pará, especialmente Marabá, tenha características peculiares, devido ser a região com histórico de maior fluxo migratório do estado. Como diz Penalva:

O sudeste do Pará é considerado uma região pré-amazônica, porta ou entrada para a Amazônia brasileira. Um espaço que não faz parte do Nordeste brasileiro, nem da Amazônia propriamente dita, mas algo de intermediário, uma espécie de intersecção entre as duas coisas. As características dessas duas regiões convivem ali com outras resultantes dos cruzamentos e mesclagens culturais, configurando o conjunto cultural ocupante desse espaço intermediário. (Penalva, 2002: 51).

De fato, as diferenças lingüísticas e culturais dessas regiões face às demais são bastante perceptíveis em diversos aspectos: socioeconômicos, culturais e lingüísticos. Algumas dessas características compartilhadas pela cidade de Altamira<sup>114</sup>.

Em que pese essas similaridades, é interessante observar que Marabá avança mais fortemente em direção à semivocalização da nasal palatal, como indicam os pesos (.769), por comparação com Altamira (.643), que, por sua vez, apresenta tendência (ainda que não alcance índices de favorecimento) para a preservação da palatal (.252) mais alta do que

<sup>113</sup> Como extração do caucho, coleta de castanha-do-pará, garimpagem, pecuária, extração de madeira.

<sup>114</sup> Ver em anexo “O Estado do Pará.”

marabá (.102). Assim, podemos dizer que, em Marabá, a oposição se dá entre [j]- [nʲ] e Altamira entre [j]-[ɲ]. Noutras palavras, essa última cidade demonstra maior tendência à preservação do traço palatal.

Em relação ao uso específico dessas variáveis fonológicas, a manutenção do traço palatal<sup>115</sup> é comumente associada à “fala dos paraenses”, identificada no senso comum com a fala de Belém, o que está de acordo com a seguinte afirmação de Lyons (1987, p. 249): “os membros de uma comunidade lingüística reagem freqüentemente a diferenças de pronúncias subfonêmicas e fonêmicas da mesma maneira, como indicadores da proveniência regional ou social do falante”. O que é amplamente confirmado na convivência entre falantes paraenses no que tange ao reconhecimento desse traço em particular, por exemplo, ao atribuir ao falante de Belém o “falar chiando” e pronúncias do tipo ‘galhinha’ por ‘galinha’.

De fato, em relação à variação da nasal palatal vemos constatada essa diferenciação de pronúncia, conforme os resultados registrados para as tendências de usos de cada cidade, como se observa no Gráfico 10:

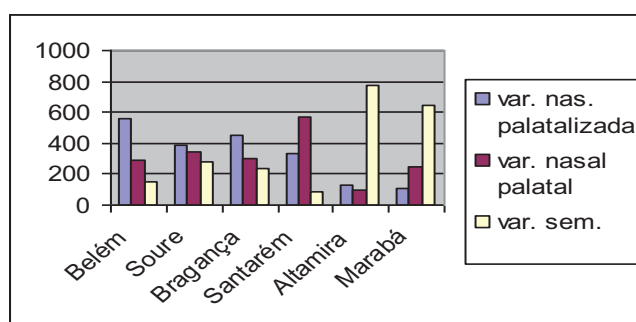


GRÁFICO 10: DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES DE /ɲ/ POR CIDADE

Vê-se claramente demonstrado que a semivocalização é altamente produtiva em Marabá e Altamira, mais nessa última, enquanto, nas demais cidades, prevalece a manutenção do traço palatal, mas, como se pode comparar, em escala mais baixa do que para aquela realização. Assim, em síntese, temos no falar do estado duas tendências concorrentes: uma de conservação das formas palatais e outra de implementação da forma não palatal, com certa vantagem para as palatais e palatalizadas por conta de serem de maior tendência em 3 cidades.

<sup>115</sup> Inclusive a palatalização de [l] diante de [i] é uma dessas características, como se pode constatar no estudo de Oliveira (2006), bem como o uso de [ʃ] e [ʒ] como variante de /s/ em final de sílaba, como também constatado por Vieira (1983).

A importância do grupo foi atestada em rodadas binárias, pelas quais foi selecionado dentre os grupos mais significativos à variação.

## COMENTÁRIOS FINAIS

Os dados aqui discutidos revelam que a variação das consoantes palatais lateral e nasal pode comportar mais do que a oposição [ʎ]-[j] e [ɲ]-[j], como pudemos encontrar nos estudos anteriormente revisados. Talvez seja esta a maior contribuição que este trabalho possa dar, pois lança à baila a possibilidade de mais realizações do que aquelas comumente reconhecidas no Português Brasileiro, especialmente num mesmo falar.

As formas alternantes aqui quantificadas apontam para aquilo que empiricamente já detectávamos: a palatalização e/ou sua ausência, em determinados segmentos no falar paraense, pode significar uma interessante distinção interna revelando subdialetos a partir desse traço fonético, em particular.

Além disso, as diferentes realizações, como poderemos constatar no próximo capítulo, podem ser interpretadas fonologicamente conforme a afirmação de Guy (2007:143):

Às vezes há relações entre as realizações alternativas da variável dependente que implicam que uma delas é um ponto intermediário na variação de outra. Labov (1969), no artigo em que propôs o modelo de regra variável, trata exatamente desse problema em conexão com as realizações da cópula em inglês.

Assim, a partir dessa perspectiva, podemos dizer que as formas variantes dessas consoantes não apenas são diferentes realizações fonéticas motivadas por aspectos lingüísticos e sociais - quantitativamente mensuráveis, revelando com isso sua distribuição, como demonstrado até aqui - mas elas também representam estágios de realizações que podem ser entendidas à luz de uma interpretação fonológica, como proporemos no próximo capítulo.

## 5. ANÁLISE DOS PROCESSOS FONOLÓGICOS

Como discutimos anteriormente, a Fonologia Gerativa Padrão, inaugurada pela obra *The Sound Patterns English* (SPE), de N. Chomsky e M. Halle (1968), propiciou o desenvolvimento da fonologia a ponto de dar conta das propriedades dos sistemas fonológicos das línguas em geral, partindo de dados reais de línguas particulares. Desdobramentos posteriores deram surgimento às fonologias ditas não-lineares que vão cada vez mais enfatizar os processos fonológicos existentes nas diferentes línguas, sendo a Geometria de Traços um dos estudos mais recentes.

Como veremos nas páginas seguintes, a preocupação dessa Fonologia é fornecer generalizações sobre os processos fonológicos das línguas a partir da produção dos sons possíveis pelo aparelho fonador humano, segundo uma “geometria” que descreve essas possibilidades articulatórias e entram no funcionamento das regras que dão origem aos processos.

A partir dessa orientação teórica propomos neste capítulo uma interpretação dos processos fonológicos relacionados aos segmentos de nossa amostra.

### 5.1 ALOFONES DE /k/ E /p/: REPRESENTAÇÕES GEOMÉTRICAS E PROCESSOS FONOLÓGICOS

As realizações encontradas em nossa amostra acham-se submetidas a alguns processos fonológicos que entendemos resultarem da aplicação de regras em ordenamento, no sentido de uma anteriorização desses segmentos. Segundo Crystal (1988, p.28), a anteriorização é um processo comum nas mudanças históricas dos sons, e quando as crianças estão aprendendo a falar. Nesse processo, um som (ou grupo de sons) pode vir a ser articulado em uma parte anterior da boca, contrariando as normas aceitas pelos adultos.

Para esse autor, um som anterior pode ser de dois tipos, aqueles que são articulados na frente da boca (chamados de anteriores) e aqueles articulados com a ponta da língua (chamados de coronais)<sup>116</sup>.

Hernandorena (1994), por sua vez, observa que em certa etapa do seu desenvolvimento fonológico, durante a aquisição da linguagem, as crianças tratam as fricativas palatais consoantes, bem como as palatais em geral, como consoantes complexas de modo que “todas as consoantes coronais do Português passam a ser redundantemente [+anteriores]” (p.162). Isso parece estabelecer alguma relação com o que estamos discutindo em nosso trabalho, como veremos mais adiante.

Notemos que, pelo sistema de traços, as palatais /ɲ/ e /j/ são especificadas, pelo menos para a maioria dos autores, como [coronais], [-anteriores]; note-se ainda que os alofones encontrados em nossa amostra têm em comum a coronalidade<sup>117</sup>, como também observa Oliveira (2007, p.154), em sua análise, sobre as realizações da alveolar lateral em posição pré-vocálica.

## 5.2 REPRESENTAÇÕES SUBJACENTES E REPRESENTAÇÕES DE SUPERFÍCIE

A descrição fornecida a partir de nossa amostra coloca alguns problemas a serem discutidos ao nos confrontarmos com a teoria fonológica que nos serve de orientação para uma interpretação dos fenômenos lingüísticos envolvidos nessas realizações.

O primeiro deles pode ser formulado do seguinte modo: em se tratando de uma teoria que postula formas subjacentes das quais derivam formas de superfície, qual será a forma subjacente fonológica da qual as realizações de superfície são derivadas, isto é, tornam-se fonéticas, tendo em vista as condições de aplicações de regras que geram as estruturas de superfície?

O segundo diz respeito ao processo de assimilação que justifica, do ponto de vista fonológico, os processos resultantes de ligamento e desligamento de linhas de associação conforme o modelo adotado: como justificar o espriamento de traços, considerando o contexto lingüístico, isto é, a qualidade do gatilho, se as variantes

---

<sup>116</sup> Clementes e Hume (1995) falam em “frente” da língua.

<sup>117</sup> Lembrando que Clementes e Hume (1995, p. 252) definem traços em termos de articulação do trato oral. O som *coronal* envolve a frente da língua como articulador ativo, *labial* envolve os lábios, e *dorsal* envolve o corpo da língua como um articulador ativo. São chamados “traços de lugar”.

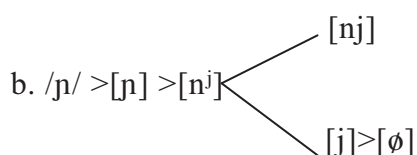
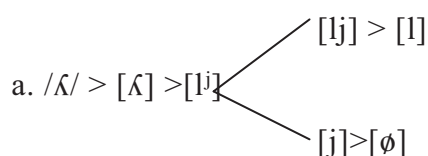
ocorrem todas em contexto vocálico, não havendo um gatilho específico, como se pode constatar, por exemplo, nos casos de palatalização em que os segmentos frontais altos funcionam como gatilho e desencadeiam este processo?

A primeira questão é vital ao nosso trabalho. Como nós temos visto, a maioria dos autores aqui comentados trata a soante palatal como segmento complexo, o que significa uma articulação secundária vocálica. Em nossa amostra, encontramos um grande número de realizações que corroboram essa interpretação: primeiro, as ocorrências encontradas preenchem aquelas condições, já discutidas anteriormente, em relação ao acento, à ramificação de rima, e a sua posição na sílaba, e segundo, há variantes dessas soantes palatais seguidas de um som vocálico [j], ora se comportando como parte da lateral palatal ora seguindo a lateral alveolar formando um ditongo com a vogal seguinte. Como já mostrado nos capítulos anteriores, as representações fonéticas desses alofones identificados em nossa amostra procuram dar conta das diferentes pronúncias registradas.

Assim, considerando essas ocorrências, qual delas será mais adequada para representação subjacente, tendo em vista a economia, clareza e simplicidade? Em termos de aplicação de regras derivacionais, quais serão as condições de aplicação?

Na tentativa de responder à primeira questão, nós assumiremos que os processos fonológicos envolvidos na variação das soantes palatais seguem processos fonológicos semelhantes que se dão em estágios:

(11)



De acordo com essa gradação, nós diremos que as soantes palatais apresentam três etapas de simplificação. A primeira caracteriza-se pela formação de segmentos palatalizados [l<sup>j</sup>]; [n<sup>j</sup>]; esse estágio é seguido por uma bifurcação. A segunda etapa se caracteriza pela despalatalização que consiste da simplificação dos segmentos em suas contrapartes não-palatais [l], [n] e da semivocalização, isto é, pela realização de uma semivogal ou semiconsoante [j], se considerarmos sua posição como *onset* de sílaba, e finalmente a terceira etapa, em que ocorre o apagamento, ou a não realização de segmento.

Note-se que essa perspectiva não contraria o percurso histórico que deu surgimento a essas soantes em língua portuguesa (v. cap. 1.4.2), estando de acordo também com a análise empreendida por Cagliari (1974) especialmente quanto a sua interpretação de que lh → ly (palatalizado) → ly, ou seja, palatal [λ] passa a [l<sup>j</sup>] palatalizado e este a [lj] despalatalizado, entendendo-se que processos semelhantes envolvem /n/.<sup>118</sup>

É necessário neste ponto dizer que o reconhecimento dos segmentos em nosso trabalho transcritos como [n<sup>j</sup>] e [l<sup>j</sup>] estabelecem contraste, não distintivo obviamente, de um lado, com a realização [λ]<sup>119</sup>, e de outro de [lj] não-palatal como se pode encontrar em formas da língua como filial, milionário, falível (conforme falha, milhão e falha), porém com a diferença de ser o segmento frontal [j] mais “fechado” do que [i].

Em relação à segunda questão, pudemos perceber em nossos dados que os ambientes fonéticos exercem influência para as realizações, sem, entretanto, fixar parâmetros específicos que caracterizem espriamento deste ou daquele traço vocálico, de modo a facilitar assimilação/dissimilação de traços das soantes palatais. Isso pode ser atribuído tanto à natureza do alvo quanto à do gatilho: os elementos que passam por

<sup>118</sup> É como já dissemos no cap. 4, e aqui transcrevemos por conveniência: “a passagem da palatal à palatalizada com iode tem a mesma facilidade da passagem da palatalizada com iode à palatal, no primeiro caso tem-se o aumento de energia e no segundo a diminuição: ly → ly → lh (i. e, [ly] despalatalizado para a [ly] palatalizado e este à palatal): : lh → ly (palatalizado) → ly (i.e, palatal [lh] passa a [ly] palatalizado e este a [ly] despalatalizado). Observa-se que: “A passagem de palatal à palatalizada seguida de iode se justifica perfeitamente pelo fato das palatais, sendo mais longas do que as demais consoantes, terem uma distensão mais pronunciada, o que pode dar a entender a presença de iode, seguido imediatamente à distensão. O enfraquecimento articulatorio não permitindo à palatal faz com que gerações mais novas percebam na distensão da palatal um iode e comecem a realizar a palatal como uma consoante palatalizada (menos enérgica e firme) seguida de iode.” (*op. cit.* p.118), Para a nasal palatal, este autor considera que a passagem seria mais brusca, ou seja, a passaria direto para um iode nasal, embora reconheça a existência uma nasal palatalizada seguida de iode.

<sup>119</sup> A assunção da palatal como representação subjacente, tal como propomos adiante, parece-nos coerente com o fato de que as palatais são segmentos do sistema fonológico do português, devido, obviamente, à *palatalidade*, pela qual estabelece distinção com formas não-palatais /l/ e /n/.

substituições são caracterizados como segmentos de coloração vocálica<sup>120</sup>, em ambiente intervocálico. Certamente, os processos são resultantes da pressão exercida pelas vogais devido ao seu Nó Vocálico, também encontrado na articulação secundária dos segmentos palatais, e que os faz complexos, de maneira que aqueles segmentos atuam no sentido da simplificação desses últimos, entretanto, sem estar relacionado a um segmento vocálico de uma forma mais específica. Entendemos, portanto, tratar-se de um processo de desagregação da complexidade da geometria interna das soantes palatais.

Essa forma de análise é prevista por Hernandorena (1999:88), ao tratar da ocorrência [ly]:

É também possível defender-se que essa sequência seja decorrente de uma simples fissão da geometria complexa que caracteriza a soante palatal: a fissão teria início pelo desligamento do nó Vocálico da sua estrutura interna (fazendo-a consoante simples); nesse caso, ficando o nó Vocálico flutuante, teriam de ser providenciados, por inserção *default*, todos os outros nós constitutivos da estrutura vocálica do glide [y], para sua realização fonética.

Portanto, nossa análise parte dessa perspectiva de fissão da geometria das palatais.

Os índices fornecidos pela análise estatística corroboram essa nossa compreensão. A análise quantitativa mostrou que, para /k/, em relação à *altura* das vogais do contexto, os segmentos altos /i,u/ favorecem a forma [l<sup>j</sup>] nos contextos antecedente e subsequente; e segmentos não-altos favorecem [l<sup>j</sup>] e [j] também nesses mesmos contextos; quanto à *anterioridade* das vogais contíguas vimos que as anteriores [i, e, ε] favorecem [l<sup>j</sup>] e [l<sup>j</sup>], em contexto antecedente e [l<sup>j</sup>] e [j] em contexto subsequente.

No caso da nasal palatal, também a altura atua de modo a favorecer tanto a assimilação quanto a dissimilação: vimos que, em contexto antecedente, os segmentos altos favorecem realizações palatal [ɲ] e palatalizada [ɲ<sup>j</sup>], enquanto os não altos condicionam a forma semivocalizada [j]; em relação ambiente subsequente as vogais altas atuam em favor da semivocalizada [j], mas também da palatal [ɲ]. Vimos ainda que

---

<sup>120</sup> Lembrando que, pela Fonologia Gerativa, esses segmentos têm em sua estrutura acústica o traço [+vocálico].

a anterioridade e posterioridade das vogais, em ambos os contextos antecedente e subsequente, de igual modo não atua diretamente sobre as realizações: no contexto antecedente de anteriores são favorecidas [ɲ] e [j] e no subsequente de anteriores [ɲ<sup>i</sup>] e [ɲ].

Levando-se, por exemplo, em conta somente o traço coronal presente tanto na variante [j] quanto nas vogais anteriores, vemos que não há um condicionamento fixo que leve sempre ao não favorecimento dessa variante nesse contexto, como poderia ocorrer tendo em vista a presença de dois traços idênticos em contexto adjacente, porém, por outro lado, é possível relacionarmos o apagamento de [j] a esse aspecto em particular, como em palavras como [tea] ‘teia’.

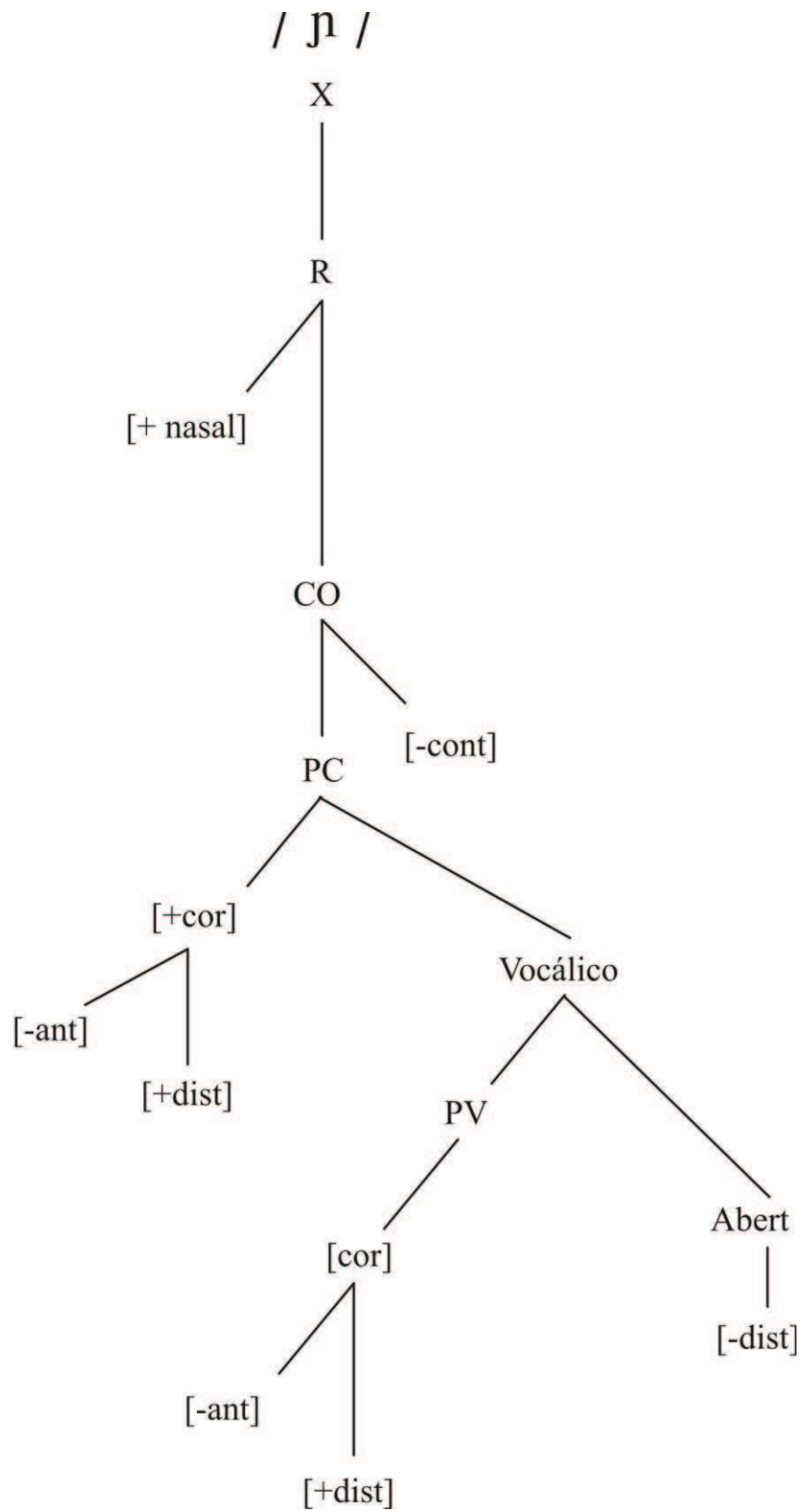
Assim, os índices fornecidos pela análise quantitativa dos segmentos nos permitiram concluir que, para as variáveis lingüísticas aqui estudadas, a aproximação fonética entre as realizações e os segmentos contíguos não condiciona de modo direto a despalatalização das soantes nasal e lateral palatis no corpus estudado, o que nos leva a concluir que os processos fonológicos envolvidos devem resultar, portanto, do contexto vocálico como um todo.

Naturalmente, o contrário disso pode-se constatar em estudos sobre palatalização. Em vários trabalhos, como o de Oliveira (2007), a palatalização de /l/ e de /n/ ocorre em ambiente específico, diante de [i]. Nesse caso, é necessário que o traço ativador do processo esteja no gatilho, em [i], para formar o segmento complexo. Já como pode ser observada em nosso trabalho, a variação de /ʎ/ e /ɲ/ independe de ambiente específico. Ou seja no caso das palatais de nossa análise, a variação independe disso, pois já apresenta caráter complexo. Como podemos constatar em nossa análise, outros fatores é que atuam sobre essa variação, estando relacionados à simplificação desses segmentos complexos, tendência comum às línguas, à atuação do PCO e à estruturação silábica da língua.

Enfim, as considerações aqui feitas acerca dos aspectos fonético-fonológicos envolvidos na realização desses segmentos levam-nos a assumir as seguintes representações geométricas para as soantes palatais lateral e nasal:

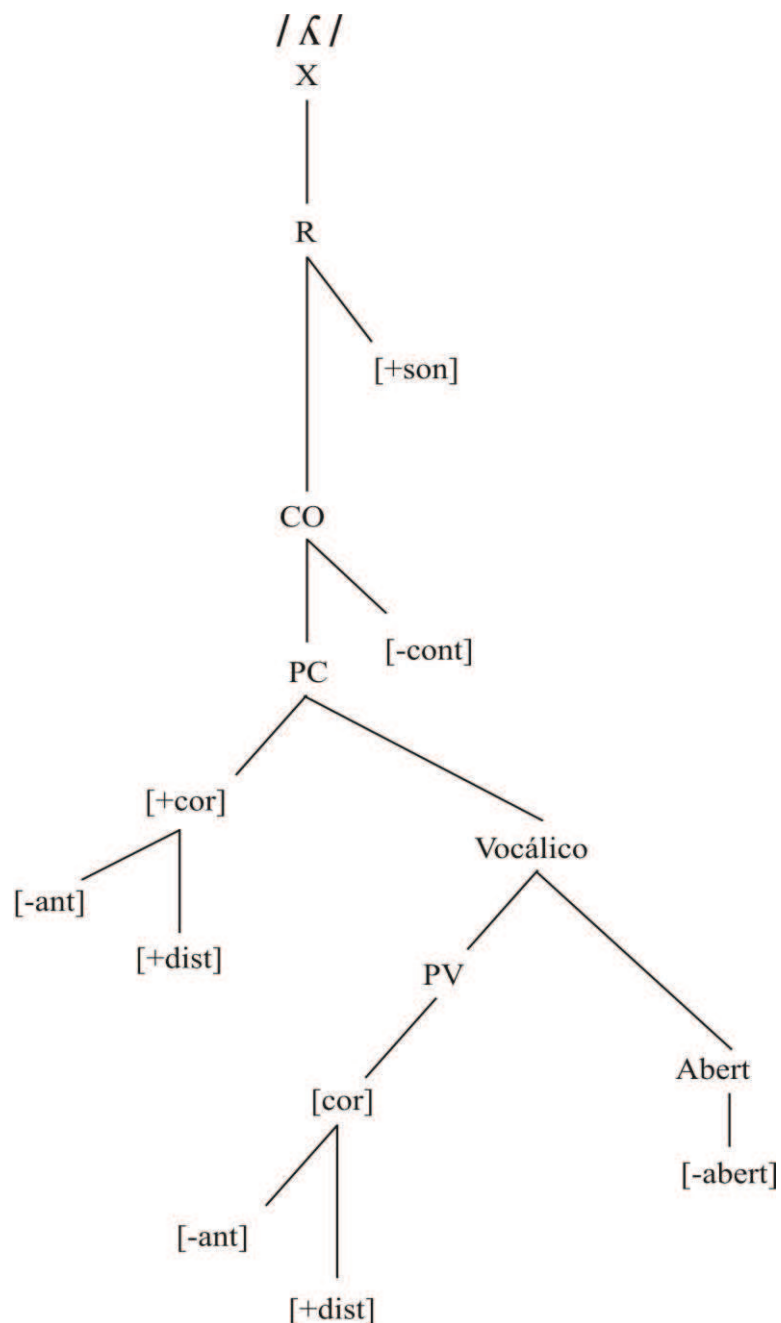
(12)

REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA PARA /ɲ/



(13)

### REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA PARA /Λ/



É importante dizer que a Geometria de Traços faz a autosegmentação de traços subespecificados, o que significa que só são representados os traços estritamente necessários para se definir os elementos fonológicos que se quer especificar, eliminando traços

considerados óbvios ou redundantes. Entretanto, há discussões teóricas<sup>121</sup>, sobre a questão da especificação ou subespecificação, que envolvem o valor dos traços e quais traços podem ser representados, tendo em vista não somente uma escolha do tipo binária entre [+] e [-], mas também do tipo monovalente/privativa entre [+] e [∅], essa última considerando que as regras fonológicas atuam a partir de traço [+] nas diferentes línguas.

Isso deve ser lembrado, uma vez que as representações aqui feitas levam em conta o caráter complexo dos segmentos palatais representados pelo duplo nó coronal: um sob o nó consonantal e o outro sob o nó vocálico; essas representações, ao contrário de outras possíveis,<sup>122</sup> mantêm sob [coronal] os traços [-anterior] e [+distribuído], distinções necessárias, pois esses traços são importantes no processo de ligamento e desligamento de linhas que derivam formas alternantes.

### 5.3 CARACTERIZAÇÃO DOS ALOFONES: PROCESSOS E REPRESENTAÇÕES DE SUPERFÍCIE

Conforme já dissemos anteriormente, em nossa amostra foram identificados os seguintes alofones: para /k/: [k], [kʲ], [kj], [l], [j] e [∅]; para /n/: [n], [nʲ], [nj], [n], [j] e [∅]. Hernandorena (1999), numa pesquisa realizada com crianças com idades entre 2 e 4 anos, identificou no processo de aquisição das palatais nasal e lateral, realizações semelhantes: [ñ]~[0]~[ỹ]~[n]; [k]~[0]~[y]~[l]-[ly]~[li] cuja aquisição, segundo a interpretação da autora, se dá à medida que a criança vai ligando os traços à estrutura que os caracteriza internamente.

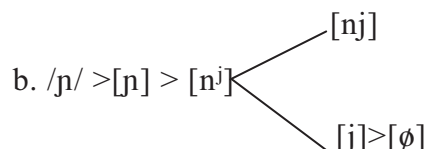
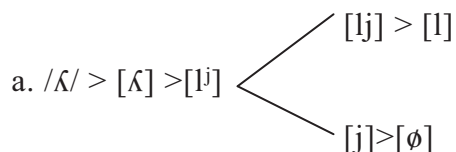
De modo semelhante, entendemos que as realizações encontradas em nossa amostra correspondem a estágios de processos fonológicos resultante de aplicação de regras fonológicas em ordenamento, porém que desligam traços, resultando da forma como propomos na configuração a seguir:

---

<sup>121</sup> Cf. Goldsmith (1995), Kiparsky (1995), Steriade (1995) entre outros.

<sup>122</sup> Que não representam os traços considerados óbvios.

(14)



Os aspectos fonético-fonológicos envolvidos em cada estágio são interpretados nas páginas seguintes.

### 5.3.1 Realizações palatais: [ʎ] e [ɲ]

As realizações palatais têm uma ocorrência mais restrita em nossa amostra, especialmente o alofone [ʎ]. Devido a isso, a identificação dessa realização ofereceu certa dificuldade para nós, maior ainda do que para a nasal palatal que tem maior ocorrência<sup>123</sup>. A questão se formou em torno de sua caracterização por meio de traços dada a existência em nossa amostra de [lʲ] e [nʲ], mais perceptíveis e de maior frequência, do que aquelas.

A maioria dos trabalhos pesquisados por nós não faz, pelo menos não claramente, distinção entre [ɲ]-[nʲ] e [ʎ]-[lʲ], seja porque dá as mesmas representações seja porque não oferece uma caracterização diferenciada quanto à articulação desses segmentos. De fato, não há consenso para a caracterização das soantes palatais, nem mesmo na perspectiva de uma geometria de traços.

Note-se que Clements e Hume (1995) atribuem a esses segmentos palatais o traço coronal e segunda articulação. Outros autores como Gussenhoven e Jacobs (1998)

---

<sup>123</sup> Em nossa dissertação (2002), já havíamos identificado tais variantes no falar marabaense, naquele momento, nós as relacionamos com aquelas “palatais verdadeiras” já mencionadas.

caracterizam segmentos do tipo da nasal palatal como pré-palatal<sup>124</sup>, ou seja, palatoalveolares de articulação composta (*compound-places segments*) do tipo coronal-dorsal: sob o traço coronal ficam [-anterior] e [+distribuído] e sob dorsal o traço [-back].<sup>125</sup> Para Keating<sup>126</sup> (*apud* Cagliari, 1997, p.39), a nasal palatal é um segmento com os traços [coronal] e [dorsal]. De acordo com Hall (1997) tais segmentos são caracterizados como alveopalatais, como comentado anteriormente.

Clements (1989<sup>a</sup>: 28), tratando de articulações secundárias nas línguas, fala que a palatalizada é realizada com levantamento de parte do corpo da língua durante a constrição. Tomando as consoantes [c] como a verdadeira palatal (plana), e a palatalizada [c'] ele chama atenção para o fato da difícil distinção entre elas, uma vez que a configuração laminopalatal da língua para [c] (verdadeira palatal) implica o levantamento da lâmina da língua requerida para implementar a articulação secundária, no caso, coronal.

Apesar das divergências, ou por causa delas, as contribuições desses diferentes autores, somadas às de Cagliari (1974, 1997), Cristófar-Silva (2001), Oliveira (2007) e mesmo na perspectiva de Câmara Jr. (1975), nos permitiram justificar nossa compreensão relacionada à realização dos segmentos [ʎ] e [ɲ], como também propormos representações distintas para as realizações palatais e palatalizadas das soantes palatais em nossa amostra. Para isso, levamos em conta o modo como as percebemos auditivamente e pelas tentativas de reproduzi-las articulatoriamente o mais próximo possível das realizações registradas, de maneira que pudemos fazer uma distinção que caracteriza [ʎ, ɲ] como realizações palatais e [lʲ, nʲ] como álveos-palatais.

A primeira caracterização leva em conta que, em termos de realização, não há anteriorização<sup>127</sup>, no sentido de que esses segmentos (1) não são articulados com a elevação da ponta da língua e (2) não são articulados com ponta da língua em direção ao alvéolos/dentes, mas com o levantamento da lâmina da língua na região pré-palatal ou médio-palatal, sendo portanto, representados em nossa amostra como [ʎ] e [ɲ].

---

<sup>124</sup> São pronunciados com o levantamento da ponta da língua em direção a parte detrás dos alvéolos e levantamento simultâneo da lâmina da língua e parte dianteira da língua em direção à área pós-alveolar do palato duro. O nó coronal produz o primeiro aspecto e o dorsal o segundo ( Gussenhoven e Jacobs., 1998, p. 202)

<sup>125</sup> [back] indica o levantamento da frente da língua.

<sup>126</sup> KEATING, P. A. A survey of phonological features. Indiana **University Linguistic Club**, 1988. pp. 1-36.

<sup>127</sup> Nós entendemos ser distinta de *coronalização*. Conforme Clements e Hume (1995, p. 278), a coronalização envolve a interação de consoantes coronais e vogais frontais.

Essas realizações, pelo menos é o que acreditamos, aproximam-se do que Cagliari<sup>128</sup> chama de “palatal verdadeira” como já mencionamos anteriormente. Por outro lado, é bom lembrar que Hall (1997) não inclui esses segmentos entre o que considera “palatais verdadeiras”, mas entre alveopalatais e coronais. Nós, ao considerarmos a articulação proposta por esse autor para os segmentos alveopalatais e coronais, nós os relacionamos aos sons [lʲ] e [nʲ], enquanto relacionamos as palatais [ʎ] e [ɲ] àquelas propostas por Cagliari<sup>129</sup> (1974) e Cristófar-Silva (2001).

Retornando a Cagliari, ele chama a atenção para as realizações mais enérgicas das palatais ao contrário daquelas, palatalizadas, que são enfraquecidas<sup>130</sup>. Portanto, parece-nos bastante coerente tomarmos as evidências empíricas e teóricas como fundamento para assumirmos esta etapa palatal como a realização mais enérgica, isto é, de maior força articulatória, sendo seguida de etapas graduais de enfraquecimento que culminam no apagamento desses segmentos.

Também é em Cagliari (1997, p. 64) que encontramos um argumento que nos ajuda em nossa interpretação desses alofones. Conforme ele aponta, a diferença entre alveodentais/alveolares de um lado e palatoalveolares do outro reside na diferença na área de contato linguopalatal, representada pelo traço [distribuído]: um som [+distribuído] é aquele que tem esta área de contato maior.

Ele chama a atenção para o fato de ser plausível a representação da palatalização somente por esse traço<sup>131</sup>. Por outro lado, ele lembra que este traço também pode ser aplicado às vogais anteriores altas.

A importância dessa constatação reside no fato de com ela podermos justificar, por um lado, os segmentos [ʎ] e [ɲ] como realizações de maior contato linguopalatal, e, por outro, a palatalização desses segmentos na etapa seguinte como resultado diminuição dessa área de contato, por um processo de acomodação articulatória no sentido da anteriorização<sup>132</sup>.

O estágio de palatalização, o que ainda caracteriza tais segmentos como complexos, não contraria o processo de simplificação, pelo contrário, é um estágio

---

<sup>128</sup> *Op. cit.*

<sup>129</sup> *Op. cit.*

<sup>130</sup> Ditas “palatais palatalizadas”.

<sup>131</sup> Lembrando que, na GT, isto é representado pela dupla ocorrência de [coronal]: uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica.

<sup>132</sup> Brescancini (2003), baseada em Keating (1988), Ladefoged (1957), semelhantemente ao que propomos, estabelece a diferença entre palato-alveolar e palatal pelo grau de constrição, para configurar as fricativas palatais e fricativa palato-alveolares.

intermediário, que se faz necessário, para esse processo, como se pode observar também em relação a outros processos de palatalização já existentes na língua.

Sendo assim, em termos de traços, levando em conta a proposta de Clements e Hume<sup>133</sup>, a natureza palatal desses segmentos é garantida pelos traços [-anterior] e [+distribuído] sob o nó coronal da articulação vocálica, como articulação secundária, de acordo com sua natureza complexa.

Outros autores, como Hernandorena (1994) e Bisol e Hora<sup>134</sup> (1993, 1995 *apud* Oliveira, 2003) atribuem o traço [-anterior] à articulação secundária dos segmentos palatais.

As realizações aqui descritas corroboram essa interpretação e mostram com isso a possibilidade de uma realização palatalizada levando em conta esse traço, como veremos no próximo tópico.

Pelas mesmas motivações, pareceu-nos justificável adotar a representação desses segmentos como idêntica à subjacente, por ser dela que derivam as demais representações. Se dentre as realizações possíveis predomina um uso ou outro entre os falantes, isso se explica, como vimos no capítulo anterior, pelas atitudes lingüísticas dos falantes decorrentes dos valores sociais associados a tais usos.

Portanto, levando em conta os traços geométricos destas formas alternantes de superfície propomos a seguinte representação:

---

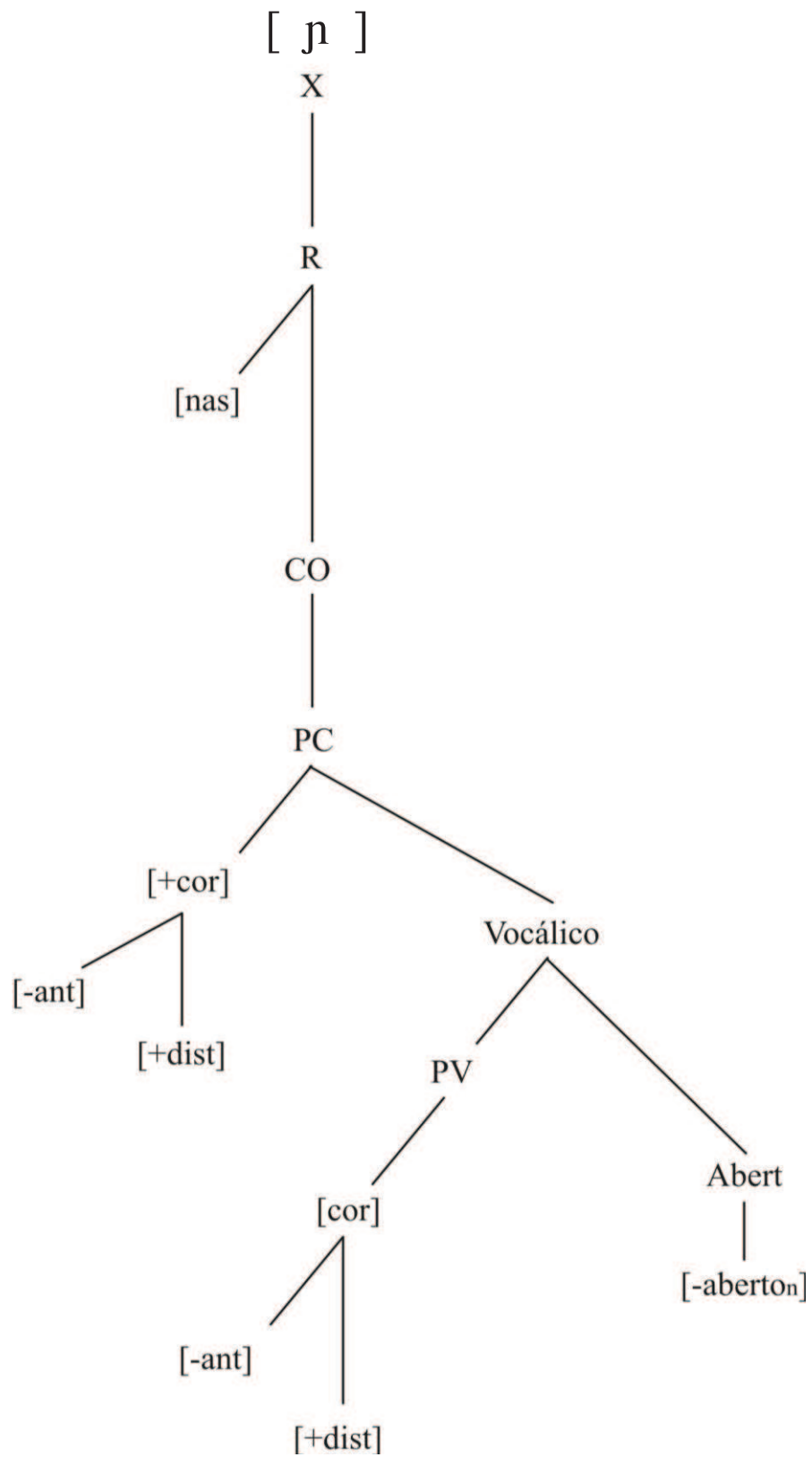
<sup>133</sup> *Op. cit.*

<sup>134</sup> BISOL, L. HORA, D. Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. **Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística**. Coimbra, 1993.

\_\_\_\_\_. Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. **Estudos Lingüísticos e Literários**. Salvador: universidade da Bahia, n. 17, 1995, pp. 11-24

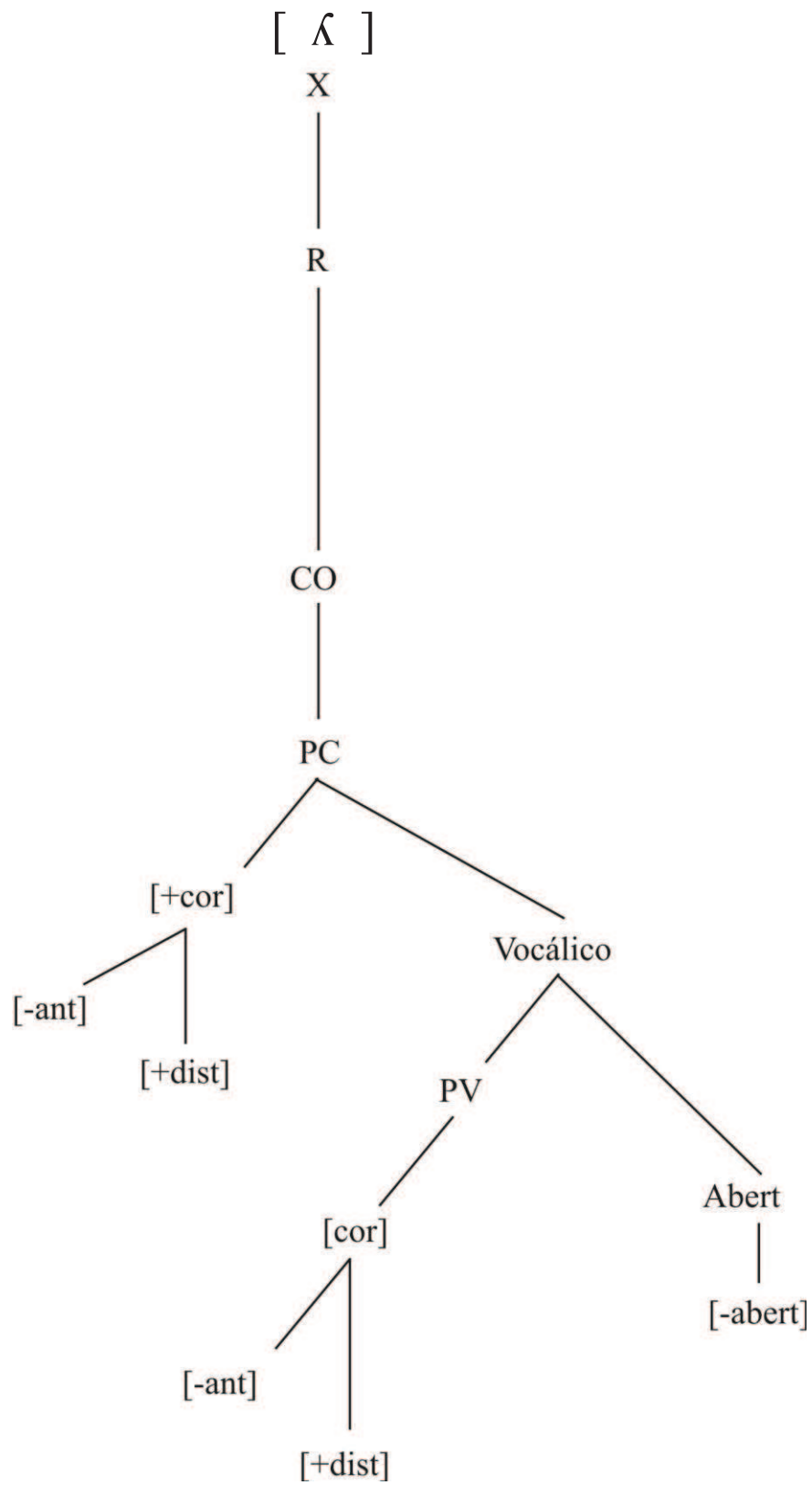
(15)

REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA PARA [ɲ]



(16)

REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA PARA [ʎ]



### 5.3.2 Realizações palatalizadas: [lʲ], [nʲ]

A palatalização tem sido um dos fenômenos fonológicos de grande interesse por ser responsável por diversos casos de variação dialetal e mudança lingüística, como pode ser conferido em alguns estudos.

Calabrese (1996) atribui à palatalização a criação de novas consoantes na passagem do sistema consonantal latino ao Romance. Isso teria se dado em dois processos e em dois períodos distintos. Tomando por base a Geometria de Traços<sup>135</sup>, Calabrese situa o primeiro processo entre I e II d.C., que se caracteriza foneticamente pela transferência de uma articulação secundária palatal, resultando em um segmento coronal, da seguinte forma: no primeiro processo, o glide -y- atua como gatilho e afeta todas as consoantes, tendo como output uma consoante longa, segundo esse autor, encontrada em todas as línguas romances; o segundo processo, por volta do século V d.C., é engatilhado por /i, e/ e afeta as consoantes /k, g/ tendo por output consoantes curtas.

Por essa análise, os sons que engatilharam o processo compartilham o traço coronal e os alvos foram afetados tanto no lugar (ponto) de articulação quanto na maneira (modo) de articulação, exceto as fricativas, nasais e líquidas em que não houve mudança no modo de articulação. Pela análise adotada, a palatalização é um processo de coronalização, o que para Clements e Hume (1995) implica tornar um som coronal.

Na perspectiva de Lahiri e Evers (1991), o termo palatalização cobre vários fenômenos relacionados cujos outputs são, também, freqüentemente consoantes coronais, particularmente, palato-alveolares.

De modo bastante amplo, os estudos de Bhat (1978), sobre diferentes línguas, examinam 120 instâncias de palatalização que se originam dos seguintes aspectos: assimilação de consoantes de uma consoante palatal vizinha, palatalização não-condicionada, expressão do diminutivo, velocidade de fala e, sobretudo, pela assimilação de uma vogal frontal ou semivogal palatal que se mostra como o parâmetro mais fortemente favorável à palatalização.

Levando em conta esta ambiência como gatilho<sup>136</sup>, os processos podem ser resumidos de forma que, pela palatalização, há (a) “fronteamento” e/ou levantamento da língua para velares, (b) as coronais consonantais mudam o lugar de articulação e

<sup>135</sup> Na perspectiva de Steriade (1987).

<sup>136</sup> cf. Bhat, *op. cit.*

tornam-se palato-alveolar ou pré-palatal – há o levantamento da língua para as apicais, (c) há adição de articulação secundária pelo levantamento da parte central da língua, enquanto se mantém o articulador principal intacto. Os outputs desses processos são sempre consoantes palato-alveolares.

Em nossa amostra, nós identificamos alguns segmentos que caracterizamos como sons com articulação do tipo palato-alveolares ou alveopalatais, que são representadas foneticamente por [lʲ] e [nʲ]. Estas realizações, ao contrário daquelas apresentadas no tópico anterior, têm ocorrência bem mais ampla em nossa amostra e se caracterizam, por comparação com aquelas identificadas como palatais.

Como demonstra Oliveira (2007, p. 152) em seus dados, o som [l], diante de vogal frontal alta, se realiza como um som intermediário entre [ɬ] e [l], representado como [lʲ], isto é uma variante palatalizada, isto também é corroborado por Couto (1997) para quem /ɬ/ é realizado por [lʲ].

Essa realização, por um lado, a nosso ver, parece corresponder ao que Hall (1997) classifica como alveopalatal, devido ao seu lugar de articulação, e por outro, identifica-se com os segmentos complexos (cf. Clements e Hume, 1995), devido à articulação secundária que, como vimos antes tem natureza vocálica, neste caso bastante perceptível auditivamente pelo som vocálico transicional. Há para esses segmentos, portanto, a combinação de duas articulações orais: uma consonantal e outra vocálica, conservando assim aquele efeito auditivo que tradicionalmente se diz “molhamento” (cf. Câmara Jr. 1979, 1986), o que as distingue das realizações [lj], [nj].

É importante observar que as palatais em português são coronais [-anteriores], como assumimos na representação anterior, ao passo que as coronais simples têm o traço [+anterior]. Essa observação é importante, pois, os segmentos palatalizados apresentam um caráter, a nosso ver, híbrido: para sua produção há o levantamento simultâneo do corpo ou da lâmina da língua (como para as complexas) e da ponta da língua (como para as simples) em direção a um ponto mais adiante do que para a realização palatal, sendo aquela articulação responsável pela articulação secundária e essa pela primária. Com isso se teria uma realização da consoante palatalizada coronal com o traço [+anterior], ao contrário da palatal que tem o traço [-anterior], como todas as coronais palatais do português, conforme alguns dos autores aqui já referidos. O contrário disso é constatado por Hernandorena (1994) com base em dados da aquisição da fonologia, quando as

crianças, em certa etapa de seu desenvolvimento fonológico, dão às fricativas palatais o tratamento de consoante complexas.

Nesse ponto, é bom ressaltar que o segmento palatalizado aqui proposto contraria algumas das representações sugeridas para segmentos palatalizados que é a mesma dada para a palatal, como podemos constatar, por exemplo, em Hernandorena (1994).

Em nossa amostra, se considerarmos como primeiro estágio aquelas realizações palatais já discutidas, este estágio (palatalizado) pode ser compreendido como resultante da anteriorização daqueles segmentos, aqui no sentido de que passam a ter um gesto articulatório mais à frente, na zona álveo-prepalatal, como propõe Recasens<sup>137</sup> (1990, apud Hall, 1997). Isto também está de acordo com as observações de Cagliari (1974) no que diz respeito à percepção dos mais jovens quanto a essas realizações.

Em termos de aplicação de regras, Oliveira (2007), em sua análise sobre a palatalização de /l/ pré-vocálico no contexto [i, j], propõe que o primeiro estágio é a realização palatalizada [lʲ], o segundo a realização palatal [ʎ], seguido pela semivocalização e, depois desta, o apagamento. Citando Rosetti<sup>138</sup> (1962), a autora afirma que na fala adulta a palatalização precede o estabelecimento de uma consoante palatal<sup>139</sup>.

Note-se que a análise de Oliveira mostra a palatalização de um segmento não-palatal no sistema; em nossa amostra, o processo é inverso, nós propomos como primeiro estágio a realização palatal, seguida pela realização palatalizada e depois destas as realizações não-palatais, ou, melhor dizendo, sem a articulação secundária.

Importa observar que nossa representação para [lʲ] é semelhante à proposta de Oliveira<sup>140</sup> (2007). Para essa autora, o segmento [lʲ] não implica uma articulação primária com o traço [-anterior] sob coronal, no que estamos de acordo, porém, diferentemente, as realizações encontradas em nossos dados levam-nos a propor o traço [+anterior] sob o nó coronal da articulação primária, pelas razões aqui discutidas<sup>141</sup>.

---

<sup>137</sup> RECANSES, D. The articulatory characteristics of palatal consonants. **Journal of Phonetics**. 18, 1990. pp. 267-280.

<sup>138</sup> ROSETTI, A. **Introdução à fonética**. Publicações Europa-America. Col. Saber, n. 16. Lisboa, 1962.

<sup>139</sup> Oliveira (2007) aponta para o fato de, em todo Brasil, [n] palatalizar mais do que [l] diante de [i], como ocorre com [t] em relação à [d]. Esta autora associa a palatalização à maior soância dos segmentos. Por outro lado, Hernandorena (1999) encontra maior variação na aquisição da lateral palatal entre crianças.

<sup>140</sup> *Op. cit.*

<sup>141</sup> Clements (1989a:27) propõe o traço [+anterior] na articulação primária para segmentos palatalizados e ilustra com [lʲ].

Em outras palavras, tratamos de um segmento que tem valor distintivo no sistema por sua natureza palatal, cujas realizações passam por graduais processos de perda de energia articulatória, dos quais a realização [l<sup>j</sup>] é o primeiro estágio e o [ø] o último. Vemos então que os segmentos palatais permitem um movimento gradual no sentido de torná-los palatalizados e, finalmente, despalatalizados. A palatalização de [l] diante de [i] e depois seu apagamento apontam para esse fato, como pôde constatar os dados de Oliveira (2007), em palavras como *fami[l<sup>j</sup>]a > fami[l<sup>j</sup>]a > famija > fami:a*, assim como outros estudos do português, como os citados no capítulo 2 deste trabalho, que mostram os diversos processos relacionados a tendência à simplificação desses segmentos.

É o que também constatamos em nossa amostra. É sabido que há nas línguas a tendência a se desfazer segmentos complexos.<sup>142</sup>

Isso sugere que a complexidade envolvida na formação dessas consoantes é suportada no limite em que ela atua para a distinção nas línguas, prevalecendo a tendência à simplificação em termos articulatórios: implica dizer que um segmento palatalizado oferece mais facilidade articulatória do que um segmento palatal, isto é, um segmento palatal ou palatalizado apresenta maior força articulatória e aumento de energia e segmentos que sofrem despalatalização perdem força articulatória e energia. A diferença entre segmentos palatais, palatalizados e não-palatalizados consiste de os primeiros terem a área de constrição maior do que os segundos e esses, maior do que os não palatalizados. (Cagliari, 1974).

Como discutimos anteriormente, em nossa interpretação, as realizações encontradas em nossa amostra passam pelo processo de anteriorização, no sentido proposto por Crystal (1988), uma vez que ao traço palatal é acrescentada uma articulação anterior.

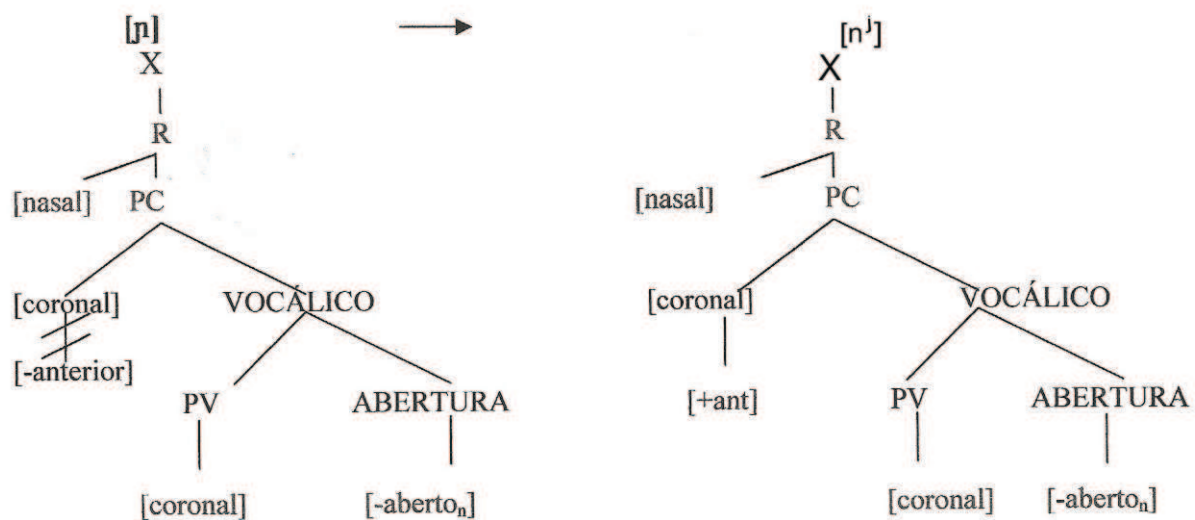
Em nossas representações, o glide suspenso indica que o segmento apresenta uma articulação secundária representada pelo nó vocálico, o que o torna complexo. Como já dissemos, as realizações [l<sup>j</sup>] e [n<sup>j</sup>] em nossos dados parecem identificar-se com essas descritas por esses autores, como demonstramos nas figuras seguintes:

---

<sup>142</sup> Clements (1989a) mostra operações que tornam a articulação secundária em articulação primária por processos de simplificação e promoção de traços.

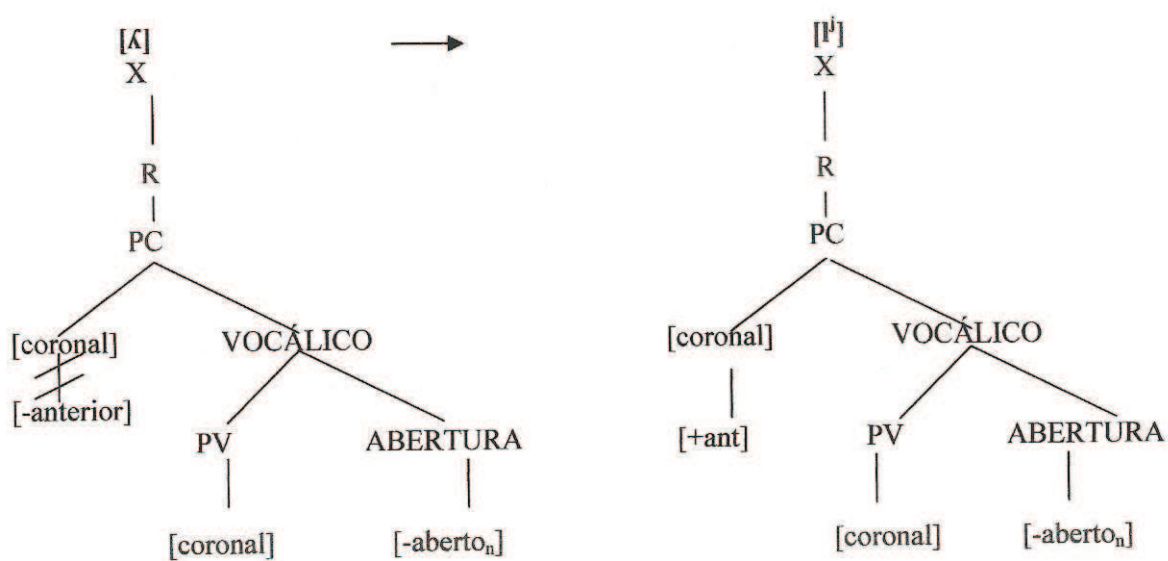
(17)

REPRESENTAÇÃO PARA O PROCESSO DA PALATALIZAÇÃO [n] > [nʲ]



(18)

REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA DA PALATALIZAÇÃO [ʎ] > [ʎʲ]



Note-se que, para Clements e Hume (1995), a articulação primária de um segmento palatalizado tem o traço [-anterior]. Nas figuras acima, vemos que a formação da palatalizada resulta do desligamento do traço [-ant] sob o nó coronal dominado por PC. Assim, as representações que propomos assumem essas realizações como segmentos complexos, que é garantido pelo traço [coronal] sob o nó vocálico, foneticamente se distinguindo da realização palatal pelo fato de [ʎ] e [ɲ] receberem o traço [-anterior] e estas receberem o traço [+anterior], sob o traço coronal subordinado ao PC.

Trata-se, portanto, de realizações alveopalatais ou palatoalveolares resultantes da anteriorização, no sentido de que esses segmentos, ao contrário das realizações palatais (1) são articulados com a elevação da ponta da língua e (2) são articulados com ponta da língua em direção a uma região intermediária palato-alveolar/dental, de forma que a área de constricção é mais curta do que para as variantes palatais.

### 5.3.3 Realizações despalatalizadas: [nj] [lj], [l], [j] e [ø]

#### 5.3.3.1. Despalatalização e inserção de glide frontal: [lj], [nj]

As realizações [lj] e [nj] se tornaram perceptíveis em nossa amostra por comparação com as variantes alveopalatais. O contraste fica claro por se tratar de realizações do tipo alveolar/dental, portanto não-palatalizadas, caracterizando-se como segmentos simples seguidos de um glide que forma sílaba com a vogal seguinte.

Como dissemos a lateral não palatal é encontrada em formas derivadas como *filial*, *millionário*, *falível* que são realizadas como lateral palatal (ou alveopalatal) nas formas de origem *filho*, *milhão* e *falha*, entre outros exemplos de usos cotidianos da língua<sup>143</sup>.

Essas formas fixadas no léxico fortalecem nossa compreensão de que os segmentos alveolopalatais podem ser interpretados como um estágio anterior a este, no qual ocorre despalatalização e conseqüente alveolarização/dentalização. Podemos dizer que regras opcionais atuam para a simplificação do caráter complexo desses segmentos, prevalecendo a articulação primária consonantal, que resulta da seguinte forma: [lj] > [lj], [j] e [nʲ] > [nj], [j]. Como veremos mais adiante, a realização de uma ou de outra é definida contextualmente.

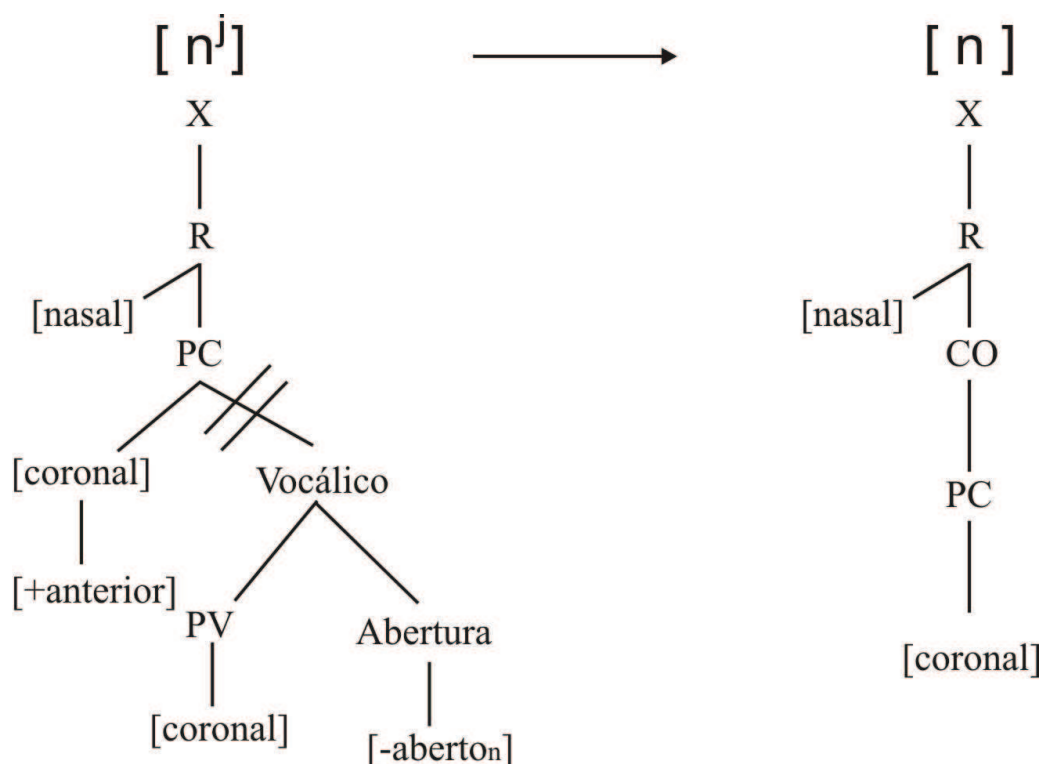
---

<sup>143</sup> É muito comum ouvirmos a expressão ofensiva “*fila* (filha) da puta” dirigida tanto para homens quanto para mulheres.

A passagem da palatalizada à despalatalizada seguida de glide é também caracterizada pela perda de energia articulatória (Cagliari,1974). Implica que esses segmentos são produzidos com menor esforço muscular e menos movimento articulatório, são segmentos, portanto, mais curtos e indistintos, em comparação com as realizações palatal e palatalizada que têm uma produção mais enérgica e firme.

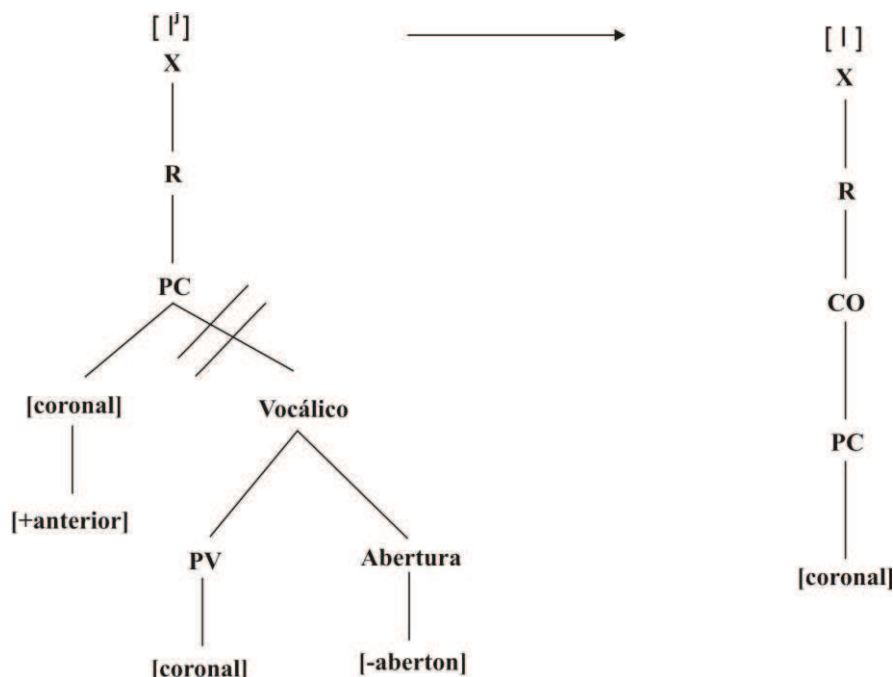
(19)

#### REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA DA DESPALATALIZAÇÃO [ n<sup>j</sup> ] > [ n ]



(20)

#### REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA DE DESPALATALIZAÇÃO [ɲ] > [l]



Essas representações mostram que são gerados segmentos simples, as contrapartes não palatais [n] e [l], pelo desligamento do traço [coronal], subordinado ao Nó Vocálico, que caracteriza a segunda articulação. O traço [distribuído] sob o coronal do PC também é desligado, e o traço [-anterior] passa a [+anterior], mudando o ponto de articulação que passa de alveopalatal para alveolar/dental.

Note-se, entretanto, que tais segmentos gerariam ambigüidade se realizados desta maneira, como se pode ver em formas como so[n]o X sô[nʲ]o, ma[l]a X ma[lʲ]a em frases como “eu tenho um so[n]o de enriquecer”, “pegue a roupa de ma[l]a na mala”.

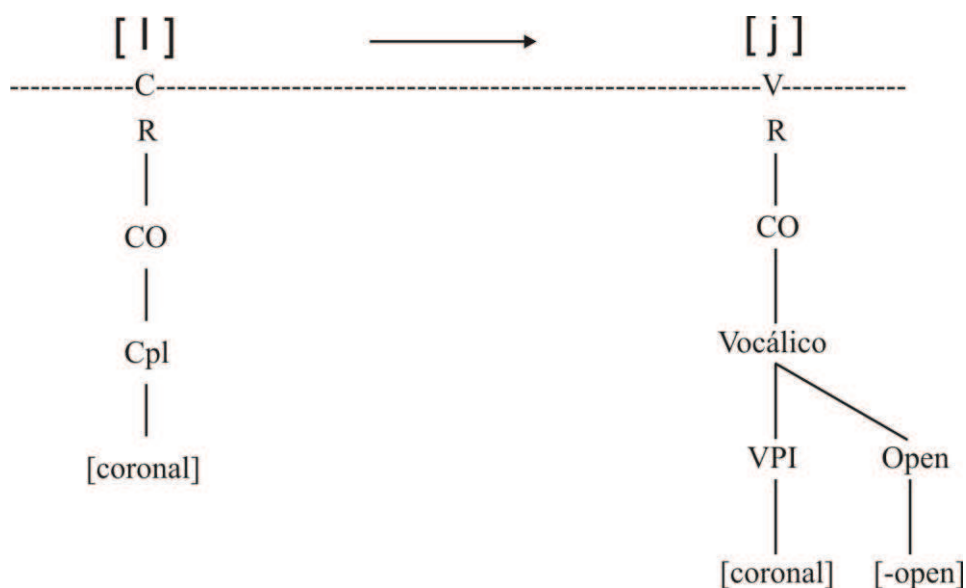
Considerando a ambigüidade como uma possível restrição às realizações desses segmentos simples - pelo menos para alguns itens do léxico nos quais há contraste distintivo entre pares mínimos-, podemos perceber a atuação de uma regra default que provoca a inserção de um segmento com estrutura semelhante à articulação coronal da segunda articulação oral das consoantes lateral e nasal, e que se identifica com o

segmento vocálico frontal [i] realizado como glide [j], devido a sua posição na estrutura silábica<sup>144</sup> e com as quais as palatais formam classe natural.

Conforme já demonstrado por Cagliari (1974), a gradual perda de energia articulatória significa sons mais distensos. Dentre os sons vocálicos, aqueles pronunciados mais no centro da boca são mais distensos, o que faz do glide frontal um som semelhante às formas menos enérgicas das palatais.

(21)

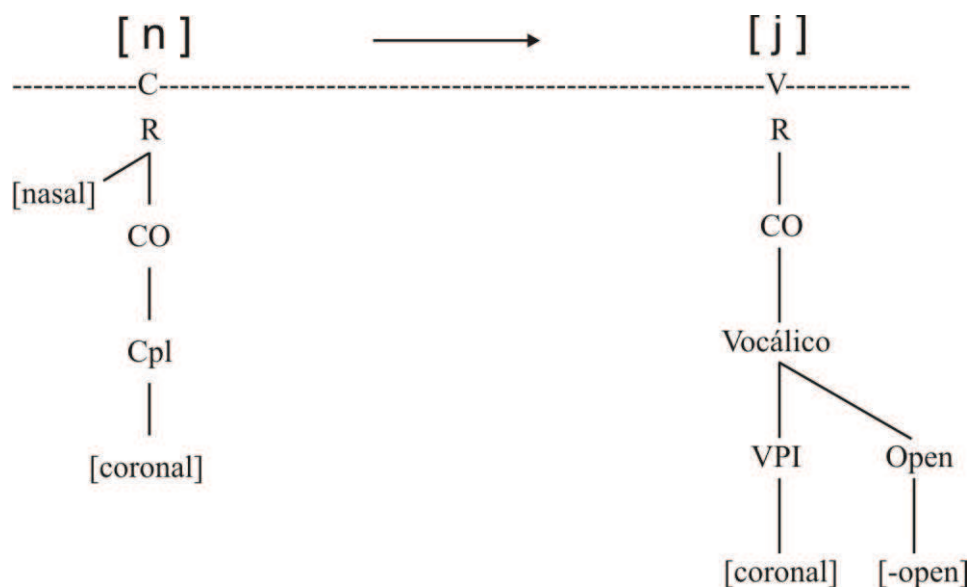
#### REPRESENTAÇÃO DA INSERÇÃO DE GLIDE NO TIER TEMPORAL



<sup>144</sup> Pela Geometria de Traços o glide [j] tem a mesma geometria da vogal [i], definindo-se como *glide* na estruturação silábica.

(22)

#### REPRESENTAÇÃO DA INSERÇÃO DE GLIDE NO TIER TEMPORAL



Vê-se que o desligamento da articulação secundária, que caracteriza a palatalização, dá surgimento a um segmento epentético, do tipo glide frontal, que passa a ser mais uma unidade temporal no esqueleto.

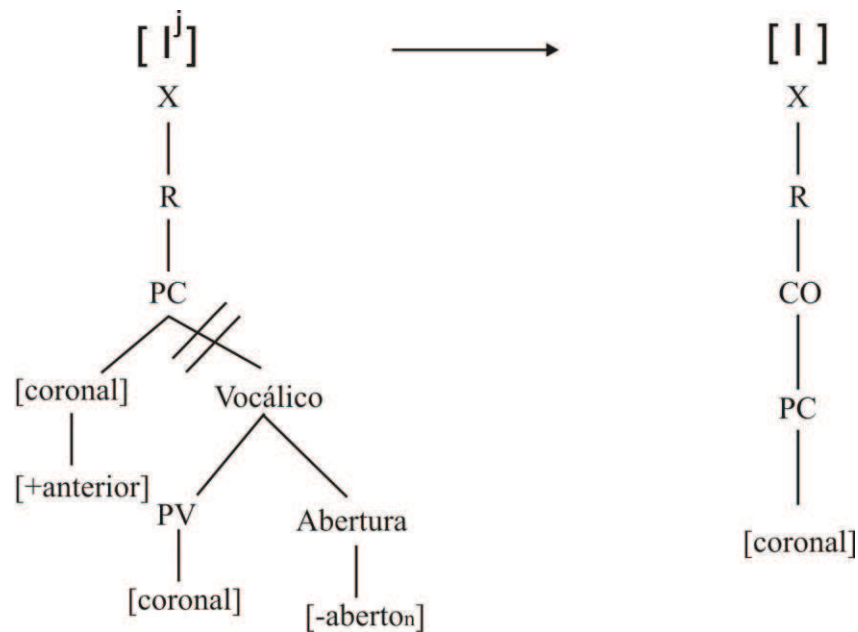
Com isso, garante-se a compreensão no nível semântico e a ressilabação resulta em uma estrutura do tipo CCV (n+j+V), que atende às condições de licenciamento silábico da língua.

##### 5.3.3.2 Despalatalização sem inserção de glide frontal: [l]

Nesse estágio, a anteriorização resulta um tanto diferente para as duas soantes palatais. Melhor dizendo, a realização do segmento simples, não-palatal é restrita à lateral palatal, o segmento alternante é a consoante simples lateral alveolar/dental, tendo sido identificada em formas como fi[l]o ‘filho’, maltrapi[l]o ‘maltrapilho’, mu[l]é ‘mulher’.

(23)

### REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA DE DESPALATALIZAÇÃO [ɲ] > [ɲ]



A figura 23 mostra o desligamento do nó vocálico dominado pelo PC, desfazendo o segmento complexo, tornando-o, portanto, segmento simples. A sílaba resultante desse processo se encaixa na estrutura ótima da língua que se constitui de CV.

Não registramos alofone [n] para a nasal palatal, em nossa interpretação isto se deve ao fato de que, se fosse realizado, a ambigüidade seria mais provável para este caso, como em “ga[nʲ]a” X “ga[n]a”, além disto poderia se obter formas incomprensíveis na língua, como se pode ver em “apa[nʲ]ar” X “\*apanar”. Assim, não se tem o processo de simplificação do segmento complexo [nʲ], que é o estagio anterior, sem a inserção de glide, como mostrado anteriormente.

### 5.3.3.3 despalatalização com semivocalização e zero fonético: [j], [ø]

A semivocalização segue percurso semelhante para ambas as soantes palatais: resulta do desligamento do traço consonantal da articulação primária dos segmentos simples que ocorrem como *onset* de sílaba ramificada [lj, nj], mantendo-se o glide [j] como parte da estrutura silábica.

Em relação ao zero fonético, um aspecto nos chamou a atenção: apesar da baixa ocorrência, restrita a alguns termos, e talvez por causa disso, só nos foi possível identificá-lo no contexto anterior de vogal média anterior e no contexto seguinte de vogal média posterior e baixa, como em [veøv] ‘véa’ (velha), [se’orø] ‘seora’ (senhora).

Noutras palavras, encontramos [ø] somente nos contextos mencionados, porém, em contextos anterior e seguinte idênticos o zero fonético não foi encontrado, de maneira que não há ocorrências de algo como [paa] “palha”. Isso coloca a seguinte questão: a realização de [ø] é restrita a alguns itens do léxico ou é definida pelo contexto fonético? Pelos nossos dados não é possível dar uma resposta, porém, pode-se aqui atribuir esta restrição à atuação do PCO que proíbe a ocorrência de segmentos idênticos na mesma sílaba.

Também interpretamos este estágio como um estágio posterior à semivocalização. O processo pode ser comparado à monotongação, que obviamente ocorre em palavras com ditongos, de modo que formas como *caixa* passa a ca[j]a, *ouro* passa a [o]ro, pelo há apagamento da semivogal, entre inúmeros outros exemplos da língua.

Como já assinalamos, a ocorrência semivocalizada é pouco produtiva para a lateral, bem como o zero fonético. Note-se que esse som compartilha semelhanças com a semivogal. Isso pode se constituir um impedimento maior para a lateral palatal do que para a nasal<sup>145</sup>, em relação ao Princípio de Sonoridade pelo qual a lateral é mais sonora do que a nasal.

Para a nasal, a semivocalização é a realização mais freqüente, por outro lado, o zero fonético é bastante restrito tanto para a nasal quanto para a lateral. Note-se, contudo, que inserção de um segmento em substituição a outro neste contexto mantém a

---

<sup>145</sup>Era de se esperar que, pelas semelhanças, fossem tais usos menos marcados socialmente. Entretanto, é curioso notar que, do ponto de vista sociolinguístico, a semivocalizada da lateral palatal está relacionada a fatores sociais associados ao não-padrão.

estrutura silábica preferencial do tipo CV, ao passo que o zero fonético não, o que pode justificar a maior ocorrência do glide. Isso também atenderia a Princípio de Sonoridade, pois se mantém a hierarquia dos sons possíveis na estrutura silábica da língua, por sua vez, relacionada às Condições de Licenciamento Silábico tendo plenamente ocupadas as posições estruturais dos constituintes da sílaba (*onset*, rima, núcleo).

No caso da realização semivocalizada, nós entendemos que seria possível interpretá-la foneticamente como duplo [jj], devido ser perceptível um som do tipo glide [j] prolongado que, em termos silábicos, tanto poderia ser a coda da primeira sílaba quanto *onset* da segunda<sup>146</sup>, estando em qualquer um dos casos de acordo com os padrões silábicos de língua portuguesa.

Silva (1997) e Couto (1994, 1997) divergem quanto a isto. O primeiro propõe a realização [j] como parte da primeira sílaba [vej.a] e teria a favor o argumento da não existência de ditongos crescentes em nossa língua, propondo, portanto, uma ressilabação. O segundo propõe a realização [jj] em formas como [vej.jaku] e defende que isto é perfeitamente compatível com a presença de um [j] vocálico na coda da primeira sílaba e um [j] semiconsonantal em posição de *onset* da segunda sílaba, como se vê em palavras como *ceia* [ˈse.ja], considerando, portanto, sua natureza híbrida, o glide [j] seria ambissilábico. Nossa própria interpretação é em favor de [j]<sup>147</sup> na segunda sílaba levando em conta dois aspectos relevantes ao fenômeno.

O primeiro diz respeito à possibilidade de fusão de dois segmentos idênticos adjacentes, como é comum ocorrer nas línguas, isto também estaria de acordo com o Princípio de Contorno Obrigatório que tende a desfazer seqüências de segmentos idênticos, no caso, segmentos de igual sonoridade, o que não é bom para a sílaba em português.

Quanto ao segundo, entendemos que tal estrutura, [j] como ramificação da segunda sílaba, atenderia ao padrão preferencial em língua portuguesa para a estrutura CV, o que seria uma simples acomodação a esse padrão. No caso de glide da nasal palatal mantém-se a nasalidade do segmento nasal no segmento precedente e no glide, a nasalidade também se mantém com o zero fonético.

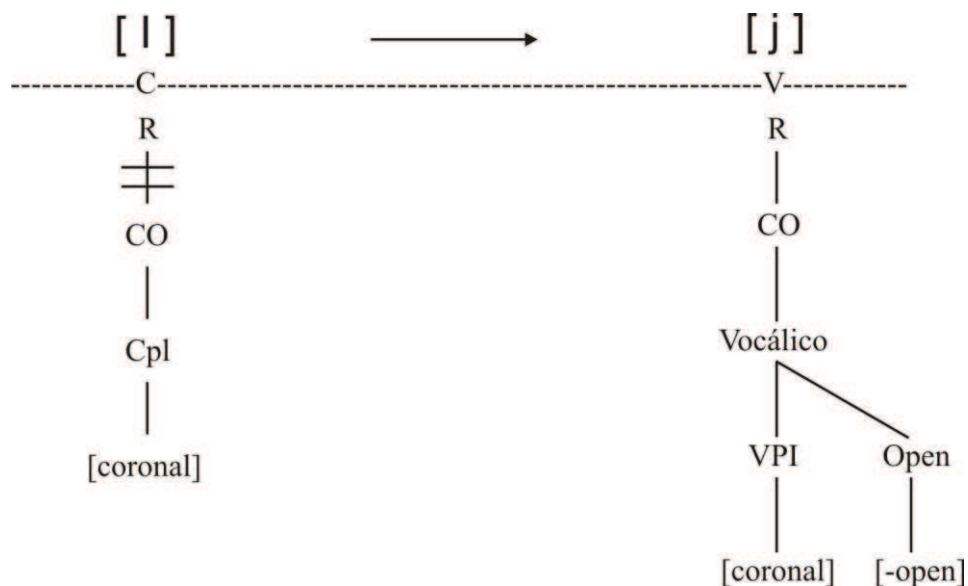
---

<sup>146</sup> Lembrando que na perceptiva auto-segmental de Goldsmith (1990, p. 108), a estrutura interna da sílaba os constituintes silábicos são *onset* e rima, essa última composta de núcleo (obrigatório) e coda (opcional).

<sup>147</sup> Com o intuito de testarmos nossa própria percepção, fizemos um pequeno teste com 10 indivíduos: 2 crianças em idade pré-escolar, 2 crianças cursando 4º e 5º ano, 1 universitária de letras e 1 professora universitária e 2 homens adultos sem escolaridade. Solicitamos que fizessem a divisão silábica de cinco palavras com ditongo crescente, 90% colocaram o glide [j] na segunda sílaba, e apenas 10% tiveram dúvida.

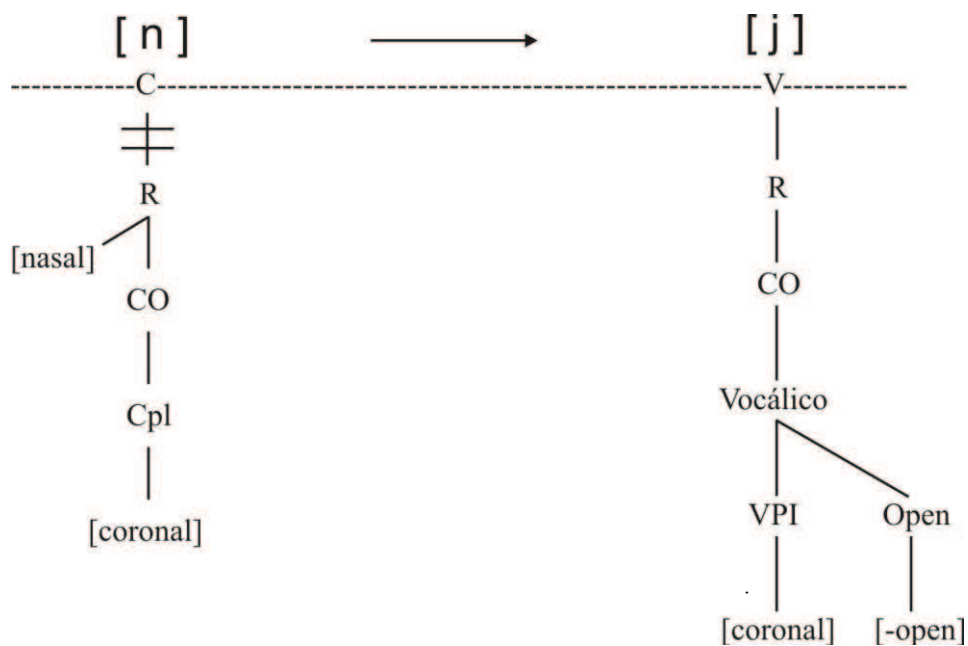
(24)

REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA DO DESLIGAMENTO DE /l/



(25)

REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA DO DESLIGAMENTO DE /n/



(26)

#### REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA DO DESLIGAMENTO DE [j]: [j] > [∅]



Para a regra de semivocalização e apagamento, tem-se o desligamento do Nó de Raiz diretamente ligado à Unidade Temporal (C, V). No caso da nasal palatal, há o apagamento do segmento, porém fica o resquício de nasalidade no segmento inserido [j] e, quando do seu apagamento, a nasalidade se mantém na sílaba precedente.

Ao contrário do que ocorre com a semivocalização, o apagamento resulta em reestruturação silábica, no sentido de simplificar o padrão canônico da língua CV para V: não há onset e a rima (V) é não ramificada, como se pode observar em [teɐ] ‘telha’ e [se’ora]. Esta reestruturação é bastante incomum, pois como se disse a estrutura ótima da sílaba em nossa língua é CV, o que talvez explique a baixa ocorrência de zero fonético.

#### COMENTÁRIOS FINAIS

Como pudemos constatar ao longo da análise apresentada, o fenômeno de alternância entre alofones das soantes aqui estudados está sujeito a tendências e restrições tanto de natureza sociolingüística quanto lingüística. Do ponto de vista

lingüístico, vimos que os processos fonológicos envolvidos estão relacionados à aplicação de determinadas regras em ordenamento que dão surgimento a representações intermediárias, o que resulta em diferentes representações fonéticas cujos usos são condicionados por fatores de ordem social, que fazem com que haja preferência por essa ou aquela realização alofônica.

Pensamos que esta análise não apenas colabora para se lançar luz sobre a atuação do fenômeno de despalatalização no que concerne a esses dois segmentos, como também pode ser uma contribuição a mais para se compreender fenômenos fonológicos ligados à palatalização no Português Brasileiro.

## CONCLUSÃO

As línguas constituem-se em um dos mais complexos fenômenos produzidos pelo homem. Tal complexidade abrange diferentes níveis, tais como: sua aquisição, desenvolvimento e uso, envolvendo com isso aspectos cognitivos, sociais, culturais, biológicos etc.; sua constituição interna ou gramatical em subsistemas (fonológico, morfológico, sintático), além dos aspectos fonéticos, semânticos, pragmáticos, discursivos e interacionais<sup>148</sup>; além de sua manifestação por meio das modalidades oral e escrita que se diferenciam quanto à natureza, forma, função, aquisição, produção e uso, devido os mecanismos sócio-cognitivos envolvidos.

Portanto, é altamente justificável a diversidade de teorias lingüísticas (e não lingüísticas) que buscam explicar esses diferentes aspectos a partir de pressupostos não necessariamente convergentes ou sequer complementares, porém, certamente todos eles válidos como pontos de vista orientados por uma determinada visão de mundo e pelos objetivos peculiares a cada uma dessas teorias.

Como pudemos constatar anteriormente, estudos de diferentes orientações teóricas e metodológicas, sobre as consoantes palatais aqui enfocadas, mostram que o uso de variantes despalatalizadas, especialmente [j], tem grande produtividade do norte ao sul do Brasil, estando mais associadas ao falar rural, aos indivíduos do sexo masculino, às classes menos favorecidas economicamente e à faixa etária mais alta. Já as variantes palatais/palatalizadas são bastante produtivas também, mas, ao contrário, daquelas relacionam-se mais ao falar “correto” e à zona urbana. As informações também indicam que as variantes de lateral palatal têm maior frequência do que aquelas. Quanto às variantes de /ɲ/, a correlação é menos evidente, devido aos poucos estudos e às conclusões divergentes. Do ponto de vista fonológico, os estudiosos apontam para a complexidade envolvida na caracterização desses segmentos, o que se nota pelas divergências quanto às representações e análises propostas.

Nosso trabalho, em particular, se orientou por duas perspectivas teóricas centrais que fundamentaram a análise do fenômeno aqui investigado: a sociolingüística e a fonológica.

A análise sociolingüística das consoantes lateral e nasal palatais revelou que a variação lingüística a que estão sujeitas resulta de fatores tanto de ordem lingüística quanto

---

<sup>148</sup> Não nos esquecendo de que alguns desses níveis podem ser considerados como parte da gramática, por alguns estudiosos, conforme a abordagem teórica.

social. Isso é demonstrado por índices numéricos que apontam as tendências de usos no falar paraense, conforme os diferentes contextos lingüísticos e sociais considerados como parâmetros. Consideremos primeiramente os fatores lingüísticos.

O primeiro fator considerado, a **tonicidade**, não confirmou plenamente nossas hipóteses. Por elas, pretendíamos que o ambiente tônico favoreceria a manutenção de variantes palatal/palatalizadas ao contrário dos átonos. Entretanto, vimos que o ambiente *tônico* favorece as variantes [lj] e [j] enquanto que [lʲ] é favorecida em ambiente *átono*, a hipótese só se confirma parcialmente quanto ao condicionamento de [nʲ] em ambiente tônico, mas a regra não se aplica a [ɲ]. Com esses resultados instáveis concluímos que a maior energia articulatória própria de contextos tônicos não é determinante para a realização das variantes palatais em oposição a variantes despalatalizadas.

A **classe morfológica**, por sua vez, mostrou-se bastante irregular: os *substantivos* favorecem [lj]; *verbos* [lj] e [j] e adjetivos, [lʲ]. Para /ɲ/, *nomes* e *verbos* comportam-se de modo semelhante, pois ambos favorecem [nʲ] e [ɲ]; para essa mesma variável, a classe de palavras *outras* atua de modo favorável a [j]. Com isso, constatamos que o processo de implementação das variantes em termos de palatal x não palatal, no que tange à /ʎ/, não se relaciona diretamente à classe das palavras nas quais ocorrem. Por outro lado, em relação a /ɲ/ a oposição pode ser percebida, pela manutenção da palatal/palatalizada em *nomes* e *verbos*. Isso mostra que a *classe de palavras* atua de modo mais preciso para a nasal palatal, tendendo com isso a garantir a maior estabilidade do fenômeno em favor da palatalização.

A **extensão do vocábulo** tem resultados bastante curiosos: eles atuam de modo invertido, por assim dizer, comparando-se os mesmos subfatores para as variantes das duas variáveis, porém apontam para uma mesma tendência, a de manutenção da palatalização em todas as estruturas. É o se pode dizer ao constatarmos que as estruturas de maior extensão (tri/polissílabos) favorecem [ɲ] e [lʲ] e, em menor escala, próximo ao neutro, [j]; os de menor extensão (dissílabos) atuam favoravelmente para [nʲ].

O **contexto seguinte vogal/ditongo**, considerado somente para lateral palatal, teve um comportamento ambíguo: a vogal favoreceu tanto a variante palatalizada quanto a semivocalizada, quando esperávamos seu favorecimento somente para essa última, devido ao traço vocálico compartilhado; já o ditongo favoreceu somente a variante lateral mais glide. Diante do comportamento indefinido em face das hipóteses levantadas para esse grupo, concluímos que não há maior relevância desse contexto à variação.

A **altura do segmento antecedente** revelou que vogais altas favorecem [ɲ], [ɲʲ] e [lj], isto é segmentos palatais, palatalizados e despalatalizados, mas não os semivocalizados; por outro lado, vogais não altas favoreceram uma forma palatalizada [lʲ] e [j]. Vendo assim no aspecto mais geral, podemos dizer que os segmentos altos atuam como inibidores da semivocalização, o que indica que o processo neste aspecto é de natureza dissimilatória.

Por seu turno, a **altura do segmento subsequente** mostrou que os segmentos altos favorecem [ɲ], [j] (da nasal palatal), e [lj]. Também aqui, esperávamos que os segmentos altos atuassem em favor das formas despalatalizadas, especialmente, da semivocalizada, o que se confirmou em parte; porém vimos ainda que a nasal palatal também é favorecida nesse contexto, e a variante semivocalizada da lateral palatal é favorecida em contexto não-alto.

Pelo grupo **anterioridade da vogal antecedente** vimos que as vogais anteriores favoreceram [ɲ], [j] e [lʲ] e [lj] e posteriores condicionam [ɲʲ] quanto [j]; algo semelhante pôde ser verificado em relação à **anterioridade da vogal subsequente** em que as vogais anteriores favorecem [ɲʲ] e [ɲ] e [lj]. Os resultados, em ambos os grupos, não fornecem subsídios suficientes para afirmarmos que segmentos anteriores tenham influência significativa para a realização de algumas das variantes produzidas, como pensávamos.

O fato é que a atuação dos subfatores desses quatro últimos grupos levou-nos a concluir por uma variação instável em relação ao contexto intervocálico; noutras palavras, entendemos que nem sempre a assimilação é determinada pela proximidade articulatória do segmento contíguo. É certo que a assimilação pode estar relacionada à semelhança articulatória entre as variantes, como parecem sugerir os índices em alguns casos, mas a variação em última instância resulta do próprio contexto intervocálico como um todo, sem estar condicionada por parâmetros vocálicos específicos.

A **estrutura da palavra**, tomada como parâmetro para /ɲ/, indica que a *raiz* favorece as variantes [ɲʲ] e [ɲ], enquanto o *sufixo derivacional* favorece [ɲ] e [j]. A influência deste último era a motivação de nossa hipótese: entendíamos que essa parte da palavra atuaria para a maior ocorrência de [j] devido aumentar o número de sílabas, o que torna a palavra mais suscetível à variação, e ser final de palavra. De fato, há a tendência, porém vemos que a nasal palatal também se mantém nesse contexto, uma explicação possível pode estar relacionada aos dados brutos: a ocorrência de palavras com sufixo derivacional é baixa, em nossa amostra, (903), contra a grande quantidade de palavras com raiz, (4.055).

Por fim, em relação aos fatores sociais, vimos que eles exercem maior ou menor influência conforme os diferentes parâmetros. Noutras palavras podemos dizer que há uma

distribuição das variantes nos diferentes grupos sociais, mas as tendências apontam para esta ou aquela direção conforme a estratificação dos falantes e a sua relação com os valores sociais atribuídos a cada uma das variantes.

Os pesos relacionados ao fator **sexo** indicaram que falantes de sexo feminino dão preferência às realizações [ɲ], [lʲ], [lj] enquanto falantes do sexo masculino têm preferência pela variante [j]. Esses resultados apontam para o fato de que as formas palatal e palatalizada são as formas de maior prestígio entre as mulheres, sendo a variante [j] a realização de menor prestígio, como o comprova sua maior probabilidade de ocorrência entre os homens. Pelo que esses resultados nos mostram, é possível dizer que as formas preferidas na fala feminina são aquelas que o, no estágio atual desse falar, garantem a estabilidade em favor daquelas variantes, sendo possível caracterizá-las como variantes conservadoras. Causa-nos certo espanto a preferência por [ɲ] e não por [ɲʲ], quando esperávamos ser a palatal a forma preferida, o que demonstra a vitalidade da primeira variante em face das demais.

A **faixa etária** apresentou os seguintes resultados: indivíduos entre **15-25** anos tendem ao uso de [lʲ]- [j] e [j] (da nasal palatal); falantes da faixa de **26 a 45** anos dão preferência de [ɲʲ] e de [lj]; falantes com idade de **46** acima preferem as variantes [ɲʲ], [ɲ] e [lʲ]. Os resultados da primeira e última faixa etária foram bastante surpreendentes para nós, especialmente no tocante ao uso de [j] como variante da lateral palatal: esperávamos que ocorresse o contrário, por, comumente, seu o uso variante estar relacionado aos falantes mais velhos. Pareceu-nos que aqui outros fatores intervenientes podem estar em ação simultânea: por exemplo, a origem geográfica. Explicamos: considerando aquelas áreas em que predomina a palatalização, pode ser que a despalatalização seja a variante inovadora e as formas palatalizadas sejam conservadoras, sendo por isso marcas próprias de cada faixa etária. É uma nova hipótese que poderá ser testada futuramente.

Os resultados para **anos de escolaridade** mostram que indivíduos com menor escolaridade (0-8), de fato, apontam para o maior uso de [j]. Enquanto aqueles com maior escolaridade (acima de 8 anos) tendem ao uso de [ɲʲ], [ɲ]; [lʲ] e [lj]. Com isso, constatamos que há significativa influência do tempo de exposição à escola sobre as preferências de variantes, demonstrando particularmente que a escolarização atua no sentido da manutenção das formas palatal e palatalizada, enquanto que a variante [j] é a variante que sofre estigmatização.

Por fim, tem-se, como último fator considerado, **origem geográfica**, que como vimos demarca bem os usos das variantes. Em síntese temos as seguintes tendências de usos:

Belém [nʲ]; [lʲ]-[j]; Bragança [nʲ]-[ɲ]; [lʲ]- [lj]; Soure [nʲ], [lj]; Santarém [ɲ]-[nʲ]; [lj]-[lʲ]; Altamira [j] (nasal palatal/ lateral palatal); Marabá [j] (da nasal palatal); [lj]-[j]. Vemos aqui duas tendências que devem ser ponderadas a partir dos seguintes aspectos: em relação à nasal palatal (1) as cidades de Belém, Bragança, Soure e Santarém atuam em favor da manutenção da palatal e da palatalizada e, inversamente, na inibição da forma semivocalizada dessa variável; (2) As cidades de Marabá e Altamira atuam para a implementação de [j]. Em relação à lateral palatal, constatamos que (3) as cidades de Belém também implementam o uso de formas palatalizadas (à exceção de Belém, como se vê acima) e (4) as cidades de Marabá e Altamira dão preferência à forma semivocalizada.

Esses resultados quanto à *origem*, colocados de modo amplo, permitem-nos dizer que (1) temos duas formas de realização das variantes: de um lado, formas palatal/palatalizada, representadas na fala de Belém, Bragança, Soure e Santarém, e, de outro, formas despalatalizadas, representadas na fala de Altamira e Marabá; (2) a aproximação geográfica entre as regiões onde se situam essas últimas e a história comum de dinâmica migratória (v. anexo: *O Estado do Pará*) podem explicar a preferência pela semivocalização. A partir dessas observações, é possível aventar também a hipótese de uma possível influência da colonização portuguesa em Belém, Bragança, Soure e Santarém, que se revelaria pela preferência pelas formas palatal/palatalizada. É algo a se pesquisar.

**Em termos fonológicos**, constatamos que a aplicação de regras, que produz a alternância de segmentos, é favorecida por segmentos com traços primários idênticos adjacentes, pela estrutura silábica, e por pertencerem à mesma classe natural. As restrições à aplicação de regras podem estar relacionadas à escala de sonoridade, à soância e à ambigüidade.

Levando em conta tais aspectos, quais são relevantes em nossos dados? Como demonstramos, as palatais nasal e lateral apresentam uma gradação de alofones que vai do palatal passando por segmentos palatalizados, depois aos despalatalizados até chegar ao total apagamento.

Nós entendemos que as alternâncias de segmentos encontrados em nossa amostra podem ser explicadas inicialmente por um processo de acomodação articulatória: o som palatal, que é caracterizado por ser não anterior, na sua articulação primária, passa a ser articulado com a elevação da ponta da língua mais à frente o que lhe confere o traço [+anterior].

Esse gesto articulatório desencadeia processos fonológicos (isto é, a aplicação de regras) relacionados ao ambiente vocálico e aos segmentos alternantes devido aos traços compartilhados por soantes palatais e vogais no contexto adjacente, como a sonoridade, conforme discutimos anteriormente, de maneira que as etapas resultam na progressiva perda da palatalidade, pela elevação e anteriorização desses segmentos até o apagamento.

Nesse percurso, a estrutura silábica mantém-se dentro do padrão preferencial CV, havendo duas reestruturações que resultam em estruturas CCV (n+j+V; l+j+V) e V, note-se, contudo, que estas não são quantitativamente preferidas, predominando o padrão CV, que é o canônico em língua portuguesa.

Um aspecto chama a atenção ao compararmos a despalatalização das duas soantes em nossos dados. Quantitativamente, a nasal palatal sofre maior despalatalização do que a lateral palatal. Isso não pode ser explicado em termos de sonoridade, uma vez que ambas são sonoras. Em relação ao grau de constrição desses segmentos, a situação nos parece igualmente inexplicável: conforme Clements (1989a), quanto mais constrição, menos soância e mais energia articulatória; na escala de soância, as nasais são menos soantes do que as laterais, ou seja, exigem mais energia articulatória, em vista disto era de se esperar que a nasal palatal oferecesse maior resistência à despalatalização, ou seja, que mantivesse mais o traço palatal. Por outro lado, também a lateral palatal está mais próxima das vogais, em termos de constrição, o que poderia torná-la mais propensa à assimilação vocálica do que a nasal palatal.

Pelo que pudemos notar a restrição à regra de despalatalização às duas soantes pode ser mais compreendida num certo estágio se atentarmos às formas resultantes da despalatalização: no estágio em que se tem uma consoante simples, como mostramos anteriormente, podem-se produzir formas inexistentes na língua ou formas já existentes com outros sentidos, assim, isso resultaria em ambigüidade o que, portanto, funcionaria como restrição à aplicação da regra. Nos demais casos, não estão muito claras para nós quais restrições estariam atuando para tornar a manutenção da palatalização mais estável para /k/ e a despalatalização altamente produtiva para /p/, o que se pode confirmar também pelos estudos variacionistas sobre esses segmentos no português brasileiro. O que talvez possa ser explicado somente em termos de usos e atitudes lingüísticas relacionados a esses segmentos.

Acreditamos, pois, que a atuação dos fatores sociais pode estar fortemente sobreposta à atuação dos fatores lingüísticos, funcionando como restrições à aplicação das regras que levam às formas despalatalizadas, sendo elas mais atuantes para a lateral palatal do que para a nasal.

Para finalizar, pudemos verificar a partir dos resultados obtidos neste trabalho que o fenômeno de variação das palatais nasal e lateral no falar paraense resulta de um complexo processo de condicionamento que envolve fatores lingüísticos e extralingüísticos, bem como de processos fonológicos igualmente complexos. Pretendíamos com este trabalho contribuir para uma visão mais abrangente dessa variação em particular, e esperamos, de fato, termos proporcionado uma boa discussão, de maneira a oferecer material que tanto confirme aspectos já relacionados em outros estudos, como também que possa suscitar mais estudos sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete M. Fonologia: a gramática dos sons. **Revista de Letras** 5. Santa Maria: UFSM, 1993.
- ABAURRE, Maria Bernadete M. e WETZELS, Leo W. Sobre a estrutura da gramática fonológica. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, n.23, p.5-18, Jul/Dez., 1992.
- ALKMIN, Tânia. Sociolingüística. In: Mussalim, Fernanda, Anna Christina Bentes (orgs.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALVAR, Manuel. ¿Qué és um dialecto? In: ALVAR, Manuel (Director). **Manual de dialetologia hispânica**. Barcelona: Ariel, 1999.
- AGUILERA, Vanderci de A. **Aspectos lingüísticos do Paraná: esboço de um atlas lingüístico de Londrina**. Dissertação De Mestrado. Assis, São Paulo: UNESP, 1987.
- \_\_\_\_\_. O fonema [lh]: Realizações fonéticas. Descrição e sua comprovação na fala popular paranaense. In: ENCONTRO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA, III. **Anais**. João Pessoa: UFPB, 1988.
- AGUILERA, V. Um estudo geolingüístico da iotização no português brasileiro. In: AGUILERA, V. **Português do Brasil. Estudos fonéticos fonológicos**. Londrina: UEL, 1999.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A despalatalização e iotização no Atlas Lingüístico da Paraíba. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, I. **Atas**. v. II, Dialetologia e Sociolingüística. Salvador: UFBA, 1997.
- \_\_\_\_\_. A despalatalização e a iotização no falar de Fortaleza. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GELNE, XIV. **Resumos**. Natal: UFRN, 1996.

- \_\_\_\_\_. A Geografia Lingüística no Brasil: O período pré-geolinguístico: do Visconde da Pedra Branca ao primeiro Atlas regional. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN – IV. **Resumos**. Brasília: 2005.
- \_\_\_\_\_. Atlas da Paraíba. In: AGUILERA, V. **A Geolinguística no Brasil**. Londrina: UEL, 1998.
- \_\_\_\_\_. Variação fonético-lexical: dialetal ou sociolinguística? In: AGUILERA, V. **Português do Brasil. Estudos fonéticos fonológicos**. Londrina: UEL, 1999
- ARNAULD, A. & LANCELOT, C.. **Gramática de Port Royal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, Jorge Morais. **Fonologia e morfologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.
- BHAT, D. N. S. A general study of palatalization. In: GREENBERG, J. S. (ed.) **Universals human language**. Stanford. C.A.: Stanford Press. 1978. (Phonology, v. 2), p. 47-92.
- BISOL, Leda. Aspectos da fonologia atual. São Paulo: **Revista Delta**, vol. 8, n. 2, 1992. 263-283.
- BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina. **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. (org.) Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **Sobre a nasal e a lateral palatais no português do Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A representação lexical das fricativas palato-alveolares: uma proposta. **Letras de Hoje**, Curitiba, Editora UFRS, 2003. p. 299-310. Número Especial.
- CAGLIARI, Luís Carlos. **A palatalização em português: uma investigação palatográfica**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – UNICAMP, Campinas, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Processos fonológicos do português brasileiro interpretados pela fonologia de geometria de traços**. Campinas, São Paulo: Edição do Autor, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- CALABRESE, A. Palatalization processes in the history of romance languages: a theoetical study. In: CALABRESE, A. (Ed.) **Romance phonology**. Doctoral Programme in Romance philology. Budapest: L. Eötvös University, 1996, p. 65-83.
- CALVET, Loius-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **História da Lingüística**. Petrópolis: Vozes., 1975.
- \_\_\_\_\_. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

- \_\_\_\_\_. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Princípios de Lingüística geral**. 5 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de Lingüística e gramática**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CARDOSO, Suzana A. M. A dialectologia no Brasil: perspectivas. **Revista Delta**, v. 15, n. Especial, 1999 (233-255).
- \_\_\_\_\_. Para uma delimitação de áreas dialetais no Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN - I. **Atas**. Salvador: UFBA/ABRALIN, 1996, ps.181-186.
- CARUSO, Pedro. A iotização de LH segundo o atlas prévio dos falares baianos. **Alfa**. São Paulo, n° 27, p. 47-52, 1983.
- CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- CEDERGREN, H.J.; D. SANKOFF, 1974, Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. **Language** 50: 333-355.
- CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- CHOMSKY , Noam, HALLE Morris. **The sound pattern of English**. Originally published: New York: Harper & Row, 1968. (First MIT paperback edition, 1991).
- CLEMENTS, George. The geometry of phonological features. **Phonology Yearbook** 2, 1985, p. 225-252.
- \_\_\_\_\_. **A unified set of features for consontals and vowels**. Paris, France: Institute de Phonétique, 1989a.
- \_\_\_\_\_. **On the representation of vowel heigth**. Paris, France: Institute de Phonétique, 1989b.
- \_\_\_\_\_. **Place of articulation in consonants and vowels: a unified Theory**. Paris, France: Institute de Phonétique, 1991.
- \_\_\_\_\_. HUME, Elizabeth. The internal organization of speech sounds. In: Goldsmith, John. **The handbook of phonology theory**. Cambridge: Blackwell, 1995, p. 246-306.
- CLEMENTS, G. KEYSER, N., S. J. CV Phonology. A generative Theory of the syllabe. Cabridge: the M.I.T Press, 1983
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil: questionário**. Londrina: Ed. UEL, 2001
- COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

- COULTHARD, Malcom. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 1991.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- COUTO, Hildo. Ditongos crescentes e ambissilabidade em português. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 29, p. 129-142. Dezembro, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Fonética e fonologia do Português**. Brasília: Thesaurus, 1997.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- CRISTÓFARO-SILVA, Taís. **Fonética e fonologia do português**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Lingüística**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- DUCROT, Oswald, e TODOROV, Tzvetan **Dicionário das ciências da linguagem**. Lisboa: D.Quixote, 1978.
- ECKERT, Penelope. The whole woman: sex and gender differences in variation. In: COUPLAND, Nikolas; JAWOISKI, Adam. **Sociolinguistics: a reader**. New York: Sant Martin' Press, 1997. pp.213-227.
- ELIA, Silvio. **Sociolingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Padrão, 1987.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana A. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- FIGUEROA, Esther. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994.
- GOLDSMITH, John. **Autossegmental phonology**. Bloomington: Indiana University Linguistic Club, 1976.
- \_\_\_\_\_. Os objectivos da fonologia autossegmental. In: MATEUS, M. H. Mira. **Novas perspectivas em fonologia**. Lisboa: Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Autossegmental & metrical phonology**. Oxford, Basil Blackwell, 1990.
- GUY, Gregory R. *VARBUL: análise avançada*. Tradução Ana Maria Stahl Ziles. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, UFRGS, Instituto de Letras, 1998, p. 25-46.
- GUY, Gregory R.; BISOL, Leda. **A teoria fonológica e a variação**. Porto Alegre. Organon, n. 18, 1991, p. 126-136.
- GUY, Gregory R. ZILLES, Ana. **Sociolingüística Quantitativa**. São Paulo, Parábola Editoria, 2007.
- GUSSENHOVER, Carlos e JAKOBS, Haike. **Understanding phonology**. London, Arnold, 1998.

- HAUY, Amini Boanain. **História da língua portuguesa**: I. Séculos XII, XIII, XIV. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.
- HALL, T. Alan. **The phonology of coronals**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. Amsterdam Studies in theory and history of linguistic science; Serie IV, Current issues in linguistic theory, v. 149. University of Ottawa, 1997.
- HERNADORENA, Carmen Lúcia Matzenauer. Um caso de efeito OCP no Português. **Anais do CELSUL**. Pelotas: PUC. Universidade Católica de Pelotas, 1997. p. 687-697.
- \_\_\_\_\_. A geometria de traços na representação das palatais na aquisição do Português. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 29, p. 159-167, 1994.
- \_\_\_\_\_. Aquisição da fonologia e implicações teóricas: um estudo sobre as soantes palatais. In: LAMPRECHT, R. R. (org.) **Aquisição da linguagem. Questões e análises**. Conferências e Mesas-redondas do IV Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem. Porto Alegre, PUCRS, 1999.
- ILARI, Rodolfo. **Lingüística românica**. São Paulo: Ática, 1992.
- IORDAN, Iourgu. **Introdução à Lingüística românica**. 2ª ed. Lisboa: Fundação Caloust Gulbekian, 1982.
- JAKOBSON, Roman. **Fonema e fonologia**. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1967.
- KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1969.
- LABOV, William. The social motivation of sound change. **Word** 19: 273-309, 1963.
- \_\_\_\_\_. **The social stratification of English in New York city**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- \_\_\_\_\_. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pensylvania Press, 1972a.
- \_\_\_\_\_. **Language in the inner City**. Philadelphia: University of Pensylvania Press, 1972.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.
- \_\_\_\_\_. Sociolinguistics: **The Essencial Readings**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-249.
- LAHIRI, A.; EVERS, V. Palatalization and coronality. In: Paradis C.; PRUNET, J. F. (eds.) **The special Status of coronals**. New York: Academy Press, 1991, p. 79-100.
- LEROY, Maurice. **As grandes correntes da lingüística moderna**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- LYONS, John. **Linguagem e Lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- LUCESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**. Um percurso na história da Lingüística moderna. São Paulo, Parábola editorial, 2004.

MADUREIRA, Evelyne Dogliani. **Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1987.

MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste**. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1934.

MASSINI-CAGLIARI, Gladys; CAGLIARI, Luis Carlos. Fonética. In: Mussalim, Fernanda, Anna Christina Bentes (orgs.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

MATTEIR, Klaus J. (eds.) **Sociolinguistics: an international handbook of the science language and society**. N. York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. 3 ed. Porto: Figueirinhas, 1948.

MILROY, L. **Observing & analysing natural language: A critical account of Sociolinguistic Method**. Oxford: Blackwell, 1987.

\_\_\_\_\_. Field linguistics. In: COMPLAND, Nikolas; JAWORSKI, Adam. **Sociolinguistics: a reader**. New York: St. Martin's Press, 1997.

MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à sociolingüística variacionista**. 3ª ed. **Cadernos Didáticos**. UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. Relevância das regras variáveis não lingüísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

MORI, Angel Corbera. Fonologia. In: Mussalim, Fernanda, Anna Christina Bentes (orgs.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

MOUTON, Pilar Garcia. Dialectología y Geografía Lingüística. In: ALVAR, Manuel (Director). **Manual de dialetologia hispânica**. Barcelona: Ariel, 1999.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1953

NARO, Antony J. Modelos estatísticos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília. (org.). **Introdução à sociolingüística variacionista**. 3 ed. **Cadernos Didáticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

OLIVEIRA, Marilúcia Barros de. **A palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica no falar de Itaituba-Pa**. Tese de Doutorado em Lingüística. Maceió: UFAL, 2007

- PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolingüística**. O tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.
- PENALVA, Gilson. **Literatura oral do sudeste paraense: memória de velhos camponeses**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras - UFMG, Belo Horizonte, 2002.
- PENHA, João Alves P. **Aspectos da linguagem de São Domingos**: Tentativa de descrição da linguagem rural brasileira. Franca: UNESP, 1972.
- PINTO, Ivone I.; FIORETTI, Maria Thereza. **Tutorial para o Pacote VARBRUL**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- PINTZUK, Susan. **Programas VARBRUL**. Trad. Ivone Isodoro Pinto. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.
- PONTES, Ismael. **Regra variável e estrutura sociolingüística**: um caminho para sistematização da variação lingüística. Tese de Doutorado. Araraquara, São Paulo: UNESP, 1996.
- RAMOS, Jânia. “Sociolingüística Paramétrica” ou “Variação Paramétrica”? In: HORA, Demerval da.; CHRISTIANO, Elizabeth. **Estudos lingüísticos: realidade brasileira**. João Pessoa: Idéia, 1999.
- RAZKY, Abdelhak. O Atlas Geosociolingüístico do Pará: Abordagem Metodológica. In: **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina:UEL, 1998. p. 155-64.
- ROBINS, R. H. **Pequena história da Lingüística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983
- RODRIGUES, A N. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo:Ática, 1987.
- ROSSI, Nélon. A iotização de -lh- em algumas localidades baianas. In: SIMPÓSIO DE FILOLOGIA ROMÂNICA. 1º. **Anais**: Rio de Janeiro: MEC. P161-182, 1970.
- ROUSSEAU, Pascale; SANKOFF, David. Advances in variable rule methodology. In: SANKOFF, David (ed.). **Linguistic, variation**: models and methods. New York: Academic Press, 1978. p.57-68.
- \_\_\_\_\_. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert & LABERGE, S. (1978). Statistical dependence among successive occurrences of variable in discourse. In SANKOFF, D. (ed.) **Linguistic variation**: models and methods. New York: Academic Press, 1988. ps. 119-126.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Cultrix, 1999.
- SCHERRE, Maria Marta P. Breve histórico do programa de estudos sobre o uso da língua. In: SILVA, Giselle Machline de O.; SCHERRE. Maria Marta P. (Orgs.) **Padrões**

**sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

\_\_\_\_\_. Levantamento, codificação, digitação e quantificação dos dados. In: MOLLICA, Maria Cecília. (Org.). Introdução à sociolingüística variacionista. 3 ed. **Cadernos Didáticos**. Rio de Janeiro:UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. Transcrição de dados lingüísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília. (org.). Introdução à sociolingüística variacionista. 3 ed. **Cadernos Didáticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 115-134, 1996.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

SILVA, Flávia R. Santoro.; MOREIRA, Valéria Regina de O. O comportamento das palatais lateral e nasal na fala de comunidades pesqueiras fluminenses. JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRJ, XIX. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1997.

SILVA, Giselle Machline de O., SCHERRE. Maria Marta P. (orgs.). **Padrões sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, Marinalva Freire. As seqüências “LH” e “NH” em português. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: PUCRS. V. 22, p. 91-99, 1987.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **O Português arcaico**: fonologia. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA, Adelaide H. P. Caracterização acústica de [R], [r], [l] e [ʎ] nos dados de um informante paulistano. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas. N. 37, p.51-68, jul./dez., 1999.

SILVA, Eudênio Bezerra. **A substituição da soante palatal /ʎ/: uma representação não-linear**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1997.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. **Estudos de fonologia portuguesa**. São Paulo: Cortez, 1986.

SILVEIRA, Sousa da. **Lições de português**. 10 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

SOARES, Eliane Pereira Machado. **Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-PA..** Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2002.

- SOUZA, Paulo Chagas de.; SANTOS, Raquel Santana. Fonologia. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à Lingüística: princípios de análise**. v. II. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SOUZA, Cláudia N. Roncarati. Fatores fonológicos. In: MOLLICA, M. C. **Introdução à Sociolingüística Variacionista**. 3ª. Ed. UFRJ, 1996.
- SPINA, Segismundo. **História da língua portuguesa. III**. Segunda metade do Século XVI e Século XVII. São Paulo: Ática, 1987.
- TRUDGILL, Peter. Sexo e prestígio lingüístico. In: **Falas masculinas, falas femininas? Sexo e linguagem**. AEBISCHER, V; FOREL, C. (Org.). São Paulo, Editora Brasiliense, 1991.
- VIEIRA, Maria de Nazaré. **Aspectos do falar paraense: fonética, fonologia, semântica**. Belém: UFPA, 1983.
- VOTRE, Sebastião J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.
- WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da Lingüística**. São Paulo: Parábola, 2002.
- WEINREICH, Uriel., LABOV, William., HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança lingüística**. São Paulo, Parábola Editorial, 2006 (1968).
- WETZELS, W. Leo. **Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro**. (Tradução de Demerval da Hora, com autorização do autor; cedido gentilmente em mensagem pessoal em 2000.)
- \_\_\_\_\_. **Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- WOLFRAN, Walt, FASOLD, Ralph W. Field methods in the study of social dialects. In: COUPLAND, Nikolas; JAWISKI, Adam. **Sociolinguistics: a reader**. New York: Sant Martin's Press, 1997. pp. 89-115.

## **ANEXOS**

O Pará localiza-se na região Norte do Brasil, com a extensa área territorial de 1.247.689.515 km<sup>2</sup>. Limita-se ao Norte com o Suriname e Amapá, ao Nordeste com o Oceano Atlântico, ao Leste com o Tocantins, ao Sul com o Mato Grosso, a Oeste com o Amazonas e ao Norte com Roraima e Guiana. O estado possui uma ampla hidrografia que conta com os rios Amazonas, Tocantins, Tapajós, Jari e Pará. Seu clima é equatorial com temperatura média anual de 27° C. Tem por capital a cidade de Belém.

Em termos populacionais, um aspecto em particular chama a atenção na história do estado, trata-se de ser essa uma região abrangida pela expansão da fronteira agrícola, promovida pelo governo federal a partir de 1960 cuja culminância se dá com as políticas de ocupação da Amazônia relacionada à busca da integração nacional. Disso resultou intensa migração para o estado, na década de 70, especialmente de nordestinos, provocando mudanças drásticas no cenário paraense, em todos os aspectos: sociais, políticos e econômicos. Dentre as mesorregiões paraenses, o Sudeste, o Baixo Amazonas e o Sudoeste Paraense, muitas vezes chamadas de “regiões de fronteira”, foram alvo da política de colonização da Amazônia, em razão do que sofreram um intenso fluxo migratório, sendo o Sudeste a mesorregião que recebeu o maior contingente populacional na década de 1980, devido a instalação de grandes projetos e da descoberta do ouro da conhecida Serra Pelada.

A população total do estado é hoje de 6.970.586, espalhada em 143 municípios, tendo como principais atividades econômicas o extrativismo mineral, animal e vegetal.

---

<sup>149</sup> Todas as informações aqui constantes são compilações de informações registradas no CD-ROM do ALISPA e em site do IBGE, bem como sites oficiais desses municípios.

## ALTAMIRA

O município foi fundado em 06 de junho de 1911 e tem sua história marcada pela atividade extrativista, a mais importante delas, o garimpo, especialmente intensificada com a abertura da Rodovia de Integração Nacional, a Transamazônica, a partir de 1970. A partir de então, a cidade passou por mudanças radicais pela instalação desordenada de pessoas vindas de diferentes regiões do país, instaladas ao longo da rodovia em terrenos loteados pelo INCRA, o que deu origem a conflitos em torno da posse da terra.

A cidade de Altamira localiza-se a Oeste do Pará, a 820 km da capital, Belém via terrestre. É o maior município do mundo em extensão territorial, área de 161.445,9 km. Conforme lemos no site oficial do município, “uma das principais características está na hidrografia, Rio Xingu, seu principal rio, com inúmeros afluentes, cachoeiras e lagos que são fontes ideais para uma rica pescaria e o ecoturismo.

Na economia predomina a pecuária e agricultura. É conhecida como a “Princesinha do Xingu” e a capital da Transamazônica, devido sua formação étnica de várias regiões durante o período de colonização da região da Transamazônica. A cidade conta atualmente com uma população de 92.105 habitantes.

## BRAGANÇA

A cidade de Bragança foi fundada em 1613, sendo uma das antigas do Estado do Pará. Passou a se chamar Bragança em 1735 quando foi elevada à categoria de Vila, e depois à Cidade em 1854 localizada ao lado esquerdo do rio Caeté. Tem sua sede a 200 km de Belém e fica a 16 km do oceano Atlântico.

Do ponto de vista populacional predomina o chamado “caboclo amazônico” em cujos traços físicos e culturais se mesclam os traços europeu, negro e indígena. Entretanto, a forte colonização portuguesa é visível na arquitetura da cidade, com antigas construções como a Igreja de São Benedito, do século XVIII. A migração interna é marcada pela presença de nordestinos, especialmente, maranhenses. Sua população atual é de 101.728 habitantes.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, a mais antiga da cidade, erguida também no século XVIII. Há ainda o histórico Forte do Caeté, construído em 1614 pelos portugueses.

A mais forte expressão cultural e religiosa de Bragança está na festa de São Benedito, uma das mais tradicionais e antigas do Pará, introduzida pelos escravos em 1798 e também conhecida como Festa da Marujada. Em termos econômicos predomina a atividade pesqueira.

## MARABÁ

A cidade de Marabá faz parte da mesorregião Sudeste do estado do Pará, dista 500 km da capital, Belém. Sua população atual é de 196.468 habitantes, distribuída numa área total de 11.273 km<sup>2</sup>.

A história do município é das mais complexas do estado, marcada pelos vários ciclos econômicos e os conseqüentes fluxos migratórios, que caracterizam a diversidade da população atual. A primeira grande leva de migrantes deve-se à chegada de maranhenses, goianos e piauienses à região, devido à descoberta de matas de caucho no início do século XX. A construção da rodovia Belém-Brasília, em 1960, e de outras estradas, elevou consideravelmente o contingente populacional para algo em torno de 20.089. A abertura da Transamazônica ampliou ainda mais o acesso permitindo a chegada de mais indivíduos e empresas atraídos pela política governamental de desenvolvimento da Amazônia. Em 30 de outubro de 1970, o município foi declarado *Área de Segurança Nacional*, como conseqüência do conflito armado conhecido como Guerrilha do Araguaia. Nos anos seguintes, iniciativas de grande porte expandiram ainda mais as potencialidades da região, tais como a construção da Hidrelétrica de Tucuruí e a criação do Programa Grande Carajás, elevando a população para 59.915 habitantes. Em 1980, a descoberta do garimpo de Serra Pelada, a 100 km da cidade, atraiu uma massa humana em tempo recorde, de forma que, em 1988, a população já ultrapassava o número de 90 mil habitantes.

Os migrantes instalados em toda a região passaram a exercer diversas atividades, a maioria ligada à exploração da terra, como agricultores, pecuaristas, madeireiros e carvoeiros. Estas ocupações envolveram uma problemática altamente complexa que resultou na devastação da floresta, no confronto entre grandes e pequenos proprietários e entre estes e as populações indígenas.

Atualmente, a cidade conta serviços essenciais básicos e uma ampla via de acesso através de malha viária, além de transporte ferroviário e aéreo. A principal atividade produtiva é a pecuária, além da mineração e da produção extrativa. O comércio local é bastante diversificado. Do ponto de vista econômico, pode-se dizer que a configuração atual diferencia-se bastante daquela promovida pela colonização, inicialmente orientada para o comércio de gado e para o garimpo.

## SANTARÉM

A cidade de Santarém localiza-se onde foi originariamente uma região habitada por um importante grupo indígena, os Tapajós. A colonização começa com a chegada de missionário por quem inclusive foi fundada, com o nome de Aldeia dos Tapajós, pelo missionário João Felipe Bettendorf, em 1661, porém tornou-se cidade somente em 1848, já com o nome de Santarém, homônimo de uma cidade portuguesa. A cidade conta hoje com um contingente populacional de 274.285.

Assim, o povoamento inicial é marcado pela presença inicial de indígenas e portugueses, posteriormente acrescida pela migração nordestina e posteriormente gaúchos, facilitada pelas rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá. Economicamente, predomina a agricultura, especialmente a de soja.

Do ponto de vista cultural, um evento dos mais expressivos é a Festa do Çairé, no mês de setembro, que remete às tradições indígenas dos povos ancestrais da região.

## SOURE

Em seus primórdios, a região onde se localiza a cidade de Soure, era habitada por indígenas maruanazes e mundis, pertencentes à tribo dos Aruãs, tendo recebido missionários nos tempos coloniais. Sua primeira denominação foi Monfort, depois a elevada à Freguesia de Menino Deus, quando da chegada de padres de Santo Antônio, posteriormente passou a chamar-se de Soure, que se trata de uma transposição toponímica com chegada de portugueses oriundos do distrito de Coimbra, de uma vila que, em tempos de dominação romana, foi chamada de *Saurium*, devido a quantidade de jacarés, naquela região, o que também foi encontrado na ilha.

Até 1757, Soure fazia parte da Comarca de Monsarás, mas, neste ano, ganhando autonomia municipal quando foi elevada à categoria de Vila pelo então governador do Maranhão e do Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal. Entretanto, a instalação definitiva só seria realizada depois de algumas conturbações que levaram à extinção da vila em 1833 e a sua anexação ao município de Monsarás. Somente em 1859 é que, enfim, foi instalado o Município de Soure, ao qual foi anexado, em 1894, a antiga comarca de Monsarás e, em 1962, desanexado a área de Salvaterra, hoje município, que se constitui com Soure nas cidades de maior potencial turístico da região.

Localizada na Ilha do Marajó, especificamente na costa leste dessa ilha, a região marcada pelo cenário natural de grande beleza, ainda pouco explorado, motivo pelo qual tem se constituído em alvo do mercado turístico que, atualmente, vem intensificando investimentos na região em termos de infra-estrutura, com o intuito de atrair mais visitantes e, conseqüentemente, desenvolvimento econômico. Sua população hoje é de 21.345 habitantes.

## BELÉM

A cidade de Belém foi fundada em 1616, por Francisco Caldeira Castelo Branco, capitão-mor do Rio Grande do Norte, no local denominado Forte do Castelo, na região de Feliz Lusitânia, sob a proteção de Nossa Senhora de Belém.

A região foi colonizada por portugueses e missionários, e negros na condição de escravos. Os primeiros logo entraram em atrito pela posse do indígena, o que culminou na expulsão dos missionários, intensificando-se o contato entre os brancos e índios.

Inicialmente a cidade contava com ampla extensão territorial, pouco a pouco desmembrada para dar surgimentos em diversos municípios aos arredores. Sua área total atual é de 51.569,63 hectares, incluindo uma região insular. Sua população atual é de 1.408.847.

Uma das características da cidade é o seu clima quente e úmido, marcado por chuvas freqüentes. Do ponto de vista socioeconômico, predomina a exploração de produtos locais como a madeira, castanha-do-pará, açaí, abacaxi e outros cujo escoamento é facilitado por diferentes acessos: fluvial, marítimo e rodoviário.

